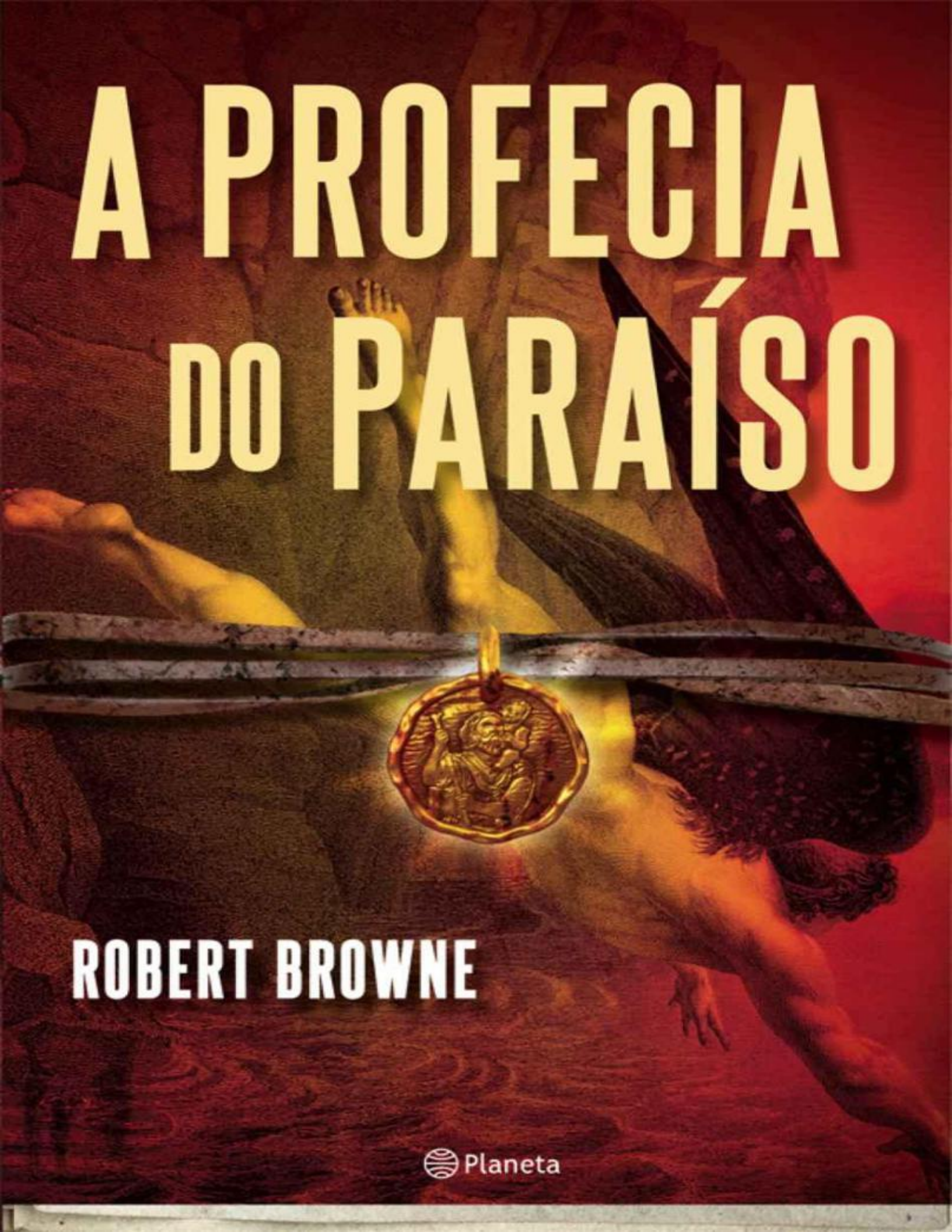


A PROFECIA DO PARAÍSO

The background of the cover is a dramatic, dark illustration. It depicts a muscular, winged figure, possibly an angel or a demon, emerging from a dark, rocky opening. The figure's body is illuminated from below, creating a strong contrast with the dark surroundings. The overall color palette is dominated by deep reds, oranges, and browns, giving the cover a sense of mystery and intensity.

ROBERT BROWNE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A PROFECIA DO PARAÍSO

ROBERT BROWNE

Tradução
Éric R. R. Heneault e
Francisco José M. Couto

 **Planeta**



Copyright © 2011 Penguin Group USA, Inc.

Título original: *The Paradise Prophecy*

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução por completo ou em partes, em qualquer formato. Esta edição foi publicada em acordo com a Dutton, selo do Grupo Penguin (USA), Inc.

A tradução dos trechos de *Paraíso perdido* (1667), de John Milton, é de autoria de António José de Lima Leitão (1787-1856) e é tida como a única existente em nosso idioma. (Fonte: www.ebooksbrasil.org.)

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B

Edifício New York

05001-100 – São Paulo – SP

<http://www.editoraplaneta.com.br>

vendas@editoraplaneta.com.br

Conversão para eBook: Freitas Bastos

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Browne, Robert

A profecia do paraíso / Robert Browne ; tradução Éric R. R. Heneault e Francisco José M. Couto. -- São Paulo : Editora Planeta do Brasil, 2011. Título original: The paradise prophecy

ISBN 978-85-7665-718-7

1. Ficção norte-americana I. Título.

11-08683

CDD-813

*Para meu pai
e para Brett, Bill, Tasha e Andrew,
antigos e novos amigos.*

A morte é a chave de ouro
que abre o palácio da eternidade.
—John Milton

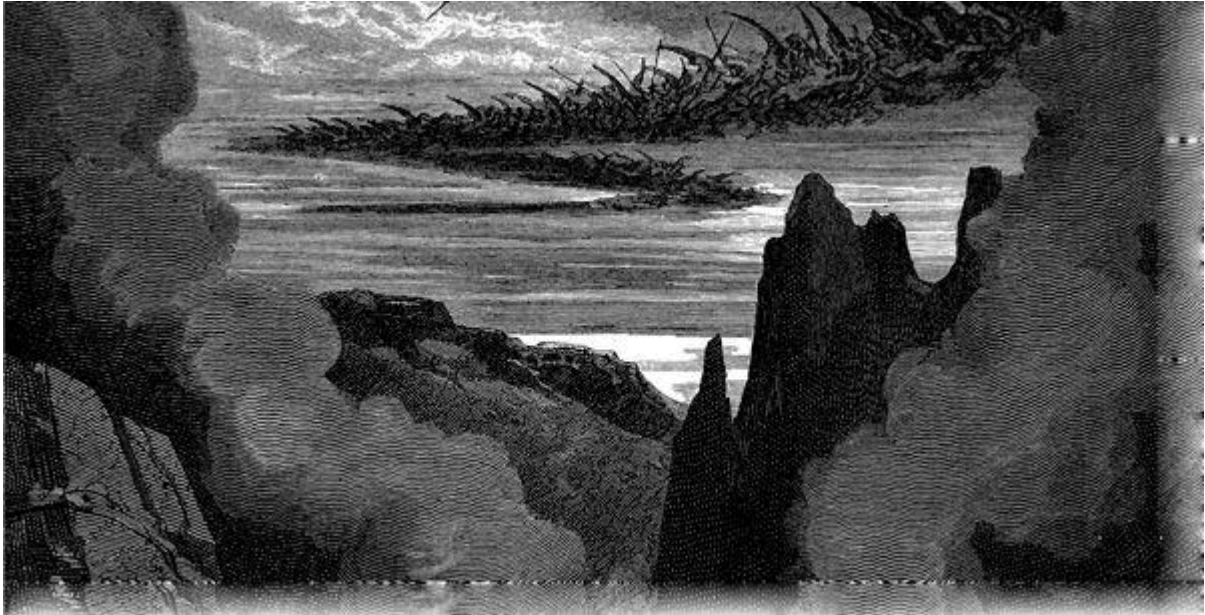
Leve-me à cidade do paraíso
onde a grama é verde
e as garotas são lindas.
Oh, por favor, leve-me para casa.
—Guns N' Roses, em *Paradise City*

LIVRO I

A priori

Reinar no Inferno preferir nos cumpre
à vileza de ser no Céu escravos.

—*Paraíso perdido*, I:263



Florença, Itália, 1638

Antes de se encontrarem, ele não sabia nada a respeito do livro, nem da história criada em torno dele.

Não sabia de seu tamanho ou conteúdo, nem da textura enegrecida de suas páginas ou da caligrafia ornada e quase perfeita que as enfeitava. Não sabia que se encontrava em Praga, numa das coleções de um dos soberanos do Sacro Império Romano-Germânico, patrono das artes e praticante da alquimia. Não sabia que 160 burros haviam sido abatidos para sua fabricação.

E não fazia ideia alguma de que lhe faltavam sete páginas.

As páginas que levariam à sua ruína.

Mas, para seu arrependimento, o poeta fora informado disso e de outras coisas numa visita a Florença – lá, em uma pequena *villa* em Arcetri –, onde, pela primeira vez, encontrara o astrônomo, um homem idoso, pálido e barbudo, que fora condenado a passar os últimos anos de vida confinado em sua própria casa.

Isso acontecera muito tempo antes dos dias de desgraça, antes que a escuridão permeasse a luminosidade do meio-dia. Numa época em que a vida do poeta era realmente abençoada, quando o dia a dia não era apenas prazeroso, mas também frequentemente divertido, e quando se sentia tomado pelo frescor do espírito que caracteriza a juventude e o intelecto, e por uma inexorável fé nos ideais recém-formados.

Ficara bastante surpreso ao receber o convite do velho homem, e, após meses de uma penosa viagem – que o levava primeiro de Londres a Calais, e depois a Paris, Nice e Gênova –, seu primeiro instinto fora apresentar desculpas e regressar à Inglaterra.

Mas o astrônomo, além de possuir uma das mais requintadas mentes que se conhecia, era, em vários aspectos, uma espécie de alma gêmea. Um seguidor de Deus, ainda que de espírito livre. Acreditava no livre-arbítrio e abominava todo tipo de tirania, mesmo que ela usasse o manto dos prelados.

E quando o poeta leu a mensagem que o esperava em seus aposentos em Livorno, soube que seria tolo se deixasse escapar aquela oportunidade de complementar seus estudos.

Aceitou então o convite e continuou a viagem até Florença.

Uma escolha que o assombraria até o dia de sua morte.

Avilla estava em ruínas e tinha um leve cheiro de mildio; dois guardas vigiavam o portão de entrada.

Ele foi saudado na chegada por uma jovem e tímida criada que parecia ter vindo diretamente de um convento até ali para fazer penitência devido a alguma transgressão pecaminosa. Ela desviou o olhar ao se apresentar, e ele se perguntou que triste demônio a possuía a ponto de impedi-la de olhá-lo diretamente nos olhos.

– Por favor, seja gentil com ele – disse ela suavemente, enquanto o acompanhava por um longo corredor repleto de portas. – Ele não passou bem estas últimas semanas e se cansa facilmente. E preste atenção: ele tem dias bons e dias ruins, e nunca sabemos o que nos espera.

Suas palavras surpreenderam o poeta. Ouvira dizer que, apesar da idade, o astrônomo ainda estava no completo domínio de suas faculdades. Mas talvez os *dias bons* dos quais a mulher falara estivessem tão repletos de brilho que superassem os dias ruins. Os escritos do velho homem com certeza refletiam essas mudanças de humor.

Chegaram ao fim do corredor, e ela abriu uma porta, convidando-o com um gesto a entrar na sala em frente. As cortinas estavam fechadas para bloquear o sol da tarde, porque não havia necessidade de sol.

O velho ficara cego. O poeta sabia que essa era uma atribuição recente.

Mas sua audição era boa, e, no momento em que a porta se abriu, ele se virou na direção deles e disse:

– Não posso lhe ensinar nada. Posso apenas lhe mostrar o caminho da autodescoberta. O que vai encontrar e fazer com isso dependerá só de você.

Estava sentado em uma cadeira ao lado de uma lareira acesa, e seus olhos vazios fixavam o nada. O poeta ficou parado na entrada, um tanto confuso, sentindo-se como se tivesse entrado no meio de uma conversa e não soubesse ao certo o que responder.

O velho estava mesmo falando com ele?

Percebeu que a melhor atitude era simplesmente apresentar-se, mas, assim que começou a formar as palavras, o astrônomo o interrompeu.

– Sei quem você é. Convidei-o a vir aqui, lembra-se?

– Sim, sim. Claro – gaguejou o poeta, sentindo-se como se tivesse acabado de ser repreendido pelo próprio pai. – Mas, para ser franco, não sei exatamente para quê.

O velho ficou mais calmo e fez um gesto na direção do poeta.

– Entre, entre. Sente-se. Deve estar muito cansado depois dessa longa viagem.

Isso decerto era verdade. Viajar a cavalo nunca era fácil. O poeta fechou a porta e, com a ajuda da luz do fogo, encontrou uma cadeira, arrastando-a para perto do velho.

Foi nesse exato momento que o arrependimento tomou conta dele. Ao sentar-se, um inexplicável sentimento de escuridão o invadiu, como se o Diabo em pessoa pairasse a seu lado, observando-o e esperando com grande expectativa.

– Li seu trabalho – disse o astrônomo. – Você me parece ser um homem de sólido intelecto, que acredita firmemente em Deus.

– Eu poderia dizer o mesmo de você.

O velho deu de ombros:

– Existem aqueles que alegam que rejeitei as Escrituras em favor da ciência, mas mesmo depois da minha detenção e da morte da minha filha, minha fé em Deus e na natureza permaneceu firme. Não importa o curso que nossa vida venha a seguir, devemos recebê-la como a maior dádiva das mãos Dele. Não concorda?

– Claro – assentiu o poeta. – Mas também acredito que a maior liberdade que Deus nos deu é a de pensar e falar da maneira como a nossa consciência nos guia.

– Assim como eu, meu filho.

– Motivo pelo qual considero seu confinamento aqui totalmente condenável.

O velho fez com a mão um gesto de desdém.

– Aqueles que me mantêm prisioneiro nesta gaiola têm uma mente pequena e amedrontada.

– Sim, é o que parece.

– Eles se juntam em busca de proteção e usam a fé como um escudo, rejeitando aqueles que questionam a santidade da sua insignificante tacanhice.

Ele suspirou pesadamente e continuou:

– Mas chega desta conversa. Não pedi que viesse até aqui para discutirmos política.

O poeta hesitou.

– Então, por que exatamente estou aqui?

– Logo veremos. Mas, primeiro, deixe-me compartilhar com você a história da minha descoberta mais recente. Acredito que você, como homem de letras, mais do que qualquer outra pessoa, saberá apreciá-la.

O poeta levantou as sobrancelhas, pensando em céus noturnos e grupos de estrelas e imaginando como alguém que não tinha mais visão podia encontrar algo lá fora.

– Que tipo de descoberta?

O astrônomo deu um sorriso que pareceu um tanto forçado, como se por trás dele estivesse tentando esconder algum medo secreto. Aquele sentimento de escuridão tornou-se mais profundo, e por um momento o poeta se perguntou se não deveria fugir daquele lugar para nunca mais voltar.

– Encontrei as páginas – disse o velho, sem oferecer outra explicação.

O poeta estava confuso, sentindo-se outra vez como se tivesse se intrometido numa conversa da qual não participara antes.

– Páginas?

Apesar da cegueira, algo chamejou nos olhos do astrônomo como se eles estivessem vivos.

– As sete páginas que estavam faltando na Bíblia do Diabo – disse ele. – As sete páginas faltantes que, se colocadas nas mãos certas, mudarão o universo para sempre.

O poeta não via a hora de deixar a *villa*.

O que ele esperara que fosse o ponto alto de sua viagem – uma tarde com um bom vinho, poesia e conversa com um dos maiores homens de seu tempo – transformara-se em algo totalmente diferente.

Em vez disso, testemunhara o que lhe parecia ser um dos *maus dias* do astrônomo. Acabara ouvindo a história de um monge beneditino do século XIII que rompera seus votos monásticos e fora condenado a ser emparedado vivo – uma imagem que fez o poeta silenciar-se durante um bom tempo para refletir.

Na esperança de ser perdoado, o monge pedira a seus confrades que o deixassem criar um livro extraordinário, que conteria todo o conhecimento humano e faria a glória do mosteiro. Mas ao monge foi dado o prazo de uma única noite para executar a tarefa, e, ao perceber que tamanha façanha era impossível, ele fez um pacto com o Diabo, que se ofereceu para ajudá-lo em troca de sua alma.

O astrônomo contou essa história com a voz extasiada, e parecia ter grande prazer ao descrever os frutos do trabalho do monge, supondo que o poeta, por ser um estudioso de literatura, de algum modo compartilharia desse prazer.

Escrito em latim e do tamanho aproximado de um pequeno baú, o livro, *Codex Gigas* – ou a Bíblia do Diabo, como ficou conhecido –, continha transcrições meticulosas do Antigo e do Novo Testamento; a *Crônica da Boêmia*; uma necrologia do tempo; vários tratados históricos; encantações e conjurações sagradas; e uma série de ilustrações perfeitamente trabalhadas, entre as quais um desenho colorido do anjo rebelde Satã que provocava calafrios involuntários em quem ousasse olhá-lo fixamente.

O astrônomo declarou ter visto aquele livro bem antes de ser detido e condenado ao confinamento na *villa*. Mas não fora o livro em si – por mais magnífico e desconcertante que fosse – que lhe despertara o interesse.

Eram aquelas páginas que faltavam. As páginas que haviam desaparecido sem maior explicação, que haviam sido removidas do meio do *Codex Gigas* por mãos desconhecidas e que, dizia-se, continham o segredo de uma das maiores criações de Deus.

– Sete simples páginas – disse o velho. – E encontrá-las tornou-se uma obsessão que carreguei durante boa parte da minha vida.

À medida que escutava, o poeta percebeu com grande tristeza que a mente do astrônomo sofria as consequências da idade e que ele criara aquela absurda ficção sem nenhum fundamento. Surpreendia-o o fato de que um homem da ciência, que dedicara a vida a conseguir provas concretas que apoiassem suas crenças, se deixasse consumir por uma história tão sombria quanto extravagante.

Com certeza, não existia segredo algum. E a história do monge e de seu pacto com o Diabo não passava de uma bobagem supersticiosa.

Mas o mais absurdo era que o astrônomo reivindicava para si a recente descoberta daquelas páginas. Após passar as duas últimas décadas vasculhando registros de mosteiros, diários de monges, correspondências privadas e fazer investigações de Praga a Jerusalém, ele encontrara todas as sete páginas num vendedor de antiguidades em Roma, guardadas numa pasta fechada em uma das inúmeras salas de arquivos do negociante.

– Então subornei meus carcereiros – disse ele ao poeta –, desapareci na escuridão da noite e fui de carruagem até a capital. Lá, tranquei-me naquela sala de arquivos e engoli o conteúdo daquelas páginas como um velho louco e bêbado.

Louco, com certeza, pensou o poeta. Contudo, ele quis agradar a seu anfitrião:

– E encontrou tudo o que esperava?

– Ah, sim. E muito mais. A promessa de um poder muito maior do que o de qualquer outro homem.

Chega dessa besteira. Está na hora de desmascará-lo.

- Então, eu adoraria ver essas páginas.
- Eu sabia que gostaria de vê-las. É por isso que o chamei aqui.
- Suponho que as tenha trazido consigo?

O astrônomo então abaixou a cabeça, esforçando-se para encontrar uma resposta, e o poeta sentiu-se quase culpado por ter feito a pergunta.

– Infelizmente, não. Mas eu espero que você possa me ajudar a reavê-las.

O poeta ficou surpreso.

– Você acabou de dizer que estavam em suas mãos.

– Sim – murmurou o velho. – Mas quase desmaiei naquela sala. Tive de ser carregado para fora antes de poder tomar posse delas... antes mesmo de terminar de *vê-las*, em toda a sua glória.

– Mas por quê? – perguntou o poeta.

O astrônomo ergueu a cabeça, encarando-o diretamente, o castanho quase invisível da íris sob a membrana branco-leitosa. Sua aparência era tão desconcertante que o poeta sentiu um calafrio por todo o corpo.

– Você vê estes olhos? Ficaram turvos e cansados, sem dúvida, mas ainda podiam ver quando entrei naquela sala de arquivos.

O poeta franziu o cenho.

– Não estou entendendo.

O velho engoliu em seco, como se o que estivesse prestes a dizer pudesse chocar o outro, e seu olhar cego penetrou profundamente na alma do poeta.

– É bastante simples, meu filho. A maldição dessas páginas me deixou cego.

Istambul, Turquia, hoje

Havia quatro deles, agrupados em um canto do café, meio escondidos na sombra.

Três homens e uma mulher.

Ajda não os ouvira entrar. A campainha acima da porta não funcionara, por alguma razão. Mas, no exato momento em que emergiu da cozinha e os viu sentados ali, ela soube que eram estranhos na cidade.

Turistas.

Não que aquilo fosse algo incomum. As ruas de Istambul estavam sempre tomadas por gente como eles. Chegavam do mundo inteiro, andando como ratos dentro dos ônibus fétidos que os transportavam para todos os pontos turísticos, os museus e as maravilhas dessa estranha terra.

Contudo, não havia ônibus de excursão naquele horário tão tardio, e Ajda ficou surpresa ao ver aqueles quatro.

Um deles chamou-a em turco e pediu chá preto, mas a facilidade com que ele falava a língua materna dela não os tornou mais agradáveis.

Mesmo de longe, a presença deles a fazia sentir-se mal.

Ao levar a bandeja até a mesa e colocar uma xícara na frente de cada um dos estranhos, ela evitou olhá-los diretamente nos olhos, com medo de que o olhar deles pudesse queimá-la até a alma.

Ela sabia que se tratava de um medo irracional, mas já era bem tarde; o café costumava estar vazio, e algo lhe dizia que havia alguma coisa de errado ali.

Desejou que tomassem depressa a bebida e fossem logo embora.

Então começaram a falar russo, embora nenhum deles parecesse ser originário daquele país. Era uma língua que Ajda conhecia bem depois de ter feito um curso de verão em São Petersburgo e de ter morado por dois anos com uma família russa perto de Brighton Beach, nos Estados Unidos, antes de voltar para sua cidade. Mas os estrangeiros não tinham como saber disso e falavam livremente na frente dela.

Ou talvez não se importassem.

– Muito bem, minha cara – disse um dos homens, olhando para a mulher. – Pode falar. O que há de tão importante para nos arrastar até aqui a essa hora?

Ele tinha uma bela aparência e estava vestido impecavelmente com roupas de alfaiataria. Fazia lembrar a Ajda um dos inúmeros empresários americanos que ela via na televisão.

– Acabo de voltar de Manassés – disse a mulher. – Tenho notícias preocupantes.

Ajda tentava não ouvir. Ela não tinha nada a ver com aquele assunto. E, ao colocar a bandeja debaixo do braço e afastar-se da mesa, tentou desviar sua atenção da conversa pensando em Ferid e na promessa que ele fizera de casar-se com ela.

Mas não adiantou. Os estrangeiros, assim como a maior parte dos turistas, falavam mais alto do que mandam as boas maneiras, despertando a curiosidade de Ajda. O lugar do qual a mulher falara – Manassés – não lhe era familiar, embora ela tivesse estudado geografia por muito tempo.

Seria uma cidade? Um país?

Ajda lembrava-se vagamente de já ter ouvido aquele nome antes, mas associado a um rei ou algo assim. Sem dúvida, alguma coisa que aprendera na escola.

– Não faça rodeios – disse um dos outros homens. – Quais são as notícias?

Esse era o mais velho do grupo, mas se vestia como um homem bem mais jovem, com jaqueta de couro e calça jeans – um envelhecido astro de rock que usava óculos escuros à noite. Ele estava sentado ao lado da mulher e de vez em quando se aproximava dela, passando a mão na sua região lombar. Um gesto

de intimidade que fez Ajda tremer de repulsa. A ideia de ficar sozinha com aquele homem a repugnava.

Entretanto, a mulher não parecia incomodar-se. Pelo contrário.

– Os Custodes Sacri estão vivos e com saúde – disse ela.

Seguiu-se um longo silêncio, e Ajda dedicou-se a limpar uma mesa vizinha, arriscando uma nova olhada na direção deles.

Todos os olhos estavam fixos na mulher.

E como criticá-los? Ela era linda. Exótica. Etérea. Não que Ajda costumasse admirar outras mulheres. Mas havia nessa algo de irresistível.

Contudo, naquele momento, os homens não estavam interessados em sua beleza. Apenas nas palavras que dissera.

– Ridículo – disse o terceiro homem. Esse era alemão, com certa postura formal e controlada de militar. Ajda imaginou que ele seria do tipo que sente prazer em torturar alguém. – Eles acabaram há muitas gerações. Quem lhe disse isso?

A mulher hesitou de novo.

– Ninguém importante. Um vagabundo. Um bêbado.

O empresário levantou uma sobrancelha.

– Um de seus brinquedinhos, com certeza. Ele está... empenhado?

A mulher negou com a cabeça.

– Então por que acredita nele?

– É complicado. Mas tenho meus motivos. Você acha que eu faria todos vocês perderem tempo sem ter um bom motivo?

– O que acho é que você tende a ser alarmista, minha cara, e não estou interessado em escutar suas lamúrias sobre a queda do céu. Mas, mesmo que seja verdade, os Custodes Sacri não são uma ameaça real para nós.

– Não seja ingênuo, Radek – disse o homem de óculos escuros, virando-se para ele. – Eu imaginava que você em especial compreendesse a ameaça de inimigos invisíveis.

Olhou então para o alemão e continuou:

– E você, Vogler, sabe melhor do que qualquer um o que se esconde por trás de um rosto inocente e de um sorriso charmoso. Nossas últimas tentativas fracassaram de forma espetacular, senhores, e penso que está na hora de deixar Bel... – ele

interrompeu e olhou para Ajda, que continuava ocupada atrás do balcão. – Está na hora de deixar nossa irmã ter a sua chance.

A mulher olhou para ele com admiração, e mesmo com voluptuosidade. Ajda sentiu um arrepio ao pensar que aqueles dois podiam estar juntos.

– Olhe ao seu redor – disse o empresário, com um gesto de desdém. – O mundo está um caos, e nós estamos perto de alcançar a nossa meta. A quarta lua está chegando, e não será um punhado de verdadeiros crentes que conseguirá nos deter.

– A quarta lua será inútil para nós se não conseguirmos encontrar o que estamos procurando.

O empresário amarrou a cara:

– Essa obsessão é coisa sua, meu amigo. Você dá crédito demais a antigos rumores. Pelo que sabemos, eles não são nada além de mentiras destinadas a nos distrair do que realmente precisa ser feito.

– Já tivemos essa discussão antes – disse o homem de óculos escuros. – Mas nem a própria execução do pretense salvador nos deu o poder de que precisamos.

– Prova de que ele era tão mortal quanto o resto deles – bufou o alemão.

– Mas se esses antigos rumores forem verdadeiros, o Telum mudará as regras do jogo. E eu que pensei que todos nós concordávamos sobre o que é a nossa prioridade.

O empresário negou com a cabeça:

– Não fiz nenhum acordo desse tipo. Não vejo motivo para abandonar o que já testamos e aprovamos na esperança de que um conto de fadas possa gerar frutos.

A mulher se debruçou na direção dele.

– Testamos e aprovamos? – disse ela incredulamente. – Como as Cruzadas? A Peste Negra? A Segunda Guerra Mundial? Seus esforços fracassaram várias vezes, Radek, e quanto mais rápido você puser um freio em seu ego, melhor será para todos nós.

O empresário virou a cabeça na direção da mulher, olhando-a de maneira fria e desdenhosa:

– Eu já lhe disse para segurar essa língua, minha cara. Se você acha que eu hesitaria em cortá-la, infelizmente está enganada.

– Sinta-se à vontade para tentar.

Ajda olhou horrorizada para os dois, que se encaravam fixamente sem se disporem a desviar o olhar.

– Basta! – disse o homem de óculos escuros. – Essas discussões lamentáveis servem apenas para nos dividir, e não podemos nos dar a esse tipo de luxo agora. Se os Custodes Sacri de fato voltaram à ativa, então podemos usá-los a nosso favor. Afinal de contas, eles detêm a chave que procuramos. E esse conhecimento é tão importante quanto o Telum em si.

O alemão parecia hesitante:

– O que o faz pensar que eles são diferentes dos outros do mesmo gênero? Já tentamos trabalhar com eles antes.

– É necessário apenas um.

– Considerando que você possa encontrar algum deles.

A mulher agora sorria:

– É por isso que convoquei todos vocês para irmos juntos ao Esaú.

– Hã?

Ela fez um gesto em direção à janela:

– A casa de leilões do outro lado da rua. Meu amigo parece acreditar que o dono é um deles. Um sujeitinho nojento chamado Ozan.

– E como ele sabe disso?

– Ele é um estudioso do nosso mundo. Parece saber mais a respeito dele do que eu mesma. E, apesar de suas falhas, tem um intelecto impressionante. Ele poderia ser útil para nós.

O empresário deu uma olhada para os outros dois homens e então sorriu desdenhosamente para a mulher.

– Está bastante claro que você tem um fraco por essa criatura patética.

Ela o observou com frieza e retrucou:

– Agora de quem é a língua que está correndo perigo?

– Vamos voltar ao que nos interessa – disse o de óculos escuros, que depois se virou para a mulher e voltou a acariciar-lhe as costas.

– Imagino que você queira cuidar desse assunto...

– Acho que é o mais apropriado, e você?

– Como? – perguntou o empresário.

– Vocês já tiveram todas as oportunidades de provar do que são capazes. Agora é a minha vez. E mesmo que essa criatura, esse Ozan, não consiga nos dar o que precisamos, ele não será mais um obstáculo – disse, e em seguida, sorrindo, completou: – Quando eu tiver terminado, aliás, nenhum deles será.

O homem de óculos escuros olhou para os demais:

– Então está decidido. Vocês dois continuam fazendo o que tanto gostam e deixam o resto para nós. Todos de acordo?

Os outros homens pareceram hesitar por um instante, como se, ao ceder, estivessem de certa forma perdendo uma batalha. Então todos assentiram com a cabeça enquanto erguiam a palma da mão e diziam, em uníssono:

– *A posse ad esse.*

Ajda ficou petrificada, enquanto um arrepio percorria todos os seus ossos. Parou de fingir que estava ocupada e olhou diretamente para eles, certa de que aquilo que testemunhara era o planejamento de algum tipo de crime. Talvez de um assassinato.

O que mais poderia ser?

A mulher levantou rapidamente os olhos, e Ajda logo percebeu seu olhar. Ela precisava falar com Ferid. Ele conhecia muitas pessoas. Poderia chamar a polícia. Naquela hora, a casa de leilões estava fechada, mas talvez eles tivessem como avisar o homem chamado Ozan antes que aquelas pessoas horríveis o encontrassem.

Porém, no exato momento em que ela se virou para fugir pela cozinha, parou de repente, surpresa ao encontrar a mulher diante dela – uma façanha praticamente impossível, que deixou Ajda confusa, fazendo-a ficar momentaneamente imóvel.

– Você fala russo – disse a mulher.

Era uma afirmação, não uma pergunta.

Assustada, Ajda virou a cabeça para ver os outros, com medo de que eles também pudessem aproximar-se dela. Mas, para sua surpresa, a mesa estava vazia, exceto pelas quatro xícaras intocadas. Não havia outra indicação de que os homens tivessem estado ali.

– Você é bastante bonita – continuou a mulher, agora falando turco com a fluência de uma nativa.

Ajda tentou passar por ela, mas logo descobriu que sua imobilidade nada tinha de temporário.

A mulher olhou-a direto nos olhos. E, exatamente como Ajda temia, aquele era um olhar nada comum. Parecia que uma entidade estranha invadira seu corpo.

Contudo, percebeu que não era uma entidade desagradável.

– Tenho certeza de que todos os rapazes a adoram – disse a mulher, dando-lhe um pequeno sorriso de cumplicidade. – E talvez algumas das irmãs deles também.

Então, sem manifestar nenhuma hesitação, ela avançou e gentilmente apalpou o seio esquerdo de Ajda, acariciando com o polegar nitidamente manicurado o tecido que cobria o mamilo.

Ajda, para sua própria surpresa, não se sentiu ofendida nem incomodada com aquilo. Não lhe importava que uma completa estranha a estivesse tocando num lugar em que nenhuma outra mulher tocara. Não se preocupava em saber se a porta do café estava trancada ou se alguém poderia entrar a qualquer momento.

Foi como se Ajda estivesse sonhando. Um sonho do qual ela não sentia vontade nenhuma de acordar. Um sonho sem restrições nem tabus.

Seus sentidos estavam confusos. Ao tocá-la, a mulher mexera em algo dentro dela. Algo primitivo. E, à medida que seu corpo reagia, ela de repente se sentiu... livre. Livre para agir segundo seus impulsos, sem preconceitos.

– Tão linda... – disse a mulher, descendo as mãos pela blusa de Ajda, desabotoando-a, deixando-a cair no chão. Com o movimento rápido de quem já tem prática, soltou o sutiã da moça, debruçou-se para a frente e beijou o lugar que seu polegar acabara de acariciar.

Ajda não resistiu.

Não sentia vontade para tanto.

O medo que antes sentia desaparecera junto com sua modéstia, e ela achou o toque da língua daquela estranha bastante agradável.

Algo se liberou dentro dela, algo úmido e maravilhoso – uma sensação que Ferid, com toda a sua falta de prática, nunca fora capaz de despertar.

E, enquanto desciam juntas até o chão, as mãos vagueando, os dedos se explorando, tudo em que Ajda podia pensar era na fome que sentia.

Ela queria mais.

Dê-me mais.

LIVRO II

A ascensão e a queda de Gabriela Soares

Assim que o vejo, grito "Morte!" e fujo:
A tão horrível nome o Orco estremece
E, por suas cavernas ribombando,
Pavoroso repete "Morte! Morte!".
—*Paraíso perdido*, II:787-89



São Paulo, Brasil

Pelos gritos de Gabriela é que eles perceberam que ela estava em dificuldades.

Antes disso, Alexandre e os outros tinham imaginado que ela quisesse apenas ficar um pouco sozinha, como sempre fazia. E, apesar do perigo, apesar da total displicência dela, no momento em que o show acabou ela deu um jeito de escapar deles e desapareceu.

Alguns devem ter considerado isso um lance de *prima donna*. Mas Gabriela Soares não era nenhuma *prima donna*.

Alexandre sabia disso melhor do que qualquer outro.

Em aproximadamente um ano como seu empresário, e depois de ter administrado por três anos o Lar do Coração – instituição de caridade que pertencia a Gabriela –, ele nunca a vira num ataque de mau humor, nunca a vira elevar a voz com raiva, nunca a vira tomar uma única atitude impulsiva que a rebaixasse ao nível de algumas dessas efêmeras estrelas da música que surgiam e desapareciam todo ano.

Mas a mulher apreciava sua privacidade. Principalmente depois de um show. E Alexandre sabia que os bandos de fãs eufóricos, os *paparazzi* e todas as armadilhas do superestrelato às vezes acabavam sendo demais para ela. Então ele supôs, bem como todo o pessoal da equipe de Gabriela, que tinha sido por esse motivo que ela desaparecera sorrateiramente.

Ele se virara apenas um momento para fazer uma ligação. Num minuto, ela estava perambulando ao lado dele; no minuto seguinte, ela havia sumido. Um truque que ela havia aperfeiçoado após inúmeros meses de prática.

Alexandre não conseguia se lembrar do número de vezes em que pacientemente lhe explicara que ela não era apenas uma figura pública, mas também uma pessoa polêmica, e que precisava ficar junto a seus guarda-costas o tempo todo.

Gabriela, porém, quase nunca o ouvia. Ela podia não ser uma *prima donna*, mas definitivamente seguia a própria cabeça.

Aquela era a última noite da Turnê Mundial da Glória Revelada, e Gabriela sempre sonhara em terminá-la com um show em São Paulo. Certa vez, dissera a Alexandre, nos tempos em que dividia a cama com ele, que sua terra natal era o único lugar em que se sentia verdadeiramente segura.

– Foi aqui que Deus escolheu para me colocar nesta terra – dissera ela, aconchegando-se a ele e pressionando o seio quente contra o braço dele. – Aqui é onde o anjo dele toma conta de mim.

Alexandre sempre gostara de sentir a pele dela contra a sua. Os seios dela subindo e descendo enquanto ela lhe sussurrava ao ouvido. Ele ainda sentia falta daquilo, mesmo após todos aqueles meses.

Ambos sabiam que a relação deles era um pecado, mas haviam sucumbido à tentação mais de uma vez – dezessete gloriosas vezes, para ser preciso –, até que a culpa finalmente levou Gabriela a acabar com aquilo.

– Como posso pedir castidade às meninas se eu mesma não sou casta?

Era uma questão justa. Contra a qual Alexandre não podia argumentar.

Mas quando ele trouxe à baila o assunto casamento, Gabriela zombou dele. Ela não tinha tempo para essas coisas. Não com o ministério finalmente decolando, não com todo o trabalho que precisava ser feito.

Ela só poderia estar comprometida com o Senhor e mais ninguém. E precisava servir como exemplo de pureza num mundo poluído pelas fraquezas da humanidade – sobretudo agora, que o mundo estava se dirigindo rapidamente para o esquecimento do inferno, as economias estavam declinando e as ruas estavam cheias de raiva e ódio.

Nunca vira tanta inquietação, dissera ela a Alexandre. Vários meses antes, num show na Grécia, um novo tumulto estourara simplesmente porque uma pessoa se sentara por engano no lugar de outra. Tiveram de fazer um apelo a Gabriela para que ela mesma acalmasse a multidão.

Pouco depois daquela noite, ela acabou rompendo com Alexandre. Ela de algum modo pusera na cabeça que sua crescente falta de atenção à própria fé desgastara a dos outros, e que a única maneira que ela tinha de lutar contra o caos era renovar seus votos junto ao Senhor.

Já era ruim o suficiente, dissera ela, ser forçada a subir ao palco e balançar os quadris. Algumas pessoas na igreja poderiam ficar intimidadas com seu desempenho abertamente sensual, mas não poderiam queixar-se dos resultados. Gabriela trouxera jovens de todos os lugares do globo para o rebanho e considerava uns poucos movimentos pélvicos uma pequena concessão, contanto que nunca ofuscassem a mensagem maior de sua música:

Deus é bom.

Deus é grande.

Deus é a luz num mundo de escuridão.

Além do mais, quem iria dizer que os filhos de Deus não podem ser sensuais? Não terá Ele lhes dado esses ímpetos por alguma razão? E talvez, apenas talvez, Ele os aprovasse.

Mas Gabriela posteriormente acabou se recusando a continuar dormindo com Alexandre. Por mais que ela adorasse passar as noites com ele – pelo menos assim dizia –, não podia mais permitir-se pecar.

– Então vai ser assim – dissera, ao subir em cima dele e guiá-lo para dentro de si pela última vez. – Amanhã será um novo começo. A partir de amanhã eu me darei a Deus e a mais ninguém.

Deus é um homem de sorte, pensara Alexandre.

Então fechara os olhos e se deleitara ao sentir aquela pélvis pressionar-se contra ele, consciente de que experimentara o encanto de Gabriela Soares, o encanto que o levara a um prazer tão desenfreado que se lembraria dele com incrível nitidez pelo resto da vida.

E agora, enquanto percorria com um pelotão de guarda-costas o labirinto de corredores atrás do palco em busca da mulher que amava – labirinto que nunca lhe parecera tão confuso como naquele momento –, Alexandre mais uma vez recordou aquela última noite de pecado, saboreando a sorte que teve.

E apesar de ter sido banido dos maravilhosos tesouros daquele corpo – seios perfeitos, mãos habilidosas, língua envolvente, cabelo negro delicioso... Apesar de não conseguir encontrar Gabriela naquele lugar extremamente confuso, um sentimento de calma tomou conta de Alexandre, e ele se sentiu em paz com o mundo.

Até que o acre cheiro de gasolina penetrou-lhe as narinas e Gabriela começou a gritar.

Dez minutos antes daqueles gritos, Gabriela Soares estava no palco com seus companheiros de banda, todos de mãos dadas, curvando o corpo pela última vez em agradecimento.

A multidão de fãs gritava e aplaudia, muitos deles a seus pés, alguns até entoando “Santa Gabriela, Santa Gabriela, Santa Gabriela...”, enquanto cobriam o palco de flores e doces.

Ela pegou uma das flores – uma rosa vermelho-sangue – e atirou-a no ar. Então, erguendo o queixo em direção ao céu, gritou: “Glória a Deus, nosso Pai!”.

A multidão ficou enlouquecida, estendendo as mãos para o céu e repetindo suas palavras em uníssono, por inúmeras vezes, derramando lágrimas pelo rosto, lágrimas de alegria, esperança e promessa de salvação.

Naquele momento, Gabriela – exausta, ensopada de suor – pensou:

Eles farão qualquer coisa por você.

Qualquer coisa mesmo.

Então esse pensamento se foi, desaparecendo como um inseto ao acender-se a luz da cozinha, e Gabriela sentiu um calafrio em seu corpo.

De onde teria vindo aquilo?

Como ela podia pensar em coisa tão horrível?

Era verdade que ela não estava se sentindo muito bem naquela noite. Estava com medo de ter pegado um resfriado e ficado com febre, o que a teria impedido de fazer todo o show, mas seria aquilo suficiente para colocar tais pensamentos em sua cabeça?

Antes que ela tivesse um mínimo de tempo para analisar o momento, Francisco, Rafael e os outros acenaram para a multidão e se dirigiram para fora do palco. Gabriela saiu acompanhando o

grupo, soprando um último beijo para os fãs enquanto desaparecia atrás de uma parede de amplificadores.

Na hora em que chegou à rampa atrás do palco, o pensamento já tinha sido esquecido, engolido pela imediata sensação de que seus pés estavam acabando com ela. Tudo o que queria era livrar-se daqueles sapatos, entrar na limusine, percorrer a pequena distância de volta a sua cobertura no coração de São Paulo, e então tomar um punhado de aspirinas e ir para a cama.

Não era pedir muito, era?

Assim que ela terminou de descer a rampa e entregou o fone de ouvido para o técnico de som, Alexandre e os guarda-costas a rodearam, acompanhando-a em direção a uma mal iluminada entrada atrás do palco.

Alexandre estendeu-lhe uma toalha, uma garrafa de Gatorade sabor lima-limão e seu telefone celular. O ritual de sempre.

O celular fora ideia de Alexandre. Ele achava absolutamente essencial que ela ficasse com o aparelho o tempo todo. Uma precaução para a segurança dela.

Era verdade que Gabriela tinha irritado algumas pessoas ao falar abertamente contra os donos do tráfico em São Paulo, mas às vezes sentia que Alexandre era paranoico demais quando o assunto era o bem-estar dela.

– Excelente show, querida. Terminamos a turnê no auge.

Gabriela enfiou o celular no bolso de trás, enxugou o rosto e o pescoço, devolveu a toalha a ele e tomou um gole de Gatorade.

– Eu estive fora de sintonia metade da noite. Acho que estou ficando surda.

– Bobagem! – disse, e alcançou a mão dela e a apertou. – Eles amam você. Todos nós amamos você.

Ela correspondeu ao aperto de mão dele, sentindo uma pequena pontada de culpa. A história deles juntos sempre seria para ela uma fonte de desconforto, e ela recolheu rapidamente a mão assim que chegaram à entrada.

Alexandre parecia não ter notado. Ele estava com seu próprio fone colado ao ouvido agora e pedia que levassem a limusine lá para trás.

Estava de bom humor naquela noite, mas Gabriela sempre se preocupava com ele, receosa de que se sentisse magoado.

Era fácil para Gabriela admitir que ainda o amava, mas havia coisas sobre ela que Alexandre nunca poderia saber. Um segredo que ela não podia revelar. E quanto mais perto ela chegava dele, mais vontade sentia de compartilhar esse segredo.

Então ela se afastou. Assim como se afastara das ruas. E das festas. E de seu vício no *pó do diabo*.

Eles viraram à esquerda, tomando um corredor contíguo para sair, e Gabriela ficou surpresa com isso. Apresentara-se naquele local muitas vezes antes, mas a disposição dos corredores lhe parecia de algum modo diferente. De costas para a frente do lugar, ela podia jurar que da última vez que estivera ali virara à direita, seguindo uma linha reta até uma porta dupla que levava ao setor de carga.

Dessa vez, não. E lhe ocorreu que ou ela estava louca ou simplesmente confusa devido às inúmeras semanas de turnê e às centenas de outras galerias de palco por onde passara.

À frente e acima, as luzes fluorescentes estavam piscando, e Gabriela foi tomada pela lembrança de uma época sombria em sua vida. Uma época em que ela e sua melhor amiga, Sofia, costumavam se drogar no banheiro de um posto de gasolina, onde a luz de cima do espelho, rachado e todo grafitado, piscava interminavelmente enquanto elas compartilhavam um cachimbo.

A morte de Sofia foi o que levara Gabriela para Deus. E toda noite, quando ela falava com Ele, procurava fazer uma oração pela amiga perdida.

Estava se lembrando de uma de suas melhores épocas juntas (as duas andando de bicicleta pelas ruas da favela), enquanto passava junto com os colegas sob as desagradáveis luzes piscantes.

Então uma coisa estranha aconteceu.

Gabriela sentiu um curto e abrupto puxão, como se tivesse sido fisgada por um fio e empurrada para a frente. Por um momento, pensou que ainda estivesse usando aquela espécie de armadura que vestia no auge de todo show – que lhe permitia fazer sua entrada mergulhando sobre o público como um anjo alado enquanto cantava os acordes de abertura da música *Paradise City*.

Mas aquilo não fazia sentido. Ela tinha tirado a tal armadura para apresentar o segundo número, e depois ainda fizera mais seis trocas de roupa.

No entanto, ela havia sentido o puxão daquele fio exatamente como sentiu o aperto da mão de Alexandre. E, sem aviso, cambaleou e caiu para a frente dentro de uma súbita escuridão – como se estivesse se afogando nela. Ao emergir do outro lado, viu que se encontrava sozinha, de pé, em outro corredor escuro.

Gabriela parou, confusa.

– Alexandre?!

Mas Alexandre não estava lá. Também não estava lá nenhum de seus guarda-costas.

Um minuto antes, ela estava rodeada por eles, ouvindo suas vozes reverberar nas paredes...

...e agora, nada.

O corredor estava vazio. Silencioso.

O que estava acontecendo ali?

Eles fariam qualquer coisa por você.

Qualquer coisa mesmo.

O pensamento de novo. Penetrando sem aviso em seu cérebro. Mas, assim como o corredor em torno dela, era diferente agora. Não conseguia ter absoluta certeza de que o pensamento fosse seu.

Colocou a mão na testa. Quente.

Febre. Estava definitivamente tomada pela febre. Queria sua cama como nunca agora.

– Alexandre?! – chamou outra vez, imaginando por um momento que ele e os outros poderiam estar se escondendo em algum lugar e aquilo fosse algum tipo de brincadeira. Uma retaliação por todas as vezes em que ela havia escapulado por conta própria.

Mas não, Alexandre nunca faria esse tipo de coisa. Jamais seria tão cruel. Mesmo depois que ela o rejeitara, ele continuava sendo leal. Sempre delicado. Sempre amável. Sempre um apoio.

Alexandre era sua rocha.

Ele faria qualquer coisa por você.

Qualquer coisa mesmo.

Gabriela se retesou. Sentiu um aperto no estômago. Não era estranho ouvir vozes em sua cabeça, mas sempre lhe surgiam em momentos de prece... não num instante como aquele. Aquela voz não era amigável. Uma voz que ela pensou reconhecer.

O que você fez por ele, Gabriela?

E o que é que fez por mim?

Sofia. Era *Sofia*.

Não a jovem e vibrante Sofia que Gabriela havia conhecido no ensino médio, mas aquele arremedo de garganta rouca de pó que se enfiava com ela naquele banheiro sujo e fedendo a gasolina, cheirando quantidades infundáveis do *pó do diabo*.

Você me deixou morrer.

Por que me deixou morrer?

Sofia estava certa. Gabriela a *deixara*. Encontrou-a no chão desse mesmo banheiro e ficou vendo-a se afogar no próprio vômito. Em vez de ajudá-la, em vez de chamar uma ambulância, Gabriela seguiu as leis da selva e desapareceu. Abandonou sua melhor amiga, deixando-a morrer numa poça de urina.

Gabriela levava meses para conseguir conviver com aquilo. Para poder encarar novamente a si mesma e pedir perdão a Deus. Perdão a Sofia. Assim que sua carreira deslanchou e o dinheiro começou a entrar com facilidade, ela fundou uma instituição filantrópica em homenagem a Sofia. Várias instituições.

E quando o mensageiro do Senhor falou com ela e a requisitou como um de Seus soldados, ela prontamente concordou. Sacrificou seu futuro com Alexandre em virtude disso.

Ainda assim, nada daquilo a absolvía.

Ela sabia disso.

Viveria até o fim com a culpa pela morte de Sofia. Uma constante recordação de onde ela viera e de quem fora um dia.

Alguém riu, e Gabriela foi novamente empurrada, sentindo o coração acelerar enquanto se deparava com o fim do corredor.

– Alexandre?

Havia uma porta aberta ali. Uma que ela nunca havia notado antes. Mais luzes piscando lá dentro.

Convencida agora de que se encontrava em meio a uma espécie de delírio febril, que passara por um esgotamento e que provavelmente, naquele exato momento, estaria nos braços de Alexandre, Gabriela dirigiu-se com cuidado para a porta e entrou, surpreendendo-se com o que via.

O banheiro do posto de gasolina.

Tal como ela se lembrava dele.

As paredes sujas, a privada respingada de fezes, o cheiro de urina e sangue seco, a pia imunda, o espelho quebrado e com as palavras “Vá se foder” borrifadas com spray em grandes letras vermelhas.

Abandonado na borda da pia, sob aquela luz bruxuleante, estava um familiar cachimbo espelhado, que já fora translúcido e agora estava enegrecido por anos de uso.

O cachimbo de Sofia.

E ao lado dele havia um pequeno isqueiro. Um adesivo desbotado em sua lateral dizia: “Encontrou Jesus?”.

Gabriela gelou ao ver aquilo. A muito custo, conseguiu conter uma sensação que brotava em seu íntimo. Uma sensação de desprezo misturada com... teria coragem de dizer?

Desejo.

Fazia tempo que vencera o vício. Passara meses demais de tormento na reabilitação para ceder agora, mas o pó era um demônio poderoso que não abandonava facilmente esse poder.

O que é que você está esperando, meu anjo?

Novamente aquela voz. Não era Sofia dessa vez, mas outra mulher. Suave. Calma. Carregada de más intenções que fizeram Gabriela tremer dos pés à cabeça.

Apavorada agora, virou-se para a porta, mas esta bateu com um sonoro *BUM*. Então o trinco se fechou, prendendo-a ali dentro.

– Alexandre! – gritou, batendo o punho na madeira, de repente percebendo que aquilo poderia não ser apenas um pesadelo. – Alexandre, me ajude!

Ele não vai ajudá-la, querida. Ele não a ama tanto quanto eu.

Gabriela deu um giro, esquadrinhando a pequena sala, procurando a fonte daquela voz.

– O que é que você sabe sobre mim? Quem é você? O que quer de mim?

Apenas que você volte, meu amor.

Gabriela tornou a olhar para o cachimbo. Será que era o pó quem estava falando? Como seria possível?

Não, não, pensou. Assim como antes, a voz estava dentro de sua cabeça. Trazida pela febre. O que mais poderia ser?

Diga que me ama, Gabriela.

Gabriela se virou, esquadrinhando a sala novamente.

– Eu amo apenas o Senhor.

Ah, é? Você O vê em algum lugar agora? Ele se preocupa com você ainda menos do que o doce e atencioso Alexandre.

– Você está errada! – gritou Gabriela. – Ele acredita em mim. Confia em mim.

E como é que você sabe disso?

– Por que outro motivo Ele mandaria um anjo Seu para...

Ela se interrompeu. De repente, percebeu do que se tratava. E não tinha nada a ver com febres ou sonhos.

Para quê, querida?

Baixando a voz, ela disse:

– Vá embora. Você está perdendo seu tempo. Eu nunca lhe darei aquilo que você quer.

E o que seria?

– Trair meu juramento.

A voz riu. Você faz isso parecer tão sério. Mas as pessoas quebram suas promessas todos os dias. E todas aquelas promessas que você fez a Sofia?

– Deixe-me em paz!

Não até que você me diga o que preciso saber. Não se preocupe com o Pai. Ele nos abandonou a todos faz tempo. Não há lugar no Seu reino para você. Você é uma das pessoas esquecidas.

– Você está errada! – gritou Gabriela. – Ele acredita em mim. Confia em mim. E eu não vou trair essa confiança.

E quanto a todos os rabiscos naquele seu precioso livro? Se isso não é traição, o que é, então?

Gabriela sentiu dedos deslizarem por sua espinha.

– Como é que você sabe disso?

Sei tudo sobre você, querida. Sou parte de você. Sempre fui. Sou o desejo que você sente quando olha para Alexandre. Quando olha nostalgicamente para o cachimbo de Sofia.

Gabriela voltou o olhar para a pia e viu o cachimbo e o isqueiro deixados ali, apoiados na borda, chamando por ela. Mas sabia que precisava resistir.

– Não. Nunca vou ceder a você. Nunca.

Nunca é uma palavra muito forte, não? Seu patético amiguinho tinha dito a mesma coisa para mim, mas no fim estava louco por um acordo. Todo mundo quer um.

– Meu amigo?

O cobrador. Um dos seus irmãos.

A menção ao cobrador espantou Gabriela. Se essa mulher sabia sobre ele e estava agora vindo até *ela*, então *todos* eles estavam em perigo. E também o segredo que mantinham. Apesar do medo que subia por sua corrente sanguínea, Gabriela não podia ceder a suas fraquezas. Havia muita coisa em jogo.

– Não... Você não pode me seduzir. Não vou lhe dizer nada.

E que prejuízo isso causaria, minha querida? Quem iria saber?

– *Eu* iria saber! – gritou Gabriela. – *Eu* iria saber!

Então ela se virou novamente, batendo com os punhos contra a porta.

– Alexandre! Onde você está? Me salve!

Mas ninguém respondeu.

Lembrando-se de repente do celular no bolso de trás e agradecendo silenciosamente a Alexandre por sua paranoia, ela o tirou dali e o ajeitou de qualquer maneira nas mãos, quase derrubando o aparelho. Agarrando-o com força, digitou depressa um número e o colocou no ouvido, esperando que tocasse.

Mas nada. Foi direto ao correio de voz.

Droga. Por que será que ele estava sempre ao telefone?

Então, sem aviso, Gabriela levou um encontrão. Alguma coisa surgiu diante dela, batendo no celular que estava em sua mão. Ele voou para o chão, quicou uma vez e caiu embaixo da pia. Espantada, percebeu que não estava sozinha ali.

Sofia estava lá, parada diante dela, com o cachimbo e o isqueiro nas mãos. Sua pele estava branca da cor de ossos e expelia pus pelas feridas nas bochechas e na testa. Uma baba de vômito lhe escorria do queixo.

Era de longe a visão mais horrível que Gabriela já vira. Levou as mãos à boca, sufocando um grito, e empalideceu.

Então Sofia falou:

– Olhe para você, tão doce e nobre agora. Todos aqueles idiotas clamando o seu nome. O que você acha que eles diriam se soubessem que me abandonou aqui, morrendo?

Gabriela sacudiu violentamente a cabeça.

– Foi o pó que me fez fazer isso. Você sabe disso tão bem quanto eu.

– O pó? O pó era nosso amigo, Gabriela. Você se lembra de quanto ele nos fez feliz? Não se lembra de como nós ríamos? – Sofia ergueu a mão segurando o cachimbo. – Se você não quer contar seu segredo, então por que não fazer um acordo? O mesmo acordo que fez o cobrador. Tudo o que queremos é o nome de um de seus irmãos. Nada mais.

– Fique longe de mim.

Sofia empurrou o cachimbo na direção dela.

– Dê-nos um nome, e isto será seu. Como nos velhos tempos. Você vai poder ficar junto dos que a amam. Que amam a *verdadeira* Gabriela, e não a monstruosidade angelical que você finge ser.

– Não! – gritou Gabriela. E com o braço jogou o cachimbo e o isqueiro no chão.

Sofia observou que eles rolaram e caíram perto do celular, então abaixou lentamente a cabeça. Não disse nada por um longo momento. E, quando falou, havia tristeza em sua voz:

– Eu não esperava que as coisas chegassem a esse ponto.

De repente, o cheiro de gasolina encheu o ar, e Gabriela, virando-se, viu o líquido fluindo pelas paredes, descendo em ondas, encharcando o chão. O forte odor que emanava dali a envolveu, e ela começou a sufocar e tossir, sentindo que aquilo lhe queimava os pulmões.

– Dê-nos um nome, Gabriela. Agora!

– Não – conseguiu dizer ela. – Deixe-me em paz... Deixe-me...

O rosto de Sofia se agitava furiosamente enquanto ela sacudia Gabriela pelos ombros e a jogava contra a parede mais próxima. Gabriela bateu a cabeça com força e sentiu uma dor dilacerante, enquanto a gasolina se derramava sobre sua cabeça, ensopando seu cabelo e suas roupas, colando-as a sua pele.

– Dê-nos um nome! – gritou Sofia, agarrando-a de novo, jogando-a contra a pia.

Gabriela bateu a cabeça contra o espelho, partindo-o em pedaços. Um caco de vidro penetrou em sua testa, e o sangue começou a jorrar da ferida, misturando-se com a gasolina, enquanto rolava por suas bochechas e por sua boca.

Ela cambaleou para trás, gaguejando e vomitando.

– Por favor... – suplicava, chorando agora, juntando lágrimas àquela mistura.

Mas Sofia a sacudiu uma vez mais, lançando-a na direção da privada. Gabriela escorregou, caindo como uma massa inerte no chão, ainda tossindo, mal conseguindo respirar. Rolou de costas, e seu olhar novamente pousou no cachimbo e no isqueiro, que estavam a poucos centímetros dela agora, miraculosamente secos, intocados pela gasolina.

Diga que me ama, meu anjo.

E, sem querer, sentiu aquele conhecido desejo crescer dentro dela novamente, mais forte do que nunca.

– Dê-nos um nome – disse Sofia. – É tudo o que lhe pedimos. Um simples nome, e você estará livre.

Gabriela tentou resistir. Tentou com todas as suas forças. Enviou a Deus uma prece desesperada, mas tudo o que obteve de volta foi silêncio.

– Por favor – soluçou ela. – Por favor... salve-me.

Mas ninguém ouviu. Ninguém estava prestando atenção.

Talvez a voz estivesse certa. Deus *não* a amava. E talvez Ele tivesse errado em confiar nela. Em pensar que agora ela estava diferente do que fora outrora, todas aquelas noites, tanto tempo atrás.

O que Sofia havia lhe dito era verdade. O pó as *fizera* felizes. Muito felizes.

E que mal haveria em mais um pequeno tapinha?

No momento em que Gabriela pensou nisso, a gasolina parou de vazar, deixando paredes ensopadas, poças no chão e um ambiente cheio de fumaça.

Gabriela contraiu as entranhas. O pó ainda lhe fazia muita falta.

Diga que me ama, minha querida.

Cedendo, ela estendeu a mão, tentando agarrar o cachimbo. Mas, assim que seus dedos estavam prestes a envolvê-lo, o pé descalço e putrefato de Sofia empurrou-lhe a mão, impedindo-a.

– Um nome – disse ela. – É tudo o que queremos.

Vencida, esgotada, não percebendo mais se ainda possuía vontade própria, Gabriela tentou falar e tossiu de novo, e então finalmente cedeu, dando-lhes o que eles queriam, deixando o nome esvoaçar através de sua mente como um pássaro partindo. E, no momento em que o fez, Sofia foi embora, deixando Gabriela sozinha com o cachimbo, o isqueiro e seu inútil celular.

Erguendo-se nos cotovelos, ainda chorando, ainda tossindo, mas de algum modo ciente da necessidade que a queimava por dentro, Gabriela apanhou o cachimbo e o isqueiro com as mãos molhadas e trêmulas.

Ela pensou em Alexandre, em quanto ele devia estar arrasado. Pensou em quanto era realmente fraca e em como cedera facilmente a eles. Sua única salvação era que ela não lhes dera tudo o que queriam. Não revelara o segredo que jurara manter.

Isso já era alguma coisa, não?

Mas ela sabia que não podia manter aquele segredo por muito mais tempo. E que o pó tinha um forte domínio sobre ela. Consciente disso, ela se inclinou um pouco para a frente, sussurrando no celular, esperando que alguém lá fora a ouvisse e compreendesse.

Era tempo de deixar que o Pai a levasse agora. Se ela não havia conseguido ser útil a Ele neste mundo, talvez pudesse ser algo melhor no Dele.

Previendo um doce alívio, ela levou o cachimbo aos lábios, apertou o dedo no isqueiro e enviou um último pedido de perdão, enquanto rolava outra vez o polegar contra a pedra do isqueiro.

A explosão se deu assim que Gabriela inalou profundamente, tomando para dentro de si aquilo que faltara em sua vida todos aqueles anos.

Sentiu-se transcendente.

Uma fração de segundo depois, no entanto, quando ela percebeu que a fumaça que inalava não era o narcótico que almejava, mas a fétida e doce essência de sua própria carne queimando, seu último pensamento consciente surgiu junto de uma terrível e inacreditável dor.

Foi então que Gabriela Soares começou a gritar.

LIVRO III

O menino que não conseguia esquecer
e a menina que não conseguia dormir

Os eremitas vãos e inúteis frades
(Sejam quais forem da roupeta as vistas,
De sua eivada ciência as bagatelas
Com que embusteiros a ignorância aturdem)
Andam ali vagando!
—*Paraíso perdido*, III:474-75



Harrison, Louisiana, EUA

Toda história tem um herói – disse ele. – Alguém com quem possamos nos identificar. Mas nem todos esses heróis são obrigatoriamente bons. Ou perfeitos. E acredito que qualquer debate sobre a obra-prima de John Milton tem de considerar esses parâmetros.

Sebastian LaLaurie deu uma rápida olhada para a sala de conferências repleta dos ditos melhores e mais brilhantes sujeitos da Louisiana, quase desejando que um deles o contradissesse.

Mas ninguém se manifestou.

– Vejam as histórias sobre as quais conversamos nas últimas semanas: Moisés, Miriam, Davi, Gideão, Elias, Noé, Rute... O Antigo Testamento está repleto de homens e mulheres heroicos.

Um murmúrio de vozes. Cabeças que acenavam em aprovação.

– Acrescentem a segunda parte de nosso cânone bíblico, e vocês terão o maior de todos os heróis. Um simples filho de carpinteiro que sacrificou a vida para salvar cada um de nós.

Um coro de améns encheu a sala, mas Batty levantou a mão para interrompê-los. A última coisa que queria era que a palestra se tornasse um tipo de encontro de revivescência religiosa. Estava ali para ensinar, não para comandar uma reunião de líderes de torcida.

Ele tropeçou de leve e segurou-se firmemente no púlpito para equilibrar-se, o que provocou uma tímida onda de risos na plateia.

Ignorando-os, ele prosseguiu.

– Mas o que acontece se ajustarmos um pouco a lente, como Milton o fez, e olharmos as coisas de um ângulo um pouco diferente? E se o *verdadeiro* herói do paraíso for outro? Alguém no qual costumamos pensar como o vilão?

Outro burburinho, mas não de risos dessa vez, e não se ouviu nenhum amém. Em vez disso, várias cenhas franzidas de susto provaram a Batty que ele havia tocado num ponto nevrálgico. Não era de surpreender, já que o Trinity Baptist College fora erguido sobre rígidas crenças ortodoxas, e raros eram os estudantes corajosos o bastante para manifestar um ponto de vista contrário.

Mas Batty sempre gostava de sacudir um pouco as coisas. Esses garotos não tinham absolutamente nenhuma ideia do que estava acontecendo lá fora.

Ele, por outro lado, tinha – e era justamente por isso que estava levemente bêbado.

– Milton baseou boa parte de seu poema épico no livro do Gênesis – continuou. – E nesse livro Deus cria um paraíso perfeito, habitado por um belo e jovem casal que ele põe para trabalhar em Seu jardim. Passam o dia labutando, fazendo tudo que Deus manda. Só que ali perto está aquela Árvore do Conhecimento, carregada de lindos e suculentos frutos, algo que não deixa de ser tentador.

O fato de que Batty podia beber tanto e ainda assim ensinar Retórica e Literatura Religiosa sem embolar as palavras nem cair duro era um verdadeiro milagre. Mas ele tentava não pensar muito nisso. Do contrário, com certeza acharia que não bebera o *bastante*.

As imagens de seu pesadelo ainda estavam vivas...

...uma garota gritando, consumida por uma parede de fogo.

Esses gritos o haviam acordado no meio da última noite, desorientado e preocupado, perguntando-se se o que tinha visto era real, e de repente se lembrou de seu próprio pavor.

Um pavor que preferia não reviver.

Ele disse para a classe:

– Mas, com tentação ou não, Deus diz para esse belo e jovem casal: “Não, não, não, vocês não devem tocar naquela árvore. Todo esse negócio de conhecimento é algo ruim. Vocês tratem de me escutar, deixem os pensamentos por minha conta, e eu cuidarei bem de vocês”.

Batty tentou dar um sorriso, mas percebeu que mais parecia uma careta.

– Então chega nossa nova heroína em forma de serpente. Não está gostando nem um pouco do que vê. Assim, ela diz para Eva: “Quer saber? Não hesite, dê uma mordida na fruta se tiver vontade. Você merece viver um pouco”.

– Isso é para ser engraçado?

A pergunta viera de alguém sentado algumas fileiras acima, perto do meio da sala de conferências, e Batty virou a cabeça, tremendo ligeiramente, tentando focalizar o ponto de onde vinha o som.

Era uma de suas alunas. Uma com cara de pastel e surpreendentes olhos castanhos.

Os olhos de Rebecca, ele pensou, afastando imediatamente aquele pensamento para longe como se estivesse impregnado de algo tóxico.

Ele precisava de outra dose de bebida.

– Acho bastante engraçado. Porque, se não fosse por nossa nova heroína, Eva nunca teria exercitado o livre-arbítrio que Deus lhe dera. E, sem livre-arbítrio, não há um verdadeiro propósito na vida.

Murmúrios percorreram a sala toda. Nenhum de simpatia.

– Sem livre-arbítrio, apenas seguimos as regras. E qual é o prazer? Nada de aventuras, de buscas, de glórias, de paixões, de redenção. Todas essas coisas que nos tornam humanos.

Ele fez uma pausa.

– Felizmente, alguém reconheceu que o paraíso de Deus era uma criação imperfeita e que o Homem vivia sob um tipo de bem-aventurada tirania. Então ele decidiu fazer algo a esse respeito.

Batty varreu a sala com os olhos e completou:

– E isso, meus amigos, é a verdadeira definição de heroísmo.

– Ah, é? – disse a moça, agora em pé, uma coisinha feroz, recheada com a indignação de uma verdadeira crente. – E o que a suposta heroína deu para nós? O Holocausto? Doenças? Violência urbana?

Batty encolheu os ombros:

– Por que parou? E a pobreza? As crianças morrendo de fome? As eternas guerras? Os vazamentos de petróleo? O furacão Katrina?

Batty sabia que esse último item era um ponto nevrálgico. O furacão Katrina era a mais terrível ferida da Louisiana, já que

causara a maior dor e devastação de que as pessoas dali podiam se lembrar, e as feridas ainda estavam abertas, mesmo depois de todo aquele tempo.

– Alguns podem argumentar que a devastação que o Katrina trouxe tinha mais a ver com o fato de Deus ter desistido do Homem do que com o Homem ter abandonado o Éden, e isso não desmente meu ponto de vista. Nenhuma dessas coisas o desmente... – e continuou, olhando para o resto da sala. – Nem tudo na Bíblia é preto no branco, senhoras e senhores, motivo pelo qual passamos os últimos séculos discutindo a esse respeito. E acho que o próprio John Milton entendeu isso. Era um puritano piedoso, mas isso não o impediu de escrever um épico sobre um aflito rebelde que se levantara contra um todo-poderoso tirano. Não há dúvida de que seu trabalho veio como uma reação contra sua época e um forte endosso ao regicídio, mas isso nos leva a perguntar se ele não saberia algo que não sabemos.

Batty fez uma pausa e então acrescentou:

– Talvez ele fosse capaz de reconhecer um verdadeiro herói ao vê-lo.

E foi aí que o dique se rompeu.

O ambiente se tornou ameaçador, e vários estudantes se juntaram à crente, martelando com os pés em sinal de protesto, enquanto outros se dirigiam para a porta de saída. Alguns começaram a gritar contra Batty, chamando-o de louco e charlatão, além de outros nomes escolhidos a dedo e que fariam corar suas avós.

Não era a primeira vez que ele os aborrecia, mas aquela fora a reação mais violenta que conseguira obter deles até agora. Estavam visivelmente cheios de sua aparente falta de respeito para com a fé deles – uma acusação da qual ele discordava. De qualquer modo, ele não acreditava que o evidente cheiro do uísque Tullamore Dew, que exalava de seus poros, pudesse ajudar em alguma coisa.

Batty estava prestes a dizer que apenas tentava estimular a mente inerte deles, que deveriam voltar para seus lugares e *pensar* ao menos uma vez naquela vida inútil e curta, quando uma voz conhecida o chamou:

– Professor LaLaurie. Pode vir até meu escritório, por favor?

Na entrada, com ar nitidamente zangado, estava a reitora da faculdade, Edith Rose Stillwater, viúva do reverendo Arthur Stillwater, o melhor amigo e mentor de Batty.

Batty se virou, deu-lhe um sorriso tenso e tentou não titubear. Não ia ser nada agradável.

— **O** pobre Milton deve estar se revirando no túmulo – disse Edith.

Ela sentou-se atrás da grande mesa de carvalho que herdara do marido havia pouco mais de um ano, com o olhar de quem acabara de morder um pêssigo e descobrir que estava rançoso.

Batty afundou pesadamente numa cadeira na frente dela.

– Milton era um livre-pensador, Edith. Ele teria concordado com cada palavra que eu disse hoje. E Arthur também.

– Ah, por favor. Arthur era um bom cristão, ele acreditava na palavra de Deus. Não naquelas coisas sem sentido que você estava cuspindo.

– Ele também tinha uma mente superior. Da qual gostava de fazer uso. Nem tudo em que acreditava se limitava aos murmúrios constipados do Evangelho segundo John Smyth.

Edith o olhou fixamente.

– Está fazendo propositalmente todo o possível para ser mandado embora?

Batty passara tanto tempo numa condição autodestrutiva nos últimos anos que não sabia ao certo o que responder. Mas, mesmo assim, não se conteve:

– A única coisa que faço com verdadeiro senso de propósito nestes dias é procurar um amparo líquido.

– Isso está mais do que óbvio. Você está com o cheiro de uma destilaria.

Batty deu de ombros.

– O que posso dizer? A loção pós-barba não tem o mesmo efeito.

Edith suspirou de exasperação. Era óbvio que ela estava mais do que farta dele, e Batty não tinha como criticá-la. Nos últimos tempos, a insolência e o sarcasmo haviam sido sua primeira linha de

defesa, e ele os distribuía com a prodigalidade de um lunático de esquina.

– Pelo amor de Deus, Sebastian. Por que faz questão de ser sempre do contra? Arthur amava você como a um irmão e, às vezes, pergunto-me por quê.

– Não a ponto de me demitir, ao que parece.

– acredite em mim, eu o contratei apenas por lealdade a ele. E pode me chamar de louca, mas ainda esperava que essa temporada num ambiente tão estimulante quanto este pudesse ajudá-lo. Infelizmente, você parece ter piorado.

– É o mundo que tem piorado, Edith. Sou apenas um observador.

– Um observador com uma das mentes mais brilhantes que já conheci. E odeio constatar que a está desperdiçando. Não conheço nenhum outro estudioso ainda em atividade que tenha melhor compreensão da história da religião e da doutrina religiosa do que você.

Esse ponto era discutível, mas a verdade é que Batty decerto sabia muito mais do que provavelmente deveria. Conhecimento *demais* – e a curiosidade que vem junto – às vezes pode ser fonte de encrenca.

Aprendera isso da forma mais penosa.

E Rebecca também.

– Mas sua mente pode levá-lo para muito longe – continuou Edith –, e enquanto houver espaço para certa quantidade de cinismo em relação às questões da fé, você não precisa ser sempre tão enfurecidamente desagradável.

Batty deu de ombros de novo.

– Os jovens gostam de mim. Você não viu a maneira como me aclamavam...

– Basta.

Batty se calou. A *irritada* Edith fora abruptamente substituída pela *severa* Edith, e ele sabia que era melhor não aventurar-se por esse caminho.

– Embora eu odeie fazer isso – disse ela –, receio que terei de lhe dar agora o que será sua última chance.

– Você já não disse isso três ou quatro vezes antes?

– Não estou brincando, Sebastian. Olhe só para você, mal consegue sentar direito. O que são essas contusões no seu rosto?

Batty não respondeu. Lembrava-se vagamente de ter se metido numa confusão na noite anterior. Ou fora em outra noite? Brigar e fornicar não eram exatamente atividades recomendadas em seu método de trabalho, mas tivera sua cota de ambas nos últimos tempos.

Percebeu que Edith estava olhando para as cicatrizes nos pulsos dele. Incomodada, ela mudou de posição e desviou o olhar.

– Fui muitíssimo paciente com você, mas agora chega. E, se Arthur estivesse no meu lugar, ele faria a mesma coisa. Então, por favor, para o bem de todos nós, fique sóbrio, procure algum tipo de ajuda e confie em Deus.

Essas últimas palavras acenderam algo na cabeça de Batty. Ele pensou na noite em que Rebecca morrera, e não sentiu mais a necessidade de ser insolente ou sarcástico, ou, como Edith dissera de forma tão delicada, enfurecidamente desagradável. Olhou para ela, incrédulo.

– Você quer que eu confie em Deus?

– Isso bastava para Arthur. Deve bastar para você.

Batty sentiu a fúria crescer dentro de si, mas a conteve e se debruçou na direção da mulher.

– Você já os sentiu, Edith?

– Desculpe-me? – respondeu ela, confusa.

– Rebecca já. E eu também, às vezes. Isso foi ao mesmo tempo nossa bênção e nossa maldição.

– De que raios você está falando? O que Rebecca tem a ver com isso?

– Olhe ao seu redor, Edith. Eles estão entre nós. São parecidos com você e comigo, mas aquele cheiro emana do corpo deles como bosta de porco nos sapatos de um fazendeiro.

– Deve estar mais bêbado do que eu pensava.

– Isso não tem nada a ver com bebedeira. O mundo não é como você acha. Ao contrário do que esta escola ensina aos fanáticos desmiolados que percorrem os corredores todos os dias, Deus perdeu interesse em nós há muito tempo. E esse livro que você

prega não tem todas as respostas. Quanto mais rápido você aceitar esse fato, melhor será para você.

Todo o corpo de Edith se enrijeceu, e Batty percebeu que acabara de dizer adeus a seu emprego. Algumas pessoas não sabem lidar com a verdade.

Não que Batty fosse um brilhante exemplo de alguém que soubesse. Esse era o terceiro cargo de professor que ele desperdiçava nos últimos dois anos, de forma que seu histórico não era exatamente dos melhores. Mas ele apenas tentava enfrentar tudo da melhor maneira que sabia, e isso nem sempre funcionava com certas pessoas. Nem mesmo com ele.

Edith não disse nada por um bom tempo, depois fechou os olhos, e Batty supôs que ela estivesse fazendo uma prece.

Seria uma sorte se ela obtivesse uma resposta.

Quando voltou a olhar para ele, ela disse cuidadosamente, medindo o tom de voz:

– Quero que tire uma licença, Sebastian. A partir de agora. E quero que procure aconselhamento profissional. Se houver algum problema de dinheiro, a universidade pagará os custos.

Uma proposta generosa, mas nenhuma terapia no mundo poderia trazer Rebecca de volta.

– E se eu não quiser?

Ela suspirou de novo.

– Então, que Deus tenha piedade de sua pobre alma.

Miami, Flórida, EUA

Ela não conseguia se lembrar do nome que deveria usar.

Ah, ela sabia seu nome *verdadeiro*. Aquele era fácil. Não podia se esquecer de um fardo como Bernadette Imogene Callahan... por mais que quisesse. Mas, visto que usava passaportes com pelo menos uma dúzia de identidades diferentes, às vezes se sentia como se precisasse de uma agenda implantada no cérebro para rastrear as...

...Espere.

Stephanie.

Stephanie Hathaway.

Uma jovem de 29 anos, recém-divorciada, usando sua pensão alimentícia para conhecer o mundo. Fizera escala em Dallas, no Texas, antes de seguir para Miami, onde passara o fim de semana no Viceroy. Achava South Beach pretensiosa e cara demais, mas, ainda assim, era lá que fazia suas compras.

Era isso mesmo?

Ela tinha quase certeza.

Parada diante do guichê automático de bilhetes de embarque, ela desligou sua mente do saguão cheio de viajantes ansiosos e então tocou a tela tátil e começou a digitar as letras:

H-a-t-h-a-

Estava chegando ao *w* quando percebeu que sua mão tremia.

De novo.

Merda!

Dobrou os dedos várias vezes e então manteve a mão na horizontal, estudando cuidadosamente cada dedo como se estivesse admirando uma obra de arte, mas sem mostrar nenhum apreço ou

prazer. O tremor era leve, mas inconfundível. Isso provava que sua primeira impressão não estava errada.

Droga!

Flexionou a mão outra vez, querendo desesperadamente escondê-la no bolso ou em algum lugar parecido. Mas isso não faria a menor diferença. O tremor cessava como por magia logo que a mão desaparecia de vista.

Conseguia imaginar centenas de explicações diferentes para esse problema – a maior parte delas de origem neurológica –, mas, em estrita obediência ao princípio lógico da navalha de Occam, considerou que a explicação mais simples era sempre a melhor.

Mal conseguira dar uma cochilada nos últimos três dias.

Três dias intermináveis.

Não que não tivesse tentado, mas o fato era esse.

E a perda de sono também podia explicar por que ela tinha tanta dificuldade em se lembrar de qual identidade deveria utilizar. Sem mencionar o ataque de pânico que tivera pouco antes do amanhecer.

Em resumo, estava um caco.

– Desculpe-me, senhora. Precisa de ajuda?

Surpresa, Callahan deixou imediatamente a mão cair a seu lado e virou-se para encarar um funcionário uniformizado da companhia aérea que estava logo atrás dela. Era um jovem baixo e corpulento que parecia ser oriundo da Malásia ou das Filipinas e exibia um agradável sorriso cheio de dentes – sem nenhum rastro daquela expressão cansada e rabugenta que ela tanto via no rosto das atendentes de aeroportos nos últimos tempos.

O que, com certeza, o denunciava de imediato.

Amador.

Por que a Seção sempre utilizava novatos como mensageiros? Isso não fazia nenhum sentido. Lá estava ela, tentando ser o mais profissional possível, e os todo-poderosos haviam mandado um peso-pena para estragar seu disfarce.

Talvez estivesse mais uma vez sendo crítica demais. E talvez houvesse realmente funcionários de companhias aéreas com sorrisos francos. Com certeza, já encontrara alguns naqueles anos todos de

viagens. Não havia sentido em condenar toda uma indústria por causa de uma generalização tão avassaladora.

Mas ela não tinha dúvida de que, para o bem ou para o mal, aquele jovem era um colega. E isso surpreendeu Callahan, já que não havia nenhum indício daquela visita.

– Senhora? Precisa de ajuda?

– Estou apenas colocando meu nome aqui. Tentando obter um bilhete de embarque.

O procedimento era inteligente. Talvez um pouco elaborado demais, mas as pessoas da área de inteligência costumam complicar as coisas. Você encontrava o guichê de determinada companhia, colocava seu codinome e recebia o bilhete de embarque. Até aquele momento, você não fazia ideia de seu destino ou de que tipo de missão se tratava.

Impresso no bilhete estava um código de barras em 3D que, ao ser escaneado pelo *smartphone* entregue pelo governo, conectava você a um servidor de dados privados da Seção com *firewalls* e sistemas de segurança em número suficiente para frustrar o mais agressivo dos *hackers*. O servidor continha o dossiê criptografado da missão, que podia ser copiado quando se quisesse.

Para um olhar não treinado, você parecia um simples turista na fila para uma longa viagem aérea. Mesmo para um olhar *treinado*, era muito difícil que você levantasse suspeita.

Mas, pelo visto, naquele dia o procedimento fora alterado.

E isso deixou Callahan perplexa. Ainda mais com os tremores na mão.

Ela não gostava desse tipo de mudança.

– Temo que esta máquina esteja quebrada – disse o jovem, com o mesmo sorriso. – Acredito que o guichê 7 esteja livre. Basta tocar na tela e digitar seu número de confirmação.

Por “número de confirmação” ele queria dizer seu número de identidade federal secreto, um código de seis dígitos que era dado a cada agente de campo da Seção na hora da contratação. Isso queria dizer também que ela ia viajar sob sua verdadeira identidade, como representante oficial do governo dos Estados Unidos.

Realmente incomum. E ela se sentia pouco confortável com aquilo.

– Tem certeza de que não está cometendo um er...

– Siga em frente, senhora.

O sorriso de repente desapareceu.

– Preciso desligar esta máquina.

Missão abortada, sem mais.

Callahan franziu a testa, virou-se abruptamente e varreu o saguão com o olhar à procura do guichê 7, que estava localizado perto de umas portas automáticas de vidro que levavam a outra parte do terminal. Uma mulher com ar atribulado acompanhada de duas crianças ia andando na direção da máquina, mas Callahan precipitou-se à sua frente para chegar antes.

Era uma atitude grosseira e insensível, mas ela não estava a fim de ser educada.

A mulher olhou Callahan com ar profundamente zangado e então se afastou resmungando, enquanto as duas crianças puxavam-lhe a blusa, choramingando porque queriam mais balinhas em forma de ursinhos. Callahan não fazia ideia do lugar para o qual viajavam, mas sentia grande simpatia pelos passageiros daquele voo.

Virando-se para o guichê, tocou a tela, leu as informações do menu até encontrar a caixa de entrada e hesitou apenas um instante antes de digitar seu código. Um segundo depois, a tela mostrou seu verdadeiro nome – Bernadette I. Callahan –, ao lado do qual estava marcada a hora, o número do voo e o destino. Uma longa viagem noturna de MIA até GIG, e depois até GRU.

Surpresa, Callahan pressionou a tecla para imprimir o bilhete de embarque. E, apesar do caráter estranho de toda aquela aventura, ela acabou considerando que poderia ter sido mandada para lugares bem piores.

Estava indo para São Paulo, Brasil.

Não havia muito no dossiê daquela missão.

Um pequeno resumo, alguns relatórios da polícia, fotos de um corpo, mas nada que pudesse realmente animar Callahan.

O que a surpreendeu, contudo, foi o número atribuído a cada arquivo baixado. Todos acabavam em -078, o que, por motivos que

a Seção nunca lhe explicara completamente, significava que essa missão era prioridade máxima, e muitíssimo árdua.

Segundo os rumores, esse tipo de missão vinha diretamente da Casa Branca.

Callahan só tivera uma única -078 desde o começo da carreira – uma operação sumária concebida pela administração anterior. Fora instruída a fingir ser a amante de um milionário britânico de férias no sul da França, onde fez amizade com uma empresária local que supostamente tinha caso com um alto membro da Comissão do Senado para Relações Internacionais.

Sem trocadilho.

A missão de Callahan consistira em juntar provas incômodas contra o senador, para garantir o voto decisivo sobre o altamente controverso orçamento da Defesa. Em outras palavras, politicagem das mais traiçoeiras para servir a interesses particulares. O tipo de trabalho que Callahan desprezava, embora o idiota estivesse *realmente* traindo a esposa.

Pelo menos, ela não tivera de matar ninguém.

Matar sempre complicava as coisas.

Entretanto, o -078 atual era um quebra-cabeça. Era tão desconcertante que ela não ia recorrer a quase nenhum disfarce, usaria o próprio nome em vez de codinome. Iria se apresentar como investigadora do Departamento de Estado, o que, segundo os registros da folha de pagamentos do governo norte-americano, era tecnicamente correto, embora ela nunca tivesse colocado o pé dentro do prédio da C Street ou de alguma de suas filiais.

Ainda mais desconcertante, porém, era a natureza do incidente em que estava remexendo. Segundo o dossiê, esse era normalmente referido pelas autoridades brasileiras como *homicídio accidental*.

Isso podia significar uma dúzia de coisas diversas, claro, mas a polícia local havia decidido que a morte da vítima ou fora accidental ou, mais provavelmente, um suicídio.

Então, por que diabos a Seção se preocupava com isso?

Sobretudo em São Paulo, entre tantos outros lugares.

Fazia um pouco mais de sentido quando se considerava quem era a vítima.

Gabriela Maria Aquino Soares.

Normalmente, Callahan não era capaz de distinguir um astro pop de um vendedor de carros de Nova Jersey. Seu gosto musical ia do rock indie ao euro-punk, com certa atração pelo jazz alternativo. E seu interesse pelos ícones pop na faixa dos vinte anos – garotas adeptas do Twitter, mastigadoras de chiclete, que cheiram cocaína, dirigem bêbadas, vivem em festas, são fissuradas em videocliques e têm quociente intelectual limítrofe – chegara aproximadamente a seu ápice quando Britney Spears raspou a cabeça.

Mas Gabriela Maria Aquino Soares – ou simplesmente Gabriela, para os fãs – era alguém bem diferente. Aos 23 anos, essa brasileira havia se transformado num fenômeno internacional, na diva pop cristã sem culpa de maior sucesso do universo. E até Callahan, que havia muito tempo se desligara de suas raízes católicas irlandesas, sabia quem ela era.

O anúncio da morte de Gabriela – que vinha sendo sabiamente adiado o quanto fosse humanamente possível – sem dúvida causaria uma onda de choque do tamanho de um *tsunami* no mundo todo, como no caso de Michael Jackson. Mas, pelo que Callahan sabia, ninguém do círculo íntimo do presidente havia enviado um agente secreto para checar o corpo de Jackson.

Então, o que de fato estaria acontecendo? Callahan não fazia ideia. E, mais que tudo, ela odiava ser deixada no escuro.

Perguntava-se também por que seu talento não era utilizado de forma mais produtiva. Graças a uma política de contenção de gastos e a uma série de desastres naturais, e outros nem tanto, que havia castigado os Estados Unidos e o mundo ultimamente, o ambiente internacional era tão rançoso quanto arroz mofado. O mundo parecia seguir de maneira irremediável rumo a sua perda, e ninguém sabia ao certo o que fazer quanto a isso. As pessoas, independentemente da classe social, estavam assustadas e frustradas.

E, como sempre, os tomadores de decisão usavam o medo como ferramenta. Políticos históricos se aproveitavam de cada oportunidade dessas para colocar fogo na discussão, e os que gritavam mais alto pareciam obter a maioria dos votos.

Países normalmente amigáveis ameaçavam seus vizinhos mais próximos, e aqueles que queriam uma fatia do cada vez mais escasso bolo econômico – isto é, claro, *todos* – começavam a fazer um barulho digno do Armagedom.

Foi esse barulho que levou os mais medrosos a seguir pessoas como Gabriela. Em vez de procurarem soluções concretas para seus problemas, eles se cobriam com o manto da fé e abdicavam de qualquer responsabilidade por suas ações em prol de falsos profetas e de um Grande Santíssimo Quem Quer Que Fosse.

Cada um com suas escolhas. Nada disso deixava Callahan muito preocupada.

A única coisa que contava era seu trabalho.

Mas, na sua opinião, ela deveria estar caçando terroristas ou a gigantesca quantidade de ogivas nucleares desaparecidas que estavam ao léu lá fora.

Em vez disso, estava enfiada num avião rumo a São Paulo, estudando um dossiê sobre uma estrela pop morta.

Isso não fazia sentido algum.

Porém, naquele momento, estava exausta demais para refletir sobre isso. Já estava viajando havia quatro horas e tudo o que queria era esquecer as divas pop, os políticos e os códigos de arquivos –078 e dormir um pouco.

Tentara várias vezes fechar os olhos no início do voo e até conseguira cochilar uma vez ou outra, chegando a sonhar por um momento que estava no caminho de volta para casa. Mas um bebê começou a chorar atrás dela, na classe econômica, e Callahan acordou de repente como se tivesse sido esbofeteada.

Antes de embarcar, ela pesquisara rapidamente no Google informações sobre a falta de sono. E os resultados não foram dos melhores. A falta de sono causa não apenas uma miríade de problemas de saúde, entre os quais hipertensão, distúrbios cardíacos e tempo de reação mais lento, como também pode ser frequentemente fatal.

Ao tirar os olhos de seu *smartphone*, Callahan ergueu de novo a mão para verificar se estava tremendo. Não só continuava a tremer, como havia piorado.

O rapaz sentado a seu lado estava desmaiado, roncando suavemente, com uma pequena bolha de saliva no canto da boca.

Callahan sentiu inveja dele.

Até mesmo da saliva.

As fotos da cena do crime eram horríveis mesmo na tela do smartphone. A estrela pop parecia um pedaço de bacon tostado. Fora encontrada num depósito vazio por seu empresário e por seu guarda-costas depois que o primeiro sentiu cheiro de gasolina e ouviu os gritos dela.

Infelizmente, quando a encontraram, já era tarde demais.

Para Callahan, parecia ser um caso de autoimolação, e, ao julgar pelo estado do corpo, a vítima tinha usado combustível demais para essa finalidade.

Mas aquilo incomodava Callahan.

A autoimolação não era totalmente desconhecida no Brasil, mas também não era algo corriqueiro. Se Gabriela fosse uma mulher que tivesse sofrido abuso sexual no Afeganistão, a situação faria mais sentido. As unidades de queimados dos hospitais afegãos estavam repletas desse tipo de vítima.

Mas, considerando-se o perfil de Gabriela, esse método específico de suicídio levantava muitas suspeitas.

E uma das mais importantes, entretanto, não tinha nada a ver com a vítima.

Essas fotos mostravam para Callahan apenas metade da história, e ela precisaria examinar pessoalmente o local e o corpo antes de chegar a alguma conclusão definitiva – se pudesse.

Mas o que ela via ali era estranho.

Muito estranho.

As paredes e o chão em volta do corpo pareciam não ter sofrido nenhum tipo de dano. Não haviam sido tocados pelas chamas. Como se a vítima, após ser queimada em outro lugar, tivesse sido colocada no chão daquela sala.

Tratava-se de um crime?

Pelo teor dos depoimentos das testemunhas, isso também não fazia sentido. E, ainda que tudo isso parecesse estranho, Callahan não conseguia imaginar por que a Seção estava interessada no caso.

Sua ordem era "ajudar e acompanhar a Polícia Civil de São Paulo em suas investigações" e relatar o que encontrasse. À primeira vista, era tarefa simples, mas Callahan tinha um profundo pressentimento de que aquela missão não seria nada fácil.

Era nessas horas que ela lamentava ter se deixado recrutar para esse trabalho. Deveria ter ficado na universidade trabalhando em alguma outra coisa digna do cérebro com o qual fora abençoada.

Ou talvez devesse ter desaparecido em algum farol à beira-mar e se afastado do mundo, feliz por não saber nada a respeito do tumulto cada vez maior que a rodeava. E todas as noites, no momento em que sua cabeça encontrasse o travesseiro, ela seria despachada para a bíblica Terra de Node e os agradáveis sonhos que ela prometia.

Mas essa ideia ficara para trás havia muito tempo.

Harrison, Louisiana, EUA

As últimas palavras proferidas por Edith Stillwater tinham ficado na cabeça de Batty durante o resto da tarde e boa parte da noite.

Ela estava certa. Apesar da ausência de Deus, Batty *era* uma pobre alma. Trancado em casa, num purgatório que impusera a si mesmo, seus únicos companheiros eram o espesso cheiro de terra do pântano e a umidade que o envolvia como um cobertor quente e molhado. Não tinha amigos nem entes queridos. Nada além do céu da Louisiana.

– Está fazendo mais calor do que nas gavetas do diabo – costumava dizer sua mãe em noites como aquela.

Sentava-se naquela mesma varanda, abanando-se, com um baralho de cartas espalhado a sua frente, o rosto contraído pela concentração, enquanto olhava fixamente para a fileira de cartas que organizara sobre a mesa. Muitas vezes, havia um cliente sentado diante dela, olhando-a, ansioso, esperando que ela acabasse de ler as cartas, perguntando-se se ela seria capaz de tirar uma lasquinha de esperança daquele baralho.

Sua mãe costumava dar aos clientes o que queriam, mesmo que para tanto tivesse de mentir. Era uma mulher propensa à simpatia, que se preocupava demais com os outros, uma característica que a acompanhou até o fim da vida.

Ela se fora havia quinze anos, e aquela casa era a única coisa que Batty herdara dela. Uma casa enorme, típica do Sul dos Estados Unidos, com colunas e sacadas, e um sério problema de deterioração por causa do pântano.

O lugar pertencia a sua família havia muitas gerações, e Batty nascera ali, num dos quartos do primeiro andar, onde sua velha e

enrugada *mamere*₁ fazia o papel de parteira, enquanto sua mãe o empurrava para o mundo, no que, segundo todos os membros da família, fora provavelmente o mais difícil parto da segunda metade do século XX.

Batty nascera com disposição, um pacote de cromossomos XY de mais de três quilos e meio, que, segundo vovó Jean, era a cópia fiel de seu pai. Ele nunca soubera se aquilo era um elogio ou um insulto, ou quem ela pretendia atingir com aquela observação, mas, uma vez que Winston LaLaurie passara a maior parte da vida entrando e saindo da cadeia, Batty tinha a sensação de que esse comentário não pretendia ser delicado.

Ultimamente, porém, ele estava começando a corresponder àquela herança genética. Não no que dizia respeito à cadeia, claro. Pelo menos não por enquanto. Mas agora, que não tinha mais de trabalhar todos os dias – a única coisa que lhe dera de algum modo uma aparente legitimidade –, havia se tornado oficialmente o homem mais inútil da superfície do planeta.

Uma pobre alma, sem dúvida.

Não há nada pior que um homem incapaz de manter um simples trabalho. E não há nada mais odioso do que alguém sentindo pena de si mesmo.

Mas ele tivera seus motivos, não?

Talvez tenha nascido com disposição, mas acabou por perdê-la na noite em que Rebecca morreu.

Desde que tinha três anos, Batty se habituara a sentar-se na varanda da frente enquanto sua mãe lia as cartas para amigos, vizinhos e estranhos, ricos ou pobres, que às vezes vinham de Nova Orleans ou mesmo lá de Baton Rouge.

Todo mundo em Terrebonne Parish sabia que Patsy LaLaurie tinha a Visão, e todos queriam ver o que ela via. Batty sentia orgulho ao vê-la trabalhar, mesmo sabendo que metade do que ela dizia só servia para fazer aquelas pessoas se sentirem bem. Não de forma calculada, não apenas como meio de ganhar dinheiro (embora ela

nunca recusasse uma doação), mas porque ela não queria que nenhum deles fosse embora com medo no coração.

Que bem isso lhes faria?

– Posso apenas *sentir* o que está por vir – disse ela uma vez para Batty. – Não posso mudar as coisas. Então para que deixar um homem sofrer sem necessidade?

Batty entendia. Principalmente porque ele também podia sentir o que ela sentia. Essa coisa que sua mãe e sua avó chamavam de Visão também lhe fora transmitida. Nada mais, de fato, do que um senso agudo de percepção. Ele sentia coisas, sonhava com coisas e, às vezes, via coisas que os outros não podiam ver. E sabia que havia escuridão suficiente para amedrontar até os mais durões.

Lembrava-se de ter visto Landry LeBlanc, um homem alto, meio retardado e briguento, chorar como criança quando sua mãe rompeu com seus hábitos e disse a ele que tinha câncer. Fizera isso, como disse mais tarde para Batty, porque queria que aquele velho tolo fosse ao médico na esperança de que este ao menos adiasse o inevitável e tornasse seus últimos dias mais suportáveis.

– O idiota passa a maior parte do tempo descansando a bunda, esfregando o dedo no relógio e dizendo para todo mundo que o dia acabou de nascer quando de fato o sol já se pôs. Mas isso não quer dizer que ele mereça sofrer.

Batty sentia falta da mãe. Sempre sentiria. E se isso fazia dele um tipo de “queridinho da mamãe” – como as crianças costumavam chamá-lo –, que assim fosse.

Após ter colocado o copo no corrimão da varanda, ele pegou a garrafa de Tullamore que segurava nos braços e serviu-se de mais dois dedos do líquido. A ironia de seu método preferido de medicação emocional residia no fato de que ele nem gostava tanto assim da bebida. Não do gosto, pelo menos, que parecia uma mistura de querosene com álcool.

Mas Batty não bebia por prazer. E realmente duvidava que alguém sentisse prazer naquilo, independentemente do que se dizia. O álcool – em especial o uísque – era um anestésico, pura e simplesmente. Era destinado apenas a anular os efeitos da faca quando esta feria fundo demais.

E, para Batty, aquela faca chegara ao osso naquele exato momento.

– Você leva a vida a sério demais – dizia-lhe sempre sua mãe. Geralmente quando ele voltava da escola coberto de cortes e contusões. Nunca escondera que também tinha a Visão, e a maior parte das outras crianças tinha medo dele. Tivera de aprender a usar os punhos para se defender e aguentar sua cota de insultos.

Foi aí que nasceu seu apelido. No pátio da escola. Durante os primeiros anos de vida, a maior parte das crianças o chamava de Seb. Mas, como Sebastian LaLaurie era o filho maluco da mãe doida, um marginal chamado Harley Wilks começou a chamá-lo de Batty², e o apelido pegou.

No começo, ele resistiu. Ameaçou esmurrar quem repetisse aquele nome. Mas isso só incentivava as outras crianças, e, com o decorrer dos anos, ele acabou por aceitá-lo. Até achou que era um símbolo de honra.

Sim, ele *era* o filho maluco da mãe doida.

E o que se podia fazer a respeito disso?

Mas Batty começou realmente a gostar do apelido quando conheceu Rebecca. A maneira como ela deixava as sílabas correrem pela língua, com seu doce e sutil sotaque. Era uma garota de Baton Rouge que apareceu nos degraus do edifício Nassau Hall, prestes a provar para aqueles sabichões da Universidade Princeton que, apesar de ter chegado depois dos outros, podia dar um chute na bunda daqueles estudantes empetecados.

Ela roubou o coração de Batty à primeira vista, no momento em que repetiu o nome dele, com seus olhos negros se abrindo num sorriso enquanto ela falava.

Não importava o fato de Rebecca também ter a Visão – embora ela estivesse anos-luz à frente de Batty nesse assunto. Anos-luz à frente de sua *mãe*.

E ele às vezes se perguntava até se ela já não conhecia a escura estrada que estava destinada a seguir.

Batty suspirou, tomou a bebida de um só gole e pôs o copo sobre o corrimão, olhando fixamente para a quente noite da Louisiana,

pensando que seria preferível ir para a cama antes de se tornar um velho gordo maluco como Landry LeBlanc.

Ele não tinha câncer, mas o que tinha podia ser tão debilitante quanto. E, apesar dessa atual e doentia autodestruição, ele não pretendia se deixar afundar.

Ainda havia *algum* resquício de luta nele.

Só esperava que fosse o suficiente.

O quarto de Batty ficava no segundo andar.

Devidamente anestesiado, ele cambaleou até a cama e caiu de bruços, enfiando os braços debaixo do travesseiro sobre o qual deitou a face.

Estava prestes a desmaiar quando sentiu algo grudado a seu antebraço esquerdo, espetando-o. Algo duro e pontudo, do tamanho de um grão de pimenta.

Tateou, agarrou o objeto com os dedos, aproximou-se da mesa de cabeceira e acendeu a luz. Demorou uns instantes para que seus olhos se acostumassem, e então ele viu que estava segurando um brinco de diamante.

Porém, não se tratava de alguma peça antiga de joalheria. Pertencia à mulher que ele encontrara no Bayou Bill's, na semana anterior. Aquela que entrara no bar como se estivesse saindo de um filme ou das páginas de uma revista. Cabelo ruivo, uma maravilhosa pele translúcida que lançava uma estonteante descarga de eletricidade a cada homem que se encontrava na sala. E, quando a viu, foi como se tivesse ouvido trombetas de anjos.

Ele conhecera muitas mulheres bonitas no decorrer dos anos – Rebecca vinha em primeiro lugar –, mas nenhuma delas o preparara para a pura sensualidade que emanava desta. Era do tipo que mexe imediatamente com a virilha e faz as entranhas doerem, com um corpo tão firme e perfeitamente proporcional que deveria ser declarado ilegal em pelo menos trinta dos cinquenta Estados americanos.

Batty não era nem um pouco libertino. Não era do tipo que ficava sentado com outros rapazes para comentar os atributos físicos das

mulheres, os prós e os contras. Mas essa mulher conseguira despertar o instinto animal dele no exato momento em que entrara no bar. E ele não conseguia parar de pensar em deitar-se com ela na cama, ou no sofá da sala de estar, ou mesmo sobre a mesa de jantar – droga, o *lugar* não importava, desde que acontecesse logo.

Pela primeira vez, pelo que conseguia se lembrar, ele era realmente capaz de relegar o luto de Rebecca para outra parte de sua mente. O feitiço que a ruiva lançara nele era tão forte que o animal se manifestou, implorando que ele agisse.

E, para a surpresa de Batty, ele agiu; ali mesmo naquela casa. A ruiva se mostrara ainda mais surpreendente do que qualquer coisa que ele pudesse imaginar: uma mulher tão livre de inibições, desejando tanto dar-lhe carta branca para tocar seu corpinho flexível, que ele quase se sentira culpado por fazer amor com ela.

Quase.

Ela fora, como ele depois percebera, sua anestesia daquela noite. Uma escapatória à escuridão que o assombrava.

Entretanto, ao contrário do uísque, ela não entorpecia os sentidos, mas os exacerbava. E lhe dera o troco de suas agressões, fazendo movimentos com os dentes, a língua e os dedos que desafiavam qualquer descrição. Era a criatura sexualmente mais aventureira que ele já encontrara, e enquanto ele se movimentava dentro dela e ela o agarrava, com seu corpo febril junto ao dele, ele não queria nunca mais deixá-la ir embora.

Mas então, depois de terem feito amor, quando ambos ainda estavam molhados de suor, ela o surpreendeu ainda mais. Tornara-se muito mais de que apenas um corpo ardente.

Passaram o resto da noite conversando sobre política, religião e história – coisas pelas quais Batty outrora se apaixonara, coisas sobre as quais ele e Rebecca discutiam com frequência, bem ali naquela mesma cama. A conversa dera tantas reviravoltas que ele mal conseguia lembrar-se de algo específico. E, ao contrário de seus estudantes desmiolados, a ruiva o escutara com a mente aberta.

E, ao que parecia, com o coração aberto.

Mas foi o que ela não fez que mais o comoveu. Ao ver as impressionantes cicatrizes vermelhas nos seus pulsos, aquelas que

Edith não conseguia parar de encarar, aquelas que ele se recusara a esconder, ela não se esquivou, não perguntou nada sobre aquilo, não o julgou de forma alguma. E mais tarde ela simplesmente as beijou gentilmente, uma depois da outra, e então subiu sobre seu corpo e fez amor com ele outra vez.

Enquanto Batty olhava para ela, sentiu lágrimas caírem de seus olhos. E, por um breve e feliz momento, pensou ver Rebecca ali, sorrindo para ele como sempre fizera, com o rosto angelical cheio de um amor que era exclusivamente para ele.

Na manhã seguinte, a ruiva foi embora.

Sem deixar recado. Sem despedir-se.

Ele voltara ao bar por várias noites desde então, esperando que ela aparecesse, que pudesse vê-la de novo, mas não teve sucesso. E, na quarta noite, Batty se perguntara se tudo aquilo não passara de um sonho. Se ele simplesmente não havia evocado a fantasia num nevoeiro de bebedeira.

Mas não.

O pequeno brinco de diamante confirmava isso.

Ela estivera ali. Naquela cama.

E o mais curioso de toda aquela experiência, como ele percebeu, era que ela nem lhe revelara o nome.

1 Na língua cajun, antigo dialeto francês da Louisiana, significa “vovó”. (N. T.)

2 *Batty boy* é uma expressão ofensiva usada para designar alguém visto como marginal ou afeminado. (N. T.)

São Paulo, Brasil

Callahan não ia ao Brasil havia mais de cinco anos.

Sua última viagem a São Paulo tinha sido para um trabalho de uma única noite, a rápida e insignificante apreensão do laptop de um fabricante de armas, que não lhe deixara tempo livre para apreciar plenamente os pontos conhecidos da cidade. Sempre quisera voltar, mas suas entranhas lhe diziam que aquela viagem não seria muito diferente da anterior.

Exceto pelo caos.

Aparentemente, a notícia da morte de Gabriela Soares fora, por fim, divulgada no exato momento em que ela pisou fora do avião. As telas de televisão do saguão do aeroporto mostravam vídeos da última turnê de Gabriela, junto com uma montagem de entrevistas com seus inconsoláveis fãs. E todas as manchetes nas bancas de jornal do aeroporto pareciam gritar seu nome.

Callahan não ficou surpresa. A morte de uma superestrela não é o tipo de informação que pode ser facilmente controlada ou contida, e, com certeza, não faltariam várias teorias insensatas a respeito dessa morte, a maior parte delas formuladas para a autopromoção de especialistas entrevistados na TV a cabo.

Ela aprendera havia muito tempo que o que se via nos jornais televisivos não era muito mais do que telenovelas baratas, velhas fábulas projetadas para manter o público fiel e para receber dinheiro dos anunciantes. A relação deles com a verdade frequentemente inexistia, e, de acordo com o canal escolhido, apelavam de forma tendenciosa para determinada camada da população.

A abordagem de Callahan, sem exceção, consistia sempre em tratar essas notícias como besteiras absolutas, e ela, quando

necessário, tentava desvendar a verdade por conta própria.

Supondo que isso ainda fosse possível.

Mas seu trabalho só lidava com informações falsas, não era? Entre a comunidade de inteligência, a veracidade não estava acima da crítica. E ainda que Callahan frequentemente fosse obrigada a deixar suas opiniões de lado, era bastante inteligente para saber que o mundo fora *construído* por meio de acordos, junto com amplas doses de racionalização e dissimulação, sem as quais poucas coisas seriam feitas.

Claro, visto o repentino crescimento da inquietação nos últimos meses, Callahan se perguntava se isso ainda funcionava. Se a Seção havia sido uma agência que atuava de forma despercebida, orgulhando-se de sua capacidade de limpar a bagunça que os políticos e as agências de inteligência mais visíveis faziam questão de produzir no mundo todo, agora havia um consenso dentro da agência de que existiam incêndios demais a ser apagados. Não que todo mundo se agrupasse perto do bebedouro para conversar sobre isso. Mas as pessoas *de fato* conversavam, e, apesar de seu relativo isolamento, Callahan sabia que a preocupação delas rapidamente se transformaria em pânico – e isso não seria bom para ninguém.

Apesar disso, o mundo continuava girando, como sempre, mas ela não deixava de se perguntar quanto dele ainda restaria em alguns anos.

O aeroporto de São Paulo era ainda mais movimentado do que ela se lembrava, e sua experiente habilidade em navegar em meio à multidão era fruto de anos de viagens.

As filas da alfândega eram como um verdadeiro engarrafamento de para-choques encostados em para-choques. Sem dúvida, a grande sensação de inquietação no mundo todo colocava o pessoal da segurança em alerta total, à procura de possíveis contrabandistas, e um número cada vez maior de pessoas era separado da fila para que suas bagagens fossem checadas por meio de raios X e cuidadosamente revistas.

Nem todos aceitavam de bom grado o procedimento, e a paciência das pessoas estava cada vez mais sendo posta à prova. Era em situações como essa que o fato de viajar sob um codinome do

Departamento de Estado era uma comodidade. Bastava uma olhada rápida em suas credenciais e em seu passaporte para que Callahan pudesse ultrapassar a linha e seguir adiante rumo ao saguão.

Quando viajava de avião – o que acontecia noventa por cento das vezes –, Callahan raramente levava mais do que uma mala e uma *nécessaire* de noite conforme as normas de segurança aérea. Não precisava mais do que alguns artigos de toalete, roupas íntimas confortáveis e meia dúzia de trocas de roupa. Qualquer roupa ou bagagem adicional (ou ainda armas, se fosse o caso) era fornecida no local pela Seção e entregue no quarto de hotel, conforme as necessidades de cada missão. A vida que Callahan levava era em geral complicada, e viajar com pouca bagagem era uma das melhores maneiras que conhecia de aliviar o estresse do trabalho.

Mas nem isso estava funcionando bem ultimamente. Os ataques de pânico, os tremores, a incapacidade de dormir comprovavam a falsidade dessa crença. E, depois de anos de missões ininterruptas, o que ela precisava era certamente de férias.

Ao atravessar o saguão em direção à saída para a rua, ela notou uma garota de cabelo preto sentada no banco mais próximo, cercada de malas. A moça chorava compulsivamente, agarrando nas mãos um jornal em que o rosto de Gabriela a olhava fixamente na primeira página.

Essa garota, pensou Callahan, é a versão ao vivo do que está acontecendo nas telas de televisão do saguão. Suas lágrimas são a mais palpável manifestação de uma verdadeira dor. Por sua reação, parecia até que perdera uma irmã, e era pouco provável que ela tivesse de fato conhecido Gabriela além da imagem cuidadosamente fabricada que projetavam dela nessas telas.

Por um instante, seus olhares se cruzaram, e Callahan tentou demonstrar algum tipo de solidariedade, embora duvidasse que isso fosse mudar alguma coisa. A coitada se encontrava além de qualquer tipo de consolo.

Mas, nesse momento, a mente de Callahan regrediu até sua infância, logo depois de seu pai ter se matado. Ela era muito jovem quando isso aconteceu e ficara arrasada. Em parte porque ele era

tudo para ela, em parte porque ele a deixara com a madrasta, provavelmente a maior megera sem coração de todo o planeta.

Abandonando a garota a suas lágrimas – e a suas lembranças no saguão cheio de gente –, Callahan carregou a bagagem até as portas de vidro de correr e saiu para a rua, sentindo-se imediatamente sufocada pelo calor, que a fez lamentar ter posto uma jaqueta. Precipitou-se para a calçada na esperança de encontrar um táxi com ar-condicionado.

Táxis não faltavam, desde pequenos Fiats brancos até coloridas e brilhantes vans VW, mas, antes que ela pudesse chamar algum deles, um rapaz surgiu a sua frente, disse-lhe algo incompreensível e colocou um folheto em sua mão livre.

Callahan estava prestes a mandá-lo passear, a menos que estivesse trazendo um aparelho de ar condicionado, quando ele esboçou um largo sorriso cheio de dentes, virou-se e seguiu em direção à próxima vítima.

Outra mensagem da Seção?

Não, pensou ela, não dessa vez. Ele era jovem demais para trabalhar para a Seção, e era mais provavelmente um garoto tentando ganhar algum dinheiro.

Mesmo assim, ela deu uma olhada no folheto. Nele estava reproduzida a fotografia de uma van de turismo de cor berrante, andando no que parecia ser uma favela brasileira. O texto em inglês dizia:

FAVELA TOURS

Experimente a verdadeira aventura! Explore o lado selvagem da América do Sul na favela Paraisópolis, de São Paulo!

Callahan já ouvira falar desses *tours*. Eram geralmente comprados por idiotas insensíveis que têm uma mórbida fascinação pelo modo como os mais pobres vivem. O equivalente moderno de um show de horrores. A verdadeira definição do termo *diversão barata*.

Ela enfiou o folheto no bolso da jaqueta e levantou a mão para chamar um táxi.

No momento em que Callahan encontrou o tenente Manuel Martins, ocorreu-lhe a ideia de que talvez ele não quisesse vê-la.

A bem da verdade, isso não era em si nenhuma revelação. Pois, independentemente da profissão exercida, toda vez que alguém novo se apresenta, tendo sido promovido pela diretoria ou, como nesse caso, enviado pelo governador ou pelo superintendente da polícia, cria-se certa resistência entre as demais pessoas.

Porém, o que surpreendeu Callahan foram os esforços de Martins para disfarçar esse sentimento, com um obsequioso charme de vendedor de loja de acessórios femininos, cuidadosamente reforçado por um sorriso irresistível e um piscar de olhos calculado. A única coisa que estragava o retrato era um fraco – mas perceptível – sinal de medo sob aquela piscadela. Havia muito tempo que Callahan aprendera a ler as pessoas instantaneamente, e a impressão que tivera do tenente era a de um homem confuso e amedrontado.

Ninguém podia adivinhar do que ele tinha medo.

– Agente Callahan – disse ele. – É para mim realmente um prazer conhecê-la. Só lamento que isso esteja acontecendo em circunstâncias tão trágicas.

Ele falou em sua língua nativa, mas Callahan não teve problema para entendê-lo. Ela era proficiente em nove idiomas e falava com fluência sete outros, inclusive o português. Isso, sem dúvida, era um dos motivos pelos quais fora imediatamente escolhida para essa missão. Martins fora informado disso na pasta de dados que a Seção lhe enviara por fax.

Callahan sabia que tinha de fazer uma escolha. Podia responder-lhe no mesmo clima de charme – algo que dominava bastante – ou podia apenas mostrar-se fria, profissional, aquela representante linha-dura do Departamento de Estado americano e sem nenhum senso de humor que estava ali apenas para cumprir seu dever.

Apresentando a mão livre, ela escolheu a segunda opção.

– Por que não deixamos de lado as formalidades e começamos logo a trabalhar?

O sorriso de Martins se congelou de imediato.

– Como quiser.

Estavam na sala da equipe de investigadores do Departamento de Investigações Especiais da Polícia Civil do Estado de São Paulo. Dois investigadores de Martins estavam afundados em cadeiras ao lado, um deles deixando os olhos correr sem pudor pelo corpo da mulher, como se ela não fosse mais do que uma garota de programa, esperando para prestar serviço à tropa.

Se ela não tivesse aprendido muito tempo antes a esquecer aquele tipo de coisa, certamente teria se sentido incomodada. Mas *aquilo ali* era o Brasil, afinal de contas, em toda a sua moderna, complexa e sexualmente liberada glória.

– Estes são os investigadores Santos e Ribeiro – disse Martins. – Querem dizer que se sentem gratos pelo fato de o superintendente ter pedido que você se juntasse a nós nesta investigação.

– É mesmo?

Por um instante, Callahan ficou tentada a lhes dizer que deveriam moderar essa “gratidão” antes que ela mesma se encarregasse de moderá-la para eles.

Mas estava cansada demais para se irritar com tão pouco.

Em vez disso, ela optou por ir direto ao ponto.

– Podemos dar uma olhada agora no *corpo* da vítima?

A palavra “corpo” era muito generosa.

Apesar das fotos da cena do crime, Callahan ficou surpresa com o estado dele, uma massa carbonizada de ossos e restos de vísceras dificilmente identificáveis como sendo humanos. O que restava de Gabriela Maria Aquino Soares encontrava-se sobre a mesa do médico-legista e exalava um forte cheiro pútrido que invadia as narinas de maneira impiedosa, fazendo com que o estômago de Callahan ficasse momentaneamente revirado quando ela entrou no laboratório criminalístico.

Ela deu um jeito de segurar os amendoins que comera no voo até que a náusea passasse. Virou-se então para o médico-legista, um rapaz de ar sóbrio chamado Pereira, que não parecia nem um pouco incomodado com o cheiro.

– Então, o que pode me dizer a respeito disso? – perguntou ela.

– Além do óbvio? Muito pouco.

– Conte-me o que sabe.

Pereira deu uma olhada rápida para Martins, que ainda se encontrava no vão da porta. Aquele sinal de medo que ela vira antes estava agora mais pronunciado, e Pereira parecia compartilhar do mesmo sentimento.

Que diabos estava acontecendo ali?

– A vítima era uma mulher – disse Pereira. – Vinte e três anos, identificada graças aos registros odontológicos como sendo Gabriela Soares. O corpo foi quase totalmente incinerado, e uma das testemunhas disse que sentiu cheiro de gasolina.

Ele limpou a garganta e continuou:

– Mas é aí que as coisas ficam mais complicadas.

– Como?

– Não existe vestígio nenhum de gasolina.

– Então, que tipo de agente acelerante foi usado?

– Aí está a dificuldade. Se a vítima tivesse se imolado, como suspeitávamos de início, ela teria inalado fumaça e provavelmente haveria resíduos de fumaça no tecido pulmonar.

Callahan observou a bagunça da mesa.

– Boa sorte com isso.

– Fiz questão de raspar muitas amostras para examiná-las, mas não consegui encontrar nenhum rastro de agente acelerante.

Callahan franziu o cenho.

– É um pouco difícil de acreditar.

– Sim – disse Pereira. – Então fiz várias verificações. Não há rastro de nenhum tipo de resíduo químico.

– Então, como ela pegou fogo?

– É bastante óbvio – disse Martins ainda à porta. – Se não foi suicídio, então foi acidente. Gabriela era uma ex-viciada em metanfetaminas e deve ter voltado a se drogar; de qualquer modo, deu um jeito de se imolar.

Callahan olhou para ele e percebeu que este não acreditava em uma palavra sequer do que acabara de dizer. Era um discurso oficial – uma história para disfarçar – para algo que não podia ser explicado.

– Isso é bem improvável – disse ela. – Vocês encontraram algum sinal de uso de droga? Cachimbo? Fósforos? Qualquer coisa?

– Estamos trabalhando nisso. Talvez um dos amigos dela tenha removido as provas para proteger a reputação da moça.

Pereira negou com a cabeça, querendo, ao que parecia, não se envolver mais em mentiras.

– Sem um acelerante não seria possível provocar esse tipo de dano apenas acendendo um cachimbo, mesmo que a substância dentro do cachimbo fosse altamente volátil. Portanto, não temos uma verdadeira resposta para a sua pergunta. A menos que...

Ele hesitou.

– A menos que o quê? – perguntou Callahan.

– Minha formação de cientista me diz que deveria existir uma explicação racional para o estado desse corpo, mas, na verdade...

Deixou as palavras em suspenso.

– O quê?

– É quase como se a combustão tivesse... Bem...

Ele se mexeu, desconfortável, olhando para Martins, como se estivesse incomodado demais, ou com medo demais, para prosseguir.

– Continue – disse-lhe Callahan, sentindo sua paciência esgotar-se.

Pereira esperou um momento. Então fez o sinal da cruz.

– Como se a combustão tivesse sido espontânea.

CHE. Combustão Humana Espontânea.

Para Callahan, a suposta ciência relacionada a essa ideia parecia no máximo um esboço, senão, em grande parte, obviamente ridícula. Mas ela sabia que essa não era a primeira morte inexplicável por fogo que acabava na mesa do legista.

Pereira continuou explicando um fenômeno documentado chamado "efeito pavio", mais ou menos vinculado à gordura corporal, que transforma a vítima em uma vela humana que queima de dentro para fora.

Uma ideia amedrontadora, se é que já ocorrera.

As experiências com porcos eram supostamente provas de que aquilo era possível – porcos e seres humanos tinham tipos de gordura semelhantes –, mas Callahan continuava com suas dúvidas.

A julgar pelos vídeos vistos no saguão do aeroporto, Gabriela Soares não tinha mais do que um dedo de gordura no corpo, e, como Martins dissera, não havia prova da existência real de acessórios para se drogar naquela sala.

Então, a menos que a pobre garota tivesse mesmo desejado imolar-se, eles estavam de volta à estaca zero. E, da maneira como Callahan via as coisas, eles precisavam trabalhar tendo em vista quatro possibilidades:

1. Suicídio
2. Acidente
3. Assassinato
4. Ato divino (ou "caso de força maior")

Como Callahan não tinha nenhuma fibra religiosa, a opção quatro foi imediatamente riscada da lista. As opções um e dois ainda eram

possíveis, mas a prova da autópsia não dava sustentação a nenhuma delas.

E quanto à opção três?

Assassinato.

Callahan pensara brevemente naquilo durante o voo e talvez devesse dar mais atenção à ideia. Era possível que algum fã enlouquecido tivesse conseguido se infiltrar no camarim, arrastado Gabriela para longe de sua equipe e matado a moça usando algum tipo de acelerante indetectável para pôr fogo nela?

Com base na cronologia dos fatos traçada no dossiê, esta parecia ainda mais inverossímil que as outras possibilidades, mas os relatos de testemunhas costumam ser notoriamente imperfeitos, e, naquela altura dos acontecimentos, qualquer tipo de aposta devia ser descartado. Talvez a cronologia estivesse errada. Talvez, por causa do pânico e da confusão resultantes do fato de terem encontrado a amada Gabriela totalmente queimada, seus amigos tivessem calculado mal a sequência e a duração dos acontecimentos.

Não seria a primeira vez.

Mas a ausência de vestígios de substância química nos pulmões de Gabriela ainda incomodava Callahan. As pessoas simplesmente não pegam fogo do nada.

– Examine o corpo mais uma vez – disse ela para Pereira. – Não há como ela ter se ferido dessa maneira sem algum tipo de ajuda.

Pereira suspirou:

– Duvido que se possa encontrar algo.

– Continue tentando – disse ela, virando-se então para Martins. – Vamos ver a cena do crime agora?

De novo aquele sinal de medo permeou os olhos do investigador, e Callahan se perguntou o que ele estaria reprimindo. Ela percebeu que ele não estava inclinado a falar espontaneamente e, então, decidiu deixar-lhe algum espaço de manobra. Permitiria que a coisa se desenrolasse de maneira natural antes de ela mostrar-se mais agressiva.

De fato, ela precisava ver a cena do crime, mas Martins não parecia nem um pouco animado com a ideia de ir até lá – como uma

criança que reluta em ir para a cama porque tem medo de que o bicho-papão esteja escondido no armário.

– Então? Vamos?

– Você é quem decide – disse ele calmamente, antes de dar meia-volta e sair pela porta.

Uma multidão se aglutinara na frente da casa de shows.

Centenas de fãs de Gabriela estavam de pé, ombro a ombro, alguns com olhar inexpressivo, outros chorando copiosamente, outros ainda carregando cartazes com a fotografia da artista e cantando uma de suas canções em alto-falantes portáteis.

Callahan se surpreendeu com a mistura de circo e velório, uma manifestação de verdadeira afeição pela estrela que desaparecera. A única coisa que atrapalhava a cena eram os curiosos e aqueles que queriam chamar a atenção e estavam ali apenas porque era parada obrigatória.

Fitas e cones haviam sido colocados ao longo da entrada do auditório; armada, a polícia estadual observava cuidadosamente a multidão, no aguardo de algum sinal de agitação. Aos pés deles se encontravam dúzias de buquês e coroas de flores, cruces e velas, além de fotografias, como um santuário multicolorido para a “Santa Gabriela”.

Callahan estranhava tudo aquilo. Não conseguia entender bem como uma simples moça que cantava reles canções pop podia agregar tanta atenção e adulação.

Martins levou o carro de patrulha para o acesso principal e esperou que um guarda dispersasse parte da multidão para que eles pudessem passar. Callahan estava sentada ao lado dele, impregnando-se de tudo aquilo com uma mistura de espanto e curiosidade, sabendo que não demoraria muito para que a multidão começasse a se agitar.

Gabriela estava morta, e os detalhes de sua morte eram esparsos e chegavam aos poucos. E as pessoas ali reunidas com certeza queriam respostas. Mais cedo ou mais tarde, começariam a se manifestar e insistiriam em saber mais, e Callahan não esperava que

elas fossem se comportar de maneira muito amigável. Apesar das lágrimas, essa latente onda de raiva que tanto contaminava o mundo ultimamente era bem palpável ali.

Fervendo aos poucos. Prestes a explodir.

O guarda levantou um megafone, pedindo que alguns curiosos se afastassem para os lados enquanto Martins engatava a marcha e dirigia lentamente rumo ao portão à esquerda da entrada principal. Outro guarda levantou a tranca e fez um sinal para que o carro avançasse, saudando rapidamente Martins enquanto eles seguiam adiante.

Martins o ignorou.

Logo em seguida, chegaram a um local de carga e descarga, enquanto o portão se fechava atrás deles. Um terceiro guarda se aproximou e abriu a porta de Callahan para que ela saísse.

– Que multidão! – disse ela para o guarda ao sair do carro. – Devem realmente ter sido apaixonados por ela.

O guarda confirmou com a cabeça.

– Todos nós. Ela era uma de nós.

Martins se virou bruscamente.

– Fale por si só – disse, lacônico. – Ela tinha um pacto com o Diabo e acabou pagando o preço disso.

Então, sem mais, ele se dirigiu para o ponto de carga e fez um sinal para Callahan segui-lo.

A sala em que Gabriela havia sido encontrada não era maior do que um *closet*. Seis metros quadrados no máximo, e, como fora mencionado, não havia nenhum vestígio de fogo – exceto, é claro, a marca de queimadura no meio do chão de linóleo.

Era difícil não vê-la. Impossível, de fato. E, no exato momento em que Callahan viu a marca, acreditou entender o motivo do humor de Martins.

Contudo, a marca não se encontrava entre as fotos do dossiê. O que sobrara do corpo de Gabriela aparentemente a cobrira. Portanto, era o único verdadeiro sinal de que algo anormal acontecera naquela sala, que estava vazia, exceto por algumas caixas empilhadas,

repletas de papel higiênico, toalha de papel, capas para assentos, além de um esfregão e um balde num canto.

Callahan fez um gesto.

– Por que isso não foi fotografado?

Martins parecia não querer olhar diretamente para a marca.

– Acho que é óbvio.

– É uma prova potencial. Todas as provas devem ser fotografadas e catalogadas. Não foi mencionado no resumo da cena do crime.

– Nossa fotógrafa já havia ido embora quando o corpo foi removido, e não vi motivo nenhum para chamá-la de volta. Há alguns... sentimentos envolvidos.

– Sentimentos?

– Você viu a multidão lá fora. Se algo desse tipo fosse revelado, não é preciso dizer como eles reagiriam. E, enquanto não houver fotografias, não corremos o risco de vazamento de informação.

Callahan mal conseguia acreditar no que estava ouvindo.

– Você conseguiu subir na carreira por mérito próprio ou teve algum tipo de apoio político?

Martins a olhou com frieza.

– Você está aqui para nos ajudar na investigação, não para duvidar da minha integridade.

– Então, *investigue*, pelo amor de Deus. Prova é prova, e você parece estar mais preocupado em fazer relações públicas do que em solucionar um crime.

Martins abriu a boca para retrucar, mas se conteve. Por fim, disse:

– Se está tentando me fazer passar por tolo...

– Quero apenas entender o que aconteceu aqui. E isto é um sinal de possível ação de despistamento.

– Ação de despistamento? – disse ele. – Acredito que seja muito mais do que isso.

Sem prestar atenção nele, Callahan sacou seu *smartphone* e tirou várias fotos do chão, acrescentando-as ao dossiê de Gabriela. Olhou calmamente para a marca, que era bastante pequena, mas parecia ter sido incrustada no linóleo com maçarico:



Callahan não era perita, mas sabia que era um símbolo de ocultismo. Do tipo que é frequentemente pichado nos armários de colégio por adolescentes rebeldes. Se ela se lembrava bem, aquele A queria dizer "Anarquismo".

Mas ali não se tratava de armário de colégio. Longe disso.

E a questão era: quem fizera aquilo?

Gabriela?

Ela era uma dessas secretas devotas do Diabo que marcava o chão com fogo antes de se imolar? E, nesse caso, como fizera isso?

Considerando-se a falta de qualquer tipo de instrumento, ela tinha de ser mágica para tamanha façanha. E mesmo que Gabriela tenha sido uma talentosa artista, era muito improvável que soubesse reproduzir truques de prestidigitador.

O que levava Callahan para a opção número 3.

Assassinato.

Apesar da imagem de estrela pop, Gabriela conseguira tornar-se um renomado ícone religioso não somente em São Paulo, mas também no mundo todo. A fênix que ressurgia das cinzas, uma inspiração para aqueles que não encontravam esperança na vida, especialmente em meio à desordem geral testemunhada nos últimos meses. Então era bem natural que essas pessoas convergissem para a única coisa que lhes dava alguma sensação de calma.

A fé.

Seria possível que alguém tivesse feito isso contra Gabriela em retaliação à sua crescente popularidade e influência? Algum lunático que de certo modo vira nela uma ameaça a sua própria existência? Que quisesse mostrar ao mundo que ninguém fica imune ao chamado final, não importa quão devoto seja?

Seria essa a assinatura dele? Sua marca? Seu *foda-se*?

Certa inquietação tomou conta de Callahan, e ela de novo se perguntou por que a Seção a enviara ali.

O que esperavam que ela fosse encontrar?

Isso?

Ela podia entrar em contato com a Seção e perguntar, claro, mas duvidava de que chegaria a obter alguma resposta. Nem tinha certeza de que eles tivessem alguma.

Virou-se para Martins, que havia voltado para o corredor. Ele acendera um cigarro e, tremendo, erguia-o até os lábios para dar uma tragada.

Callahan se aproximou dele.

– Então, o que acha de tudo isso?

Ele exalou ruidosamente.

– *Agora* você quer a minha opinião?

– Eu não perguntaria se não a quisesse.

– Acho que fui muito claro na hora em que chegamos.

Callahan franziu o cenho.

– Aquilo a respeito de Gabriela ter um pacto com o Diabo?

Ele fez que sim com a cabeça. E deu outra tragada no cigarro.

– Não pode estar falando sério.

– Qual seria a outra explicação? Testemunhamos algo impossível, agente Callahan. E o impossível só pode ser explicado por meios sobrenaturais.

– Nenhum de nós testemunhou verdadeiramente coisa alguma que seja, investigador, e eu tendo a seguir a escola de pensamento segundo a qual sempre há uma explicação esperando para ser encontrada. A única coisa que devemos fazer é procurá-la.

– Você não acredita em demônios?

– Da mesma maneira como eu gostaria de levantar as mãos e pôr a culpa em alguma tenebrosa entidade sobrenatural, posso lhe assegurar que, se há demônios envolvidos nesse crime, são bem humanos. Em vez disso, temo que estejamos lidando com algum psicopata. Então, por que não deixamos de lado o aspecto místico por um momento e nos dedicamos ao verdadeiro trabalho policial?

Martins não disse nada, e ela soube que não conseguiria fazê-lo mudar de ideia. Mas o problema era dele, não dela.

– Segundo o relatório, você encontrou um telefone celular na sala.

Ele confirmou com a cabeça:

– No chão. Perto do esfregão e do balde.

– Suponho que pertencesse a Gabriela?

– Sim.

– E suponho que você tenha verificado as chamadas?

Por um instante, Martins pareceu querer esbofeteá-la, mas se controlou.

– Havia apenas uma ligação feita recentemente, pouco tempo antes de sua morte.

– Para quem?

– Seu empresário. Alexandre Rocha.

Callahan se lembrou de ter lido o nome no dossiê.

– É aquele que sentiu o cheiro de gasolina.

Martins confirmou com a cabeça.

– Sim, foi o que ele disse para os investigadores.

– Vi apenas sua declaração inicial nos arquivos. Você deu prosseguimento? Fez-lhe perguntas a respeito dessa chamada?

– Por que de repente me sinto como se estivesse sendo julgado?

– Veja bem – disse Callahan. – Sei que não gosta muito de mim e sei também que não pediu minha presença. Mas tenho um mistério para resolver e pretendo dar o meu melhor nisso. Então, simplesmente responda às perguntas, está bem?

Callahan tinha certeza absoluta de que acabara de fazer um inimigo para toda a vida. Mas, numa competição para saber quem tem mais colhões, é melhor impor-se rapidamente, de forma agressiva e sem piedade, e ela não podia deixar que o receio daquele homem tomasse conta da investigação.

– Então? Você deu prosseguimento ou não?

Martins a olhou fixamente por um instante.

– Rocha está recluso, e decidi deixá-lo sozinho por enquanto, por questão de respeito. Ele e Gabriela eram muito próximos.

– Mais um motivo para irmos interrogá-lo – disse Callahan. – Onde podemos encontrá-lo?

– Ele tem uma suíte pessoal na cobertura dela.

Callahan levantou as sobrancelhas.

– Posso imaginar o *quão* próximos eles eram.

Quando Callahan entrou na cobertura de Gabriela, a primeira palavra que lhe veio à mente foi “museu”.

Esperava encontrar um luxuoso ambiente pós-moderno e claro, feito de vidro e metal cromado, elementos que, de certa forma, não faltavam. Mas o que a surpreendeu foi a coleção de objetos que Gabriela juntara numa justaposição de seus dois mundos – a música e a religião.

Penduradas numa parede ampla, havia guitarras em número suficiente para enfeitar um Hard Rock Café de bom tamanho, e cada uma tinha uma placa de identificação: Gibson Les Paul, Paul Reed Smith Golden Eagle, pré-FMIC Stratocaster, Gibson SG, Martin D-28, Taylor 810ce. Callahan não sabia tocar nenhum daqueles instrumentos, mas apreciava a beleza deles. A maior parte era autografada por estrelas do rock, ou seja, aquela parede valia ouro.

Um piano de cauda Yamaha ficava em um canto próximo, sobre um tapete branco de pelúcia, e na parede acima começava a coleção de objetos religiosos de Gabriela: uma austera gravura em branco e preto de Lúcifer com asas, expulso do paraíso.

Uma gravura de Gustave Doré. E parecia ser original.

Reproduções das capas dos CDs de Gabriela estavam enfileiradas em outra parede, junto às placas comemorativas de seus discos de ouro e de platina. E logo depois havia dois longos estojos de vidro com mais objetos religiosos do que Callahan já tinha visto no próprio Museu Nacional de Alexandria.

A maior parte das estátuas, das joias e dos objetos de arte desses mostradores era muito antiga e de grande valor, e, ao vê-los, Callahan sentiu que a jovem estrela pop fora mais profunda e madura do que ela pensava. Ninguém gastaria aquele monte de dinheiro sem ter uma admiração verdadeira tanto pela arte em si

quanto pela mensagem que os objetos carregavam. Talvez Gabriela tivesse sentido certa afinidade com os que haviam criado essas obras – outros artistas, compartilhando assim o amor de Deus com o mundo.

Havia nesse pensamento algo que entristeceu Callahan, e a suspeita de que Gabriela fora assassinada enraizou-se ainda mais em sua mente.

A cronologia, pensou ela. Deve haver algo errado com a cronologia.

Ou isso, ou alguém estava mentindo.

Alexandre Rocha?

A mulher que os cumprimentara no vestíbulo – uma faxineira de meia-idade chamada Rosa – sumiu por uma porta que se encontrava atrás deles, dizendo:

– O senhor Rocha vai recebê-los daqui a pouco. Está procurando seu telefone.

Martins se virou.

– Obrigado.

Rosa estava prestes a desaparecer quando hesitou e olhou para Callahan. Havia sinais de lágrima em seus olhos.

– Por favor, sejam amáveis com ele. Está sendo muito difícil para ele. Para todos nós.

Callahan não entendia por que esse comentário parecia ter sido dirigido mais especialmente para ela, mas, mesmo assim, acenou a cabeça e perguntou:

– Você estava na casa de shows quando Gabriela morreu?

Rosa negou com a cabeça.

– Eu estava em casa. Com meus filhos.

– Você sabe se Gabriela tinha inimigos? Pessoas que quisessem prejudicá-la?

Rosa abriu bem os olhos.

– Por que essa pergunta? Você acha que alguém...

– Estou apenas tentando juntar informações – disse Callahan. – Você sempre estava por aqui, então suponho que saiba bastante a respeito da vida privada dela. Algum nome lhe vem à cabeça?

– Não, ninguém. Nós todos amávamos Gabriela. Era uma boa moça. Tratava a todos como se fossem da família.

– E Alexandre? Ela o tratava também como um membro da família?

A insinuação era clara e pareceu pegar Rosa de surpresa, mas ela conseguiu não gaguejar.

– Sim, claro. Gostavam muito um do outro. Como irmãos.

Ã-hã, pensou Callahan.

– Enquanto esperamos, poderia me dizer onde fica o quarto dela?

Rosa hesitou um pouco, como se estivesse prestes a violar uma regra de confiança.

– Isso é mesmo necessário?

– Receio que sim.

Rosa olhou para Martins e então disse, a contragosto:

– É logo nesse corredor, a primeira porta à direita.

O quarto de uma pessoa diz mais a respeito dela do que qualquer outro cômodo da casa. É nele que nos sentimos mais à vontade. Onde guardamos as coisas mais importantes, a maior parte ao alcance da mão. É lá que vivemos nossos momentos mais íntimos.

Sozinhos. Com um amante. Com o nosso Deus.

O quarto é onde nossos segredos são guardados e revelados. Onde podemos ser nós mesmos sem medo de que alguém esteja olhando, escutando ou julgando. O que se esconde atrás dessas paredes nunca deve ser visto por quem não for convidado, e Callahan sentiu uma leve pontada de culpa ao entrar no quarto da cantora.

Primeira impressão: Gabriela gostava de ler. Devorava livros, pelo visto. Não havia televisão no cômodo, e uma parede estava repleta de prateleiras de livros. Ficção, não ficção, livros de capa dura e brochuras, alguns colocados verticalmente, outros empilhados horizontalmente na beirada da prateleira, como se estivessem na fila de espera para ser lidos: *O coração do catolicismo*, *O poder dos milagres*, *Castidade e disciplina espiritual*.

Este último permitia supor que Gabriela não somente tentara aprofundar seu entendimento da fé, como também estava lutando para se manter fiel a seus princípios.

Havia um violão num canto. Um instrumento sem marca, que já tinha sido quebrado e consertado várias vezes. Uma relíquia do passado da artista, que provavelmente lhe era mais valioso do que qualquer uma das guitarras expostas na sala de estar.

Sobre a cama perfeitamente arrumada estava uma caixa aberta da UPS. Callahan olhou a etiqueta e viu que vinha da Casa de Leilões Garanti, em Istambul, Turquia. Provavelmente outro objeto de decoração. Abrindo as abas, ela pôs a mão dentro e retirou uma pequena escultura de pedra representando um anjo lutando contra um dragão. Não fazia ideia do que aquilo podia significar, mas a peça era linda, e certamente custara mais do que um ano inteiro de seu salário.

Do lado oposto do quarto havia uma janela com vista para toda a cidade, uma vista de prédios que se estendia até o horizonte. À esquerda ficava um closet, com duas malas abarrotadas ao lado da porta. A cronologia mostrava que Gabriela regressara a São Paulo no dia em que morreria, e parecia não ter tido tempo de desfazer as malas antes de ir à casa de shows e preparar sua derradeira apresentação.

O fato de as malas ainda estarem arrumadas fez Callahan pensar que o papel da faxineira na casa devia limitar-se mesmo à limpeza. Embora Gabriela tivesse dinheiro suficiente para aproveitar a maior mordomia possível, ela era bastante autônoma para cuidar sozinha de suas malas, e, por motivos que Callahan não podia explicar, isso fazia com que ela gostasse da moça.

Entretanto, aquela bagagem intocada também queria dizer que Martins e sua equipe mais uma vez haviam se provado inaptos. As malas deveriam ter sido minuciosamente examinadas para que se tentasse encontrar qualquer tipo de prova que pudesse levar ao assassino de Gabriela – supondo-se que ele existisse. Cartas, anotações, diários, fotografias. Qualquer coisa que pudesse colocá-los na direção certa.

Mas ninguém se preocupara com isso.

De fato, à medida que Callahan olhava a seu redor, tornava-se claro que o quarto em si mal fora examinado. Será que Martins estava tão convencido de que a morte de Gabriela havia sido um tipo de fenômeno do outro mundo que decidira dispensar qualquer verdadeiro inquérito policial?

Talvez Callahan tivesse apenas de ficar na retaguarda e deixar o homem contar para os repórteres sua ridícula história da pobre moça envolvida numa espiral de consumo de drogas.

Por que ela devia importar-se com isso?

Contudo, ela *realmente* se importava. Havia muitas perguntas não respondidas naquele caso, e ela não podia deixar aquilo assim. Não sem pelo menos tentar achar uma explicação.

E era com isso que a Seção provavelmente estava contando.

Depois de colocar a escultura de volta na caixa, ela deu a volta na cama, pôs as malas para fora da entrada do closet e deitou-as sobre o carpete. Não estavam trancadas, e a primeira que ela abriu continha apenas roupas íntimas. Camisetas, meias, sutiãs e calcinhas com babados e shortinhos em número suficiente para assustar os seguidores mais progressistas de Gabriela.

A segunda mala continha pares de calças e bermudas jeans metodicamente dobradas, junto de várias camisetas estampadas com mensagens do tipo "Fé interior" e "Reze com todo o seu coração" ou ainda "Propriedade de Deus".

Uma camiseta bem gasta tinha uma frase que Callahan vagamente reconheceu:

"A mente está em seu próprio lugar, e dentro de si
ela pode fazer do inferno um céu e do céu um inferno."

Bastante verdadeiro, mas quem lhe dera lembrar onde já tinha ouvido essa frase!

Ao prosseguir com a investigação da mala, ela encontrou mais das mesmas coisas, então resolveu dar uma rápida olhada nos bolsos das calças, na esperança de achar algo interessante.

A única coisa que conseguiu encontrar foi uma caixinha de chicletes de hortelã e alguns fiapos de tecido soltos pelo uso.

Bem, não custou nada a tentativa.

Enquanto fechava as malas, sua atenção foi atraída para o closet. Ela percebeu um leve brilho de luz na escuridão do lugar, vindo do fundo – como uma luz atrás de uma porta.

Haveria outro cômodo atrás do closet?

Intrigada, levantou-se, entrou no closet e acendeu a luz. As paredes do recinto estavam cobertas de placas de madeira branqueadas, com prateleiras, gavetas e sapateira, porém, curiosamente, havia poucas roupas penduradas nos cabides. A julgar pelo conteúdo das malas, Gabriela não se preocupava muito com o que vestia fora do palco.

Callahan esperava encontrar uma porta na parede do fundo, mas, em vez disso, achou mais fileiras de prateleiras divididas em três colunas.

De onde vinha então aquela luz?

Ela não tinha como saber.

Apoiando-se na parte superior das prateleiras, ela se agachou na escuridão para encontrar um ângulo diferente, e, como esperava, um filete de luz corria ao longo do fundo da coluna central, mais ou menos da largura de uma porta.

Uma porta *oculta*.

Erguendo-se de novo, Callahan aproximou-se da prateleira, colocou nela as palmas das mãos e a empurrou. Já vira esse tipo de porta antes e não ficou surpresa quando essa girou para dentro, e um feixe de luz do sol vindo da sala oculta entrou no closet.

Um pequeno santuário privado. Não muito maior que um banheiro comum.

A luz do sol vinha de uma claraboia no teto e descia diretamente sobre um antigo genuflexório de madeira – ou púlpito – no centro da sala, que de fato era essencialmente uma estreita mesa com um estrado acolchoado na frente para se ajoelhar.

Duas velas de altar meio derretidas ladeavam uma pequena cruz de madeira situada sobre a mesa, e na parede em frente estava outro símbolo, este muito mais elaborado que aquele da cena do crime. Fora pintado à mão em azul-escuro, possivelmente pela própria Gabriela:



Outro símbolo de ocultismo?

Callahan não fazia ideia do que se tratava. Porém, considerando-se que estava numa sala de preces, o símbolo devia obviamente ter um significado religioso, uma suposição reforçada pelos versos escritos diretamente abaixo dele, em negrito:

*Por que antes de mei'-dia surge a noite?
Por que a luz da manhã fulge mais bela
Na grande nuvem que, ocupando o ocaso
Radiante albor no azul do firmamento,
Desce pausada e coche se afigura
De celestial, Augusto mensageiro?*
11: 204-207

Um versículo da Bíblia?

Callahan achava que não.

Lembrou-se da inscrição na camiseta de Gabriela e de novo teve a vaga sensação de que conhecia o texto de algum lugar. Nem tanto as palavras em si, mas o som da linguagem. O ritmo e o tom.

Sacando seu telefone, ela tirou várias fotos do cômodo, inclusive closes do símbolo e dos versos, e as acrescentou ao dossiê de Gabriela.

Sem dúvida, a Seção ia querer vê-las, e ela imediatamente transmitiu com prioridade essas novas informações para o servidor. Como ela estava operando com base na necessidade de descobrir novas informações, perguntou-se se haveria algum tipo de reação.

Com a Seção não havia como saber.

Aproximando-se da mesa, ela examinou o altar que ficava ali em cima. Uma fina tira de couro estava pendurada na cruz, com um medalhão circular amarrado nela, do tamanho de uma moeda.

Sentindo uma pontada de dor no peito, Callahan pegou o medalhão e o segurou entre os dedos. Seu pai lhe dera um colar bem parecido com aquele em seu quinto aniversário. Ela o usara

quase todos os dias, até cerca de três meses depois da morte do pai, quando sua madrasta o jogara fora, assim como quase tudo o que Callahan tinha.

Contudo, aquele era antigo e provavelmente mais valioso – monetariamente, pelo menos. Na superfície do medalhão estava gravada a figura de um homem carregando uma criança nos ombros.

São Cristóvão. Protetor dos viajantes.

Ao virá-lo ao contrário, Callahan encontrou outra figura: um besouro, com as iniciais CSP gravadas abaixo.

Quem ou o que era CSP? Apenas outro objeto que Gabriela adquirira, ou seria algo mais pessoal?

Anotando mentalmente as iniciais para não se esquecer de verificar o que poderiam significar, Callahan devolveu o medalhão a seu devido lugar e dirigiu o olhar para uma prateleira atrás do alto do púlpito.

Havia lá uma pequena pilha de livros cuja lombada chamou sua atenção: *A chave menor de Salomão; Ritos proibidos; Anjos, encantamentos e revelação...*

Todos pareciam ser escolhas inusitadas – especialmente numa sala de preces –, mas foi o livro do alto da pilha que mais lhe chamou a atenção. Um livro de capa mole, bastante gasto, que lhe lembrou uma de suas aulas de literatura na universidade. E, de repente, ela soube de onde vinham os versos da parede e a inscrição na camiseta de Gabriela.

Paraíso perdido.

As lembranças de Callahan em relação ao livro eram esparsas. Esse livro era considerado um clássico e tinha algo a ver com Deus e Satã, mas na época da faculdade ela achara a obra extremamente difícil de ler, a linguagem tão impenetrável que fora obrigada a procurar uma versão comentada para poder entendê-la.

Ao pegá-lo, ela olhou a capa, uma reprodução da mesma gravura de Gustave Doré que estava pendurada acima do piano. Folheou as páginas e, perto do fim do livro, descobriu que vários trechos haviam sido destacados com notas manuscritas na margem.

Olhando para o verso na parede, ela verificou a citação: 11: 204–7. Logo encontrou a passagem.

Do mesmo modo, as linhas haviam sido destacadas em azul. E, ao lado, escritas em tinta preta, estavam duas palavras:

Defende eam.

O latim de Callahan não era dos mais perfeitos, e a melhor tradução em que conseguiu pensar foi “protege-a”.

Uma anotação bastante curiosa, mas o que queria dizer? Quem, segundo Gabriela, precisaria de proteção? Ela parecia estar preocupada com alguém que conhecia, ou...

– Este livro era a obsessão dela – disse uma voz.

Surpresa, Callahan se virou e viu um jovem com os olhos vermelhos na entrada do cômodo. Usava um robe, amarrado na altura da cintura.

Alexandre Rocha.

– Ela o levava aonde quer que nós fôssemos – disse ele. – A todos os países, todas as cidades. Sempre me dizia que era a obra de um gênio. Uma dádiva de Deus, superada apenas pela Bíblia. – Seus olhos se mexeram sem fixar ponto nenhum. – Fez um grande bem a ela.

– Lamento sua perda, senhor Rocha – disse, e em seguida estendeu a mão para saudá-lo. – Sou a agente Callahan.

Alexandre pareceu não notar a mão estendida. Estava olhando em volta, observando detalhadamente.

– Ela não sabia que eu conhecia este lugar. Pensou que pudesse escondê-lo de mim, mas não se preocupou em colocar uma fechadura na porta.

Ele fez uma pausa e continuou:

– O fato de saber de sua existência sempre me pareceu uma traição, e agora você está aí, expondo os segredos dela.

Callahan ignorou a indireta.

– Ela talvez confiasse em você.

Ele sorriu.

– Gabriela tinha grandes esperanças na humanidade, e muitos planos, mas sua confiança estava reservada às vozes de dentro de sua cabeça.

– Vozes?

– Deus. Anjos. Era uma verdadeira Joana d’Arc.

– Ela lhe contou isso?

Ele fez que sim com a cabeça.

– Uma noite, bem tarde. Num momento de fraqueza. Porém, quando eu quis saber mais detalhes, ela se esquivou como se tivesse percebido que revelara algum segredo de Estado – disse, e fez uma pausa. – As coisas nunca mais foram as mesmas entre nós desde então.

– E isso não o aborreceu? Você nunca pensou que ela pudesse ter problemas mentais?

Alexandre negou com a cabeça.

– Muitas pessoas ouvem vozes quando rezam, senhora Callahan. Especialmente as pessoas abençoadas como Gabriela. Nestes últimos meses, ela manifestava um ardor difícil de descrever. Uma determinação.

– Posso ver que você a amava muito.

– Desde que ela tinha dezessete anos – disse ele. – Na época em que eu tinha meu próprio ministério. Lembro-me ainda de quando ela se apresentava nas esquinas, tocando música por uns trocados, batalhando para superar sua dependência de drogas. Muitas vezes cheguei a pensar que ela já tivesse ido longe demais para poder encontrar a luz. Mas ela conseguiu.

Callahan pensou na história de fachada contada por Martins.

– Você acha que a dependência dela pode ter tido algum papel em sua morte?

– De jeito nenhum. Vi como ela ficou desesperada quando sua amiga Sofia morreu. Ela não ia querer voltar para aquilo, nunca. Não depois de tudo o que conseguimos.

– E o que acha que aconteceu com ela?

– Eu gostaria muito de saber. Sei apenas que ela não pode ter feito isso a si mesma.

Callahan concordou com a cabeça.

– No seu depoimento à polícia, você disse que havia identificado um cheiro de gasolina, pouco antes de você e o guarda-costas a encontrarem.

– Sim.

– Tem certeza disso?

– Sim.

– Foi exatamente antes de você ouvir os gritos de Gabriela, certo?

Ele fechou os olhos.

– Sim.

– Naquela altura, fazia quanto tempo que ela estava desaparecida?

Ele pensou por um instante. Encolheu os ombros.

– Três... talvez cinco minutos. Não mais do que isso.

– E entre o momento em que você ouviu os gritos e aquele em que a encontrou no depósito?

– Não mais do que trinta segundos, mais ou menos. E, naquele momento, ela já estava... – ele interrompeu e olhou fixamente para o chão, como se estivesse prestes a passar mal.

– Lamento ter de insistir nisso, senhor Rocha, mas quero ter certeza absoluta de que também sentiu o cheiro de gasolina.

Ele a olhou com dureza.

– Você acha que estou mentindo?

– Acho que poderia estar confuso. A que distância se encontrava quando sentiu o cheiro?

– Bastante longe. Gabriela estava num longo corredor, depois de uma curva. Mas não tenho dúvida alguma.

As emanções desses combustíveis têm cheiro forte, pensou Callahan, mas será que Rocha foi capaz de senti-las daquela distância? E por que nenhum dos guarda-costas corroborou seu depoimento?

Será que ele imaginou ter sentido o cheiro?

Rocha se apoiou no batente da porta, e ela pôde ver o peso da dor que ele sentia.

– Podemos parar com isso, por favor?

– Apenas umas últimas perguntas – disse ela, fazendo então um gesto em direção à parede atrás do púlpito. – Você disse que já esteve aqui antes. Será que faz ideia do que representa aquele símbolo?

Alexandre deu uma olhada no desenho e negou com a cabeça.

– Eu provavelmente deveria, mas não consigo reconhecê-lo. Tenho certeza de que isso tinha um significado especial para Gabriela. Sua fé era profunda.

– Acredito que isso seja uma suposição bastante irrefutável – disse Callahan, mostrando-lhe, então, o trecho marcado do *Paraíso perdido*. – Você disse que ela era obcecada por este livro. E essa anotação na margem? É a letra de Gabriela?

– Sim.

– “*Defende eam*” quer dizer “Protege-a”. Você sabe de quem ela estava falando?

Outra vez ele deu de ombros:

– Podia ser qualquer um, imagino. Gabriela lidava com muita gente. Fãs. Voluntários de obras de caridade. Estudiosos da Bíblia.

– E no que diz respeito aos membros da equipe?

– Temos ótimos funcionários.

– Você sabe se algum deles pratica rituais ocultistas?

Ele pareceu ofendido com a pergunta.

– Claro que não. Todos os membros da equipe de Gabriela encontraram o Caminho, inclusive seus guarda-costas. Por que você faz esse tipo de pergunta?

Então ele não vira a marca no chão.

E ninguém se preocupara em informá-lo.

– Meu trabalho consiste em verificar todas as possibilidades – disse ela. – Você conhece alguém que tenha as iniciais CSP?

Ele pensou um instante e negou com a cabeça.

Callahan colocou o livro sobre o púlpito e fez um gesto em direção ao medalhão de São Cristóvão. – Você sabe quem deu isso a ela?

– Certamente deve ser uma de suas bijuterias da casa de leilões – respondeu, olhando para o objeto. – Terminamos?

– Mais uma coisa. E o seu telefone celular? Você conseguiu encontrá-lo?

Ele confirmou com a cabeça. Procurou no bolso de seu robe e tirou um iPhone.

– Passo metade de minha vida com essa coisa, mas não o toquei desde a morte de Gabriela.

– Você nem checou o correio de voz?

Ele fez um movimento com a mão, como se rejeitasse a ideia:

– Tenho certeza de que deve haver dezenas de recados. Pessoas ligando para dar os pêsames. Mas eu não tive energia...

– E quanto à mensagem que veio do celular de Gabriela?

Ele lançou um olhar ríspido para Callahan.

– Do que você está falando?

– As ligações feitas no celular dela mostram que ela discou seu número pouco antes de morrer. Ela pode ter deixado um recado.

Alexandre ficou pálido.

– O quê?

Ele olhou para seu celular e, enquanto Callahan o observava, tocou imediatamente a tela, para ativar a função de correio de voz. Deixou o dedo rolar sobre dezenas de avisos de mensagens até chegar àquele escrito *Gabriela*.

Ele parou, olhando-o fixamente.

– Ah, meu Deus! – disse ele em voz baixa. – Ah, meu Deus!

Antes que Alexandre ouvisse a mensagem, Callahan lhe pediu que levasse o telefone até a sala de estar. Ela queria que Martins também escutasse. Parecia ser a coisa certa a fazer, considerando-se que supostamente a investigação era dele.

Depois que todos se sentaram no sofá e em duas cadeiras perto do meio da sala, Alexandre colocou o telefone sobre a mesa de centro, tocou no ícone *viva-voz* e apertou o *play*.

O que ouviram foi uma surpresa para todos.

Começou com um forte estrondo, como se o telefone tivesse batido no chão e rolado. Então ecoou a voz de Gabriela, mas suas palavras eram ininteligíveis. Ela parecia balbuciar algo incoerente, impossível de decifrar. E começou a chorar; sua voz estava abafada pelas lágrimas, mas ficava cada vez mais alta e intensa...

– Não... Fique longe de mim!

Aquela súplica fora dirigida a alguém, embora não se ouvisse nenhuma outra voz na sala.

Ela começou então a tossir violentamente, soluçando, lutando para conseguir respirar. Seguiu-se de repente uma certa confusão – pés se arrastando, alguém tropeçando, batendo em algo, e Gabriela chorava, tossia e engasgava, ainda suplicando.

Outro barulho de batida foi seguido por um longo silêncio, apenas interrompido pelo som de uma respiração ofegante acompanhada de tosse.

Agora ela se encontrava perto do telefone e, depois de um instante, disse algo, que repetiu duas vezes. Mas as palavras não pareciam mais do que um leve lamento, inaudível, e seus suspiros de angústia eram abafados demais para serem compreendidos.

Então, após outro longo silêncio, ela começou a gritar.

Alexandre interrompeu a mensagem no meio do grito. Voltou-se para Callahan com o olhar triste e logo desviou os olhos, como se não pudesse suportar o fato de estar em conexão com outra pessoa. Acabaria se expondo demais.

– Não acredito que eu não estava lá quando ela pediu socorro.

– Não se culpe. O serviço telefônico sempre falha em lugares como aquele. De qualquer modo, não havia nada que você pudesse fazer.

Alexandre olhava fixamente para o chão.

Callahan sentiu pena dele. Mesmo para alguém alheio e imparcial como ela, não tinha sido fácil ouvir a gravação.

Ela lançou uma olhadela para Martins, que se mexia desconfortavelmente na cadeira, parecendo ainda mais confuso do que de costume. Então ele se levantou e fez um gesto, convidando-a a se aproximar do piano.

Callahan o seguiu, preparando-se para o que ele tinha a lhe dizer, sabendo que provavelmente não ia gostar do que ouviria. Ela examinou a gravura de Gustave Doré enquanto ele falava, em voz baixa.

– Então, você viu? Eu tinha razão. O que acabamos de ouvir não é natural. Nem um pouco.

– Calma, temos sons, mas não imagens, e isso faz muita diferença. Alguém devia estar com ela naquela sala.

– Mas não um humano, posso lhe garantir. A única voz que ouvi foi a dela.

Callahan se lembrou do que Alexandre lhe dissera. Sobre o fato de Gabriela ouvir vozes quando rezava. Poderia ter sido algo mais do que isso? Será que ela tivera algum tipo de crise psicótica e causara aquilo a si mesma?

Nesse caso, ainda faltava explicar *como*. E Martins estava certo. À primeira vista, nada daquilo parecia natural.

Contudo, essa histeria supersticiosa começava a ficar irritante.

– Veja bem – disse ela –, vamos colocar os pés no chão por um minuto. O que ouvi neste telefone foi uma mulher que estava visivelmente aterrorizada. E, apesar das aparências, tenho quase

certeza de que ela não estava sozinha. Aposto que a outra pessoa na sala era alguém que ela conhecia.

– Alguém que *todos* nós conhecemos – disse Martins.

Callahan fez um esforço para não revirar os olhos e continuou:

– Você não alcança esse tipo de estrelato nem exerce a influência que Gabriela tinha sem fazer inimigos. E, considerando a quantidade de pessoas que giravam em volta dela, deve ter havia alguém que quis...

– Souza – disse-lhe Alexandre.

Ambos olharam para ele. Agora Alexandre estava em pé e vinha na direção deles. Seus olhos pareciam ainda mais injetados de sangue.

– José de Souza é o homem que está procurando.

Callahan ficou surpresa que ele tivesse ouvido a conversa.

– Quem é José de Souza?

– O líder do cartel de drogas da favela Paraisópolis.

– Que conexão eles tinham?

– Antigamente, Gabriela tinha feito alguns trabalhos de entrega para ele, e falou mal dele várias vezes desde então. Ela estava pressionando a polícia para que limpasse as favelas. Falou até mesmo em ir até lá para incentivar as crianças a honrar a Deus e ficar longe das drogas.

– E você não achou necessário contar isso?

– Conte para os investigadores no local. Mas, naquele momento, todo mundo parecia pensar que Gabriela havia se suicidado.

– Não descartamos totalmente essa hipótese – disse Callahan. – Mas, pelo menos, agora temos uma pista. Entendo que a interferência de Gabriela na vida desse tal de Souza não o agradou nem um pouco, certo?

– Ele a ameaçou mais de uma vez.

Callahan se virou para Martins:

– Seus homens devem ter mencionado as suspeitas do senhor Rocha. Você conversou com esse cara?

Não ficou surpresa quando Martins negou com a cabeça.

– Falar é mais fácil que fazer. Ele raramente sai da favela. E é extremamente bem protegido.

Ela suspirou:

– Não sei como consegue fazer isso, inspetor, mas continua me desapontando.

– Você não pode simplesmente entrar lá e pedir a ajuda dele. Precitaria de muito mais homens do que...

– Não quero saber – disse Callahan. – Precisamos interrogá-lo. É a única pista que temos até agora.

Ela podia ver nos olhos de Martins que ele continuava tomado pelo medo. Aquele homem era um inútil.

Ela se sentia esperançosa com o fato de agora ter algo de concreto sobre o que focar. Mas, antes de aproximar-se de Souza, teria de interrogar novamente todas as testemunhas. Talvez alguém se lembrasse de tê-lo visto no show naquela noite. Talvez ele tivesse estado no meio do público, até o momento em que Gabriela voltou para o camarim.

Callahan pensou no som da voz de Gabriela no final da gravação, quando ela pronunciou aquelas palavras incompreensíveis. Eram apenas um sussurro, mas mesmo assim tinham um propósito, como se ela estivesse tentando mandar um recado.

Estaria dando um nome?

Do homem que lhe fizera aquilo?

Souza?

Callahan fez um gesto em direção à mesa.

– Não toque nesse telefone – disse ela, antes de atravessar a sala até a entrada onde deixara sua mochila. Abrindo o zíper, ela pegou seu próprio smartphone e um cabo de áudio e então voltou para o sofá em que estivera sentada.

Colocando seu telefone ao lado do de Alexandre, ela conectou uma extremidade do cabo em seu aparelho e a outra extremidade na saída do iPhone. Callahan dispunha de um programa de áudio usado nos tribunais que permitia “limpar” as gravações e melhorar a qualidade do som. Ativou-o, e então apertou a tecla *play* do iPhone, transferindo a mensagem em tempo real. Feito isso, ela ativou o áudio wav – uma representação gráfica da gravação – e avançou até um ponto perto do fim, onde os murmúrios de Gabriela não eram mais do que pequenos pontinhos sobre uma linha reta.

Callahan isolou esse trecho e normalizou o som, o que fez aumentar os pontos, assim como o volume em vários decibéis.

Então ela apertou o *play* e ficou surpresa com o que ouviu.

– *Defende eam* – murmurava Gabriela. – *Defende eam...*

As mesmas duas palavras manuscritas à margem de uma das páginas do *Paraíso perdido*. “Protege-a.”

Callahan virou-se para Alexandre.

– Mais uma vez – disse ela. – “Protege-a.” Você tem certeza de que não consegue pensar em ninguém que Gabriela quisesse proteger? Alguém que corresse perigo? Uma criança, talvez? Ou uma de suas fãs?

– Não tenho como saber – disse Alexandre, negando com a cabeça.

– Ela estava obviamente falando de si mesma – disse Martins. – Sabia o que estava prestes a acontecer e implorava a Deus que protegesse sua alma.

– Nesse caso, ela não teria dito “protege-me”? – retrucou Callahan, cada vez mais farta daquele idiota. Ela olhou de volta para Alexandre. – Você disse que Gabriela costumava trabalhar para Souza. É possível que tenha ficado preocupada com alguém que tenha conhecido naquela época? Uma amiga que ainda estivesse presa a esse mundo?

Alexandre negou com a cabeça.

– Sofia era sua única amiga daquela época. E Sofia se foi há muito tempo.

Talvez, mas se Gabriela fez tanto esforço para conseguir dizer o que disse – e até escreveu aquilo num livro –, isso obviamente queria dizer algo para ela.

Algo importante.

Callahan pensou na camiseta, no verso na parede e no comentário de Alexandre segundo o qual Gabriela era obcecada pelo *Paraíso perdido*. Havia outras anotações nas margens do livro. Outros trechos destacados.

Será que também não queriam dizer algo?

Levantando-se, ela se dirigiu para o quarto, com Alexandre e Martins atrás dela.

– O quê? O que foi agora? – dizia Martins.

Callahan o ignorou e foi até o closet e a sala de preces de Gabriela. Pegou o livro e o folheou até encontrar de novo o verso. Continuou então folheando o livro e encontrou outras passagens destacadas – cada uma mais impenetrável que a outra. Milton podia ter sido um gênio, mas a acessibilidade a seu texto não era seu forte.

As anotações de Gabriela pareciam ter se concentrado no capítulo onze – ou Livro XI. Em algumas páginas, apenas palavras soltas haviam sido destacadas, e as anotações nas margens não ajudavam muito para esclarecer o que podia se passar pela mente da estrela pop. Números e letras estavam escritos e riscados, depois escritos de novo, como se ela estivesse tentando decifrar algo. Um tipo de código.

Mas no *Paraíso perdido*?

Nada daquilo fazia muito sentido. E, de novo, Callahan se perguntou se a garota não havia ficado doida.

– Olhe para este lugar – disse Martins, mostrando o altar e o símbolo na parede, e em seguida retirando o exemplar de *Ritos proibidos* da prateleira. – Olhe o que ela estava lendo. Não lhe disse que ela tinha um pacto com o Diabo?

Alexandre virou a cabeça na direção dele, com o rosto tomado pela raiva.

– Repita isso mais uma vez e precisará procurar um novo trabalho até o fim do dia.

A ameaça pareceu surtir efeito, já que Martins praticamente engoliu a própria língua antes de menear a cabeça com desgosto.

– Estou cansado disso tudo. Todos nós sabemos o que aconteceu com Gabriela, e quanto mais seguirmos por esse rumo mais perigoso ele vai se tornar – disse ele para Callahan e, virando-se em direção à porta, continuou: – Vou deixar suas bagagens no hotel. Você saberá como chegar lá.

Então ele saiu.

Muito bem, pensou Callahan, não vai fazer falta. E Alexandre também não parecia muito abalado com isso.

Ela fez um gesto em direção ao *Paraíso perdido*.

– Você sabe por que Gabriela era tão obcecada com isto?

– Não – disse ele. – E devo confessar que nunca o li. Tentei várias vezes, mas está além da minha capacidade.

Com exceção de alguns estudiosos religiosos, de um punhado de literatos conservadores – e talvez da própria Gabriela –, isso decerto acontecia com a maior parte das pessoas.

Callahan pensou nos fatos que cercavam aquele caso. Uma morte improvável, um cheiro fantasioso de gasolina, uma vítima que parecia um animal assado, um símbolo satânico queimado no chão de uma sala que, a não ser por isso, estava imaculada, um santuário secreto para preces, as estranhas e obsessivas anotações nas margens de um poema épico sobre a queda de Satã...

E, claro, a mensagem no livro e no telefone celular de Alexandre.

Protege-a.

Talvez Martins tivesse razão, afinal de contas. Havia coisas estranhas acontecendo por ali em número suficiente para atrair um bando de nerds góticos, sem esquecer os religiosos fanáticos. Algo acontecera na vida de Gabriela que estava muito além de seu papel de estrela pop cristã.

Algo que causara sua morte.

E, mesmo que pudesse parecer louca, Callahan sentia que era algo relacionado àquelas duas palavras e ao livro que agora ela segurava nas mãos.

Protege-a.

Mas seu conhecimento desse tipo de coisa era limitado demais para que ela pudesse começar a desvendar alguma coisa. O que ela precisava era da ajuda de um perito. Alguém a par dessas coisas. Um viciado em Milton, um historiador das religiões e um especialista em ocultismo, tudo num só pacote... supondo que esse tipo de pessoa existisse.

Havia uma maneira segura de descobrir isso.

Deixando o livro sobre o púlpito, ela pediu licença e passou diante de Alexandre para voltar à sala de estar.

Pegou seu telefone, digitou o código de segurança e estava prestes a usar a tecla de ligação automática quando o aparelho vibrou em sua mão. Olhando para a tela, ela imediatamente o colocou perto do ouvido.

– Eu estava exatamente ligando para você.

– Demos uma olhada nos dados que enviou – disse uma voz.

Era a voz fria e desencarnada que ela sempre ouvia ao telefonar para a Seção. A agência não fazia questão de seguir formalidades do tipo nome, cargo ou informação de identificação, no caso de algum dia você ter a infelicidade de estar em situação difícil.

Aquela voz simplesmente dava ordens. E quem não as seguisse corria o risco de perder o emprego.

Ou a vida.

– Acho que preciso de um especialista – disse ela. – Alguém que domine esse tipo de assunto.

– Já tomamos as medidas necessárias. Continue seguindo o procedimento e entraremos em contato com você assim que tudo estiver pronto.

Então o interlocutor desligou.

Harrison, Louisiana, EUA

Era perto da meia-noite quando a confusão começou.

Batty só saíra da cama no final da tarde e passara as primeiras horas do novo dia lutando contra uma forte ressaca. Na hora em que ele finalmente conseguiu purgar-se das toxinas da noite anterior, sentiu-se novo em folha e, sem perder mais tempo, foi até o Bayou Bill's.

O bar estava lotado como sempre. Batty tomava seu terceiro coquetel (sentindo pena de si mesmo ao constatar que a ruiva mais uma vez não aparecera) quando a porta se abriu de repente e um rapaz que parecia ter a palavra *turista* estampada na testa entrou desajeitadamente, com olhar perdido, preocupado, e de alguma forma desconcertado.

Entretanto, não foi ele o motivo da confusão. Apenas uma curiosidade que chamou a atenção de Batty antes que a confusão começasse.

A noite estava quente, e o turista suava como um homem que não estivesse acostumado com esse tipo de clima. Porém, no momento em que seu olhar cruzou o de Batty, sua atitude mudou radicalmente, como se ele tivesse encontrado o que estava procurando e se sentisse agradecido por ter conseguido essa façanha.

Batty meio que esperava que o homem fosse direto para a mesa dele. Perguntava-se do que se tratava e por que estava prestes a ser abordado, quando o homem o surpreendeu evitando seu olhar e sentando-se num banco em frente ao balcão.

Batty observou o velho Bill colocar uma garrafa de cerveja diante do homem e se perguntou se tudo aquilo não era fruto de sua

imaginação.

Não seria a primeira vez.

Logo depois, Batty já não se preocupava mais com isso.

A confusão – quando enfim aconteceu – veio do estacionamento, bem em frente à janela que dava para a mesa de Batty.

Embora estivesse escuro sob as árvores, a lua brilhava o bastante para que ele pudesse ver uma mulher linda – mas de ar exausto – e seu namorado, de moto, entre os carros estacionados. Chegaram numa Harley pouco antes de o turista entrar no bar e logo começaram a se acariciar, dando a impressão de que iam chegar às vias de fato ali mesmo, sobre o capô do sedã de vinte anos de Ronny Cantrell.

Batty fizera o possível para ignorá-los até então.

Mas algumas coisas não podiam ser ignoradas, e, enquanto ele pensava em pedir outro drinque, algumas vozes começaram a se elevar, embora ainda abafadas pela janela, mas altas o suficiente para chamar-lhe a atenção. Ele olhou para fora e viu que a sessão de carícias havia sido bruscamente interrompida e que o motoqueiro agora segurava o pulso de sua namorada.

Aquilo não parecia em nada com um aperto carinhoso. Ao contrário, parecia uma verdadeira agressão, os dedos dele fincados no nervo cubital da moça, tentando provocar-lhe uma reação que não seria das mais agradáveis. Era um gesto bruto e baixo e – com ou sem janela – pouco sensato na presença de um cavalheiro como Batty. Um cavalheiro que acreditava que nunca se deve pôr a mão numa mulher a não ser para lhe dar prazer.

Batty se levantou, sentindo a bebida correr por seu corpo, mas isso não o fez desacelerar. Despediu-se de Bill, que estava ocupado demais para notá-lo, e saiu, cambaleando levemente ao se aproximar do motoqueiro e de sua namorada.

O barbudo desgraçado continuava segurando a garota pelo pulso, e Batty pôde ver em seu rosto que ela não estava se divertindo nem um pouco.

– Desculpe-me – disse Batty, aproximando-se. – Aconselho você a soltar essa pobre moça, e não ouse tocar nela outra vez ou terá de

marcar uma consulta no dentista amanhã, supondo que ainda possa segurar o telefone.

O motoqueiro olhou para ele com ar aborrecido. Não era do tipo de homem que gosta de ser interrompido quando está ocupado em aplicar um castigo.

– Quem é *você*, porra? – disse, virando-se para a mulher, sem se dar o trabalho de soltar o pulso dela. – Esse cara é um dos seus amigos?

Ela estremeceu, tentando retirar a mão.

– Não! – gritou ela com terror na voz e no rosto. – Não sei quem é.

Os olhos do motoqueiro se estreitaram.

– Não minta para mim, sua...

Foi aí que Batty avançou, e seu punho bateu contra o rosto do motoqueiro com um grande estalo. Ele avisara o homem, mas ele não quisera ouvir, e Batty não era do tipo que deixava de cumprir suas ameaças.

Contudo, o motoqueiro não era pequeno nem frágil e, apesar de ter caído no chão com a boca ensanguentada, recuperou-se do soco mais rápido do que se esperava.

Logo Batty percebeu que o filho da mãe estava de novo em pé, movimentando-se rapidamente, e logo ficou claro que não bebera nada até aquele momento – o que infelizmente lhe dava certa vantagem. Na rajada de socos que se seguiu, Batty acertou duas vezes contra sete, e apenas uma vez de forma contundente.

Tudo acabou com Batty de rosto virado para cima, deitado entre dois carros, fixando os olhos do homem que podia muito bem socá-lo até a morte sem um mínimo sinal de culpa, quando a namorada gritou:

– Mate esse filho da puta!

O cavalheirismo realmente não existe mais.

O motoqueiro limpou a boca, olhou para o sangue no dorso da mão e então passou a língua sobre os dentes, para verificar se havia algum dano.

– Você pode ter razão a respeito desse dentista – disse ele com voz rouca. – Mas você vai ter de ser carregado daqui numa maca,

seu filho da...

Parou de repente quando o cano de um revólver pressionou sua nuca. Batty ficou surpreso ao ver o suado turista em pé logo atrás do motoqueiro.

– Está na hora do toque de recolher – disse o turista suavemente, parecendo muito mais seguro do que quando entrara no bar.

O motoqueiro levantou as mãos.

– Calma, amigo. Viemos aqui apenas para tomar uma bebida. Foi ele que começou.

– E sou eu que estou acabando. Pegue sua vadia, suba na moto e se mande. Agora.

O tom de voz do turista não deixava espaço para negociação, e aparentemente o motoqueiro não era tão burro quanto parecia. Ele olhou furioso para Batty, segurou firmemente o braço da namorada, puxando-a, e logo depois a moto estava rugindo no final da rua.

Batty ergueu-se, apoiando-se nos cotovelos, enquanto olhava de soslaio para o turista, que guardou a arma e agachou-se ao lado dele, ajudando-o a se arrumar.

– Você está bem, professor?

Então não tinha sido sua imaginação. Aquele homem sabia quem ele era.

– Ainda vivo, mais ou menos. Mas quem é você, caramba?

– Apenas um amigo.

– Bem, obrigado pela ajuda, amigo, mas eu poderia ter me virado sozinho com aquele filho da mãe.

– Essa é uma discussão que precisaremos deixar para outra hora. Estamos atrasados.

Batty franziu o rosto.

– Atrasados para quê?

– Você tem de pegar um avião.

Então o homem ergueu rapidamente a mão, e, para espanto de Batty, algo pontudo e quente espetou seu pescoço.

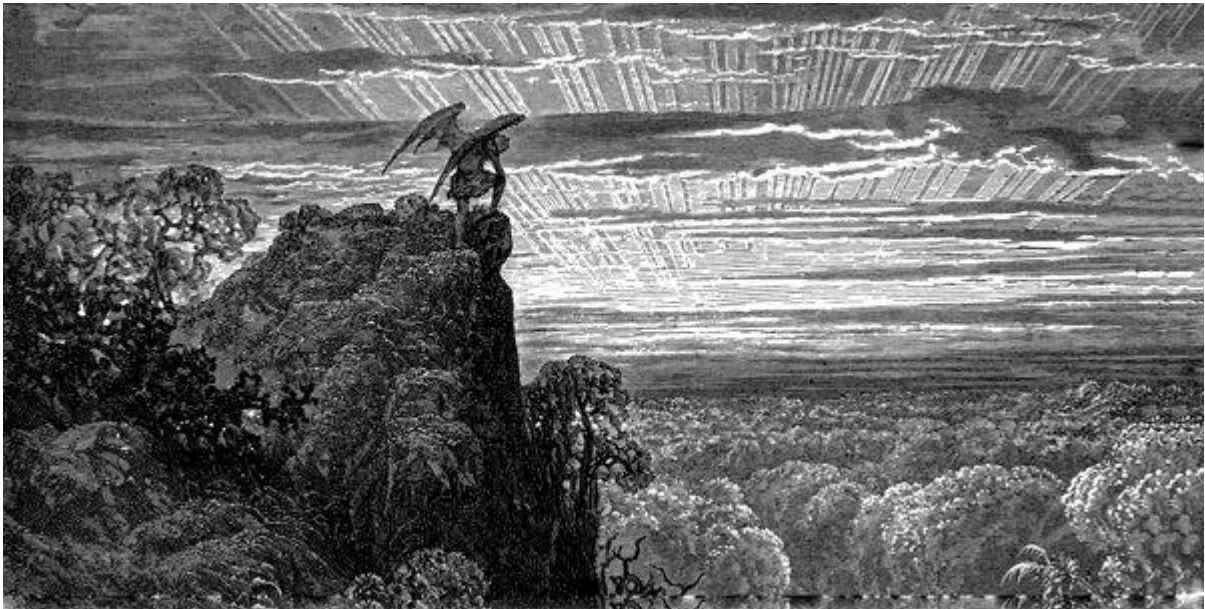
Ele agarrou a garganta e caiu para trás, mas, antes de poder dizer uma só palavra, o mundo pareceu girar de ponta-cabeça, e o turista começou a duplicar-se e triplicar-se diante de seus olhos enquanto o luar de repente ficou muito escuro.

Nesse momento, tudo desapareceu completamente, e Sebastian “Batty” LaLaurie caiu num profundo buraco negro.

LIVRO IV

Terra da perdição

No orbe vagam,
Quer dormindo estejamos, quer despertos,
Invisíveis espíritos sem conto.
—*Paraíso perdido*, IV:677-78



Los Angeles, Califórnia, EUA

Ele observou a garota sair do ônibus na estação Greyhound. Os pequenos olhos dela observavam os arredores com ar de óbvio desapontamento.

Não era, imaginou ele, o que ela esperava encontrar. A cidade não era tão limpa quanto parecia na televisão – avenidas engarrafadas, bueiros entupidos de lixo, a neblina não mais tão densa quanto já fora e com vago cheiro de lixo, umidade e enxofre.

Ali não havia um céu azul digitalmente produzido. E as únicas palmeiras que ainda restavam haviam se tornado vítimas de uma lenta deterioração.

Uma sem-teto se acomodara na calçada perto da saída da estação, e a garota se desviou dela, segurando firmemente a mochila enquanto avançava, com visível receio de que a velha se levantasse de repente e lhe impedisse a passagem, como um duende à porta do Purgatório.

Mas a velha não se mexeu. Apenas olhou para a garota quando esta passou diante dela e seguiu seu caminho em direção ao Hollywood Boulevard, onde com certeza as coisas deveriam estar melhores.

Afinal de contas, ali era a terra dos sonhos. O lar das estrelas.

Mas ele sabia que as coisas *não* estariam melhores. E, à medida que seguia a moça, mantendo uma pequena distância entre eles, pôde ver mudanças na atitude dela conforme aumentava seu desapontamento. Os passos da garota ficaram mais lentos, seus ombros se encolheram, sua cabeça girava à procura de algo – qualquer coisa – que lhe parecesse no mínimo atraente.

A barraquinha de frango da esquina? A financeira? O pronto-socorro com grades de ferro nas janelas? O estúdio de tatuagem?

Não havia nada. E ele sabia que de repente ela ficara aterrorizada, perguntando-se se não cometera um erro.

Naquela época e naquela idade, ela deveria ter se informado melhor. Mas as garotas de quinze anos não costumam ter senso crítico, sobretudo quando querem desesperadamente abandonar o lar.

Há coisas que nunca mudam.

Já fazia alguns dias que ele a observava. Seguiu-a por todo o caminho desde Lawton, no Arizona. Ela desaparecera de casa, mas ele a encontrara numa parada de ônibus, contando o dinheiro que escondera na gaveta de sua cômoda e guardando-o perto dos seios nascentes, esperando que ninguém estivesse prestando atenção a ela.

Mas ele estava.

E, durante todo o tempo em que esteve observando a garota, do Arizona à Califórnia, ficou se perguntando se seus instintos não estariam errados.

Já errara antes. Várias vezes, aliás.

Houve o caso daquele estudante de intercâmbio no leste da França. O pintor de Hammersmith, na Inglaterra. O filantropo da Macedônia. O missionário do norte da Tailândia...

Ele procurara por todo o globo, ano após ano, e pensou que enfim tivesse ouvido o chamado. Mas, na verdade, o que ouvira tinha sido seu próprio desejo. Nada mais. E aí ele começou a se perguntar se tudo não passaria de uma mentira. Uma cruel decepção, perpetrada por um pai que não se importa mais.

Mas aquela era diferente.

Aquela lhe trouxera esperança.

O tipo de esperança de que ele nem se lembrava mais. O tipo de esperança que ele sentira outrora, quando tomara a decisão de parar com a matança, com a devassidão, com o narcisismo interesseiro que norteava tantos de seus pares.

Talvez ele estivesse louco, mas daquela vez as circunstâncias pareciam finalmente favoráveis. A quarta lua já estava chegando, e ele poderia ouvir a alma da garota chamá-lo, muito mais alto do que qualquer um de seus antecessores.

Ele sabia que ela era diferente. Especial.

Uma dádiva de um pai ausente.

Seu recado para Deus.

Após andar vários quarteirões a esmo pelo Hollywood Boulevard, a mochila começou a pesar-lhe nas costas, e a garota foi até um pequeno café na esquina da Gower Street, o tipo de lugar que devia ter preços adequados ao minúsculo orçamento dela.

Ele esperou enquanto ela comprava um muffin e uma xícara de chá. Ela se sentou perto da janela, olhando na direção de que viera com seus olhos provincianos, cheios de apreensão e confusão, vagamente melancólicos e lacrimosos. Ele sabia que ela estava desmoronando e que logo começaria a sentir pânico, e então estaria pronta para ser levada pela primeira "boa alma" que aparecesse.

Ela estava muito mais segura antes, em Lawton. Apesar de seu padrasto repugnante, o mundo à sua volta era bem menor, mais fácil de controlar. Mas tente convencer uma adolescente de que a melhor coisa que pode fazer é ficar onde está para ver no que dá. Especialmente quando o dito padrasto começa a querer ficar mais próximo e fazer comentários a respeito das mudanças no corpo dela. Sobretudo, quando mamãe está no trabalho.

E mamãe sempre estava trabalhando.

Ao entrar no café, ele se dirigiu para uma mesa no fundo, tomando cuidado para não perdê-la de vista.

Ainda era cedo demais. Ele não queria assustá-la.

A garota o olhou de relance quando ele entrou, sem prestar-lhe muita atenção, o que lhe convinha perfeitamente. Ela manteve o olhar fixo na rua, tomando pequenos goles de chá, mordiscando nervosamente o muffin, talvez se perguntando se teria dinheiro suficiente para encontrar um lugar onde pudesse dormir e ainda ficar com algum trocado. Havia um abrigo gratuito pouco menos de

um quarteirão abaixo, na Gower Street, mas ele duvidava de que ela soubesse disso. A única coisa que ela planejara antes de tomar o ônibus fora comprar a passagem.

E, como ele ainda não estava pronto para estabelecer contato com ela, sabia que precisava encontrar um meio de guiá-la até lá.

O que, claro, era a parte mais difícil.

Uma das coisas que ele aprendera em todos esses anos de “sobriedade”, como os chamava, era que as pessoas tinham cada uma sua própria mente, e que levá-las a fazer o que ele queria sem recorrer à trapaça – o que o levaria a desrespeitar seu código – requeria muita inventividade. Mas ele também descobrira que, ao serem colocadas diante da oportunidade, elas costumavam fazer a escolha certa.

Porém, como ele bem sabia, não era a decisão em si que importava. Era a intenção que havia por trás que contava.

Desligar os aparelhos de um ente querido à beira da morte para poder herdar seus bens é muito diferente de desligá-los para interromper seu sofrimento. De um lado, um assassino; do outro, um humanitário; mas não há como ser ambos ao mesmo tempo.

E a primeira atitude nunca lhe trará uma passagem direta para o céu, independentemente da maneira como as coisas possam ser vistas de fora, como um todo.

Ela já tinha comido metade do muffin quando um jovem passou diante da janela do café. Vinte e cinco anos, magro, porém musculoso, cabelo castanho despenteado e barba de alguns dias no queixo. Um belo rapaz de Hollywood – como tantos outros lá fora –, e um predador, sem dúvida.

Ele percebeu isso antes mesmo que o rapaz desaparecesse da vista.

Alguns instantes depois, o rapaz bonito estava de volta. Ele olhou a garota pela janela, deu-lhe um sorriso e foi até a porta.

Ao entrar, ele chamou a atenção dela dizendo:

– Carrie?

A garota pareceu confusa e um pouco nervosa, e o rapaz andou em direção à mesa dela dando seu melhor sorriso no estilo Jack Nicholson, mas sem nenhuma travessura nem malevolência por trás.

– Carrie Whitman, certo? Você estava na minha aula de teatro para iniciantes, no ano passado. Você fez aquela improvisação. A cena de amor, você se lembra?

A garota, visivelmente constrangida, disse:

– Acho que está me confundindo com outra pessoa.

– Não, não, não – respondeu ele, pegando então uma cadeira e sentando-se. – Nunca vou esquecer o beijo que você me deu. E você continua tão atraente quanto antes.

A garota começou a corar.

– Sério, não sou essa Carrie, e nunca tive aulas de teatro na vida.

O rapaz franziu o cenho.

– Será que você não está querendo me fazer de bobo? Porque juro por Deus que vocês duas poderiam ser... – Ele fez uma pausa, olhando-a ainda mais de perto. – Sim, sim, acho que está certa. Agora, pensando bem, você é definitivamente mais atraente do que ela.

Ele se levantou e ajeitou a cadeira.

– Desculpe por ter sido tão tolo.

Ah, como ele era bom nisso.

– Não se preocupe – disse a garota.

O rapaz lhe lançou outro sorriso, então a saudou com a cabeça e caminhou em direção à saída. Ela já havia caído na armadilha, pois girou a cabeça, seguindo-o com o olhar, enquanto ele passava de novo diante da janela.

Então ele parou, deu meia-volta e entrou de novo no café.

Agora ele olhava para a mochila dela.

– Você acabou de chegar aqui, na cidade?

A garota era inocente, mas não de todo ingênua, e hesitou antes de responder:

– Sim. Há pouco tempo.

Ele estendeu a mão:

– Eu me chamo Zack.

Ela olhou a mão dele fixamente por alguns instantes, como se estivesse ponderando sua decisão, até enfim apertá-la.

– Jenna.

– Está procurando um lugar para ficar hoje à noite?

– Hã... – disse, num outro momento de hesitação. – Sim, estou.

– Eu e alguns amigos dormimos num lugar lá em Burbank. Tem um monte de quartos, se quiser se juntar a nós... Não é grande coisa, mas é melhor que qualquer um desses hotéis vagabundos que existem por aqui.

Enquanto isso, uma mulher entrou e pediu um café. Zack não estava falando propriamente num tom de voz de conversa, o que chamou a atenção da mulher antes mesmo que ela tivesse tempo de guardar a carteira.

Zack ainda estava no meio de suas explicações, e a garota começava a ficar interessada com a perspectiva de não ter de dormir numa alameda ou num ponto frequentado por drogados, quando a mulher se virou e disse:

– Bobby, dê o fora daqui antes que eu chame a polícia.

Seu tom de voz era neutro, pragmático, prático.

Ele se virou, irritado com a interrupção. Mas sua atitude mudou assim que ele percebeu quem ela era. Pelo visto, ele e aquela mulher se conheciam.

Jenna franziu a testa.

– Pensei que tivesse dito que se chamava Zack.

– Meu nome do meio – disse ele, que, é claro, estava mentindo. Todos em Hollywood tentavam reinventar-se. – E não gosto que as pessoas me chamem de Bobby – disse, olhando agora para a mulher.

A mulher não olhou de volta.

– E não gosto quando você caça garotas que têm em média dez anos menos que você. acredite em mim, Bobby, saia agora ou vou mesmo chamar a polícia.

Ela mostrou o celular para intensificar a ameaça. Zack pareceu se irritar, mas, antes que ficasse furioso e talvez perdesse a cabeça com ela, olhou para as duas mulheres, murmurou a palavra “vadia” e acabou se retirando furtivamente em direção à porta.

Jenna parecia assustada.

– Quem era esse cara?

– Alguém com quem você não deve se envolver, querida. Ele aparece de vez em quando no abrigo para amolar as garotas, e sempre tenho de expulsá-lo.

– Abrigo?

– Cuido de um abrigo para sem-tetos no final da rua – disse, dando uma olhada na mochila de Jenna. – É bem provável que fique lotado esta noite, mas logo vai escurecer e você vai precisar de um lugar para pernoitar. Eu ficaria feliz em improvisar uma cama no meu escritório.

– Verdade?

– Claro. Mas você precisa se decidir antes que chegue o café que pedi, porque há muitas garotas lá fora que poderiam usar o espaço.

Logo que o pedido ficou pronto, Jenna pegou a mochila e seguiu a mulher para fora do café.

Ele pensou em segui-las, mas achou que não seria necessário. Jenna estava em boas mãos naquela noite, e isso era tudo o que importava. O belo Zack com certeza ia arrumar encrenca – tinha a sensação de que Jenna ia se deparar com ele de novo –, mas isso também poderia ser resolvido na hora certa.

Enquanto as duas mulheres desapareciam de vista, ele ainda continuou a ouvir o canto de sereia da alma de Jenna. Aquelas notas suaves e agudas lhe diziam que finalmente ele encontrara quem estava procurando havia tantos anos.

Pena que ela teria que morrer.

São Paulo, Brasil

—O que vocês logo vão descobrir, senhoras e senhores, é o lado selvagem de Sampa.

Callahan, espremida na parte de trás de uma antiga van, acabou ficando entalada entre um gordo turista americano e sua esposa.

A motorista e guia turística era uma brasileira de meia-idade com um microfone sem fio que fazia sua voz ecoar pelos alto-falantes, instalados por toda a van. Ela falava apenas inglês com sotaque carregado, de forma que quem não entendesse nem falasse esse idioma estava ferrado.

— Preparem suas câmeras — disse ela. — Esta é a vista de que vocês vão querer se lembrar para sempre.

Callahan passara a tarde anterior e parte daquela manhã reinterrogando as testemunhas — a equipe de Gabriela Soares, os músicos, a equipe de segurança —, fazendo perguntas sobre os potenciais inimigos da estrela pop, especialmente aqueles que poderiam estar envolvidos com práticas satanistas. Mas o único nome que ouvia de forma consistente era o de José de Souza. O traficante de drogas para o qual Gabriela trabalhara.

Isso confirmava que, perigoso ou não, esse homem precisava ser interrogado.

E Callahan teria de fazer esse interrogatório.

Então ali estava ela, sacolejando ao ritmo do asfalto, enquanto a van seguia por uma avenida próxima do limite da cidade.

À esquerda, começava a favela Paraisópolis, uma série de velhos barracos de metal e tijolos à beira da avenida que pareciam prestes a desmoronar a qualquer instante.

A favela estava localizada no coração de um bairro da zona sudoeste de São Paulo chamado Morumbi, um dos mais ricos do Brasil. O contraste entre a incontida riqueza e a abjeta pobreza era duro, visceral e deprimente. Callahan se perguntava como seria viver à sombra de tanta riqueza, acordar todos os dias e ver aquelas torres de aço e vidro, sabendo que elas representavam um mundo para o qual você nunca seria convidado.

Ela não podia deixar de reconhecer o mérito que Gabriela tivera em conseguir extirpar-se daquele buraco de ratos. Não devia ter sido nada fácil.

Saindo da avenida, a van fez uma curva e entrou numa rua estreita e cheia de entulho. Havia um lixão a céu aberto à direita, um monte de pedras e sacos de lixo em montes de alguns metros que tampavam a visão da avenida.

A van seguiu adiante e parou quando um grupo de adolescentes de motocicleta começou a andar de um lado para o outro, gritando obscenidades e fazendo com dois dedos o sinal de um círculo que os americanos podiam entender como "tudo bem", só que no Brasil isso tinha outro significado.

À frente, a rua fervilhava de favelados, jovens ou mais velhos, alguns sentados em instáveis cadeiras de metal, outros em janelas de sobrados, olhando para a rua, enquanto outros ainda ficavam na frente de lojas despojadas, vendendo doces e bebidas engarrafadas aos transeuntes.

Dois garotos que não deviam ter mais do que nove ou dez anos estavam perto de uma porta aberta e passavam um para o outro um baseado sem a mínima preocupação com as autoridades. Considerando-se a hipótese de que houvesse *alguma* por ali.

Roupas secavam na beirada das janelas. Um monte de velhas fiações elétricas e cabos telefônicos passavam entre as casas, atravessando o céu acima da rua como coloridas teias de aranha. A rua em si estava entulhada de pneus velhos, pedaços de concreto e lixeiras transbordantes, uma das quais fora revirada por um cachorro à procura de comida.

Acima de tudo, Callahan tinha a impressão de ter entrado num campo de batalha, e era bem provável que isso fosse verdade de vez

em quando.

A motorista avançou lentamente através de tudo aquilo, passando por entre o lixo, dando aos passageiros uma amostra do que significava morar num país despreparado para lidar com a pobreza.

– A cada ano, a classe média de São Paulo se torna mais rica – disse ela –, e as favelas têm decrescido em consequência disso, mas ainda são muitas. As favelas hoje têm suas próprias escolas e centros de atendimento, mas a maior parte das crianças cresce nas ruas, e deve aprender a ser esperta e rápida se quiser sobreviver. Algumas pessoas chamam isso de parque de diversões do Diabo.

O terrível segredinho de Deus, pensou Callahan. Os esquecidos, deixados para se decompor em sua própria sujeira, com pouca ou nenhuma chance de um dia sair daquele buraco que chamavam de lar. Nasceram, crescem e morrem aqui – frequentemente de forma violenta –, nada mais que um ponto de luz na tela do radar do céu.

A motorista gostava de dizer que a Barbosa Tours ajudava essas pessoas ao levar visitantes com dinheiro para conhecer a favela. Mas a verdade era que essas empresas de turismo, que explicavam sua avidez de forma tão racional, não eram mais do que traficantes da miséria humana. Não se tratava de turistas, mas de *voyeurs*. E Callahan não tinha dúvida de que uma grande porcentagem de cada dólar gasto acabava no bolso de algum ricoço.

A van dobrou uma esquina e entrou numa rua um pouco mais larga, mas igualmente abandonada; então foi para um lado e parou diante de uma loja aberta. Ali, as prateleiras estavam cheias de bugigangas industrializadas ou feitas à mão, além de uma variedade de doces locais, como beijinhos, brigadeiros e olhos de sogra.

A versão favela das típicas armadilhas para turistas.

A motorista puxou o freio de mão e levantou-se, convidando os passageiros a descer da van, explicando que a partir dali precisavam continuar a pé. Callahan saiu junto com os outros, certificando-se de que estava mesmo deixando para trás o casal de Long Island, já que pretendia escapulir.

Do outro lado da rua, à esquerda, havia uma ruela. Enquanto seus companheiros entravam obedientemente na loja de bugigangas, ela passou por trás da van e se dirigiu até a ruela sem olhar para trás.

Ela estudara cuidadosamente imagens da favela tiradas de satélite e ainda tinha nítida na mente a configuração do lugar. Martins e sua equipe haviam localizado precisamente o que acreditavam ser o esconderijo de Souza, e ela sabia que estava indo na direção certa.

Entretanto, ao chegar do outro lado da ruela, deparou-se com um labirinto quase impenetrável de ruas de habitações coletivas. A vista do chão era muito mais intimidadora do que a versão via satélite, e qualquer erro de caminho poderia retardar seu avanço.

Tirando o *smartphone* da mochila, ela ativou o GPS e estudou a rota que traçara naquela manhã. Esperava passar pelas ruas menos frequentadas para reduzir o risco de ser vista, mas, ao caminhar pelo labirinto, ela percebeu que isso seria praticamente impossível. O lugar estava cheio de gente. Ela podia sentir o olhar dos moradores e sabia que não demoraria até que Souza descobrisse exatamente o que ela estava tramando.

Callahan virou numa esquina, entrou em outra ruela e logo parou.

Um idoso sem camisa estava deitado no meio da ruela, com moscas zumbindo em volta da cabeça. Não respirava, e Callahan não sabia se ele fora vítima de violência ou se simplesmente caíra e morrera ali.

Fosse qual fosse o motivo, ela não estava gostando do que via.

Enquanto contornava o corpo, algo apareceu no canto de seu campo de visão. Logo ela se virou e conseguiu apenas vislumbrar um movimento indefinido, como se alguém tivesse acabado de passar diante da entrada da ruela.

Alguém a estaria seguindo?

Aquele que atacara o idoso?

Callahan não tinha tendência à paranoia, mas se encontrava num lugar que alimentava essa sensação, e um repentino sentimento de inquietude tomou conta dela. Sabia como lidar com a situação em caso de briga, mas sempre acreditara que era melhor evitar isso se fosse possível.

Principalmente quando não estava em seu melhor estado. A falta de sono entorpecera um pouco seus sentidos e retardara seu tempo de reação. Conseguira dormir algumas horas na noite anterior, mas não o suficiente para controlar os tremores.

Se é que não estavam piorando.

Orientando-se pelo GPS, ela andou até o final da ruela e virou à direita. Mas o mapa não podia dizer-lhe o que ia encontrar ali, e diretamente à sua frente havia uma barreira – um muro enorme, provisório, de madeira compensada, corda e folhas de metal ondulado.

Uma pintura grosseira fora feita com *spray* no muro, representando uma paisagem desolada, dominada por uma grande árvore apodrecendo. Os frutos escurecidos da árvore estavam espalhados pelo chão, em meio a um monte de ossos humanos.

Quatro palavras haviam sido pintadas no muro, em inglês:

*"Welcome to Paradise City."*³

O mal-estar de Callahan apenas aumentou enquanto ela olhava para o mural. Havia uma abertura no meio da árvore e um buraco no muro, e ela se perguntou se devia seguir adiante ou tentar achar outro caminho.

Não adiantava perder mais tempo.

Dando um passo à frente, ela se virou de lado e se espremeu pela abertura, descobrindo que o muro era mais espesso do que parecia. De fato, era um tipo de túnel formado por pilhas de entulho firmemente agrupadas, e por um instante ela se viu numa quase escuridão.

Saiu do outro lado numa rua estreita, cheia de barracos de madeira barata e alumínio ondulado.

Contudo, ficou surpresa ao constatar que a rua estava quase vazia. O único sinal de vida era uma garota sozinha, de cerca de dez anos, que estava diante de uma porta a alguns metros de distância, com um cigarro numa mão e uma arma automática com cano serrado na outra.

A garota deu uma tragada no cigarro e olhou Callahan com ar de desafio.

Venha cá, dizem os olhos, tente só me enganar.

Callahan não tinha intenção nenhuma de aceitar o convite, mas sabia que isso queria dizer que estava se aproximando de Souza.

Virando à esquerda, ela entrou numa passagem estreita entre dois barracos, esperando poder chegar à rua adjacente. Mas, na hora em que entrou, diminuiu o passo.

Diante dela, à direita, havia uma porta aberta que dava para a escuridão, e Callahan não pôde deixar de sentir que alguém – ou algo – a estava observando de dentro, esperando que ela se aproximasse.

Não havia motivo racional para acreditar naquilo, mas sua cabeça começou a formigar e seu corpo instintivamente se posicionou em modo de sobrevivência. O que ela sentia não era realmente medo, mas algo parecido. Uma percepção íntima de que nada ali estava certo e que ela devia avançar com extremo cuidado.

Tirando a mochila das costas, abriu o zíper de um bolso, enfiou a mão e agarrou uma Glock 20. Ela encontrara a arma junto com outra, de reserva, em seu quarto de hotel, na tarde anterior.

Um presente da Seção.

Segurando a arma, Callahan avançou, sentindo arrepios na nuca a cada novo passo, o coração batendo um pouco mais rápido que o normal.

Então, uma voz atrás dela disse:

– Você está aqui por nossa causa.

Callahan segurou a respiração e se virou, deixando cair a mochila para liberar a arma.

Ficou paralizada na hora em que viu quem havia falado.

A garotinha. Aquela de dez anos de idade.

A garota estava a alguns metros de distância, sem o cigarro, segurando a arma automática frouxamente de lado. Seu olhar ainda era de desconfiança, mas agora havia algo estranho em seus olhos. Uma vaga luminosidade âmbar, que fez aumentar o desconforto de Callahan.

– Você faz parte do exército de Miguel – disse ela. – Ele mandou você aqui para nos espiar.

Estava falando em inglês, e Callahan ficou desconcertada. De fato, como se lembraria mais tarde, a garota não parecia ser uma favelada. Aliás, nem parecia brasileira.

Por que não reparara naquilo antes?

Callahan não se sentia confortável em apontar sua arma para uma garota de dez anos, mas não pretendia abaixá-la. Não enquanto a criança ainda estivesse segurando um revólver.

– Calma. Não lhe quero mal.

– Você *está* com Miguel, não é?

– Não conheço ninguém chamado Miguel.

– Ele acha que pode nos salvar. Levar-nos para Deus. Mas está errado. Não existe mais salvação para nós.

A garota levantou a arma, e Callahan fez o que sabia que não deveria fazer: hesitou, não previu o movimento, totalmente ciente de que isso podia fazer a diferença entre sair dali ileso ou acabar com o rosto na sarjeta.

Mas havia algo naquela garota que a deteve.

Ela parecia tão... familiar.

Então a garota a surpreendeu. Em vez de apontar a arma para Callahan, pressionou o cano contra a própria têmpora, enquanto o âmbar de seus olhos desaparecia, deixando-os mais suaves.

– Não existe mais salvação para nós – disse ela melancolicamente.

E, ao tomar consciência do que a garota estava prestes a fazer, Callahan sentiu um verdadeiro baque de medo invadir seu peito.

– Não! – gritou ela, precipitando-se para a frente...

...na hora em que a garota segurou o gatilho com os dedos e o puxou.

[3](#) “Bem-vindo à Cidade do Paraíso” ou “Bem-vindo a Paraisópolis”.
(N. T.)

Não houve nenhum tiro.

Nenhuma cabeça de criança explodiu. Nada de corpo caído nem de sangue.

Em vez disso, Callahan piscou duas vezes e abriu os olhos, ao perceber de repente que a garota havia desaparecido completamente e que ela mesma não estava mais entre dois barracos em ruínas.

Estava sentada no chão de outra ruína. Sua mochila continuava pendurada no ombro com a arma escondida dentro, e, no celular, o GPS mostrava que agora ela se encontrava a três ruas do lugar em que estivera alguns segundos antes.

Mas que diabos aconteceu?

Callahan levantou a mão livre para olhá-la. Estava tremendo descontroladamente. Era muito mais que um simples tremor.

Pelo amor de Deus, será que ela tinha caído no sono?

Em plena missão?

Será que aquele episódio da garota não passara de uma alucinação? Um estranho tipo de pesadelo sonambúlico?

O que mais poderia ser?

Recostada num tapume deteriorado e coberto de grafites – sem ter a mínima ideia de como acabara sentada ali –, Callahan fechou de novo os olhos, tentando recompor a mente para se livrar dos tremores. Para conseguir controlá-los.

Tudo bem, disse para si mesma. Apenas uma pequena falha técnica no programa. Nada de muito preocupante.

Mas a quem ela estava enganando?

Não havia falha técnica alguma. Aquilo era um sinal de transtorno mental. Seus problemas de sono estavam batendo todos os

recordes. E ela não se cuidava e, se não conseguisse fechar esses malditos olhos *logo*, poderia acabar numa mesa de necrotério.

Ainda podia ver o rosto da garota em sua mente. Aqueles olhos desconfiados, cor de âmbar. E tinha certeza de ter visto aquela garota antes.

Mas onde?

Não existe mais salvação para nós. Não existe salvação para nenhum de nós.

Então ela se lembrou.

Callahan podia se ver sentada em seu quarto de criança, anos depois da morte do pai, olhando para o espelho da penteadeira, odiando o que via, odiando sua vida, o fato de o pai ter se matado, deixando-a com a Bruxa Malvada do Oeste. Querendo acima de tudo encontrá-lo no céu.

Não existe mais salvação para nós.

Ela era a garotinha da ruela. Aos dez anos.

E, enquanto o entendimento desse fato se arrastava como um verme até seu cérebro para nele se alojar e sugar sua autoconfiança, Callahan tentou se recompor.

Não era hora de ter um ataque de pânico nem uma crise de nervos, ou qualquer outra coisa, fosse o que fosse. Ela precisava ser operacional, já, sem desculpas.

Sem... malditas... desculpas.

Desejando que houvesse um café por perto onde ela pudesse tomar um expresso duplo com uma dose de Red Bull – e sabendo que isso era provavelmente a *última* coisa de que precisava –, fez o possível para tentar se recompor. Afinal de contas, estava sentada no meio de um inferno terrestre e, por mais incômodo que isso lhe parecesse naquele momento, tinha um trabalho a executar.

Levantou-se. Inalou profundamente o ar algumas vezes, obrigando-se a relaxar, dizendo a si mesma que aquilo ia passar, que tudo ia correr bem dali em diante... mesmo sabendo que não era verdade. Mas tudo bem. Ela já dominara outras situações difíceis graças a esse tipo de mentira.

Como sua vida inteira.

O engodo agora consistia em *fingir* tudo, em imaginar que tudo voltara ao normal, e seguir adiante.

Apagando da mente o reflexo do próprio rosto no espelho, consultou de novo o GPS e respirou fundo outra vez antes de retomar o caminho.

Esperava apenas não terminar deitada sem camisa numa sarjeta qualquer, com moscas zumbindo em volta de sua cabeça.

O esconderijo de Souza ficava na encosta de um morro, num amplo prédio totalmente cinza e sem janelas, que parecia um *bunker* da Segunda Guerra Mundial. Vários adolescentes, cada um segurando uma arma automática, formavam uma barricada desigual na frente da construção.

Outros estavam no telhado, com as armas prontas.

Pareciam esperar por ela.

Enquanto ela se aproximava, de mãos abaixadas, um dos rapazes mais velhos olhou-a rapidamente e sorriu, feliz com o que via.

Outro, mais jovem, disse:

– Isto não faz parte do tour, senhora.

– Estou aqui para ver José de Souza.

Todos os rapazes caíram na gargalhada, como se aquilo fosse a coisa mais engraçada que já tivessem ouvido. O mais velho agora se aproximava, olhando-a com certo desprezo, e com alguma hesitação a alcançou e tentou agarrar-lhe a bunda.

A mão dele estava a poucos centímetros quando Callahan lhe agarrou o pulso, torcendo-o, segurando o braço do rapaz junto às costas, enquanto rapidamente pegava a arma dele e o obrigava a se ajoelhar.

Apontando a arma para a cabeça do rapaz, ela disse aos outros:

– José de Souza. Digam-lhe que é sobre Gabriela Soares.

Chamar a casa de José de Souza de armadilha para ratos era muita generosidade.

Ela era um pouco menos miserável do que o resto de Paraisópolis, mas isso não queria dizer muita coisa, e Callahan se perguntou

como alguém com fama de ser o maior traficante de drogas da área se satisfazia em morar naquele lugar sórdido.

Apesar da escuridão um tanto lúgubre da casa, havia mostras de certo conforto material. Uma televisão de plasma de 60 polegadas estava ligada num canto da sala, mostrando intermináveis notícias do velório de Gabriela. Em outro canto havia um banheiro que estava com a porta aberta, embora nenhum mau cheiro saísse dali. E um vão à esquerda revelava uma cama king-size. Enfileiradas sobre uma prateleira acima da cama estavam duas dúzias de velas de vários tamanhos, meio derretidas.

Uma mulher nua, de pele escura perfeita, dormia sobre o colchão. Suas pernas abertas não deixavam nenhum espaço para a imaginação.

Na parede atrás das velas, mais símbolos estavam pintados com *spray* – um pentagrama, a cruz de Lorena, o agora familiar “A” dentro de um círculo e outros que Callahan não conhecia. Não haviam sido colocados ali por acaso e confirmavam o que ela já ouvira dizer.

Souza era praticante de satanismo.

Porém, embora a presença de todos esses sinais na verdade fosse suficiente para levantar suspeitas, não havia provas de que ele tivesse alguma relação com a morte de Gabriela.

Atrás e de cada lado de Callahan estavam três dos guarda-costas adolescentes de Souza, com as armas na mão, mas apontadas para o chão.

Por enquanto.

Souza em pessoa estava sentado a alguns passos dela, afundado numa poltrona detonada perto da única janela, que não era mais que um simples buraco retangular na parede com vista para a favela e o emaranhado de edifícios que se erguia no horizonte.

– Aceitei ver você apenas por curiosidade – disse ele.

Era um rapaz desengonçado, muito mais jovem do que ela esperava, com cabelo preto enrolado e uma rala barbicha num rosto anguloso. Usava apenas uma bermuda vermelha, deixando à vista feias cicatrizes de faca no peito e na barriga.

– Curiosidade sobre o quê? – perguntou ela.

– Para saber por que você pensa que sei algo a respeito de Gabriela Soares.

Callahan não viu motivo algum para fazer rodeios.

– Existem pessoas que acham que você pode ser o responsável pela morte dela.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– E você faz parte desse grupo de pessoas?

– Vamos dizer que tenho mais perguntas do que respostas – disse Callahan, encolhendo os ombros.

– Também tenho uma pergunta. Por que o Departamento de Estado americano está tão interessado em algo que aconteceu em terras brasileiras?

Callahan havia levado suas credencias diplomáticas, caso fosse necessário, e os guarda-costas de Souza encontram-nas ao revistar sua mochila. Encontraram também sua Glock 20, que imediatamente confiscaram.

Ela não sabia ainda a resposta à pergunta de Souza, motivo pelo qual escolheu uma mentira aceitável.

– Estamos aqui a pedido do governador de São Paulo. Os Estados Unidos sempre ficam felizes em poder ajudar nos casos de relevância internacional.

– Relevância internacional? – disse Souza, chacoalhando a cabeça em sinal de nojo, e então fez um gesto em direção à televisão. – Suponho que, com o mundo caindo aos pedaços, eu não deveria ficar surpreso com o fato de nossos governos se empenharem em desvendar a morte de uma hipócrita demagoga. O Oriente Médio e a Ásia Central estão prestes a implodir. A África vai vir logo depois, e mesmo assim todos os olhos estão voltados para o Brasil. O que aconteceu com a nossa preciosa Gabriela?

– Você não parece muito aborrecido com a morte dela.

– E deveria?

– Ouvi dizer que ela trabalhou para você durante um tempo. Como mensageira.

Souza deu de ombros.

– Muitas pessoas trabalham para mim. Vivem e morrem. Não é nada estranho por aqui.

Callahan pensou no homem morto na ruela e se perguntou se ele também trabalhava para Souza.

– Mas Gabriela fez declarações contra você. Ela o condenou por vender drogas para crianças. O namorado dela diz que você a ameaçou várias vezes.

– Ah, sim, Souza, o demônio. Nunca escondi o que faço nem no que acredito, e, para alguns, isso quer dizer que eu deveria ser temido e xingado. Nunca entendi por que as pessoas são tão rápidas em condenar aqueles que não acreditam em sua insignificante ideologia. A verdade é que a única ameaça que represento é filosófica. Não sou nada mais que um homem que preenche uma necessidade, sem poder algum a mais que qualquer outro ser humano. Inclusive Gabriela.

– E você nunca a considerou uma ameaça?

– Contra o quê? Meu luxuoso estilo de vida?

Callahan deu uma olhada ao redor. Ele acabava de marcar um ponto, mas mesmo assim ela prosseguiu:

– Ovi dizer que ela estava pressionando a polícia para limpar a favela.

Souza negou com a cabeça.

– Apenas um golpe publicitário. A polícia sabe qual é o seu lugar, assim como eu sei qual é o meu. E logo os policiais terão muito mais com que se preocupar do que com este pequeno pedaço do inferno.

– O que quer dizer?

– Olhe ao seu redor, agente Callahan – disse, fazendo um gesto na direção do buraco na parede. – É óbvio, para quem presta atenção, que o dragão está solto, tomando sistematicamente o controle do nosso planeta.

– O dragão?

– Satã. Lúcifer. O rei da Babilônia. O Deus dessa era. Estamos cercados por sua influência: pessoas morrendo nas ruas, guerras sem fim, a ameaça constante do terrorismo e do holocausto nuclear. As portas do inferno estão prestes a se abrir, e não há nada que se possa fazer para detê-las. Eu seria louco de me aliar a alguém que tentasse.

Souza sorriu, mostrando o dente esquerdo da frente cuidadosamente pintado com um brilhante esmalte preto e uma cruz branca invertida no centro.

– É certo que posso ser corrupto, senhorita, mas isso não quer dizer que eu seja louco nem que tenha matado Gabriela Soares.

– Então você acredita que Gabriela tenha sido assassinada?

Ele deu de ombros.

– Você sabe mais a respeito disso do que eu.

– Então, se não foi você, conhece alguém que quisesse prejudicá-la? Alguém que pratique ocultismo?

Souza endireitou-se na cadeira e então se debruçou na direção dela.

– Existe algo flutuando no ar, agente Callahan. Você consegue sentir?

– O que você quer dizer?

– As forças negras estão em plena atividade. Mais fortes do que nunca. Forças más, perigosas, que certamente podem ser responsáveis pelo que aconteceu com a nossa doce Gabriela. – Ele fez uma pausa. – Vou lhe dar um conselho, querida, seja prudente, porque você nunca sabe quem pode estar observando.

Callahan sentiu um ligeiro calafrio. Lembrou-se então de que era uma cética que acreditava mais nas ideias racionais do que em qualquer tipo de vodu supersticioso e se recompôs. As únicas forças negras em atividade ali eram homens, e Gabriela fora assassinada por mãos humanas.

Mas não as de Souza. Agora, ela estava convencida disso. Ele podia ser o suspeito óbvio e podia não hesitar em matar um rival, mas estava claro que considerava Gabriela uma ninharia sem risco e nunca tivera desejo de persegui-la, ou qualquer motivo para fazer isso.

Em outras palavras, Callahan perdera seu tempo.

– Obrigada pelo conselho – disse ela.

Souza a observou por um longo período, avaliando-a, mas não da mesma maneira obscena que outros homens (e rapazes) que ela encontrara em São Paulo. Não havia nada de lascivo no olhar dele. E isso aumentou o mal-estar dela.

Ele olhou para o próprio relógio.

– É melhor você voltar para o seu ônibus, senhorita. Está para partir. E, depois que for embora, não posso garantir sua segurança.

Então ele sorriu de novo, fazendo correr a ponta da língua na beira de seu brilhante dente preto e branco.

– Vá com Deus! – disse ele.

Ao acordar, Batty estava de olhos vendados.

A venda era espessa e fora apertada de tal maneira que não deixava entrar nem um vislumbre de luz, e ele não fazia ideia se era dia ou noite. O ar à sua volta estava úmido, a roupa e a pele ficaram molhadas de suor, e então ele supôs que ainda estava na Louisiana.

Mas onde?

Não conseguia mexer os braços nem as pernas. Estava sentado numa cadeira com as mãos atadas às costas, os tornozelos firmemente amarrados, e, a julgar pela sensação, quem lhe fizera aquilo devia ter usado aquelas fitas plásticas que sempre aparecem nos seriados policiais.

Então que diabo estava acontecendo ali?

Com certeza, ele fora sequestrado. Mas Batty sabia claramente que não tinha nada de valor para oferecer ao sequestrador. Não tinha dinheiro. Nem parentes ricos que pagassem o resgate. De fato, a única pessoa no planeta que realmente se importara com o fato de ele aparecer todo dia para tomar o café da manhã havia sido Rebecca.

E Rebecca morrera dois anos antes.

As últimas coisas das quais Batty se lembrava eram a briga fora do Bayou Bill's e o turista enfiando uma agulha em seu pescoço... seguidas pela escuridão. *Deliciosa* escuridão, para ser honesto.

Sem pesadelos. Sem imagens perturbadoras. Nada.

Até aquilo ali.

Fosse o que fosse.

Estava sentado calmamente, dizendo a si mesmo para não entrar em pânico. Com certeza, tratava-se de um engano, e esse engano seria corrigido assim que seu sequestrador percebesse que ele não era o homem visado.

Mas então as palavras do turista lhe voltaram à mente como uma martelada na cabeça – *Está bem, professor?* –, e ele percebeu que estava errado. Bayou Bill's não era exatamente o tipo de lugar conhecido por atrair acadêmicos. Era pouco provável encontrar por lá mais alguém do Trinity Baptist College tomando cerveja...

...então não havia sido um engano. Longe disso. E a única explicação era que ele fora escolhido, como suspeitara no momento em que o turista entrara no bar. O cara que impedira o motoqueiro de esmagar-lhe a cabeça até virar patê não era um bom samaritano. Fora ao Bill's somente para sequestrar o professor Sebastian LaLaurie.

A pergunta era: por quê?

Batty tentou afastar os pulsos para ver se conseguia afrouxar o nó, mas havia pouco espaço. Ele sacudiu várias vezes a cabeça para trás e para a frente, tentando sem sucesso afrouxar a venda.

– Olá? – chamou ele. – Tem alguém aqui?

Silêncio.

– Se é dinheiro o que quer, infelizmente foi muito mal informado.

Sem resposta.

O coração de Batty estava martelando, e de repente ele percebeu que estava começando a hiperventilar. Acalmando-se, diminuiu o ritmo da respiração e se concentrou, tentando ter uma noção da sala em que se encontrava, sabendo que não conseguiria muita coisa se não fosse capaz de senti-la sob os dedos.

Muito tempo se passou antes que isso acontecesse. Então, de maneira bastante abrupta, uma pequena parte da história da sala surgiu em sua mente – sentimentos vagos, porém inconfundíveis, de medo, cólera e dor – e ele soube que não era a primeira pessoa que se sentava naquela cadeira.

E que nem todos os seus ocupantes haviam saído vivos da sala.

Subitamente, Callahan sentiu-se muito cansada.

Na viagem de volta até o prédio da Barbosa Tours, não podia deixar de pensar no aviso de Souza e no sonho ou na alucinação ou crise de nervos que sofrera na ruela.

Não parava de rever a garotinha – de ver *a si mesma* – olhando para ela com os olhos âmbar.

Não existe mais salvação para nós.

Não existe salvação para nenhum de nós.

A única coisa que Callahan queria era voltar ao hotel, deitar-se na cama e, quem sabe, dormir a tarde toda. Sua mente e seu corpo estavam clamando por isso.

Infelizmente, na hora em que ela saiu do ônibus e chamou um táxi, seu telefone celular tocou.

A Seção.

– O ativo foi obtido – disse a voz sem corpo. – Você o encontrará numa casa segura, na rua Ribeiro de Lima.

– Era realmente necessário trazê-lo até aqui? Isso poderia ter sido resolvido por...

– SFP, agente Callahan. A ordem veio de cima.

SFP.

Sem Fazer Perguntas.

Em outras palavras, cale-se e faça o que estamos mandando.

Callahan suspirou.

– Ele está a par?

– Deixamos isso por sua conta.

Claro.

A Seção era às vezes tão insensível e desprovida de emoção que revoltava Callahan. A maior parte do tempo, tudo girava em torno de negócios, de mandachugas incapazes de ver que era melhor cultivar as relações do que simplesmente apertar o gatilho para depois lamentar as consequências. O fato de ela ter de apresentar a situação queria dizer apenas que eles haviam seguido um processo básico de controle e que a ela caberia a responsabilidade de tranquilizar o ativo e garantir a cooperação dele.

Nada surpreendente, mas mesmo assim um aborrecimento.

Havia dezesseis agências conhecidas na estrutura de inteligência dos Estados Unidos, entre as quais a CIA, a NSA e o FBI. A Seção era a 17a, uma unidade operacional prática, não registrada, que fora criada pela administração anterior em resposta direta aos atentados

de 11 de setembro de 2001, e à qual fora dada mais autonomia do que às demais agências como um todo.

A missão da Seção, entretanto, não era limitada à caça de terroristas. Entre suas atribuições estavam o gerenciamento e a facilitação de crises e às vezes até mesmo a instigação delas. E, considerando-se a maneira desumana como tratava seus ativos, Callahan achava que fora um milagre ela ter podido escolher juntar-se à agência quando ainda era uma recruta em potencial.

O que seu recrutador teria feito se ela tivesse recusado?

Mas talvez seu perfil psicológico mostrasse claramente que ela não ia perder tamanha oportunidade. Afinal de contas, era a candidata perfeita. Solteira. Sem parentes. Sem nenhum tipo de vínculo emocional. Ela duvidava que, de outro modo, teria sido abordada. Mesmo assim, ela estranhava que a Seção não a tivesse simplesmente arrancado da faculdade, jogado numa cela de isolamento, fazendo-a suar até que finalmente aceitasse...

Callahan interrompeu seus pensamentos.

Por que estava remoendo todas aquelas bobagens? Deixando-as de lado, fez um sinal e esperou que um táxi parasse diante dela.

Não adiantava perder tempo.

Ela tinha um trabalho a fazer.

Batty estava sentado naquele lugar havia cerca de uma hora, com os braços e as pernas dormentes, quando ouviu um som: uma porta se abrindo e fechando em algum lugar acima dele. Estava tão fraco que por um momento se perguntou se não seria sua imaginação, mas então seu instinto lhe disse que não estava mais sozinho – fosse onde fosse.

Logo depois, ele ouviu passos descendo uma escada, e uma porta se abriu bem na sua frente, deixando entrar uma leve corrente de ar fresco.

– Meu Deus – disse alguém.

Não o turista, mas uma mulher. E ela não parecia nem um pouco feliz.

– Quem é você? – perguntou ele. – O que quer de mim?

– Certamente não isso.

Então ele ouviu os passos enquanto ela se movia atrás dele. Ficou mais tenso quando ela agarrou a venda e a tirou de repente.

Uma crua luz fluorescente lhe agrediu os olhos, e ele piscou para proteger-se, vislumbrando um pequeno porão com chão e paredes de cimento e uma bancada cheia de ferramentas.

A mulher se posicionou na frente dele, e ele fez o possível para focalizá-la. Não era tão bonita quanto Rebecca nem quanto a ilusória ruiva, mas seu aspecto geral era bem atraente, e ele não teve dúvida de que em seu tempo ela já partira alguns corações.

E colhões.

Não era especialmente grande ou musculosa, mas seu corpo mostrava uma robustez bem definida, e havia uma ferocidade em seu olhar que o fez acreditar que ela seria capaz de derrubá-lo mesmo sem querer.

Felizmente, essa não era a intenção dela.

– Quero lhe pedir desculpas pela maneira como foi tratado, professor. Às vezes, as pessoas para as quais trabalho confundem brutalidade com eficiência.

– As pessoas para as quais você trabalha?

Ela tirou uma carteira do bolso traseiro da calça e a abriu, mostrando-lhe seu cartão de identidade com o que parecia ser um selo oficial.

– Agente Bernadette Callahan. Departamento de Estado.

Batty ficou boquiaberto. O documento parecia bastante real, mas mesmo assim ele tinha dúvidas. Que diabo o governo dos Estados Unidos queria com *ele*?

– Desde quando o Departamento de Estado sequestra pessoas?

– Você nem imagina – respondeu ela.

A julgar pela energia que pairava na sala, bem que ele podia imaginar. Olhou para o chão, viu um ralo e se perguntou quanto sangue já escoara por aquele buraco.

– Esse seu pedido de desculpas – disse ele, mexendo os pulsos amarrados – não inclui me desatar?

Callahan não se mexeu.

– Isso depende.

– Do quê?

– De saber se posso ter certeza de que você não vai fazer nenhuma bobagem.

– É muito tarde para isso – disse Batty. – Você terá de ficar de olho em mim.

– É por isso que hesito. Já li seu dossiê. Sei que às vezes você gosta de agir primeiro e perguntar depois... E suponho que foi assim que conseguiu essas contusões no rosto.

– Confesso que sou culpado.

– Então, veja bem, se você tentar qualquer coisa, terei de machucá-lo – disse, e em seguida sorriu. – E não quero machucá-lo.

– Mas me deixar amarrado como um porco é perfeitamente normal.

– Não fui eu que tomei essa decisão. Se você me der sua palavra de que vai se comportar direitinho, vou soltá-lo, e podemos resolver isso como dois seres civilizados.

– Já é um bom começo – disse ele. – E o que é exatamente *isso*?

– Tenho sua palavra?

Ele deu de ombros.

– Tenho outra escolha?

– Vou considerar sua resposta como um sim.

Ela foi até a bancada e voltou com um pequeno alicate. Agachando-se na frente dele, ela lhe desatou as pernas. Depois, foi para trás e novamente cortou as tiras de plástico que seguravam os pulsos dele.

Batty soltou os braços, olhando para ela enquanto esfregava os pulsos.

– E agora?

– Agora vamos subir e tomar algo.

– Acho que gostei desse plano.

– Uma bebida *não* alcoólica, professor. Quero que fique sóbrio como uma freira para essa conversa.

– Você não deve conhecer muitas freiras.

Ela lhe deu um suco de laranja.

Estava guardado na geladeira do que parecia ser uma quitinete perfeitamente mobiliada. A única coisa estranha em relação ao lugar era que não havia janela.

E, claro, sem contar a câmara de tortura embaixo.

Batty sentou-se num sofá confortável, olhando para a porta do outro lado do cômodo, perguntando-se se era a saída daquele lugar. Ainda não fazia ideia do motivo pelo qual fora levado ali e estava pensando em não demorar a descobrir. Se os seus cálculos estivessem certos, ele alcançaria a porta em questão de segundos.

Mas isso o levaria aonde?

E o que Callahan faria com ele caso fracassasse em sua tentativa?

– Onde estamos exatamente? – perguntou ele.

Ela pegou uma cadeira e sentou-se na frente dele.

– Em uma casa segura. Temos várias no mundo todo.

– Então, por que não estou me sentindo particularmente seguro agora? Suponho que não estejamos na Louisiana...?

– Um pouco mais ao sul.

Batty franziu as sobrancelhas. A única coisa diretamente ao sul era o golfo do México, então ele chutou outra possibilidade que, obviamente, era ridícula:

– No Iucatã.

– Em São Paulo, no Brasil – respondeu ela.

Batty sobressaltou-se sem querer. Isso ultrapassava o surreal e beirava o totalmente bizarro.

– E que diabo estou fazendo no Brasil, pelo amor de Deus?

– Mais uma vez, a decisão não foi minha. Eu teria sido muito feliz em lidar com isso a distância, mas as pessoas para as quais trabalho

parecem achar que a gente precisa estar aqui. E quando elas dizem “pule”, a gente deve responder “com ou sem paraquedas?”.

Batty a olhou fixamente por um longo momento.

– Vou sair disso vivo?

Ela sorriu.

– Relaxe, professor. Ninguém quer sua morte. Queremos apenas sua ajuda.

– Vocês têm uma maneira muito interessante de pedi-la. Nunca pensaram que talvez pudessem... não sei... me *perguntar*?

– Você teria aceitado?

– Isso depende do tipo de ajuda de que precisam. E, você vai me desculpar, mas nem consigo imaginar do que se trata.

– Queremos que ponha seu cérebro para funcionar por um tempo.

Batty não sabia se gostava do tom dessa resposta. Lembrando-se de que segurava um copo de suco de laranja na mão, ele o levantou até os lábios e tomou um grande gole. Era fresco e doce, e metade do suco já havia desaparecido antes que ele procurasse respirar, mas não pôde deixar de desejar que estivesse misturado com uma dose de vodca.

Acalmando-se, desejou que ela não tivesse mentido a respeito de ele sair dali vivo.

– Tudo bem – disse ele. – Vamos lá.

– Por que não começamos com uma pergunta? Você já ouviu falar em uma cantora pop brasileira chamada Gabriela Soares?

Isso era totalmente inesperado.

– Aquela boneca Barbie cristã?

– Não estou muito certa de que a maior parte das pessoas a veja dessa forma.

Batty deu de ombros.

– É apenas outra coisinha boba que prega a piedade para garotinhas, mas não faz ideia nenhuma do que está falando. Tenho certeza de que ela copia a maior parte dos seus sermões dos esboços que aparecem nesses programas religiosos de domingo de manhã na televisão.

– Posso apostar que você não acredita em muita coisa, hein?

Era uma pergunta artilosa, e Batty não hesitou em engatar sua velha ladainha. Não poderia ter evitado, mesmo que quisesse.

– Com certeza, acredito muito mais do que todos esses cretinos da TV juntos. Mas isso não tem nada a ver. Simplesmente, não acredito nesses hipócritas que declaram viver segundo a palavra de Deus e escolhem a dedo certos trechos das Escrituras para poderem fazer apologia de sua intolerância.

– Você tem opiniões muito firmes a respeito disso.

– Tenho opiniões firmes a respeito de tudo. Mas acredito que você já sabia disso. Por que o Departamento de Estado tem um dossiê sobre mim?

– Temos dossiês sobre todos os ativos potenciais – disse ela. – E pessoas do seu nível são muito atraentes para o pessoal com quem trabalho. Importante professor universitário. Erudito bíblico. Perito em ocultismo... – e fez uma pausa. – Seu perfil era muito impressionante antes de você começar a beber.

– O seu dossiê diz *por que* comecei?

Ela negou com a cabeça.

– Não pelo que li. Há algo que você queira me dizer?

Batty não respondeu, inconformado por ter trazido esse assunto à tona. Mas já obtivera a resposta que queria, e era só isso que lhe importava.

Callahan não forçou o assunto. Enfiando a mão no bolso, tirou uma folha de papel dobrado e entregou a ele.

Batty desdobrou a folha e descobriu alguns versos de uma poesia.

*"Por que antes de mei'-dia surge a noite?
Por que a luz da manhã fulge mais bela
Na grande nuvem que, ocupando o ocaso
Radiante albor no azul do firmamento,
Desce pausada e coche se afigura
De celestial, augusto mensageiro?"*

Ele nem precisava lê-las. As palavras lhe eram tão familiares quanto o Antigo Testamento. Talvez mais.

– *Paraíso perdido* – disse ele. – Qual é o problema?

– É isso o que espero que possa me dizer. Ouvi dizer que você é a maior autoridade em John Milton.

– Depende da pessoa a quem você for perguntar. O que isso tem a ver com a Barbie cristã?

– Você não vê as notícias? Não lê os jornais?

– Se eu posso evitar, não os leio.

Callahan acenou com a cabeça e mostrou a folha de papel.

– O que pode me dizer a respeito desse trecho?

Batty deu outra olhada no texto.

– Nada especialmente revelador. Você pode procurar esse assunto no Google e encontrar tudo que quer saber.

– Não sou uma grande fã da internet, professor. Há muita desinformação. Gosto do fator humano. Alguém com quem eu possa conversar. Trocar ideias. Há algo nesse trecho que lhe pareça estranho?

– Em que sentido?

– Num sentido que possa explicar por que a vítima de um assassino tinha essas palavras pintadas em sua parede.

Batty olhou para ela.

– Me diga exatamente em que está me envolvendo.

– Os detalhes virão em seguida. Por enquanto, responda às perguntas.

Batty leu de novo os versos.

– Primeiro, estão incompletos. Tem muito mais antes e depois. Acredito que você saiba que é um trecho do Livro XI, quando o sol é eclipsado e Adão e Eva veem uma nuvem descendo do céu.

Callahan confirmou com a cabeça.

– Achei tudo isso nas edições comentadas.

– Mas se estiver procurando algum tipo de sentido oculto, temo que esteja perdendo seu tempo. Visto como um todo, *Paraíso perdido* é obra de um gênio, mas algumas linhas soltas não têm muito sentido além do simples fato de que sua vítima pudesse ter algum tipo de atração por anjos. O que, é claro, me leva a crer que esteja falando de Gabriela Soares, e isso é minha deixa para me despedir.

Ele pôs o copo e a folha de papel sobre a mesa de café à sua frente e se levantou.

Callahan não se mexeu.

– Sente-se, professor. Não acabamos ainda.

– No que me diz respeito, sim.

– Quer que eu o leve de volta para baixo e o deixe amarrado?

Batty olhou para ela. Ele podia ter um bom golpe de esquerda, mas não duvidava que ela fosse perfeitamente capaz de executar aquela ameaça sem o mínimo esforço.

Ele se sentou de novo.

– Sabe, provavelmente eu seria muito mais cooperativo se você me contasse do que se trata.

Então ela lhe contou.

Explicou-lhe que estava ali para ajudar a polícia local a investigar a morte de Gabriela Soares. Que havia muitas perguntas sem resposta, inclusive possíveis sinais de rituais satânicos. Que, aparentemente, Gabriela era obcecada pelo *Paraíso perdido* e deixara uma mensagem misteriosa que talvez tivesse alguma relação com o livro.

Batty mostrou a folha de papel.

– Estes versos?

– Isso é apenas uma parte do que encontramos. A mensagem que me interessa está escrita na margem do livro, e ela a repetiu no telefone pouco antes de morrer.

– E o que era?

– *Defende eam*. Protege-a.

– Proteger quem?

– É isso que estou tentando descobrir. Quando a vítima diz algo desse tipo pouco antes de ser assassinada, você tende a pensar que deve ser importante. Seja qual for a pessoa que ela queira proteger, trata-se de outra vítima potencial, ou de uma possível testemunha. Então você pode entender por que nós queremos localizar essa pessoa.

– Temo não poder ajudá-la muito nisso.

– Sei que se trata de um tiro no escuro, professor, mas você não vê nenhuma possibilidade de a mensagem estar relacionada a esses

versos?

Batty negou com a cabeça e suspirou.

– O *Paraíso perdido* gira em torno da queda de Satã e da corrupção dos homens, e, apesar de sua vítima ter sido obcecada por ele, não consigo vincular nenhuma parte da obra a um assassinato ou a rituais satânicos.

– Você se importaria de dar uma olhada nas fotos da cena do crime?

– Se eu me recusar, você ainda assim me soltará?

– Nem pensar.

– Não sei em que isso lhe poderá ser útil.

– Dê apenas uma olhada e me diga se algo lhe parece estranho.

Ela pegou o celular e manuseou-o por alguns instantes antes de entregá-lo a Batty.

– Basta tocar na seta para fazer as fotos deslizarem.

Batty seguiu as instruções, e a tela se iluminou com uma foto publicitária de Gabriela Soares. Antes disso, ele tinha apenas uma vaga ideia da aparência da moça, mas, no momento em que viu o rosto dela, seu coração disparou.

Ele a vira antes. E não na televisão.

Era a moça que aparecera em seu pesadelo na noite anterior. Aquela cujos gritos o despertaram. Aquela consumida por uma parede de fogo.

Ele ficou parado, olhando fixamente para a foto, e então, com relutância, tocou de novo na tela, avançando para as demais fotos.

O que ele viu foi um corpo calcinado. Além de qualquer possível identificação. E depois fotos de um chão com chamuscados escuros que formavam um círculo com um "A" no centro.

Batty sentiu arrepios na nuca.

Ele olhava mudo para a tela e, de repente, foi levado para um lugar aonde não queria ir. E para um momento no tempo que ele passara os dois últimos anos tentando apagar.

Lutando para se recompor, ele disse:

– Onde encontraram o corpo?

– Num depósito, nos bastidores do espaço em que ela se apresentava.

– Preciso ir até lá. Agora mesmo.

Callahan franziu a testa.

– Não é uma boa ideia, professor. Tenho certeza de que você pode nos ajudar sem ter de...

– Não está entendendo. Não estou pedindo. Estou lhe comunicando. É imperativo que eu veja esse depósito. Você está correndo perigo. Um grande perigo. Assim como todos os que estão envolvidos nessa investigação.

– Perigo? Do que está falando?

Batty se levantou de novo. Ela até poderia tentar impedi-lo, mas dessa vez a adrenalina estava com ele.

– Não se trata de uma negociação – disse ele. – Leve-me até a cena do crime ou saia do meu caminho.

Pegaram um táxi para ir até a casa de shows.

Callahan tentara fazer LaLaurie se abrir – perguntar-lhe o que ele tinha visto nas fotografias que ela não conseguia ver –, mas ele estava inflexível. Durante o trajeto, manteve-se evasivo, e, à medida que o tempo passava, ela ia ficando cada vez mais irritada com ele.

Perigo. Grande perigo.

Que diabo isso podia querer dizer? Será que agora teria de lidar com outro tenente Martins?

Enquanto passavam pelas barreiras, Callahan percebeu que a multidão do lado de fora havia aumentado de forma considerável, e perguntou-se quanto tempo demoraria antes que as coisas ficassem fora de controle.

LaLaurie olhou para tudo aquilo com certo espanto.

– Muito fuzuê e muita aflição por uma simples garotinha.

Callahan ergueu uma sobrancelha.

– Você tem ideia do quanto Gabriela era famosa?

– Nem um pouco.

– Existe o papa e existe Santa Gabriela. E em alguns círculos o papa nem chega perto – disse, e olhou para ele. – Está disposto a falar comigo agora?

– Sobre o quê?

– Sobre o que viu nessas fotografias.

– Não até que eu tenha certeza.

– Certeza *do quê?*

– Vou lhe contar quando eu souber.

– E isso deve acontecer quando?

– Logo – disse LaLaurie. – Logo mesmo.

Exasperante.

Menos de cinco minutos depois, estavam subindo a escada da plataforma de carga e descarga. Entraram no prédio, atravessaram um pequeno armazém e seguiram por um corredor até chegarem ao depósito onde o corpo de Gabriela fora encontrado.

LaLaurie parou junto à porta, perto das cordas de isolamento colocadas pela polícia.

– Você sente esse cheiro?

– O que é? – perguntou Callahan. – E se responder gasolina, vou lhe chutar o traseiro.

– Enxofre – disse ele. – Não muito forte, mas está aqui.

– Você deve ter um olfato melhor do que o meu – respondeu Callahan, que empurrou a corda que bloqueava a entrada da cena do crime e acendeu a luz. – O motivo pelo qual mencionei a gasolina é porque uma das testemunhas insistiu em dizer que sentiu esse cheiro. Mas não encontramos nenhuma prova disso.

– Não estou surpreso. Quem era essa testemunha?

– O namorado dela.

LaLaurie confirmou com a cabeça.

– Assim como um marido sente as dores quando a mulher entra em trabalho de parto.

– O que disse?

Ele não respondeu. Estava olhando fixamente as marcas de queimado, enrijecendo o maxilar diante do que via. Pareceu estar ausente por um instante, perdido em suas lembranças – que certamente não eram agradáveis. Callahan estava prestes a chamá-lo de volta quando ele de repente passou diante dela e colocou a palma da mão contra a parede, fechando os olhos.

Ele permaneceu nessa posição pelo que pareceu ser uma eternidade, e Callahan disse:

– Desculpe me intrometer, professor, mas que diabo está fazendo?

– Tentando sentir a energia da sala. Procurando sinais.

O que diabo era aquilo? Ele era um tipo de médium?

Ela não se lembrava de ter lido *isso* no dossiê.

– Por favor, me diga que não entendi bem o que acabou de dizer.

Ele voltou à marca dos chamuscados, agachando-se ao lado. Estudou-a por um momento, então fechou os olhos e, lentamente,

quase com relutância, abaixou a mão e pressionou a palma contra ela.

No momento em que fez contato, seu corpo inteiro enrijeceu. Ele segurou os maxilares firmemente e começou a tremer, como se uma corrente elétrica o atravessasse.

– Professor?

Ela tinha certeza de que ele estava tendo uma verdadeira crise convulsiva, quando, de repente, ele soltou a mão e abriu os olhos. Seu rosto estava pálido, e a respiração, arfante.

Ela foi ao encontro dele.

– Professor, está tudo bem?

– Sim – disse ele, afastando-a com um gesto da mão. Então, levantou-se, cambaleou levemente e se apoiou contra uma parede, lutando para recuperar o fôlego. – É exatamente o que eu temia. Leve-me até o apartamento de Gabriela.

– Talvez eu deva levá-lo a um hospital antes. Parece que você acaba de voltar do inferno.

– Já lhe disse, estou bem. Leve-me até o apartamento.

– Não antes que me explique o que acabou de acontecer.

– Não tenho certeza de que esteja pronta para ouvir isso – disse, enquanto a cor de seu rosto começava a voltar e sua respiração se normalizava.

– O que você quer dizer com isso? – disse Callahan. – Pronta para ouvir o quê?

– Vou lhe explicar quando chegarmos lá.

– E que tal você explicar tudo agora, enquanto fingimos que temos de esperar?

Ele olhou para ela.

– Vamos dizer que o que aconteceu não é um incidente isolado. É por isso que eu a avisei.

– Você vai ter de me dar muito mais que isso.

– No apartamento de Gabriela, prometo que lhe conto tudo.

Callahan deu o endereço de Gabriela ao motorista de táxi.

Havia algo em LaLaurie – sua vontade inflexível, talvez – que o impedia de se acalmar.

Ou talvez fosse a dor atrás de seus olhos. Ela pôde vislumbrá-la assim que lhe retirou a venda do rosto, e viu que ela só aumentara com as poucas palavras que ele dissera na cena do crime.

Ela se perguntava se aquilo teria algo a ver com as cicatrizes nos pulsos dele e estava prestes a pensar que o dossiê enviado pela Seção fora excessivamente editado.

Ele sofrera, sem dúvida, mas ela não conseguia deixar de pensar que, qualquer que fosse o sofrimento, estava de certo modo relacionado ao que ele vira no depósito.

Se LaLaurie estava convencido de que a morte de Gabriela não era um caso isolado, então Callahan precisava saber por quê. E, por mais que ela quisesse bater nele até que ele finalmente se rendesse e contasse o que sabia, decidiu deixá-lo agir.

Ela não tinha opção.

A porta do apartamento de Gabriela, os dois foram recebidos por Rosa, que franziu a testa quando percebeu que era Callahan.

– O senhor Rocha não está disponível.

– Queremos apenas dar uma nova olhada – disse Callahan.

Rosa lançou um olhar rápido e cauteloso para LaLaurie e depois, a contragosto, deixou-os entrar. Callahan o levou até a sala de estar, surpresa por ver o rosto dele iluminar-se ao descobrir a coleção de Gabriela.

– Meu Deus – disse ele, indo em direção à vitrine de prateleiras repletas de objetos, e seu olhar imediatamente focalizou algo interessante.

– Olhe isto. Você sabe o que é isto?

Callahan não sabia exatamente o que era nenhum daqueles objetos, mas foi momentaneamente conquistada pelo entusiasmo dele e aproximou-se da vitrine. Ele lhe mostrou uma pequena cruz esverdeada que parecia ter sido esculpida em pedra, enfeitada com uma representação rudimentar de Jesus com os braços estendidos.

– Um pingente de bronze – disse ele. – Do século VII, período romano-bizantino. Os soldados costumavam usá-los nas batalhas. Deve ter lhe custado uma pequena fortuna.

– A fortuna dela, com certeza, não era um problema.

LaLaurie moveu-se até o próximo item como um típico garoto numa doceria.

– É isso – disse ele, mostrando o que parecia ser um minúsculo porta-retratos oval. – Um antigo relicário de prata com relíquia de São Leonardo. Deve ter uns seiscentos anos.

Ele continuou olhando os mostruários por alguns minutos, apontando para cada objeto e explicando de que se tratava. Relicários, gravuras, manuscritos raros, orações sacras.

Pelo jeito, ele sabia do que estava falando.

Enquanto Callahan escutava, viu um novo objeto num dos mostruários: a pequena escultura de pedra de um anjo lutando contra um dragão. A imagem que ela retirara no dia anterior da caixa que estava sobre a cama de Gabriela. Rosa devia tê-la encontrado e decidira colocá-la no mostruário.

Ela a apontou com o dedo para LaLaurie.

– E isso? Você faz ideia do que é? Além do óbvio, claro.

LaLaurie confirmou com a cabeça.

– Parece ser do século XVII. É da Revelação. São Miguel lutando contra o dragão Satã numa guerra no céu.

Uma repentina lembrança surgiu na mente de Callahan.

Você faz parte do exército de Miguel.

– Você disse Miguel?

– O santo padroeiro da cavalaria. O rei Luís XI fundou uma ordem em seu nome. Nunca ouviu falar dele?

Ele mandou você aqui para nos espiar.

– Tenho certeza de que sim, mas não estou muito a par dos ícones religiosos.

– Bem, a vítima com certeza estava. E talvez não tenha sido uma boneca Barbie, afinal de contas – disse, e apontou para os mostruários. – Ninguém monta uma coleção desse porte sem levar a fé muito a sério.

Ele fez uma pausa.

– Ou então estava querendo se proteger.

– Se proteger de quê?

Ele olhou para Callahan.

– Exatamente do que aconteceu com ela.

Ele estava prestes a se virar quando Callahan lhe agarrou o braço.

– Professor, já estendeu demais essa questão. Você tem alguma informação pertinente a respeito dessa investigação ou não?

– Onde está o exemplar dela do *Paraíso perdido*?

Callahan suspirou.

– Numa sala ao lado do quarto.

Antes que ela dissesse mais uma palavra, ele encontrou o corredor e foi diretamente até o quarto de Gabriela sem hesitar. Callahan o seguiu, e quando adentrou o quarto ele já estava entrando no closet, indo em direção ao cômodo escondido atrás dele.

Ao alcançá-lo, ela disse:

– Como fez isso? Como sabia aonde ir?

– Esta sala tem energia. Eu pude sentir sua atração.

Ele permaneceu no vão da porta, tomando conhecimento da sala de preces de Gabriela assim como fizera com a cena do crime, e a aparência de seu rosto não era fácil de descrever. Surpresa. Admiração. Mas também certo mal-estar.

Ele mostrou o símbolo azul pintado na parede.



– Você não me contou a respeito disso.

– Você não me deu oportunidade. Sabe o que é?

– É um sinete.

– Um o quê?

– Um sinal ou um selo, com poder e significado muito específico. É usado em magia cerimonial. Até sua cor tem significado.

– Então, o que quer dizer?

LaLaurie encontrou o exemplar do *Paraíso perdido* onde Callahan o deixara, sobre o púlpito. Ele o folheou até encontrar as passagens

destacadas por Gabriela. Leu-as por um momento e depois olhou para Callahan.

– O que significa – disse ele – é que você tinha razão quanto ao fato de Gabriela ter uma obsessão. Primeiro a imagem, depois a pintura e agora estas anotações no Livro XI. Mas essa obsessão não era limitada a este livro.

– Então havia mais o quê?

– Não o que, mas *quem* – e ele apontou para a parede. – Esse sinete representa o arcanjo Miguel. O azul é a cor dele.

Você faz parte do exército de Miguel. Ele mandou você aqui para nos espiar.

– E quanto às anotações feitas no livro?

– Todas estão no capítulo onze. É a parte do poema em que Miguel desce do céu para dar a Adão e Eva a mensagem de Deus.

– Tudo bem – disse Callahan. – Então concluímos que ela tinha uma obsessão. O que isso tem a ver com sua morte?

– Quase tudo, de fato.

– Como?

Ele foi até a prateleira atrás do genuflexório, retirou os livros que estavam empilhados e mostrou o primeiro.

– *A chave menor de Salomão*. Um *grimoire* do século XVII.

– Grim... o quê?

– *Grimoire*. Um livro sobre magia.

Ele lhe mostrou o livro seguinte.

– *Ritos proibidos*. Um manual para chamar os espíritos.

E o próximo.

– *Anjos, encantamentos e revelações*. Acho que é bastante explícito – disse, e olhou para ela. – Não está sentindo que existe um padrão?

Ela pensou no que Martins havia dito.

– Você acha que ela praticava magia negra?

– Magia é apenas magia. É a intenção que torna a magia branca ou negra, e existem muitas nuances no meio.

– Você diz isso como se achasse que é real.

– Ah, é muito real.

Por que ela já sabia que ele ia responder isso?

– Receio que esteja falando com uma cética, professor, e já tive minha cota de superstições e absurdos neste caso. Então, a menos que tenha respostas concretas para mim...

– Isso é o mais concreto que podemos ter. Do meu ponto de vista, Gabriela estava tentando invocar um anjo e o tiro saiu pela culatra.

Ah, meu Deus. Para que dar ouvidos a isso?

– O tiro saiu pela culatra?

– Ela chamou o anjo errado – disse ele.

Callahan queria gritar, mas mal conseguia reunir energia para isso. Estava cansada demais para discutir.

Decidiu que a melhor coisa a fazer era deixar o sujeito falar e então colocá-lo no próximo voo para a cidade dos malucos.

Entretanto, ela tinha de admitir que estava curiosa.

– O que quer dizer com anjo errado? Em princípio, os anjos não são do bem?

– Tudo é questão de intenção. Assim como a magia.

Ela pensou na paranoia de Martins.

– Sempre pensei que os *demônios* fossem os bandidos.

– São a mesma coisa – disse LaLaurie. – Os antigos gregos pensavam que os demônios eram espíritos benevolentes. Até os cristãos acham que não passam de anjos decaídos. Então, o que você chama de demônio é apenas um anjo que fez escolhas erradas.

– Você não acha que minha velha professora de catecismo veria as coisas de uma maneira um pouco diferente?

– A maior parte do que se ouve nas igrejas foi concebida por pessoas que tinham muita fé e pouco conhecimento. E a maior parte das religiões não passa de uma mixórdia de antigo folclore, inconsistências e uma lógica tortuosa.

– E você está aqui, falando de anjos e demônios como se eles fossem tão comuns quanto torradas de pão de fôrma.

– Porque não se trata de religião.

Callahan franziu as sobrancelhas.

– Acho que acabo de perder o fio da meada.

– A religião é apenas um produto derivado de pessoas que tentam explicar o inexplicável. Estou falando de algo que não tem nada a ver com nenhum tipo especial de fé, mas com a realidade. E os

anjos são bastante reais. Eles apenas ocupam outro nível de existência. Pelo menos, grande parte do tempo – disse, e fez uma pausa. – O problema começa quando tentamos convidá-los para o jantar.

– Tudo bem – disse Callahan. – Pela clareza de sua argumentação, vamos considerar que você não é maluco.

– Obrigado. Estou lisonjeado.

– Afinal de contas, você está dizendo que Gabriela invocou um anjo e teve mais do que pediu.

– Não apenas um anjo.

– Quem então?

LaLaurie mostrou o símbolo na parede:

– Eu achava que já tínhamos definido isso.

Você faz parte do exército de Miguel.

– São Miguel?

Ele confirmou com a cabeça e continuou:

– Mas tenho a sensação de que não foi Miguel que respondeu a seu chamado.

– Você disse que o que aconteceu com Gabriela não foi um incidente isolado. O que quis dizer com isso?

– Exatamente o que eu disse.

– E como sabe disso?

– Porque já vi isso acontecer antes.

LaLaurie estava ferido, tudo bem. Em algum ponto perto do lobo temporal esquerdo.

Isso poderia explicar por que estava de licença por tempo indeterminado do Trinity Baptist College.

Callahan deixara o homem falar o que bem quis, e nenhuma das palavras que ele proferira poderia expressar quão desapontada ela estava. Ou contrariada. Talvez fosse *ela* que tivesse de juntar-se aos malucos por tê-lo deixado ir tão longe.

Estava na hora de parar com essa maluquice e colocar o sujeito num avião de volta para casa antes de ir dormir.

– Obrigada por seus esclarecimentos, professor. Tenho apenas uma última pergunta. Que talvez suscite uma resposta racional.

– Você não quer ouvir o resto?

– Vou deixar isso para você e seu psiquiatra. Mas você parece ter muito conhecimento dos objetos cristãos, então talvez possa me dizer o significado de...

Ela parou de falar ao olhar para a cruz de madeira que ficava acima do genuflexório e perceber que a correntinha havia sumido.

– Que diabo aconteceu com ela?

LaLaurie se sentiu perdido.

– Com o quê?

– A medalha de São Cristóvão. Estava pendurada aqui ontem.

A aparência do rosto de LaLaurie passou da leve confusão para a repentina surpresa.

– Que tipo de medalha de São Cristóvão?

– O que quer dizer com que tipo?

– Como era? Havia alguma coisa no verso?

Callahan confirmou com a cabeça:

– Umas iniciais e a figura de um besouro.

LaLaurie enrijeceu.

– Tem certeza disso?

– Por quê? Isso quer dizer alguma coisa?

– Poderia mudar tudo.

– Como?

– Preciso vê-la. Agora mesmo.

– Já lhe disse, alguém a pegou.

– E você não faz ideia de quem possa ser?

De fato, ela pensava em alguém. Duvidava que Alexandre tivesse energia emocional para fazer alguma coisa àquela altura, então sobrava apenas a empregada, Rosa.

Virando-se, Callahan saiu, atravessou o quarto e voltou para a entrada, com LaLaurie atrás dela. Chamou Rosa, e logo depois a mulher apareceu pela porta da cozinha, com um olhar esquisito.

Callahan disse:

– Gabriela tinha uma medalha de São Cristóvão na sala de preces. Você a pegou?

– Sim, senhorita. Para preparar o enterro.

– Para o enterro?

– Sim. Ela me disse que, se alguma coisa acontecesse com ela, queria ser enterrada com a medalha.

– Por que disse isso?

– Acho que era muito importante para ela. Muito pessoal.

Parecia brincadeira. Callahan disse para a empregada trazer a medalha, e Rosa desapareceu por outro corredor, voltando alguns minutos depois com a correntinha na mão.

– Vocês não vão ficar com ela, vão?

– Só por enquanto, queremos apenas dar uma olhada – disse Callahan. – Mas, nesta altura, não posso fazer nenhuma promessa.

Rosa lhe deu a corrente, e Callahan passou-a para LaLaurie.

Ele quase ficou paralisado ao pegá-la, olhando-a intensamente. Então girou a medalha entre os dedos, para ver a gravação no verso, com as mãos tremendo, o rosto passando por uma dúzia de mudanças antes de ficar completamente atônito.

– CSP – disse ele, calmamente. – Eu estava errado a respeito de Gabriela. Isso é muito mais do que uma invocação que deu errado.

– Você sabe o que querem dizer essas iniciais?

O rosto de LaLaurie voltou a empalidecer, mas havia algo como uma estranha excitação em sua expressão, como se ele tivesse tropeçado num cofre que escondesse joias.

– Ela era Custodes Sacri – disse ele suavemente. – É a única explicação. Ninguém mais teria isso. Ninguém. Nem mesmo um colecionador. E é por isso que ela estava tentando invocar Miguel. Provavelmente, eles se falavam com regularidade.

– Que diabo é Custodes Sacri?

Ele girou de novo a medalha entre os dedos, observando-a, e então levantou a cabeça em direção a Callahan.

– Acho que está na hora de tomar outro drinque – disse ele. – Algo muito mais forte do que suco de laranja.

—**V**ocê já ouviu falar do arcebispo Jacopo de Varazze? Ou da Lenda Dourada?

Callahan decidira deixar a comédia estender-se um pouco mais, principalmente porque LaLaurie se mostrara tão estupefato com a descoberta do medalhão que ela não podia deixar de sentir-se envolvida por sua paixão.

Talvez tivesse sido um tanto apressada ao julgar o homem. A crença de LaLaurie em fenômenos de outro mundo não o tornava diferente de metade da população, então qual era o problema de ter um pouco mais de paciência, de oferecer-lhe uma bebida e ver o que mais ele tinha a dizer? Talvez houvesse algo no meio dessa baboseira que ela pudesse realmente aproveitar.

Ela o levou até o bar do hotel. LaLaurie pediu um Tullamore Dew, e Callahan escolheu uma taça de vinho Pinot da casa.

— Já ouvi falar da Regra de Ouro — disse ela. — Trate os outros... etc.

— Isso é diferente. A Lenda Dourada é uma coleção de histórias compiladas pelo arcebispo no século XIII. Histórias sobre os grandes santos da Igreja Católica.

— Como São Miguel?

Ele deu um gole na bebida.

— Era um deles, sim. Mas aquele que nos interessa agora é São Cristóvão. Você conhece a história dele?

— Sei que ele é o santo padroeiro dos viajantes, nada mais que isso.

— Segundo Varazze, Cristóvão era um guerreiro cananeu que viajou à procura de um grande rei a quem servir. Mas, quando finalmente encontrou um, logo descobriu que o rei vivia com medo

do Diabo... O que, para a mente de Cristóvão, queria dizer que Satã devia ser um rei ainda maior.

Ele fez uma pausa e tomou outro gole antes de continuar:

– Então, Cristóvão se juntou a Satã, e descobriu que, apesar de seu poder, o anjo rebelde tinha medo mortal de alguém chamado Cristo.

– Deixe-me adivinhar – disse Callahan. – Ele se tornou cristão.

– Exato. E, para servir a Cristo, ele passava os dias na beira do rio, ajudando as pessoas a atravessar em meio a uma perigosa corrente.

Alguém perto da mesa deu risada, e LaLaurie o olhou com ar irritado por causa da interrupção. Esperou um momento e prosseguiu.

– Então, um dia, um rapaz acordou Cristóvão e perguntou se ele podia ajudá-lo a atravessar o rio. Cristóvão o acomodou sobre seus ombros e foi levando-o. Porém, apesar de seu tamanho, o rapaz era pesado. Cristóvão quase afundou e mal conseguia avançar. Quando chegaram salvos à outra margem, o rapaz lhe beijou a testa e agradeceu. E então disse:

– Sou o rei ao qual você servirá.

– Jesus? – perguntou Callahan.

LaLaurie confirmou com a cabeça. Enquanto falava, ele segurava a medalha de São Cristóvão que pertencia a Gabriela. Agora ele a mostrava, apontando para a gravura do homem carregando uma criança nos ombros.

– E é por causa disso que Cristóvão se tornou santo.

– Tudo bem – disse Callahan. – Mas o que isso tem a ver com a morte de Gabriela ou com o fato de ela ter sido... O que era mesmo?

– Custodes Sacri Peregrinatoris. Guardiões do Sagrado Viajante.

Callahan o olhou com ar de suspeita.

– Sério?

– Receio que sim.

– Parece que estou em um desses ridículos programas de TV para crianças dos anos 1980.

– Longe disso – disse LaLaurie. – E, segundo a maior parte dos escritos, eles nunca existiram. Você mal conseguiria encontrar alguma coisa a respeito deles na literatura habitual. Mas existem um

ou dois escritos dissidentes por aí. É apenas necessário saber onde olhar.

– Então, quem são esses guardiões?

– Um grupo de homens e mulheres que teriam sido escolhidos pelo arcanjo Miguel para ajudar aqueles que querem fazer a viagem do pecador ao servidor, assim como fez Cristóvão.

– Todos são católicos?

LaLaurie negou com a cabeça.

– Os Custodes Sacri transcendem a ideologia religiosa. Eles vêm de todas as classes sociais. Todas as culturas. Mas cada um dos escolhidos também fez a viagem... Gabriela é um excelente exemplo. De viciada em drogas a superestrela cristã em poucos anos.

Ele girou a medalha, mostrando o besouro gravado no verso.

– O escaravelho simboliza a promessa de ressurreição para todos os homens. Um símbolo que você não vai encontrar em outra medalha de São Cristóvão. De fato, se perguntar à maior parte dos eruditos religiosos, eles vão dizer que nem existe.

– Então como sabe que isso não é um tipo de molde? Uma falsificação?

– Da mesma maneira que eu sabia como encontrar a sala secreta de Gabriela. Pode-se sentir sua energia.

Paciência, Bernadette. Paciência. Ela tomou um gole de vinho, meio lamentando não ter pedido um Tullamore Dew também.

– Então o que esses escolhidos obtêm fora isso?

– A honra de servir a Deus.

– Só isso? Nenhum assento especial no paraíso?

– Essa não é exatamente a questão – disse LaLaurie, olhando para a medalha que segurava na mão. – Gabriela não teria isso se não fosse uma das escolhidas. E isso se encaixa com o fato de ela ter tido um interesse tão profundo pelo *Paraíso perdido*.

– Por quê?

– Porque existem rumores segundos os quais o próprio John Milton teria sido membro dos Custodes Sacri.

Para Callahan, isso era uma novidade, mas seu conhecimento de Milton era ínfimo.

– Por que Gabriela, entre todas as pessoas?

– Provavelmente porque ela era muito boa em transmitir a mensagem de Deus através de sua música. Assim como Milton, por meio da poesia. Mas alguns acham que os guardiões são muito mais do que mensageiros.

– Isso quer dizer o quê?

– Que também são protetores. Como São Cristóvão. Escolhidos para proteger algo ou *alguém* em particular. Que o sagrado viajante não é apenas uma ideia, mas uma pessoa ou um objeto de qualquer tipo.

Callahan quase gaguejou de excitação.

– *Defende eam...* Protege-a.

– Exatamente. Não tinha sentido a primeira vez em que você me disse isso, mas agora, que sabemos do que Gabriela fazia parte, é óbvio que suas últimas palavras foram dirigidas aos guardiões, seus companheiros... ou até a São Miguel em pessoa – disse, e fez então um gesto em direção a Callahan. – Você tem aquele exemplar de *Paraíso perdido*?

Callahan tirou sua mochila de debaixo da mesa, pegou o livro gasto e o entregou a LaLaurie. Ele folheou as páginas até chegar ao capítulo onze, então apontou as anotações e as passagens destacadas por Gabriela.

– Estes não são rabiscos ao acaso – disse ele. – Ela estava tentando desvendar um código.

– É o que eu pensava. Mas por quê?

– Não tenho certeza, mas tenho uma sugestão. Milton era conhecido por ser admirador de Francis Bacon, e alguns historiadores pensam que ele pode ter aderido à teoria baconiana.

– Que é?

– Bacon se referia frequentemente a si mesmo como o “poeta secreto”, e há um grupo de detetives literários que acredita que ele era o verdadeiro autor da obra de William Shakespeare. Declaram que Shakespeare não era suficientemente culto para ter escrito aquelas obras.

– E que diabo Shakespeare tem a ver com o fato de desvendar um código?

– Os baconianos estão convencidos de que quem analisar cuidadosamente sua poesia verá que existem claros exemplos de criptologia... Bacon assinando secretamente seu trabalho para que o mundo saiba quem ele realmente era. Por extensão, existem os seguidores de Milton que acreditam que o poeta possa ter feito o mesmo, em homenagem a Bacon. Com uma única diferença.

– O que quer dizer?

LaLaurie bateu no livro com o dedo.

– Nos primeiros versos, Milton declara que suas palavras tiveram inspiração divina. A maior parte de nós concorda em dizer que o que ele escreveu foi uma alegoria mal disfarçada, uma acusação contra a tirania de sua época. Mas alguns desses estudos dissidentes sobre os quais lhe contei declaram que o verdadeiro sentido do *Paraíso perdido* está escondido *dentro* da poesia. Uma mensagem secreta ou profecia de Deus que leva a quem ou ao que os Custodes Sacri estão tentando proteger.

– Então, qual é essa profecia?

– Essa é a pergunta que vale um milhão de dólares, não é? Mas posso lhe dizer que já li esse livro de ponta a ponta e não fui capaz de encontrar nenhum tipo de código. Nem eu nem ninguém, pelo que sei.

– Então deve ser mentira.

LaLaurie deu de ombros.

– Tenho certeza de que é isso o que as pessoas que escrevem em publicações sobre Milton lhe diriam, supondo-se que já tenham ouvido falar desse rumor. Mas, obviamente, Gabriela não pensava assim. E ela era um dos Custodes Sacri.

– Então, será que ela já não *conhecia* a profecia?

– Outra boa pergunta. Talvez o conhecimento dos guardiões esteja limitado ao que eles *precisam* saber. E talvez ela não concordasse com isso. A curiosidade pode levar a algum tipo de encrenca.

Precisar saber. Esse era um conceito com o qual Callahan era intimamente familiarizada.

Ela deu uma olhada nas cicatrizes nos pulsos de LaLaurie.

– Por que tenho a sensação de que fala por experiência própria?

– Como eu lhe disse, já vi esse tipo de coisa antes.

- Ah, não esqueci. Estou apenas sentada aqui tentando ficar “zen”.
- O seu mantra inclui a frase “Mate LaLaurie”?

Ela sorriu.

– Talvez você seja realmente um médium. Mas fui eu que não lhe dei ouvidos quando você tentou me contar sobre isso na cobertura de Gabriela.

– Olha, não posso culpá-la. Você é cética. Eu provavelmente o seria também se estivesse no seu lugar. Mas venho de uma longa linhagem de pessoas que eram extremamente cientes de que existe muito mais lá fora do que a maior parte de nós quer acreditar. E o que testemunhei diretamente apenas confirma isso.

Ela levantou as sobrancelhas:

– Então, preciso entoar um cântico ou você vai me contar o que aconteceu?

LaLaurie precisou de alguns instantes para organizar suas ideias, como se o que ele estava prestes a dizer não lhe viesse facilmente à mente. Ele estava desenterrando uma lembrança que, havia pouco, sepultara para sempre.

Ele acabou sua bebida e pediu outra para o garçom.

– O que presenciei foi quase idêntico ao que aconteceu com Gabriela. Nunca houve nenhuma indicação de que os Custodes Sacri tivessem algo a ver com isso, mas o corpo estava exatamente na mesma condição, e o mesmo símbolo estava queimado no colchão.

Apesar de suas dúvidas quanto aos anjos bons e maus, energia mediúnica e todas as formas de bobagens sobrenaturais, Callahan voltou a se sentir empolgada.

Seria essa a descoberta que esperava? Era possível que quem matara Gabriela já tivesse matado antes?

– Você faz ideia do que esse símbolo significa?

– Presunção, vaidade, arrogância... Escolha o que quiser. Quem o deixou tem uma forte opinião de si mesmo.

– E você tem certeza de que o símbolo no colchão era idêntico?

– Tenho olhos, agente Callahan. Não estou equivocado.

O coração dela estava martelando.

– Quando e onde você viu isso?

– Cerca de dois anos atrás – disse LaLaurie. – Na minha casa.

Ele fez uma pausa, com ar sombrio.

– Na noite em que minha mulher, Rebecca, foi queimada até a morte.

Batty nunca contara aquela história antes. Ele a repassara na tela de cinema de sua mente inúmeras vezes até ficar permanentemente enjoado, mas nunca a contara em voz alta. Nunca dera voz a seu terror.

– Vivíamos em Ithaca naquela época. Meu livro sobre Milton havia sido publicado com boas críticas uns dois anos antes, e eu aceitara ser professor associado na Universidade Cornell enquanto preparava o próximo livro.

– É bastante longe do Trinity Baptist College.

Pode crer, pensou ele. Muitas coisas haviam mudado nos dois últimos anos.

– Nem pensávamos em voltar para a Louisiana. Tínhamos uma vida bastante regular, e Rebecca se sentia um pouco impaciente. Era formada em filosofia e estudos religiosos, mas não queria trabalhar, e, mesmo que eu tenha vergonha de admiti-lo, devo confessar que andava ocupado demais para lhe dar muita atenção.

Ele frequentemente se culpava por não ter percebido isso naquela época. Talvez, se não tivesse negligenciado Rebecca, hoje ela estivesse viva.

– Isso me parece um típico casamento – disse Callahan. – Como vocês se conheceram?

– Num sonho.

Demorou um momento para que ela entendesse aquela resposta. Então, levantando as sobrancelhas, ela perguntou:

– E como isso funciona mesmo?

– Às vezes, sonho com coisas. Vejo pessoas.

– E sua esposa era uma dessas pessoas?

Ele confirmou com a cabeça:

– Eu estava estudando em Princeton. No sonho, vi Rebecca no alto dos degraus do Nassau Hall e fiquei um tanto surpreendido quando ela se virou e me olhou fixamente. Disse meu nome. Mais tarde, descobri que ela também era médium.

Callahan parecia confusa.

– Não estou entendendo.

– Estávamos compartilhando o mesmo sonho.

Batty se lembrava desse sonho com muita clareza, e da repentina exaltação que mais tarde sentiu ao ver Rebecca nos mesmos degraus e ao perceber que ela o reconheceria.

O compartilhamento de sonhos não era algo incomum entre sensitivos, mas em geral era preciso um esforço coordenado para que isso funcionasse, e este fora espontâneo e divertido. Ainda mais que a garota com quem compartilhara o sonho era linda de tirar o fôlego.

Callahan não disse nada, mas Batty soube que ela estava acrescentando mais um item à sua crescente lista de absurdos.

O garçom finalmente lhe trouxe a bebida, e ele tomou um gole antes de prosseguir.

– Pois bem, vamos voltar para Ithaca. Rebecca e eu nos instalamos lá, e ela estava impaciente. E, como sempre tivera uma imensa curiosidade, outro traço que compartilhávamos, começou a se interessar por ocultismo e angelologia.

– Angelologia? Isso é novidade.

– Não exatamente. As pessoas estudam os anjos há séculos.

– É daí que vem todo esse negócio sobre anjos bons e anjos maus?

Batty confirmou com a cabeça.

– Miguel, Rafael, Uriel... todos eles. Houve uma época em que estavam lá embaixo, no fogo, junto com Belzebu, Mamon e Moloque. A única diferença é que Miguel e os outros decidiram ignorar o chamado de Satã para pegar em armas e foram embora. Decidiram honrar seu criador em vez de lutar contra ele. Assim nasceu o mito, que os promoveu a arcanjos. O mesmo mito que é vendido aos alunos todo domingo. Mas a verdade é que não há muita diferença entre eles. Estão apenas lutando pelo que acham certo.

Callahan tomou um bom gole de vinho e suspirou.

– Acho que meu cérebro está prestes a implodir.

– Imagine como me sinto. Rebecca tornou-se cada vez mais obcecada com esse negócio e me disse que tinha começado a ouvir vozes em sua cabeça.

Callahan retesou-se ligeiramente.

– Foi exatamente isso que o namorado de Gabriela me disse. Mas ele afirma que muitas pessoas ouvem vozes quando rezam.

– Muitos sensitivos as ouvem também. Então não dei muita importância a isso até uma noite em que ela disse que sentia que podia estar correndo perigo. Ela experimentara fazer conjurações e tinha receio de ter invocado um anjo malévolos.

– Ou talvez atraído um psicopata que *pensava* ser um deles.

– Pode continuar acreditando nisso se isso a faz se sentir melhor. Mas eu estava lá, e estou aqui para lhe dizer que quem a perseguia não tinha nada de humano. Havia uma presença na casa. Algo nos espiando.

Ele se lembrava de quando acordava ao lado de Rebecca e sentia aquela presença bem ali, na escuridão do quarto, um leve cheiro de enxofre no ar. Mas, estranhamente, a malevolência não parecia ser dirigida a ele. Apenas a Rebecca. E, enquanto ele a olhava dormir, sabia que algo precisava ser feito.

– Então mergulhamos de cabeça na literatura especializada – disse ele para Callahan. – Procuramos um encantamento para livrar a casa dos espíritos negros. Mas estávamos trabalhando com o texto original em latim, e nosso conhecimento dessa língua estava um tanto enferrujado.

– Então vocês entenderam errado – disse ela.

Ele concordou com a cabeça.

– Entendi errado, e Rebecca pagou o preço.

Ele ficou calado por uns instantes, revivendo mentalmente aquela noite. O anjo negro que perseguia Rebecca se tornara mais agressivo nas horas finais, deixando-a confusa e quase incoerente, levando-a a implorar que ele a deixasse.

Ele contou isso para Callahan e então acrescentou:

– Não posso imaginar que tenha sido diferente com Gabriela.

Callahan não respondeu, mas, por sua expressão, era óbvio que ele provocara uma reação.

– Devia ser por volta de duas da manhã. Eu continuava tentando o encantamento e até alguns ritos católicos de exorcismo, mas aquela coisa a estava agarrando com firmeza e não pretendia soltá-la antes que ela se entregasse.

– Se entregasse?

– É assim que eles operam. Eles não obrigam você a fazer coisas que não queira. Então trabalham por dentro de você – tentando, seduzindo, manipulando psicologicamente, criando alucinações, aterrorizando você... E agem como se estivessem afogando seu cérebro até que você, por fim, se entregue. E quanto mais fraco ficar, mais rápida será sua queda.

Batty soubera que Rebecca estava prestes a se render e tentara desesperadamente impedir isso. O que ela estava vivendo não era igual a um sonho, mas ele tentou compartilhá-lo com ela, entrar em sua cabeça, e, quando enfim conseguiu, ele ouviu sua própria voz gritando para ela, dizendo-lhe quanto ele a desprezava – que queria que ela morresse.

O quarto à volta deles começou a tremer, as janelas batiam, a cama girava sobre si mesma e, antes que Batty pudesse se esquivar, uma gaveta foi expelida da cômoda, atingindo-o na cabeça, e ele desmaiou.

– Quando acordei – disse ele para Callahan –, o quarto havia voltado ao normal. Como se nunca tivesse acontecido nada, exceto o corpo dela na cama, e o símbolo queimado no colchão debaixo dela.

Ele fechou os olhos, tentando então afastar a imagem de sua mente, torturado pelo fato de saber que os últimos momentos de Rebecca tinham sido preenchidos por palavras de ódio, proferidas pela voz dele. Será que ela tivera tempo de descobrir que fora um engano? Só lhe restava esperar que sim.

Batty pegou o copo a sua frente e tomou o líquido de um só gole.

– Não sei por que *eu* fui poupado, mas fui – disse, e riu em voz baixa, tristemente. – Se é que “poupado” é o termo mais apropriado.

– Suponho que tenha havido uma investigação.

– Não muito. Eu sabia que minha história parecia uma loucura. Então chamei a polícia e declarei que eu a havia encontrado daquele jeito ao chegar em casa, sabendo muito bem que eles me considerariam um possível suspeito do assassinato. Mas sem um motivo ou uma teoria aceitável para explicar como ela ficara daquele jeito, eles nunca tentaram me culpar. Deram uma olhada nos livros que ela estava lendo, concluíram que fora um acidente esquisito e encerraram as investigações.

– A Seção devia saber disso – murmurou Callahan. – Então, por que não me disseram nada?

– A Seção?

– Deixe pra lá – disse ela. – Mas você precisa saber que estou prestes a pular do barco agora mesmo... Aquele que tem a expressão “Que diabos?” pintada na lateral.

– Como eu já disse, não posso culpá-la. E você pode pensar que sou louco, mas sei muito bem o que vi. Pode colocar uma maldita camisa de força em mim, trancar-me num hospício, e mesmo assim minha história não vai mudar.

Ele pensou em pedir outra bebida, mas acabou desistindo. Pela primeira vez em muito tempo, não queria beber. Como se, de certo modo, o fato de finalmente ter contado sua história o tivesse livrado daquela necessidade.

Observou Callahan enquanto ela acabava sua própria bebida e pôde ver que ela estava lutando com todas aquelas informações. Será que devia correr o risco de acreditar nele? Ou simplesmente voltar para o que sabia, assim como os tiras de Ithaca haviam feito?

Mas Batty ainda não havia acabado:

– Com Gabriela, tivemos um caso similar. Ela era um dos Custodes Sacri, e, se esse anjo veio atrás dela, é bem provável que também vá atrás dos outros guardiões, na esperança de conseguir o segredo que eles detêm. Então, todos estão correndo perigo.

– Quantos são?

– Não tenho certeza. Só conheço um deles.

– Quem?

– Um negociante de antiguidades chamado Koray Ozan. Mas, até hoje, pensei que seu envolvimento não passasse de um rumor.

– O que o fez mudar de ideia?

– Recebi seus catálogos trimestrais e reconheci algumas das peças da coleção que vi no apartamento de Gabriela. Não acredito que seja mera coincidência. A meu ver, isso confirma que ele é um dos Custodes Sacri. O que quer dizer que esse homem está correndo perigo.

– Então, onde encontramos esse cara?

– Em Istambul.

Os olhos de Callahan se dilataram ligeiramente, e ela concordou com a cabeça.

– Ontem, havia uma caixa da Casa de Leilões Garanti, de Istambul, no quarto de Gabriela. A imagem sobre a qual lhe fiz perguntas estava ali dentro... Miguel lutando contra o dragão.

– Essa imagem pode ter sido um aviso para ela. De que problemas estavam por vir.

– Essas pessoas não têm e-mail?

Batty deu de ombros:

– Não sei exatamente como eles se comunicam. Nem mesmo se o fazem. O importante é que enviemos um recado para ele antes que seja...

Foi interrompido pelo celular de Callahan. Depois de pescá-lo em sua mochila, ela o colocou no ouvido.

– Callahan.

A mulher virou as costas para Batty e escutou por uns instantes, então murmurou algo antes de desligar. Quando se voltou de novo para ele, seu rosto estava pálido.

– Era a Seção. Recebi a ordem de interromper tudo e ir embora imediatamente.

– Por quê?

– Estão me enviando para Istambul.

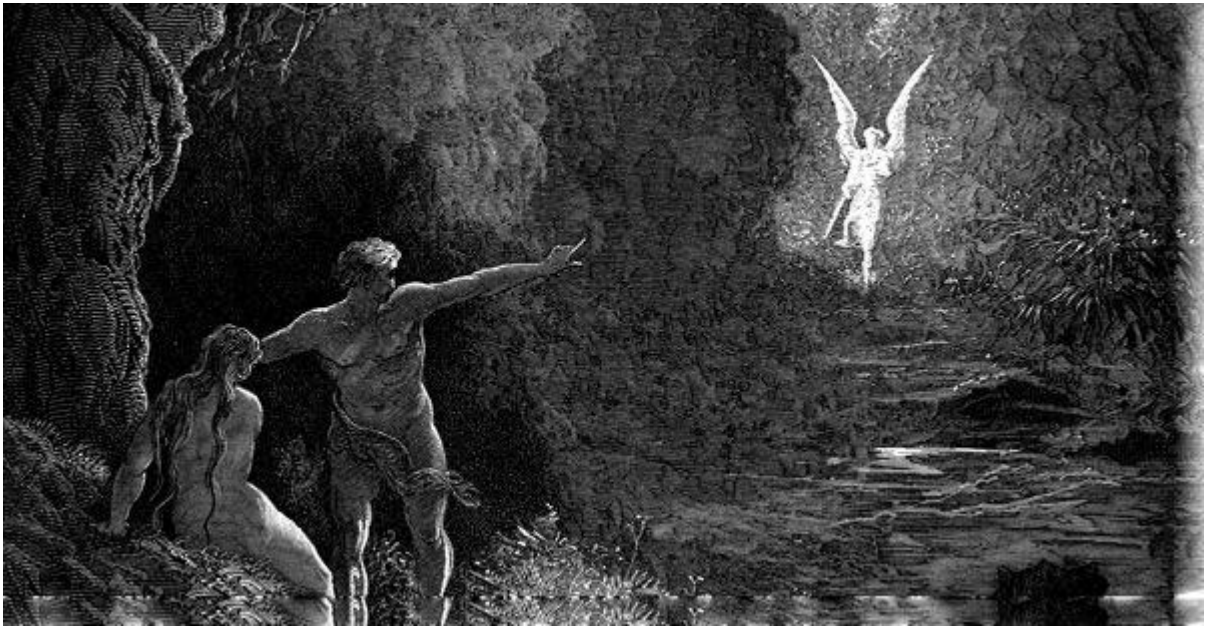
Ela olhava para ele como se estivesse começando a pensar que talvez, talvez apenas, houvesse alguma verdade em tudo o que Batty havia lhe contado.

– Koray Ozan está morto.

LIVRO V

O sol também brilha para os malvados

Deste modo falou o falso arcanjo;
E perverso infundiu danoso influxo
Do companheiro...
—*Paraíso perdido*, V:694-96



Amsterdã, Holanda

Dimitri Kovalenko não gostava de Amsterdã.

A cidade estava sempre abarrotada de pessoas andando para lá e para cá, bastante apressadas, mas nunca apressadas o *suficiente* para agradar a ele.

O pior era Rosse Buurt, aquele bairro de luzes vermelhas. De dia, a área era quase bonita, com suas ruas pavimentadas e sua arquitetura de séculos passados. À noite, contudo, aquelas ruas ficavam tomadas por farrapos humanos à procura de shows privados de striptease ou de uma transa barata, e Dimitri sempre parecia estar prestes a perder a paciência com o lugar.

Mas Dimitri trabalhava no setor de serviços. E, às vezes, esse serviço exigia que ele viajasse para cidades que odiava – o que, se parasse para pensar, incluía todas as cidades, menos sua terra natal. Ele nascera, crescera e ainda vivia em Balta, um paraíso ortodoxo russo de cerca de vinte mil habitantes situado na província de Odessa, no sudoeste da Ucrânia.

Ele era casado e tinha dois filhos, dos quais sentia muita saudade toda vez que viajava a negócios, o que acontecia muito mais do que ele gostaria.

Enquanto arrumava a mala para essa nova excursão, Yalena lhe perguntara, com certa irritação na voz, por quanto tempo ele ia continuar fazendo aquilo. O filho deles, Olek, estava começando a se comportar mal tanto na escola quanto em casa, e Yalena sentia que não aguentava mais ter de lidar sozinha com aquela situação.

– Ele precisa do pai – disse ela. – Precisa saber que você ainda o ama.

Essas palavras acabaram surpreendendo Dimitri. Como Olek poderia não saber que seu pai o amava? Ele não estava ali, trabalhando duro para lhe dar tudo de que ele precisava? O garoto achava que ele *gostava* de todas aquelas viagens?

– Esta é a última vez – disse ele para Yalena. – Nessa viagem, vou ganhar dinheiro suficiente para nos manter gordos e felizes pelo resto da vida.

– Você já disse isso antes, Dimitri. E, toda vez que faz isso, fico com medo, porque sei com que tipo de pessoas você está associado.

Kovalenko não respondera nada. Não conversava sobre negócios com a mulher, mas Yalena não era tola. Ela já vira esses sócios um número suficiente de vezes para justificar seu medo.

Contudo, ele não estava mentindo para ela. Se as coisas dessem certo naquela noite, eles teriam mais dinheiro do que jamais pensariam ser possível. E seria todo deles. Porque as pessoas para as quais ele trabalhava não sabiam dessa transação. Nem sabiam que ele havia saído do país.

Antes de ir para Rosse Buurt, Dimitri havia alugado um quarto num hotel próximo e deixara a mala debaixo da cama. Não era tão imprudente a ponto de carregá-la consigo. Não fazia ideia se o alemão era confiável e, até que visse o dinheiro, até que pudesse pegá-lo nas mãos, ele nunca entregaria a mercadoria.

E, se as coisas dessem errado, se ele fosse morto, eles nunca saberiam onde achar a mala. Um resultado que, com certeza, o alemão julgaria inaceitável.

Dimitri caminhou até a Damstraat, desviando-se da multidão de pervertidos, mantendo o olhar para a frente, recusando-se a ver as vitrines com decoração vermelha que se alinhavam ao longo da calçada. As mulheres seminuas que ali se exibiam acabavam sendo uma tentação para ele, que já sucumbira a elas por duas vezes. Embora Yalena fosse uma amante apática, de experiência bastante limitada, era boa mãe e excelente esposa, e ele não queria mais traí-la.

O fato de o encontro ter sido marcado num bordel não ajudava. Ele não teve dificuldade em achá-lo, quase no meio do quarteirão, e

subiu alguns degraus vermelho-cintilantes antes de chegar diante de uma porta da mesma cor.

Bateu. Esperou. Alguns instantes depois, a porta se abriu ligeiramente, com ruído, e uma mulher alta, de cabelo castanho e ar entediado espreitou para fora, segurando um cigarro Black Devil entre os lábios.

Ela exalou a fumaça pelo canto da boca e disse algo em holandês que ele não entendeu.

– Estou aqui para ver Vogler – disse ele em russo, fazendo um gesto para que ela o deixasse passar.

Acenando com a cabeça, a mulher abriu totalmente a porta, revelando que usava apenas uma minúscula calcinha rosa, e Dimitri não conseguiu deixar de olhá-la. Ela fez um gesto convidando-o a entrar, e ele se encontrou numa sala escura que parecia ser um bar ou, mais precisamente, um clube social. Era idêntico a qualquer clube social de Balta, com homens sentados às mesas, tomando vodca ou uísque. Mas, naquele lugar, cada um dos homens estava com uma mulher seminua no colo.

Kovalenko se obrigou a pensar em Yalena, o que talvez não tenha sido uma ideia tão boa assim. Colocando a mochila sobre o ombro, ele seguiu sua anfitriã até outra escada no fundo da sala, onde ela lhe fez um sinal para subir.

– *Bedankt* – disse ele, a única palavra em holandês que sabia, pensando que gostaria de agradecer à mulher de forma mais apropriada.

Ela exalou a fumaça do cigarro na direção dele com o mesmo ar de tédio, então virou-se e foi embora.

Dimitri subiu os degraus e se encontrou num longo corredor cheio de portas. Ele sabia que cada uma ocultava um quarto, e, como nenhum deles possuía isolamento acústico, não havia dúvida da finalidade daqueles cômodos. Lembrou-se de um lugar muito semelhante em que ocupara um desses quartos. Para sua surpresa, ele descobrira que os gemidos e suspiros a seu redor só aumentavam seu desejo.

Mas Dimitri afastou esses pensamentos da mente. Estava ali a negócios. No final do corredor, havia outra série de pequenos

degraus que levavam a mais uma porta, em que bateu.

Um instante depois, a porta foi aberta por um grande sujeito loiro com ar de mercenário, com um coldre nas axilas que deixava transparecer uma pistola nove milímetros. Dimitri reconheceu um dos homens do alemão.

O mercenário olhou-o rapidamente de cima a baixo e lhe fez sinal para entrar. No momento em que Dimitri passou pela porta, uma sensação de mal-estar tomou conta dele, que se perguntou se não havia sido tolo em ir até ali.

Não teria sido mais sábio marcar o encontro num lugar público?

O cômodo tinha pouca luz, e havia uma grande mesa de madeira. Atrás dela estava sentada uma silhueta escura, que, por um breve instante, não pareceu muito humana a Dimitri. Ele sentiu um aperto no estômago diante daquela aparição, e uma súbita vontade de fugir tomou conta dele.

Então alguém acendeu a luz, e ele suspirou de alívio ao ver Meinhard Vogler, que o olhava sorrindo.

– Por favor, senhor Kovalenko, sente-se.

Dimitri sentou-se numa cadeira e pôs a mochila no colo. Já encontrara Vogler uma vez antes e não podia deixar de se sentir intimidado por ele.

Ex-membro do Escritório de Segurança Nacional da Alemanha Oriental, Vogler dera baixa do serviço alguns meses antes da Queda do Muro e reapareceu vários anos depois como chefe da L4, uma empresa de segurança internacional que estava envolvida em quase todos os conflitos militares recentes.

Poucos anos antes, a L4 fora uma das três grandes companhias privadas que trabalharam para o governo dos Estados Unidos com o intuito de ajudar a controlar as tensões na Ásia Central. Mas uma má fama e um novo presidente agora limitavam seu envolvimento a assuntos periféricos, e Dimitri – por meio de seus contatos com a máfia russa – sabia que estavam tentando achar maneiras de reaver suas perdas. E agora que eles não estavam mais submetidos a nenhum tipo de obediência a determinada nação, não pareciam se preocupar com o modo de alcançar esse resultado. Se é que já haviam tido esse tipo de preocupação.

Dimitri até pensara que o que tinha para lhes oferecer poderia cair um dia nas mãos de alguém bastante perigoso (como se aquelas pessoas não fossem suficientemente perigosas), mas enviou esses pensamentos para a parte de seu cérebro onde as mulheres nuas e os coros de gemidos e suspiros agora residiam.

Quanto menos ele pensasse nessas coisas, melhor se sentiria, e não queria pôr em risco a transação com um repentino ataque de consciência.

– Então – disse-lhe Vogler em russo. – Você trouxe a amostra?

Foi apenas nesse instante que Dimitri percebeu que alguém se encontrava na escuridão atrás do alemão. Um homem alto de terno impecável, cujo rosto estava oculto pela sombra.

Dimitri sentiu um calafrio. Por que não notara aquela presença antes?

Sua surpresa deve ter se refletido em seus olhos, porque Vogler sorriu.

– Devo lhe pedir desculpas. Pois me esqueci de lhe informar que alguém se juntaria a nós esta noite.

– Acho que não foi um esquecimento.

O sorriso de Vogler desapareceu.

– Pense o que quiser. De qualquer modo, eu gostaria de lhe apresentar meu sócio, o senhor Radek. Ele cuidará dos acertos financeiros de nosso acordo.

O homem na sombra deu um passo adiante, e Dimitri ficou ainda mais surpreso.

Já vira Radek antes. Não em pessoa, mas no canal CNN Internacional, que ele e Yalena viam com certa regularidade.

Raymond Radek era um banqueiro de investimentos americano e ex-diretor da Nasdaq que fora recentemente inocentado de todas as acusações de fraude que o Departamento de Justiça dos Estados Unidos apresentara contra ele. Um homem relativamente jovem e, não obstante, um ícone da Wall Street, que adquirira poder com muita rapidez e, segundo alguns, sem muitos escrúpulos. O fracasso da Procuradoria dos Estados Unidos em levá-lo a julgamento – graças à retratação de várias testemunhas – foi o triunfo de Radek. Daqueles que têm repercussão mundial. E, embora sua influência

nos meios financeiros tivesse diminuído graças a essas acusações e diante da última severa crise econômica mundial, ele ainda era uma força que não se podia ignorar.

Mas nada que Dimitri já vira ou ouvira ligava Radek a Vogler e à L4, e sua presença ali parecia no mínimo estranha. Dimitri se perguntou se deveria pedir mais dinheiro.

Radek não lhe disse nada. Apenas acenou com a cabeça.

Dimitri retribuiu o cumprimento, e Vogler lhe disse:

– Agora que todos nós fomos apresentados, podemos dar uma olhada nessa amostra?

Kovalenko olhou fixamente os dois homens, novamente se perguntando se não cometera um erro em ir até ali.

Mas isso não importava mais àquela altura.

Abrindo o zíper da mochila, ele retirou de dentro um pequeno cilindro de metal que fez menção de entregar para Vogler, o qual fez um sinal em direção ao mercenário, a quem o objeto foi então entregue.

Ficaram todos sentados em silêncio enquanto o mercenário foi até um canto da sala e manuseou o cilindro. Voltou alguns minutos depois e acenou para Vogler.

Vogler olhou para Dimitri, e talvez fosse um efeito da luz, mas Dimitri de novo teve a impressão de que havia algo de não humano naquele homem. Algo nos olhos.

– Devo confessar que estou impressionado, senhor Kovalenko. Que quantidade dessa mercadoria o senhor trouxe esta noite?

– Vinte quilos. Como combinado.

Vogler içou as sobrancelhas.

– Um homem de palavra. Estou ainda mais impressionado.

Fez um sinal para Radek, e este se abaixou para pegar uma pequena maleta que pôs deitada sobre a mesa. Abrindo-a na frente de Dimitri, ele lhe mostrou dois milhões de euros em notas de vários valores cuidadosamente empilhadas.

Dimitri sentiu algo disparar em seu cérebro, como se um fluxo de ópio tivesse de repente sido liberado e estivesse lentamente se espalhando por todo o seu corpo.

Que visão extraordinária!

E, no exato momento em que estava pensando no que ele e Yalena poderiam fazer com tanto dinheiro, Radek fechou a maleta, ocultando as notas de sua vista.

– Suponho que você tenha algo para nós – disse Vogler.

Dimitri acenou com a cabeça, então procurou no bolso e tirou a chave de seu quarto.

– Hotel Hemel – disse ele, entregando a chave para Vogler.

Vogler, por sua vez, entregou-a para o mercenário loiro, que imediatamente saiu da sala.

O hotel ficava a menos de cinco minutos de Rosse Buurt, e não tiveram de esperar muito tempo até que o telefone que havia sobre a mesa de Vogler tocasse.

Vogler atendeu a ligação, disse algo em alemão e então ouviu seu interlocutor. Logo depois, desligou e sorriu para Kovalenko.

– Continuo impressionado, Dimitri. Eu não podia imaginar um começo tão promissor para a nossa nova relação.

– Começo? Concordei apenas com uma transação.

Vogler fez um gesto em direção à maleta sobre a mesa.

– Acredito que, quando vir o que há aí dentro, estará pronto para reconsiderar sua decisão.

Dimitri franziu a testa.

– Já vi o que há aí dentro.

– Acho que não – disse Vogler. – Olhe de novo.

Kovalenko hesitou. Que tipo de absurdo era aquele? Debruçando-se, segurou a tampa da maleta e a levantou. E, para sua surpresa, não havia nada dentro senão uma pequena fotografia.

Como isso havia acontecido?

Seus olhos o estariam enganando?

Foi então que ele percebeu que a fotografia era uma que costumava ficar em seu criado-mudo, ao lado da cama: Yalena, Olek e sua filha de dezesseis anos, Kateryna, sorrindo para a máquina fotográfica.

Levantando os olhos repentinamente, Dimitri viu que Vogler e Radek o observavam e que o olhar deles não tinha nada de amigável.

– Você tem uma linda família, Kovalenko. E conheço muitas pessoas que pagariam um preço elevado por toda essa beleza. Sua esposa parece ser um tanto conservadora no quarto, mas tenho certeza de que ela pode ser adequadamente treinada.

Sentindo-se tomado pela cólera, Dimitri levantou-se bruscamente. Mas, no mesmo momento, as mãos de Radek se puseram sobre os ombros dele, obrigando-o a se sentar de volta na cadeira.

– Sente-se, Dimitri.

O que esse homem fizera para surgir de repente atrás dele era um mistério, mas aquelas mãos eram muito fortes, e Dimitri não teve nenhuma dúvida de que Radek poderia quebrar-lhe o pescoço sem esforço algum.

– Temos amigos no mundo todo – disse Vogler. – Homens que saberão fazer bom uso do contrabando que você fornece. A única coisa que queremos é que continue trabalhando conosco, e logo estará muito mais rico do que jamais imaginou.

Todo o corpo de Dimitri começou a tremer. Sabia do que esses homens eram capazes e não tinha dúvida de que cumpririam suas ameaças. Olhou a fotografia e sentiu que estava prestes a chorar.

– Então? – perguntou Vogler. – Podemos contar com sua cooperação?

– Sim – disse ele em voz baixa. – Sim, claro.

Vogler sorriu de novo.

– Excelente. Acho apropriado que selemos nosso acordo com um beijo.

No instante em que Vogler disse isso, Dimitri percebeu que não eram mais as mãos de Radek que seguravam seus ombros. Radek, para sua surpresa, estava de volta atrás da mesa, ao lado de Vogler.

As mãos que o seguravam subiram até seu queixo e puxaram sua cabeça para trás. Então a morena alta de ar entediado e calcinha rosa se debruçou e enfiou a língua na boca dele, com um ligeiro hálito de tabaco.

– Essa é Klara – disse-lhe Vogler. – Ela concordou em distraí-lo esta noite.

Dimitri não sabia como nem quando ela entrara na sala, mas se sentiu sem forças, incapaz de resistir.

E enquanto ela lhe pegava a mão e puxava-o até a porta, ele a seguiu prontamente, ao mesmo tempo que todos os seus pensamentos a respeito de Yalena e as promessas que lhe fizera abandonavam sua mente.

– Não vemos a hora de trabalharmos juntos – disse Vogler.
Mas Dimitri mal ouviu a voz dele.

Quando Kovalenko e a garota saíram da sala, aquele que dizia chamar-se Radek pegou um cigarro Black Devil de um maço em cima da mesa e, após acendê-lo, exalou uma nuvem de fumaça.

– Coisinha desagradável – murmurou ele.

Aquele que se chamava Vogler recostou-se na cadeira.

– O russo ou o cigarro?

Radek sorriu e negou com a cabeça.

– Nossa intrusa secreta – disse ele, dirigindo sua atenção para um canto escuro da sala. – Sei que está aqui. Você pode se mostrar.

A escuridão se moveu e, como esperado, a intrusa saiu da sombra com o mesmo ar radiante de sempre, sua pele quase translúcida brilhando na luz artificial. Ela parecia ainda mais bonita do que naquela noite em Istambul. Se Radek não soubesse o que se escondia por sob aquela superfície, até poderia achá-la atraente.

Ela respondeu com outro sorriso.

– Cavalheiros, pensei em dar uma passada aqui para ver como estão progredindo.

– Está tudo correndo às mil maravilhas sem você – disse ele. – Como sempre.

– O que está acontecendo, meu querido? Está aborrecido comigo? Vocês dois saíram daquela casa de chá com tanta pressa que cheguei a me perguntar se não havia ferido seus sentimentos.

Vogler respondeu, irônico:

– Não se gabe. Não estávamos interessados em olhá-la enquanto seduzia seu brinquedinho.

Achando graça, ela sacudiu a cabeça e se acomodou na cadeira diante da mesa.

– Mas não é disso mesmo que se trata? – perguntou ela. – Não é exatamente o que fizeram com aquele russo e tantos outros?

Ela se debruçou para a frente, pegou um cigarro Black Devil e continuou:

– Pegar uma nova pele e se vestir como aspirante a soldado não muda o fato. Tudo consiste em conseguir que esses insetos façam exatamente o que queremos.

– Um meio para atingir um fim – disse Vogler, acompanhando suas palavras com um gesto de mão. – Temo que nenhum de nós tenha tanto prazer nisso quanto você parece ter.

Ela acendeu o cigarro.

– É verdade. Realmente tenho prazer nisso. Muito prazer. O fato de manipulá-los garante metade da diversão. Depois, basta colocar uma música e olhar enquanto os macaquinhos dançam.

– Mas a dança em si é a única coisa que importa – disse Radek. – Conseguir deles que façam o que precisamos. E nossos métodos sempre deveriam ser simples e diretos. Não tem sentido chamar a atenção sobre nós mesmos. Obviamente, você não aprendeu essa lição.

– O que quer dizer?

– A garota do Brasil. Você fez um verdadeiro estardalhaço.

Ela deu de ombros.

– Eu queria informações. Ela as deu para mim.

– E você escolheu a maneira mais espetacular que podia imaginar, quando deveria ter se aproximado por intermédio do namorado dela. Você deveria ter trabalhado com ele para obter essa informação.

– Vocês dois agem como se tivéssemos todo o tempo do mundo – disse ela. – A quarta lua é daqui a alguns dias, e não haverá outra tétrade lunar durante décadas. Fiz o que tinha de ser feito.

– E o que obteve com isso? Enquanto estamos ocupados em conseguir progressos reais, você perde seu tempo caçando um mito.

Ela suspirou.

– Precisamos ter essa discussão de novo?

– Se eu achar que vale a pena, sim.

– Essa partida é minha, vocês se lembram? Vocês dois concordaram em me deixar fazer do meu jeito.

– Não se isso nos levar ao fracasso – disse-lhe Radek. – Você me conhece muito bem.

– De fato, Radek – disse ela, e depois levantou da cadeira e deu a volta na mesa, parando a alguns centímetros dele. – Pelo seu tom, você parece me considerar um tipo de ameaça. Vamos fazer isso de forma aberta. Estou farta de termos de agir furtivamente e fingirmos ser algo que não somos.

Deu uma tragada no cigarro e exalou a fumaça no rosto dele:

– Eu o estou ameaçando, meu querido Mamon? Está com medo da pequena Belial?

Vogler lhe disse rispidamente:

– Não aqui nem agora. Não sabemos quem pode estar ouvindo.

Belial se virou para ele.

– E daí, Moloque? Está com medo de que esses vermes ouçam seu verdadeiro nome? Você acha que eles olham nos seus pequenos olhos esbugalhados e não percebem o que você é de verdade, mesmo que o covarde coração deles os impeça de admitirem a verdade? Não me obrigue a chamar nosso irmão para me apoiar, você bem sabe quais são os sentimentos dele.

Vogler não recuou.

– Não pense que pode me intimidar, Belial! E Bel também não me assusta. Não mais. Não desde que perdeu tempo tentando conquistar essas criaturas manipulando a dita *cultura* delas. Quando tudo estiver resolvido, poderemos acertar nossas diferenças, e não acredito que você ficará muito feliz com...

Uma repentina batida na porta o interrompeu.

– *Komm rein* – gritou ele.

A porta se abriu, e o assistente de Vogler, Heindrich, entrou na sala, segurando uma mala preta de náilon que encontrara no quarto de hotel de Dimitri Kovalenko. Colocando-a ao lado da mala sobre a mesa, abriu o zíper.

Todos olharam atentamente seu conteúdo: cinco cilindros de chumbo contendo vinte quilos de urânio U-235 altamente enriquecido, para armamentos.

Aquele que se chamava Radek olhou com ar satisfeito:

– Veja, minha cara, é *assim* que se deve fazer. Esse é o tipo de dança que pode ser útil para nós. Sem mitos, sem ideias fantásticas. Apenas a boa criatividade humana à moda antiga – e nós puxando as cordas.

Ele olhou para Belial, e um sorriso de autossatisfação se espalhou por seu rosto.

– Bem-vinda ao fim do mundo.

Los Angeles, Califórnia, EUA

Ele passara dias observando a garota, Jenna.

Encontrara um lugar do outro lado do abrigo, um pedaço de meio-fio entre dois carros estacionados do qual se apossara. Para quem o observasse, ele era mais um sem-teto ocupando espaço e esperando que o abrigo lhe servisse algo para jantar.

De certa forma, era verdade. Ele *era* sem-teto. Fora expulso do único lar que conhecera, havia muito, muito tempo, e se sentira desenraizado e perdido, procurando alguma razão para a traição de seu pai.

Mas seu pai nunca fora muito bom em explicações.

Somente em consequências.

O abrigo era um prédio pequeno e baixo no centro do quarteirão e parecia ter sido uma antiga loja de qualquer coisa. Loja de discos. Sebo. Loja de peças automotivas. Pizzaria. Casa de penhores.

Talvez tudo isso.

Não fazia diferença. Agora servia ao mesmo tempo de dormitório e refeitório para a sopa, com espaço suficiente para dez camas – de lona com um cobertor, na verdade – que eram dobradas toda tarde para dar lugar a uma dúzia ou mais de mesas e cadeiras.

Ele observava Jenna através da janela da frente. Ela andava junto com a mulher do café, que aparentemente lhe pedira, assim como para as outras garotas, algum tipo de ajuda em troca de um lugar garantido para dormir. Trabalhavam com ela na cozinha e carregavam bandejas cheias de comida até uma longa e estreita mesa no fundo da sala. Então, ao lado, colocavam pratos e copos de papel e talheres de plástico.

Às seis da tarde, as portas se abriam, e quem estivesse com fome era convidado a entrar para comer.

Abandonando seu meio-fio, ele atravessou a rua e entrou na fila. Podia ouvir a canção de Jenna, mais alta, mais vibrante do que nunca, e sumiram da sua mente todos os pensamentos segundo os quais ele poderia ter se enganado com relação a ela.

Juntamente com outras três garotas, ela estava atrás de um balcão, servindo feijão com uma grande concha. Ela o olhou cautelosamente quando ele se aproximou e apresentou seu prato, e ele sabia que ela se esforçava para não desviar o olhar. A pele que ele adquiriu era jovem, mas muito danificada pela bebida, pelos cigarros e pelas drogas, e não devia ser muito fácil encará-lo.

Servia para sua finalidade, mas ele sabia que não duraria muito tempo.

– Obrigado – disse ele em voz baixa, sorrindo para ela, sentindo a canção de sua alma em volta dele, enquanto ele contava mentalmente os dias até a quarta lua.

Tudo mudaria para eles.

Tudo.

E o mundo nunca mais seria o mesmo.

Ele estava sentado à mesa, comendo o jantar, quando o rapaz bonito passou diante da janela da frente e olhou para dentro.

Zack, o servo.

O delinquente estava apenas andando à toa – como fizera na outra noite –, mas deu uma visível parada quando percebeu Jenna, e então seguiu adiante.

Ele voltaria. Não havia dúvida sobre isso. Esperaria que a mulher que gerenciava o abrigo entrasse em seu escritório, ou fosse até o café para tomar algo, então ele entraria rapidamente e tentaria abordar Jenna de novo. Faria todo o possível para desmentir as declarações da mulher e lançaria seu charme para que Jenna fosse até a casa dele.

Será que ele também podia ouvir a canção dela?

Não. Os servos não têm esse tipo de sintonia. Mas talvez alguém o tivesse mandado ali. Ele parecia ser do tipo pelo qual Belial sentia atração, o perfeito espécime que ela tinha tanto prazer em corromper, de maneira que sua presença ali podia bem ser obra dela.

E isso não era nada bom.

Fosse qual fosse o motivo, Zack era um aborrecimento que precisava ser detido antes que pudesse colocar de novo as mãos sobre Jenna. Algo que deveria ter sido feito duas noites antes, bem na saída do café.

Antes tarde do que nunca.

Ele demorou um tempão para encontrar o rapaz.

Enquanto a escuridão descia, ele ouviu risos e entrou num beco da Western Avenue, três quarteirões ao sul do abrigo. Viu o rapaz bonito junto de outra garota perto de um conjunto de lixeiras, acendendo um cachimbo de metanfetamina. A garota era ainda mais jovem que Jenna, com treze anos, talvez, e uma frieza precoce, além de feridas abertas no rosto em número suficiente para provar que vivia na rua havia já um bom tempo.

Que desperdício.

Mas ele não hesitou. Foi diretamente até ela, afastou-a de Zack e do cachimbo e empurrou-a em direção à saída do beco.

– Vá para casa – disse ele.

Fosse qual fosse a casa dela naqueles dias.

Ela não precisou ouvir duas vezes, e logo depois estava longe.

Aparentemente, Zack não gostou da intrusão. Interrompeu a tragada e soltou uma fumaça rançosa.

– Quem é você, porra?

– Você não sabe?

– E eu deveria saber, seu idiota? Você acaba de me fazer perder uma chupada das boas.

– Você não deveria ter me dito isso.

Ele estendeu a mão e agarrou a camiseta de Zack. Então empurrou o rapaz contra o muro do beco ao mesmo tempo que o

levantou até que os pés dele não tocassem mais o chão.

O cachimbo voou longe, e Zack tentou lutar dando chutes e balançando os braços desesperadamente, mas, pela expressão de seu rosto e pelo pânico absoluto de seus olhos, podia-se ver que de repente ele soube exatamente contra quem estava se debatendo.

– Puta merda, você é *ele*, não é? Aquele de quem estão sempre falando.

– Quem é o seu *significante*?

Zack não disse nada, lutando como um inseto alfinetado sobre um quadro de aviso.

– É Belial? Foi ela que o mandou aqui? Que lhe disse para procurar a garota do abrigo?

Zack continuava se debatendo.

– Não sei do que está falando. Me larga!

Ele aumentou a pressão, e as articulações de seus dedos apertaram mais profundamente o peito de Zack.

– Responda à pergunta, seu merdinha. *Belial é seu significante*?

– Sim – ofegou o delinquente, agora tremendo de dor. – Sim, sim.

– E a garota do abrigo?

– Apenas outra menina que fugiu dos pais. Eu a encontrei sozinho. Eu a vi uma noite dessas e resolvi dar o primeiro passo.

– Não foi Belial que mandou você?

– Não. Ela não sabe nada sobre a garota.

– Muito bem – disse ele, e então soltou o rapaz.

Zack caiu no chão do beco, gemendo, com a mão no peito, tossindo e arfando, tremendo como um cachorro assustado. Uma poça de urina se formara debaixo de seus pés.

– Por favor... – disse ele. – Por favor, deixe-me ir...

– Você sabe que não posso fazer isso.

Passando a mão por baixo da jaqueta, agarrou sua adaga. Era uma antiga adaga romana de ferro, dobrável, que ele possuía havia muitos anos e guardava em perfeito estado. Houve uma época em que ele carregava também uma espada, mas ela seria chamativa demais nos dias de hoje.

Ao ver a adaga, Zack gritou:

– Posso trabalhar para você! Faço tudo o que você quiser. Belial não precisa saber. Posso ser seu espião!

Uma proposta interessante, mas a última coisa de que ele precisava era um servo para si. Especialmente um tão pronto a trair seu significante. Ele estava prestes a dar um fim no filho da mãe quando ouviu um grito agudo vindo de trás e soube imediatamente que fora descuidado – rápido demais em seus cálculos e em suas conclusões.

A garota de feridas no rosto também era serva.

E havia levado reforços.

Ao mesmo tempo que seu grito repercutia nos muros do beco, ela se precipitou e subiu nas costas dele, com um canivete aberto na mão. A garota o golpeou com força, enfiando a lâmina em seu pescoço, e ele cambaleou para o lado, sentindo um violento calor alastrar-se por todo o corpo.

Girando o corpo, ele deu uma cotovelada que atingiu o nariz da garota, derrubando-a ao chão. Ela gritou de novo, e ele girou outra vez e a chutou, com toda a força, quase lhe arrancando a cabeça dos ombros. Os olhos ferinos da garota de repente se apagaram quando seu pescoço chicoteou para trás e ela colidiu violentamente contra o muro...

...explodindo numa nuvem de poeira negra.

Os outros então se aproximaram dele, mais três garotos de rua – dois rapazes e uma menina. Mais velhos e mais perigosos do que aquela que gritara.

Ele tentou não repetir o mesmo erro com estes. Tentou não humanizá-los, não pensar que outrora haviam sido crianças inocentes. Procurou esquecer que eles tinham pais que sentiam sua falta, que esperavam por um telefonema ou olhavam para a porta todas as noites, na esperança de que eles voltassem. Ele se obrigou a lembrar que não eram mais crianças, mas instrumentos vazios e selvagens cuja única finalidade era ajudar seus significantes a se apoderar de novas almas.

E matar quem tentasse impedi-los.

Enquanto os garotos o cercavam, ele arrancou o canivete do pescoço, e o sangue jorrou da ferida, esguichando até o muro do

beco e escorrendo sobre sua jaqueta. Com uma lâmina em cada mão, ele firmou a postura e ficou esperando que seus olhares sem alma se conectassem – o silencioso sinal para o início do ataque.

No começo, moveram-se em uníssono, aproximando-se dele por três lados diferentes. A garota e um dos rapazes tinham facas, e o segundo rapaz carregava uma espécie de soco-ínglês com três garras afiadas saindo de uma das extremidades.

A arma veio em sua direção rapidamente e com muita força, oscilando como um bastão de beisebol, mas ele a desviou com o antebraço direito, sentindo uma dor aguda quando uma das garras o atingiu. Avançando, projetou o braço e enfiou a adaga romana no pescoço do rapaz, abrindo uma profunda e sangrenta ferida. Os olhos deste se abriram e ele titubeou para trás, com a mão na ferida – mas era tarde demais. O golpe fora fatal, e o rapaz sabia disso.

Uma fração de segundo depois ele virou pó.

Um a menos, mas os dois outros ainda se aproximavam, e a garota, vindo pelo lado esquerdo, lhe deu uma facada. A lâmina era bastante comprida e penetrou profundamente, logo abaixo da caixa torácica, irradiando dolorosamente calor por todo o seu corpo.

Sem hesitar, ele lançou o braço esquerdo, cortando-lhe a testa com a adaga. Então levantou uma perna e chutou a garota, fazendo a sola de sua bota bater no queixo dela, que desabou no chão. E aí voltou sua atenção para o namorado dela, que se precipitava em sua direção.

O garoto tornava as coisas fáceis demais.

Ele simplesmente se esquivou e brandiu a adaga, cuja lâmina surpreendentemente entrou no pescoço do garoto com pouca resistência. A cabeça dele rolou no chão e explodiu em uma nuvem de poeira, logo seguida pelo resto do corpo.

Mas ainda não acabara.

A garota estava de novo em pé e, apesar do sangue que escorria por seu rosto, ela não pretendia se entregar. Ele pôde ver que ela estava pronta para atacá-lo novamente e não queria mais perder tempo com ela.

Largando a adaga, ele passou a mão pelas costas e tirou sua Glock 20 da parte de trás da cintura da calça. Girou a arma e atirou,

acertando duas balas no peito da garota.

Ela caiu para trás sobre o asfalto, com a boca se abrindo e se fechando como um peixe fora da água, e o inevitável aconteceu: a única coisa que sobrou foi um amontoado de poeira negra.

Quando ele voltou a prestar atenção em Zack, não se surpreendeu ao constatar que o delinquente fugira, deixando para trás um rastro cheirando a urina.

Mas não havia muito que ele pudesse fazer em relação a isso.

Estava bastante ferido. E não demoraria muito para que aquele corpo o abandonasse de vez.

Colocando a mão sobre o pescoço ensanguentado, retirou a faca do flanco e a atirou ao chão, e então caminhou em direção à saída do beco, sabendo que deveria renunciar temporariamente à vigilância de Jenna.

Não que ele quisesse, mas não tinha outra escolha.

Estava na hora de procurar uma nova pele.

Aquele que se denominava Jonathan Bel não estava a fim de dar entrevista, mas, no momento em que viu a jornalista, mudou de opinião.

Ela era bastante atraente.

Era óbvio que ela se arrumara para aquela ocasião, e ele não queria desapontá-la fingindo uma polida indiferença diante de sua aparência. Pensou em descruzar as pernas para que ela tivesse uma visão indisfarçável do efeito que causava nele, mas decidiu que isso seria um pouco demais. Ele não queria assustá-la.

Em vez disso, ofereceu-lhe seu olhar mais admirador, e ela se deleitou como uma gatinha sedenta diante de uma tigela de leite.

– Então, para os poucos leitores que ainda não assistiram ao programa – disse ela –, por que não explica do que trata *Santos e pecadores*?

Estavam sentados em cadeiras de diretor, à direita da cabine de som. Ele lhe proporcionara uma visita pela nova casa que estavam construindo, e ela parecera bastante impressionada com o que vira. Na verdade, era a primeira vez que Bel também a visitava. Ele não costumava passar muito tempo no *set* de filmagem. Possuía um império para supervisionar, e isso era apenas uma pequena parte dele.

– É simples – disse-lhe ele. – Colocamos vinte pessoas numa casa e as obrigamos a conviver. Dez delas são o que a maioria de nós chamaria de gente virtuosa, enquanto as outras dez já passaram por vários tipos de problemas, por assim dizer. Santos contra pecadores. Depois de oito semanas de inúmeros desafios para o coração e a mente do pessoal, quem ainda restar ganha um milhão de dólares.

– Bem, obviamente é uma fórmula de sucesso.

Bel acenou com a cabeça.

– Ficou em primeiro lugar durante seis semanas. O canal já renovou o contrato por mais uma temporada, motivo pelo qual estamos construindo este cenário. Agora estamos selecionando os candidatos.

– Ótimas notícias. Mas o que você responde aos que dizem que o programa é forjado?

– Em que sentido?

– Os santos parecem nunca vencer os desafios. Apenas os pecadores.

Bel riu, varrendo a acusação com um gesto de mão.

– Não é assim que o mundo normalmente funciona?

O ar fora da cabine de som estava um tanto frio. Enquanto acompanhava a jornalista até o estacionamento, Bel tirou a jaqueta de couro e a pôs sobre os ombros da mulher. Era um pecado cobrir aquela pele morena macia, mas o cavalheirismo era algo raro em Hollywood e lhe garantia alguns pontos.

Ele queria seduzi-la à moda antiga.

A entrevista fora bastante agradável. Depois de fazer uma série de perguntas, a jornalista lhe lançara um sorriso e um olhar que queriam claramente dizer que ela estava interessada nele. Ele sabia que podia seduzi-la propondo-lhe um papel de figurante em um de seus seriados (ele produzia uma dúzia de programas para diferentes canais), ou talvez um teste para reportagens ao vivo em um de seus novos canais de TV a cabo – mas aí já seria trapaça. Bel não queria usar nenhum truque com aquela mulher. Ele a encarava como a um desafio e sentia que seus esforços não ficariam sem retorno.

– Você sempre usa óculos escuros à noite? – perguntou ela.

Ela tinha lábios carnudos, mas não modificados por colágeno ou implante, como muitas mulheres naquela cidade. Ele se via mordendo o lábio inferior dela, ouvindo-a chorar de dor enquanto ele lhe sugava o sangue.

Então, ele continuaria pelos seios dela.

Ele colocara óculos escuros porque sabia que seus olhos lhe davam uma injusta vantagem em relação a ela. Dentro do estúdio,

ela gostara tanto de sentir o olhar dele sobre ela, que ele resolvera impor-se mais um obstáculo.

– Sempre – disse ele, para responder a pergunta dela, sem, no entanto, fornecer mais explicação.

– É que parece um tanto... pretensioso, acho. Prefiro ver seus olhos.

Claro que preferia.

Bel sorriu:

– Se pudesse ver meus olhos agora, acredito que se sentiria envergonhada.

Dez pontos para ele.

Chegando ao estacionamento, ele foi até a vaga que reservara para ela e onde um Miata com dez anos de uso a esperava. Ele imaginara que ela dirigisse algo de mais alto padrão, mas então se lembrou de que ela trabalhava para um jornal.

Ela sabia carregar sua pobreza com atitude.

Parando diante da porta do motorista, ela abriu a bolsa e procurou a chave. Ao encontrá-la, virou-se, e Bel deu um jeito de se aproximar. Não o suficiente para que ela se sentisse desconfortável, mas bastante para que suas intenções ficassem claras.

Ela não se afastou. De fato, até o surpreendeu:

– O que acha de tomarmos algo?

– Eu adoraria.

– Moro num apartamento nos arredores de Cahuenga, logo passando a colina. É bem provável que eu tenha uma garrafa de vodca.

– Excelente. Vá na frente.

Ela sorriu e se encostou contra ele, passando os dedos por sua calça jeans.

– E assim que acabarmos nosso drinque, talvez eu possa fazer algo com o diabinho que você tentou esconder de mim até agora.

– Nem tão pequeno assim – disse ele.

O sorriso da jornalista se alargou, e ela se aproximou para beijá-lo.

– Espero que esteja me dizendo a...

Parou de repente, e seu corpo começou a tremer. Seus olhos reviraram nas órbitas, deixando ver apenas o branco.

Bel ficou momentaneamente surpreso, mas então suspirou.

Merda.

Deu um passo para trás enquanto a jornalista continuava a tremer. Aquilo, para os não iniciados, podia parecer um caso de emergência médica.

Mas Bel sabia que não era.

Procurando em seu bolso, ele pegou um maço de cigarros e acendeu um, esperando pacientemente que o efeito passasse. Então, com os olhos ainda revirados, a jornalista parou de tremer e sentou-se no capô do carro.

– Fizemos umas descobertas interessantes – disse ela.

Belial. Sempre fazendo entradas teatrais.

– Espero que sim, querida. Não gostei nem um pouco dessa interrupção.

Ela mirou o jeans dele com o branco dos olhos.

– É óbvio. Parece estar se dando bem com a pele que adquiriu. Você parece até mais bonito do que em Istambul.

Ele fez um gesto com a mão.

– Vá direto ao ponto.

Ela concordou com a cabeça e em seguida fez uma pausa.

– Fui informada por um dos meus servos que alguém que nós conhecemos e amamos fez um fuzuê hoje.

– Quem?

– Meu querido irmão. E ele acabou com alguns dos meus queridinhos.

– Verdade? – disse Bel rispivamente. – E por que eu deveria me preocupar com isso?

– Porque o fuzuê está relacionado a uma garota de quinze anos. Ele parece muito preocupado com ela – disse, e então fez uma pausa. – Preocupado demais.

Bel deu uma tragada no cigarro. Aquilo *era* interessante.

– Quem é essa garota?

– Sei apenas o nome. E meu servo disse que ela é bastante atraente. Infelizmente, ainda não tive a oportunidade de verificar por mim mesma. Andei um tanto ocupada.

– Isso pode não ser nada. O interesse de seu irmão por essa criatura pode ser apenas predatório.

– Sem essa, Belzebu! – ela sempre usava o verdadeiro nome dele.

– Você o conhece quase tanto quanto eu. Ele tomou uma decisão em relação a isso há muito tempo, e duvido que mude.

Bel negou com a cabeça.

– Ele não é mais santo do que o resto de nós. A fábula que essas criaturas idiotas construíram a respeito dele é patética.

– É verdade, mas ele é arrogante o suficiente para acreditar nela, e fui informada que hoje ele apareceu do nada, o que me faz supor que está observando essa garota há algum tempo. E isso é muito revelador.

– Já passamos por esse tipo de coisa antes – disse Bel.

– Mas e se ele estiver certo desta vez? E se a garota realmente for o Telum?

Mais que tudo, Bel queria acreditar nisso, mas não tinha tanta certeza. O irmão de Belial sempre fora muito cauteloso, e não havia dica nenhuma do que ele estava planejando. E, mesmo que Bel o desejasse, nada disso queria dizer que o antigo companheiro deles tivesse realmente encontrado o que todos eles procuravam havia tanto tempo. Ele podia simplesmente tentar distraí-los, com a previsão da próxima lua.

Além do mais, identificar o Telum representava apenas metade da batalha. Precisavam também encontrar a chave para libertá-lo. E não era justamente para isso que iam atrás dos Custodes Sacri?

– Belzebu?

Bel despertou de seu devaneio, olhou para ela e perguntou:

– Moloque e Mamon me disseram que você os visitou em Amsterdã. Deve ter sido divertido.

Ela deu de ombros.

– Mamon não muda. Ele está prevendo um colapso total da Wall Street. E Moloque continua brincando de soldado, trabalhando incansavelmente para distribuir estrategicamente suas armas e seus servos.

– Mas isso será o suficiente? – perguntou Bel. – O eclipse é daqui a alguns dias.

- Mais um motivo para procurar essa garota.
- E os Custodes Sacri? Se ela realmente é o Telum, precisamos dessa chave para fazer o acordo. Ou *desfazê-lo*, se necessário.
- Infelizmente, de certa forma, estou num impasse. Aquele de quem a brasileira me deu informações desapareceu.
- Então, *procure* por ele – gritou Bel. – Você queria tomar a liderança dessa operação, então traga resultados.

Ela se retesou:

- Não se trata apenas de você, Belzebu. Todos nós temos algo a ganhar com isso.

Bel sabia que ela estava certa, e não gostava de perder a calma. Mas já haviam chegado perto demais para ver o trabalho arruinado por algum erro tolo ou uma briga mesquinha.

Ele pensou em todas as rivalidades, calúnias, intrigas, alianças desfeitas, guerras...

E aonde aquilo tudo os levaria?

- Perdoe-me, querida. Estou esperando por isso há tanto tempo que, às vezes, acabo me perguntando se chegaremos mesmo a ver isso acontecer.

– Veremos, sim – disse ela. – Eu lhe prometo. Mas enquanto estiver ocupada em caçar Custodes Sacri, preciso que fique vigiando meu irmão e a garota. Já dei instruções a Zack para fazer um novo contato e aguardar nossas ordens.

- Espero que tenha razão a respeito dela.

Belial avançou até encostar-se nele.

- Não se preocupe, Belzebu. Tudo vai dar certo. O Mestre vai reinar de novo e trazer toda a fúria de Abyssus junto com ele.

Ela o beijou na bochecha, demorando-se ali por um momento, e disse:

- *A posse ad esse.*

E então desapareceu.

LIVRO VI

Uma viagem com o senhor e a senhora

Na marcha os liga indissolúvel nexo:
Nem montanha, nem vale, ou rio ou bosque,
Lhes urde estorvo, lhes desune as filas.
—*Paraíso perdido*, VI:68,71



Istambul, Turquia

Batty e Rebecca já tinham ido a Istambul no início do casamento, quando o interesse deles pela Antiguidade e pelas tradições bíblicas estava no auge. Haviam descartado os roteiros turísticos e passeavam pela cidade a pé, impregnando-se do ambiente: das paisagens, dos sons, dos cheiros e das pessoas.

Istambul, que outrora fora proclamada a nova Roma, era uma cidade de colinas cuja história trazia muitas influências. Dividida entre dois continentes, o europeu e o asiático, havia sido o centro dos impérios Romano, Bizantino, Latino e Otomano, e vivera a queda do imperador Constantino XI Paleólogo durante uma terrível batalha contra os otomanos.

Descendente de Constantino I, o Grande – primeiro imperador romano cristão –, dizia-se que Paleólogo fora resgatado do campo de batalha por um anjo e até hoje esperava por sua ressurreição.

Batty mal conseguia segurar o fôlego.

Assim como sua cultura, Istambul era uma mistura do antigo e do novo, de tradição e modernidade. Antigas mesquitas, sinagogas e catedrais ornamentavam as ruas, tomadas pelo trânsito e repletas de torres altas. Embora o governo fosse laico, o lugar respirava a espiritualidade do Velho Mundo, uma sensação que era reforçada pelo chamado à oração transmitido por alto-falantes ao longo do dia.

Enquanto andava de seu hotel até a praça Taksim, Batty lembrava-se da alegria de Rebecca ao mergulhar na cultura local. Ela sempre abraçara a vida com o irrestrito entusiasmo de uma criança, e era difícil caminhar por essas ruas sem sentir falta dela.

Viajar com Callahan também era algo bem diferente.

– Esse é o esquema – dissera-lhe ela quando embarcaram no avião, em São Paulo. – Somos o senhor e a senhora Franklin Broussard, de Baton Rouge, Louisiana, em nossa primeira viagem ao Oriente Médio.

– Por que esse subterfúgio? – perguntou ele.

– Existe muita tensão naquela área agora, e não temos outra escolha. Segundo disseram meus colegas, não podemos esperar nenhuma cooperação da polícia de Istambul, e também o governo turco não nos quer lá. Felizmente, o país é aberto ao turismo.

Batty sabia que Callahan não queria que ele fosse com ela. Era obviamente uma pessoa que gostava de trabalhar sozinha. Mas quem estava acima dela insistira para que ele fosse junto, e não era difícil deduzir que ela não gostara daquilo.

– Vamos direto ao ponto – disse-lhe ela quando eles se acomodaram em seus assentos. – Você faz parte desta missão apenas por um motivo, professor: para juntar e fornecer informações. Você tem um conhecimento único de todo esse negócio, e, considerando suas qualificações, estaríamos loucos se não tirássemos vantagem disso.

– Por que percebi um “senão” no que acaba de me dizer?

– Sentada naquele bar, escutei sua história e sinto mesmo pena pelo que aconteceu com sua esposa. Mas tenho por princípio acreditar no que vejo, e, até que eu realmente veja algo que me convença do contrário, continuo achando que estamos lidando com um tipo de assassino serial muito inteligente, sofisticado e louco.

– E se estiver errada?

– Serei a primeira a reconhecer.

Depois de chegarem ao hotel, Batty observara Callahan utilizar um programa do celular para forjar as credenciais que ela apresentaria ao departamento de polícia de Istambul. Na fotografia, ela usava um lenço e parecia uma cidadã nativa. Porém, como Istambul era composta de uma mistura de turcos, curdos, judeus, georgianos, armênios, gregos e um pouco de tudo mais, isso não queria dizer muita coisa. A carteira de identidade estava redigida em turco, mas ele duvidava que o nome verdadeiro de Callahan estivesse escrito nela.

– Então, quem é essa? – perguntou ele, olhando por cima de seu ombro.

– A nova médica-legista do Laboratório Criminal de Istambul. Quero dar uma olhada nos restos mortais da vítima.

– E o que eu devo fazer enquanto você está se divertindo?

– Já lhe disse. Juntar e fornecer informações.

– Ah, é? E o que tem em mente?

– Você vai fazer turismo.

Era por esse motivo que Batty estava atravessando a praça Taksim em direção à Casa de Leilões Garanti, onde o corpo de Koray Ozan fora encontrado na noite anterior. A tarefa dele consistia em determinar a localização exata do corpo na cena do crime, e, como Callahan não conseguira fornecer-lhe uma planta do prédio, ela lhe dissera para verificar as entradas e enviar a ela um relatório sobre possíveis ameaças à segurança.

– O que está planejando? Arrombar o lugar?

– Preciso ter acesso à cena do crime. E, a menos que consiga obter uma autorização da polícia local, não vejo outra maneira.

– Isso me parece bastante arriscado. O prédio certamente está sendo vigiado.

– Deixe que eu cuido disso – disse ela. – Seu trabalho consiste apenas em observar. Não fique ansioso nem se meta onde não for chamado. Se for preso, terá de se virar sozinho.

A casa de leilões ficava ao norte da praça, e Batty não precisou do endereço para encontrá-la. Ainda havia várias viaturas da polícia estacionadas na frente, com policiais fardados nos arredores.

O prédio era amplo, retangular e totalmente moderno, com largos degraus que levavam até a entrada. Acima das portas de correr, de vidro, havia um enorme cartaz vermelho, escrito em turco e inglês, que anunciava um leilão para caridade, com traje a rigor, às oito horas daquela mesma noite.

Os empregados haviam fechado a casa logo depois da descoberta do corpo de Ozan, mas o *Hürriyet Daily News* relatara que o leilão aconteceria conforme previsto. A sala de exposições fora reaberta

naquela manhã para apresentar os objetos que seriam vendidos à noite.

Enquanto Batty estava na calçada diante da entrada, sentiu uma leve trepidação, o que não era surpreendente, considerando-se o que acontecera dentro do prédio.

Vencido por uma repentina relutância à ideia de entrar na casa, ele deu uma olhada ao redor e reparou numa casa de chá do lado oposto.

Atravessou a rua, encontrou uma mesa livre na calçada, e logo depois uma garçoneite veio anotar-lhe o pedido.

– Pois não?

Era uma mulher delicada e atraente, na faixa dos vinte anos. O nome escrito no crachá era Ajda.

– Chá preto – disse ele. – Bem doce.

Ela deu um sorriso forçado, acenou com a cabeça e entrou no estabelecimento.

Foi apenas então que Batty sentiu algo estranho a respeito da mulher. Ele não sabia exatamente o que provocara aquela sensação. Não havia nenhum rastro de enxofre no ar, embora esse pudesse estar disfarçado sob o perfume da garçoneite ou sob os cheiros em geral da cidade. Talvez tivesse sido aquele sorriso forçado que ela lhe dera ou o aspecto estranhamente vazio de seus olhos.

Ou talvez ele estivesse ficando paranoico demais.

Enquanto esperava pela bebida, ele se recostou na cadeira e tentou relaxar, olhando atentamente para a casa de leilões, sabendo que sua tarefa não era nada mais do que um exercício desnecessário. Ele não precisava ver a cena do crime para saber exatamente o que acontecera ali.

A única coisa que ele precisava fazer era fechar os olhos.

Callahan demorou quinze minutos para encontrar os restos mortais de Ozan.

A parte mais difícil fora passar pelo controle de segurança, no saguão do departamento de polícia, graças a um novato zeloso

demais, que se sentira obrigado a consultar três supervisores diferentes antes de deixá-la passar.

No final, a identidade recém-criada e o turco fluente de Callahan acabaram funcionando, e ela subiu de elevador até o necrotério, onde o corpo do negociante de antiguidades fora guardado para ser examinado.

Callahan se sentia frustrada por ter tanto trabalho apenas para poder examinar a vítima. A Seção tinha um contato dentro do departamento, mas ele estava com distúrbios nervosos, e haviam lhe dito que sua capacidade de ajudá-los provavelmente estaria comprometida. Assim, Callahan estava sozinha e às cegas.

Mas andar às cegas parecia ser seu modo operacional padrão nos últimos dias. A Seção lhe dera como tarefa descobrir se essas duas mortes estavam realmente interligadas, porém ela ainda não sabia *por quê*.

Seria possível que eles acreditassem que houvesse algum componente paranormal em tudo aquilo? Seria possível que, entre todos os peritos com os quais ela poderia ter se associado, eles tivessem escolhido LaLaurie exatamente por causa de seu passado? E seria esse o motivo que fizera com que eles insistissem para que ele a acompanhasse até Istambul?

Essas questões a atormentavam desde o momento em que ele contara sobre a esposa. E a falha da Seção em divulgar tudo o que sabiam a respeito do professor a deixara preocupada. Ela já os vira fazer coisas bastante questionáveis, mas descartar uma verificação aprofundada do passado não fazia parte dos métodos, e ela estava aborrecida com o fato de pensar que eles pudessem não confiar nela.

Ela podia imaginar o que fariam se descobrissem seus problemas de insônia e o episódio em Paraisópolis. Sem dúvida, eles a tirariam imediatamente de campo e a eliminariam.

A Seção não era conhecida por ser sentimental.

Ela não acreditava que a confiança que tinham nela seria confirmada por sua decisão de ter deixado LaLaurie sozinho numa missão. Mas Callahan achava que a ideia era justificada. Exceto em relação aos dois uísques que ele tomara no bar do hotel, ele parecia

ter conseguido controlar a bebedeira – por duas vezes resistira à possibilidade de beber algo durante o voo –, e, como Callahan não podia contar com a ajuda de agentes locais, considerava razoável colocá-lo para trabalhar. Ele não era um profissional, mas uma pequena missão de reconhecimento não deveria trazer-lhe muitos problemas, desde que ele seguisse o protocolo.

O elevador parou no quarto andar. Um sinal na parede indicava que o necrotério ficava à esquerda, no final de um corredor com muito movimento, e ela localizou a sala de autópsia sem maior dificuldade.

A sala era pequena e estava cheia. Havia cinco mesas de exame dispostas de maneira a ocupar racionalmente o espaço e permitir que os legistas se movessem sem dificuldade. Três deles trabalhavam nesse momento, cortando a carne dos cadáveres, pesando órgãos, preparando lâminas para futuros exames, enquanto ditavam o que faziam em microfones instalados acima de cada mesa.

Callahan encontrou uma prateleira com jalecos perto da porta e vestiu um, grampeando seu crachá de identificação no bolso. Foi de mesa em mesa, cumprimentando os legistas, observando cuidadosamente os cadáveres. Mas nenhum deles era o de Ozan.

Havia uma janela à sua direita e por trás uma sala repleta de equipamentos de laboratório. Ela abriu a porta e entrou, e seu olhar foi imediatamente atraído por um balcão, em que se encontravam restos calcinados de um cadáver sobre um lençol branco.

Bingo.

A Seção tinha razão em se preocupar com aquele caso. Se aqueles restos mortais serviam de pista, o caso *era mesmo* semelhante ao que acontecera em São Paulo. O cadáver estava quase no mesmo estado que o de Gabriela Soares.

Callahan não teria certeza absoluta enquanto não olhasse para a cena do crime, mas já duvidava de que fosse mera coincidência.

Havia uma máquina fotográfica, montada sobre um tripé, perto do lençol. Uma das partes do cadáver – um fêmur enegrecido – estava sobre uma bandeja retangular, prestes a ser fotografada. Ao lado, havia um terminal de computador, exibindo uma série de fotos, pois

várias partes do cadáver já tinham sido catalogadas e acrescentadas ao dossiê da polícia.

Callahan pôs a mão num bolso e pegou um cartão de memória SD. Colocou-o no computador e copiou os arquivos um após o outro, foto por foto, documento por documento.

Estava no meio do processo quando uma voz atrás dela disse em turco:

– Quem é você? O que está fazendo aqui?

Virando-se bruscamente, Callahan viu um rapaz de ar tímido, usando um jaleco, olhando-a fixamente.

Enquanto tomava seu chá, Batty não pôde deixar de sentir que havia algo errado com a garçonete. Percebeu que estava ficando obcecado com aquilo.

Realmente, o fato de estar sóbrio tinha seus inconvenientes.

Ele tinha certeza de que centenas ou até milhares de garçonetes da cidade despertariam a mesma sensação – assim como motoristas de táxi, tiras, médicos, pedreiros, secretárias e muita gente mais. Mas isso não tornava as coisas mais leves.

Havia muitas delas lá fora. Sempre haveria. Um batalhão de almas comprometidas, desejando fazer tudo o que lhes fosse solicitado em nome de seu protetor. E, apesar de seu mal-estar, ele sabia que ficar obcecado não lhe traria nenhum benefício.

Entretanto, o fato de saber que aquela garçonete se encontrava tão perto da casa de leilões o levava a acreditar que ela também pudesse estar juntando e fornecendo algum tipo de informação. E, se isso fosse verdade, ela poderia perfeitamente estar vinculada à entidade negra que atacara e matara Ozan. E Gabriela Soares.

E Rebecca.

Ao terminar o chá, ele pôs a xícara sobre o pires, levantou-se e colocou uns trocados na mesa.

Chega de ficar parado. Estava na hora de fazer aquilo que o levara até ali.

Atravessando a rua, ele passou ao lado dos carros de polícia e dos homens fardados e subiu os degraus até a entrada da casa de

leilões. As portas de vidro se abriram quando ele se aproximou, e na hora em que penetrou no prédio ele sentiu...

...um persistente resíduo de morte.

Havia um balcão de atendimento na frente, com uma mulher bem-vestida, mas de ar sombrio, que, sem dúvida, ainda sentia a dor da perda.

À direita ficava a sala de exposições. Os mostruários de vidro contra as paredes continham vários objetos e esculturas antigas. Pinturas a óleo estavam penduradas acima em trabalhadas molduras – nos estilos barroco, bizantino e da Alta Renascença. Paisagens celestiais repletas de querubins alados contrastavam com obras mais violentas, entre as quais, uma que representava a decapitação de Holofernes pela viúva Judite.

A visão da espada cortando o pescoço dele fez Batty sentir calafrios.

À esquerda, havia um conjunto de portas duplas abertas que levavam à sala de leilões propriamente dita, onde várias fileiras de cadeiras encaravam um pódio e uma mesa de mostruário. Mais à esquerda ainda, ficava um elevador, com um guarda fardado ao lado, e, atrás dele, havia uma escada coberta com carpete que levava para dentro do prédio e que era vigiada por outro guarda.

Batty olhou para o quadro de informações pendurado na parede entre eles. Também estava escrito em turco e inglês e indicava que os escritórios e arquivos ficavam no final daquela escada.

Segundo o relatório da agência de Callahan, era lá que o corpo de Ozan havia sido encontrado, numa sala de arquivos raramente usada. Mas Batty não precisava de nenhum sinal para perceber isso. Podia sentir, vindo da escada em sua direção, uma implacável e gritante violência que era difícil ignorar.

Ele duvidava de que existissem janelas ou outras entradas lá para dentro, e, se esses guardas ficassem no local a noite toda, Callahan não conseguiria passar por eles.

Um deles estava justamente olhando para Batty, que sorriu, fez-lhe um sinal com a cabeça e atravessou o saguão em direção à sala de exposições, fingindo olhar sem compromisso, enquanto secretamente perscrutava o resto do saguão.

Os sanitários e telefones ficavam em frente à escada. Os extintores de incêndio e os alarmes estavam estrategicamente colocados ao longo das paredes. No vidro escuro de uma janela perto da porta estava escrito GUVENLIK – SECURITY.

Ele estava meditando sobre a futilidade de sua tarefa quando as portas do elevador se abriram e vários homens saíram de dentro: policiais à paisana, junto com três peritos criminais que carregavam seu material dentro de caixas de ferramentas de plástico.

Todos pareciam cansados, o que queria dizer que haviam trabalhado a noite toda e grande parte do dia. E, se as provas que haviam juntado fossem tão escassas quanto as encontradas em São Paulo, eles teriam um árduo mistério para resolver.

Batty sacudiu a cabeça com ar sombrio.

Eles não sabiam com que estavam se deparando.

E ele não podia deixar de sentir inveja deles.

—Eu lhe fiz uma pergunta – disse o rapaz que vestia a roupa do pessoal do laboratório. – O que está fazendo aqui?

Callahan fingiu ficar irritada e voltou a dedicar sua atenção ao que sobrara do cadáver de Ozan.

– O que parece que estou fazendo? – disse ela em turco. – Estou catalogando os restos da vítima.

– Pensei que fosse Leila que estivesse encarregada disso.

Ela ajustou a máquina fotográfica.

– Leila teve de se encarregar de outro serviço e me pediu para substituí-la.

– Mas acabo de vê-la indo para o banheiro.

Callahan o olhou duramente.

– Então é você que vive atrás dela?

– O quê? – disse ele, fazendo um movimento para trás.

– Ela me disse que alguém do laboratório a estava assediando. Ela está indo para o departamento de pessoal agora mesmo.

Ele a olhou com espanto:

– E você acha que sou eu?

– Não sei dizer, sou nova aqui... – disse Callahan, dando de ombros. – Onde estão os objetos pessoais de Ozan?

Ele piscou os olhos, confuso pela repentina mudança de assunto.

– Os objetos pessoais – disse ela, impaciente. – Onde estão?

– Não... Não tenho certeza – balbuciou o rapaz. – Suponho que já tenham sido guardados. Esse caso não é meu.

– Então, por que me faz perder tempo?

A boca do rapaz se abriu como se ele estivesse prestes a dizer algo mais, e então se fechou, e ele foi-se embora, sacudindo a cabeça, espantado.

Callahan suspirou. Contudo, tinha a impressão de que logo ele estaria de volta.

Voltando para o computador, ela constatou que já copiara todos os arquivos e retirou rapidamente o cartão de memória, que enfiou dentro do bolso.

Menos de um minuto depois, estava no corredor, em direção aos elevadores.

Batty permaneceu do lado de fora da casa de leilões, observando os carros de polícia indo embora. Ele já vira o suficiente do lugar para saber com que Callahan ia se deparar e, apesar da confiança da mulher, duvidava de que ela fosse capaz de passar por aqueles guardas sem inventar um grande subterfúgio.

Felizmente, ele encontrara um – embora talvez fosse difícil convencê-la a aprovar aquilo.

Enquanto olhava o último carro de patrulha desaparecer na esquina, sentiu um vento gelado passar por ele. Olhando em direção à casa de chá, percebeu uma silhueta no vão da porta.

A garçonete. Ajda.

Agora ele não tinha mais dúvida a respeito da moça.

Ela era uma serva.

Talvez fosse até uma sicofanta.

E ele percebeu que antes de deixar Istambul precisaria ter uma conversa muito séria com ela.

Temos um baita problema – disse Callahan.

Ela estava sentada numa poltrona e brincava com seu telefone celular, quando Batty chegou ao quarto de hotel. Ele começou a se perguntar se o objeto não estaria colado à mão dela. Ela lhe contou sobre o estado do corpo de Ozan, o que não o surpreendeu nem um pouco.

– Que tipo de problema?

– De acordo com os relatórios da polícia, nossa nova vítima está morta há certo tempo. Desapareceu há quatro dias, e ninguém pensou em dar um pulo à sala de arquivos até que um porteiro passou na frente e sentiu um cheiro desagradável.

– Quatro dias – disse Batty. – Isso quer dizer que ele foi assassinado antes de Gabriela.

Essa revelação despertou algo na zona periférica da mente de Batty. Um pensamento que desapareceu tão rápido quanto veio, deixando-o perplexo, porém incapaz de lembrá-lo. Algo sobre Ozan e...

...e o quê?

– Isso também quer dizer que estamos indo na direção errada – disse Callahan. – E só Deus sabe atrás de quem nosso criminoso estará agora.

– Acho que é bastante óbvio. Outro guardião.

– Sim... Bem, não tenho certeza de que todo esse negócio de Custodes Sacri se sustente.

– Por quê?

– Não pude dar uma olhada nos objetos pessoais de Ozan – disse Callahan. – Foram embrulhados e levados para um armazém, e o balconista não quis liberar o acesso sem a autorização por escrito de um dos investigadores. Então, a única coisa que tenho é uma lista

detalhada do arquivo, o que não quer dizer muita coisa. Mas é suficiente.

– Para quê?

Ela arremessou o celular na direção dele. Obviamente, não estava colado. Ele olhou a tela e viu um monte de coisas escritas em turco. Era uma lista, tudo bem, mas nada que ele pudesse decifrar.

– Você acha que sou capaz de ler isto?

Ela ficou surpresa:

– Você está me dizendo que eu finalmente descobri algo que você *não* conhece?

Ele lançou o telefone de volta para ela.

– Tradução, por favor.

– Cinco itens – disse ela, mostrando as palavras com o dedo à medida que os enumerava. – Um relógio, uma caneta, uma carteira e dois anéis, um de ouro, outro de prata. Nada mais do que massas informes de metal derretido.

– E aonde você quer chegar?

– Onde está o supersímbolo secreto e decodificador de Ozan?

– Me desculpe...?

– Sua medalha de São Cristóvão. Se ele era um desses pretensos guardiões, não deveria também ter tido uma?

– O fato de não constar da lista não quer dizer que não exista – disse Batty. – Ele pode tê-la guardado em outro lugar, assim como Gabriela fez.

– Ou toda a sua teoria pode ser uma bobagem.

– Então, como é que eu sabia sobre Ozan desde o começo?

– É uma boa pergunta. Como soube?

O pensamento que, instantes antes, Batty tivera passou de novo por sua mente, mas ainda se esquivando.

– Como acha que sei tanto a respeito disso? – disse ele. – Sou fanático. Tenho um imenso interesse por esse negócio desde criança. Mas, depois que Rebecca se foi, tornei-me obcecado... Assim como ela era. Passei cada ínfimo momento de minha vida em livrarias e coleções particulares.

– E você acredita em tudo que lê?

– Claro que não. Mas encontrei uma referência aos Custodes Sacri e à medalha de São Cristóvão na nota de rodapé de um livro sobre sociedades secretas, o que me levou a pesquisar mais.

– Isso ainda não explica como você sabia a respeito de Ozan.

– Tentei localizar um dos medalhões. Recrutei alguns batedores e fui contatado por um colecionador de Jerusalém que declarou ter visto um medalhão que certo negociante em antiguidades lhe teria mostrado, mas se recusara a vender.

– Ozan.

Batty confirmou com a cabeça:

– O colecionador sabia a respeito dos guardiões e me disse estar convencido de que Ozan era um deles.

– E você nunca o contatou?

– Ele nunca retornava minhas ligações. Depois de um tempo, desisti. Afinal de contas, era apenas um interesse secundário. Não tinha realmente nada a ver com o que acontecera com Rebecca.

– E agora estamos aqui.

– E agora estamos aqui – retrucou Batty. – E, se quiser provas de que sei do que estou falando, por que não examina as fotos da cena do

crime? Posso lhe garantir que encontrará a mesma marca debaixo do corpo de Ozan.

Callahan acenou com a cabeça.

– Não acredito muito em coincidências, então não tenho dúvidas sobre o que diz. Mas as fotos não estão no arquivo. E, se o símbolo estiver lá, a única coisa que vai nos dizer é que estamos lidando com o mesmo assassino. Todo o resto é pura especulação.

– Você está enganada – disse-lhe Batty. – E vou lhe provar quando nós formos ver a cena do crime.

– Nós?

– Agora somos uma equipe, lembra?

Callahan parecia se divertir.

– No sentido mais amplo da palavra, talvez.

– Acredite em mim, sem minha ajuda você vai ter dificuldade para chegar até o local em que o cadáver foi encontrado. Você pretende entrar lá no meio da noite, e, mesmo que consiga passar pelos

alarmes, ainda tem a equipe de segurança. E eles não parecem ser muito simpáticos.

– Não sou exatamente uma novata, sabe?

– Não tenho dúvida disso. Mas por que escolher a maneira mais complicada quando há uma alternativa fácil?

Callahan levantou o olhar para ele.

– Tudo bem – disse ela. – Só para não descartar qualquer possibilidade, vamos fingir que estou ouvindo.

Batty tirou dois ingressos do bolso e mostrou-os para ela. O senhor e a senhora Franklin Broussard são esperados para participar de um leilão hoje à noite, às oito horas em ponto, com os cumprimentos da Children Relief Foundation.

Ele viu que ela ficou instigada pela ideia.

– Nada mau – disse ela. – Assim poderemos passar pelas portas sem criar confusão. E depois?

– Uma simples distração – disse-lhe Batty. – Das mais simples. Mas, se quisermos fazer tudo direitinho, devemos primeiro ir às compras.

Ela levantou as sobrancelhas.

– Por quê?

– O leilão exige traje a rigor. E preciso de black tie.

Apesar de se precipitar sobre todos os catálogos de antiguidades que encontrava, Batty estava mais para admirador de artes do que para colecionador, de maneira que nunca antes participara pessoalmente de um leilão. E a única ocasião em que quase tivera de usar black tie fora no colégio Terrebonne High, quando Angela McGee recusou seu convite para o baile de formatura, poupando-o da humilhação de ter de se vestir como um pinguim de veludo azul.

A seu ver, quem inventara o black tie era decerto sádico. Provavelmente, o mesmo cara que inventara o sutiã e o espartilho. O traje que alugara à tarde era meio número abaixo de seu tamanho, e a gravata com a qual a senhora Broussard concordara carinhosamente em estrangular o marido estava lhe cortando o pescoço como os dentes de um cachorro num osso suculento.

Batty tinha certeza de que Callahan também era um tanto sádica.

Mas naquela noite ela estava bastante atraente. O tomara que caia preto que escolhera moldava-lhe perfeitamente as formas, e ele não seria homem se não tivesse reparado nisso. Ela se sentou ao lado dele no meio da sala de leilões Garanti, e ele tinha quase certeza de que ela não se incomodava por ter de usar sutiã *ou* espartilho.

Pelo tamanho do prédio, a sala de leilões era pequena e aconchegante, e estava ocupada por cerca de trezentas pessoas de várias crenças, sentadas em cadeiras duras, extremamente bem vestidas e portando joias que podiam cobrir metade do déficit norte-americano.

Eram convidados bastante seletos.

Callahan expressara dúvidas quanto à capacidade do senhor Broussard de passar despercebido, mas Batty achava que conseguira tranquilizá-la. Até deixara que ela passasse uma base em suas contusões, o mesmo produto que ela usava para esconder as olheiras, e quem não o examinasse muito de perto poderia achá-lo até bastante bonito.

– Tenho cem mil liras – disse o leiloeiro ao microfone.

Na mesa ao lado dele estava um vaso que datava de vários séculos e ao qual faltava um pedaço. Segundo as informações, era uma relíquia do fim do Império Otomano.

– Alguém oferece cento e vinte mil?

Um homem duas fileiras adiante de Batty fez um gesto sutil com os dedos, e o leiloeiro respondeu com um sinal de cabeça.

– Cento e vinte mil liras do senhor da cadeira 47. O lance agora está em cento e vinte mil. Alguém oferece...

– Cento e setenta e cinco – gritou uma voz.

Embora Batty tivesse testemunhado alguns lances mais ousados na última meia hora, o público parecia apático. A noite de festividades começara no saguão com uma curta porém comovente homenagem a Koray Ozan, que, de acordo com o leiloeiro, teria desejado que eles mantivessem o leilão.

Então, seguiram adiante, com entusiasmo amenizado pela tristeza. Ozan era um homem popular e benquisto em toda a cidade, um antigo contrabandista e traficante do mercado negro que mudara de

vida e doara milhões para obras de caridade. Isso confirmava o que o colecionador dissera a Batty. Com ou sem o medalhão, Ozan fora um candidato perfeito para os Custodes Sacri.

– Cento e setenta e cinco mil libras – disse o leiloeiro. – O lance agora é de cento e setenta e cinco mil. Alguém oferece duzentos mil?

Callahan tocou no joelho de Batty e, com seu melhor sotaque da Louisiana – que não era tão mau assim –, disse:

– Desculpe, querido, mas preciso ir até o banheiro.

Esse era o sinal deles.

Ela se levantou e passou diante de Batty, e ele a observou deslizar pela ala central, perdido, por um momento, na graciosa fluidez dos movimentos da mulher. Essa noite ele a estava vendo com novos olhos. Ela parou um instante para perguntar a um dos funcionários da casa de leilão onde ficava o banheiro feminino. Este apontou a direção com o dedo, e, depois de terem trocado amabilidades, Callahan passou pelas portas e virou à direita.

Quando as portas se fecharam atrás dela, Batty voltou a prestar atenção à guerra dos lances. Agora chegara a duzentos e vinte e cinco mil, e o valor do vaso estava prestes a dobrar diante do público atento.

Ele esperou. Sabia o que ia acontecer.

Ele desenhara para Callahan um esboço de planta em que ela tinha três opções de acesso fácil, e um deles estava apropriadamente localizado perto dos banheiros, e não diretamente à vista dos guardas.

Era uma diversão simples, porém eficiente. Uma das favoritas de Batty, usada desde a época em que frequentava a Jefferson Junior High School.

Menos de um minuto depois, o alarme de incêndio do prédio começou a tocar.

De depois de ligar o alarme, Callahan se precipitara para o banheiro feminino.

Agora estava saindo dali, com ar assustado e perturbado, enquanto os guardas se agitavam ao redor dela e começavam a conduzir as pessoas para fora do prédio, pedindo que elas “permanecessem calmas”.

Com a atenção dos guardas focada na multidão, ela conseguiu facilmente esquivar-se e ir em direção ao fosso da escada, embora não gostasse muito de ter de trabalhar em vestido de noite. Ela abandonou seus sapatos Dolce & Gabbana no banheiro feminino, achando que estaria mais à vontade sem os saltos de doze centímetros.

Um instante depois, LaLaurie estava ao lado dela, e, enquanto eles desciam em silêncio os degraus da escada, ela teve de reconhecer que a sugestão que ele lhe dera de fazer as coisas de forma simples fora boa.

Ou talvez não.

A meio caminho, depararam-se com um segurança subindo às pressas na direção deles. Ele fez um gesto para que eles voltassem por onde tinham vindo.

– Não há saída aqui embaixo. Por favor, saiam pela...

Callahan lhe deu um empurrão, tirou um pequeno tubo de laquê de sua bolsa e borrifou o conteúdo no rosto do guarda. Ele caiu nos degraus e ficou imóvel.

– Que diabo é isso? – perguntou LaLaurie.

– Algo bolado por nosso laboratório. Ele vai ficar desmaiado por um bom tempo.

Continuaram descendo os degraus até chegar a uma sala com pouca luz, tomada por móveis antigos, obras de arte, pinturas, livros e outros objetos de coleção, alguns dispostos sobre mesas retangulares, outros colocados em prateleiras de madeira alinhadas ao longo das paredes. As mesas estavam entulhadas de garrafas de solvente, escovas de dentes e panos para lustrar, e Callahan percebeu que estava na área de restauração, em que os itens eram cuidadosamente limpos, lustrados e restaurados antes de ser leiloados.

Ela e LaLaurie avançaram na escuridão até chegar a um corredor muito iluminado, com várias portas de escritório. Cada porta tinha

uma janela de vidro e indicava o nome do ocupante da sala, e em uma, no final do corredor, lia-se: KORAY OZAN.

Depois vinha um estreito corredor abobadado que levava a outra escada. Um cartaz acima mencionava: ARSIV. A sala de arquivos.

Callahan fez um sinal para que LaLaurie a seguisse, e eles desceram os degraus na escuridão. Quando chegaram ao fim, ela bateu até encontrar o interruptor.

A luz era fraca, mas suficiente, e revelava outro corredor – ou mais propriamente um túnel –, feito de pedra mosqueada. O teto era baixo e abobadado, com lâmpadas dispostas por toda a sua extensão, num ambiente que lembrava um filme de terror. Callahan imaginou que a casa de leilões fora provavelmente construída no lugar de um prédio mais antigo, do qual aquela parte ainda restava intacta.

– Túnel de contrabandista – disse LaLaurie.

– O quê?

– Se eu não estiver errado, é o que ele era. Ozan foi traficante no mercado negro, então não me surpreende que tenha escolhido este lugar. Aposto que muito contrabando já passou por aqui.

Havia três portas de madeira à frente. Uma à direita e duas à esquerda – com cartazes BIR, IKI e ÜÇ. Mas nenhuma delas indicava que a polícia tivesse estado ali recentemente. Não havia nenhuma fita para evidenciar o que pudesse ter sido a cena do crime.

Callahan e LaLaurie seguiram por uma curva do túnel e chegaram a uma bifurcação em que o túnel se dividia em duas direções diferentes. Callahan jogou mentalmente uma moeda e estava prestes a seguir à esquerda quando LaLaurie a segurou pelo antebraço.

Ele indicou a bifurcação à direita.

– Por aqui.

– Tem certeza?

– Confie em mim.

Logo depois, chegaram diante de outra porta de madeira, atravessada por uma fita amarela da polícia. Callahan nem perdeu tempo se perguntando como LaLaurie soubera por onde ir. Não queria ter uma dor de cabeça inútil.

Ela arrancou a fita e abriu a porta. Achou um interruptor na parede, acendeu a luz, e uma lâmpada no teto se iluminou.

A sala era pequena e quadrada e não continha nada mais do que aquilo que os leiloeiros costumavam chamar de sobras de estoque. Porcelanas baratas, objetos de vidro, livros de capa mole, revistas antigas, objetos esses armazenados em caixas de papelão empilhadas contra a parede.

E, queimado no centro do chão de pedra, estava o já conhecido símbolo do anarquismo.

– Eu não lhe disse? – indagou LaLaurie.

– E eu discordei?

O símbolo era uma coisa, mas o que ela não esperava encontrar eram as palavras rabiscadas com canetinha preta na lateral de uma das caixas, escritas em turco com letra trêmula e fraca.

– Caramba! – murmurou ela. – Talvez você esteja certo, afinal de contas.

Callahan se aproximou da caixa, levantou o vestido e se agachou ao lado dela, passando os dedos sobre as palavras: *Onu koru*. Uma mensagem deixada por um homem que sabia que estava prestes a morrer.

– O que está escrito? – perguntou LaLaurie.

Ela olhou para ele.

– Protege-a.

—Então você acredita em mim agora? Acredita que ele era um dos Custodes Sacri?

– Considerando o que ele escreveu aqui, é certamente uma possibilidade.

– Não brinque. E no que diz respeito ao resto?

– Aquele negócio místico? – disse Callahan, e negou com a cabeça. – Não se precipite, professor. Ainda penso que se trata do caso de um louco que pensa que é um tipo de anjo negro vingador.

– E se eu conseguisse fazê-la mudar de ideia? Fazê-la enxergar do meu ponto de vista?

– Não é exatamente o que vem tentando fazer desde que nos conhecemos?

LaLaurie foi até o centro da sala e se agachou perto do símbolo no chão.

– Dê-me sua mão.

– O quê? Por quê?

– Faça apenas o que digo.

Callahan hesitou, com medo do que ele queria fazer, mas finalmente lhe deu a mão como ele pediu.

– Não se empolgue. Percebi muito bem a maneira como ficou me olhando hoje à noite.

Ele ignorou o comentário.

– Quando eu era jovem – disse ele –, antes que eu conseguisse por mim mesmo, minha mãe fazia isso para que eu pudesse ver o que ela via. E me preparava para o que estava por vir.

– O que você quer dizer?

– Deixe-me lhe mostrar.

Ele olhou para o símbolo e parou um instante como se estivesse prestes a abraçar a si mesmo. Então, baixando uma das mãos,

pressionou a palma contra o chão e fechou os olhos.

Callahan suspirou:

– Isso de novo? Se eu quisesse ver uma sessão espírita...

Ela sentiu um calor irradiar-se por seu braço e seguir direto até o cérebro – um raio fervente de energia que lhe subia tão rápido e furioso que ela nem teve tempo de reagir.

Suas narinas se encheram de um odor quase opressivo de enxofre, enquanto o chão parecia se abrir, e Callahan sentiu como se estivesse caindo. Ela gritou e tentou escapar, mas aí percebeu que não tinha braços nem corpo. Era apenas uma *presença* em queda livre, despencando num profundo e escuro lugar nenhum.

Então uma luz a agrediu, uma luz ofuscante, que passou a seu lado, *através* dela, à sua volta, e ela teve a impressão de estar girando descontroladamente. No meio de tudo isso, ela viu o rosto de Koray Ozan, desfocado, porém inconfundível, com lágrimas rolando pela face enquanto suplicava por piedade para uma entidade invisível.

De repente, ela se encontrou *dentro* da cabeça de Ozan, e o silvo de milhares de vozes imiscuía-se em seu cérebro, falando uma língua que ela não entendia, proferindo palavras que, pelo que ela sentia, eram terríveis e vis. A única coisa da qual tinha certeza era de que se tratava de vozes indesejadas, que haviam invadido a mente de Ozan – a mente *dela* – como um exército de gafanhotos enfurecidos.

Foi então que a sala a seu redor pegou fogo, e Ozan gritou.

Callahan também deu um berro, largando a mão de LaLaurie enquanto desmoronava no chão, e as chamas sumiram, assim como as vozes.

Tremendo descontroladamente, ela fixou os olhos em LaLaurie com ar de terror e confusão.

– Que diabo você acaba de fazer comigo, seu filho da puta?

Mas LaLaurie não respondeu. Ele não *podia* responder. Tinha desmaiado, e parecia que o sangue havia sido drenado para fora de seu corpo, que se mantinha de olhos fechados, com o rosto pálido como se estivesse morto.

Será que ele estava vivo?

Ao longe, além das paredes de pedra dos túneis e do som abafado do alarme de incêndio...

...ouvia-se o som de sirenes se aproximando.

Precisamos sair daqui, pensou Callahan. Agora *mesmo*.

Quando os bombeiros chegassem ali e percebessem que aparentemente não havia fogo algum, eles iam começar a vasculhar o prédio, procurando saber por que motivo o alarme disparara. E quando encontrassem aquele guarda na escada...

Ainda tentando se livrar dos efeitos do encontro com a mente de LaLaurie – ou o que quer que tivesse sido aquilo –, Callahan verificou o pulso dele e o sacudiu para que acordasse.

– Vamos lá, professor. Daqui a pouco teremos companhia.

Ele gemeu e abriu os olhos, mal conseguindo falar.

– Mais forte do que eu esperava... Você viu isso? Viu Ozan?

– Nessa altura do campeonato, não importa mesmo *o que* eu vi. Precisamos sair daqui depressa.

Ela o ajudou a pôr-se em pé, passou um braço em volta dele e o fez apressar-se para sair da sala. LaLaurie mal conseguia andar e precisava se apoiar nela para se equilibrar.

Avançando pelo túnel, ela encontrou os degraus que levavam ao andar de cima, mas LaLaurie, em seu estado atual, tinha dificuldade para subir. Callahan sempre tivera orgulho de sua condição física, mas LaLaurie pesava uma tonelada. E, pelo que ela podia sentir do corpo dele, grande parte do peso vinha dos músculos. Não havia como eles subirem aqueles degraus contando apenas com a força de uma mulher.

Como se estivesse lendo a mente dela – o que talvez não lhe exigisse tanto esforço assim –, LaLaurie murmurou algo e em seguida se mexeu, juntando suas forças, e começou a subir os degraus.

Eles avançavam como lesmas, e Callahan tentava entender que diabo havia acontecido naquela sala. O rosto atormentado de Ozan apareceu em sua mente, e ela procurou apagar aquela imagem para não ter de reviver aquela cena horrível.

Quando chegaram ao topo da escada, o alarme parou, e ela ouviu gritos abafados vindos de cima.

Os bombeiros haviam chegado.

Ela o empurrou para a direita e entrou no escritório mais próximo, onde acomodou Batty numa cadeira, e trancou a porta atrás deles.

A sala estava escura, exceto por uma luz incandescente que brilhava através da janela de vidro. Ela podia ver o contorno de uma mesa abarrotada, em que ficava um velho monitor de computador.

As buscas pelo prédio com certeza começariam no andar de cima, mas não demorariam a chegar até ali, e a descoberta do guarda na escada provocaria outro tipo de tumulto.

LaLaurie olhou para ela.

– Esta é a sala de Ozan, não é?

– Acho que sim.

Ele fez um gesto em direção ao computador, na mesa.

– Você consegue invadir esse negócio?

– *Agora?* Por quê?

– Quero ver os registros dele. Ozan mandou aquela escultura de São Miguel para Gabriela, então pode ter mandado também algumas coisas para outros guardiões. Talvez possamos descobrir quem são eles.

– Não, realmente não temos tempo de decifrar isso agora.

– É uma chance única.

Callahan não sabia qual era a vantagem de irem parar numa cela de cadeia turca, mas mesmo assim se sentou na cadeira atrás da mesa e começou a digitar no teclado, fazendo com que a tela se iluminasse. Para seu alívio, o computador de Ozan não era protegido por senha. Não era necessário invadir a máquina. Ela entrou no sistema e passou rapidamente pelos menus até encontrar a base de dados dos clientes de Ozan.

– Não temos tempo para uma busca detalhada – disse ela. – Vou baixar o conteúdo todo.

Pegando um cartão de memória em sua bolsa, ela o enfiou no computador, apertou uma tecla, e alguns segundos depois a base de dados já fora copiada. No momento em que retirava o cartão, ela ouviu um grito no corredor.

Eles haviam encontrado o guarda.

– Você já foi parar numa cadeia? – perguntou ela. – Não é nada agradável. Especialmente aqui.

LaLaurie se levantou.

– Precisamos nos esconder.

– Talvez, se ficarmos de lado, eles nem percebam que estamos aqui – disse ela.

Ele fez um gesto em direção a um armário encostado na parede esquerda. Era um estreito guarda-roupa retangular de madeira. – Lá dentro – disse ele.

– Nós dois? Mal tem espaço para...

– Não temos escolha.

Ele foi em direção ao móvel e abriu a porta. Havia dois casacos de inverno dentro, mas o armário não estava cheio.

Callahan ouviu pessoas correndo pelo corredor e vozes apressadas.

Ela olhou para LaLaurie com certa hesitação, então desligou a tela do computador e entrou com ele no armário. Demoraram um momento para se acomodar, peito contra peito, dois corpos médios pressionados um contra o outro até formarem um único, maior. Mas finalmente conseguiram fechar a porta.

Um walkie-talkie grasnou, e alguém apertou a maçaneta da porta do escritório, gritando uma ordem em turco.

– Abra!

Ouviu-se um barulho de chave, o mecanismo da fechadura girou e a porta se abriu.

Callahan reteve a respiração quando o feixe de luz varreu a sala, passando pela fenda da porta do armário como a baliza de um farol. E se lembrou mais uma vez do momento em que entrou na mente de LaLaurie.

Alguém apertou o interruptor e a luz do teto se acendeu.

Através da fenda, Callahan viu três homens de farda perto da porta. Um bombeiro e dois guardas. Um dos guardas entrou na sala e foi até a mesa de Ozan, olhando por trás e debaixo dela.

De repente, horrorizada, Callahan reconheceu algo...

...sua bolsa, que ela deixara ao lado da tela do computador.

Como podia ter sido desleixada àquele ponto?

Seu coração começou a disparar tão rapidamente que parecia tentar cavar um buraco no peito de LaLaurie. E, quando ela já estava certa de que o guarda ia descobrir algo – a bolsa estava em evidência, pelo amor de Deus –, alguém gritou do corredor:

– Hakki! Venha cá, rápido!

O guarda que estava na porta se virou:

– O que é?

– Alguém esteve na sala de arquivos onde o diretor Ozan foi encontrado. Retiraram a fita da porta.

Hakki fez um gesto para o outro guarda.

– Vamos lá.

O guarda que estava perto da mesa fez um aceno de cabeça e atravessou a sala. Então desligou a luz e trancou a porta ao sair.

Callahan respirou nervosamente.

– Isso foi divertido.

– Pensei que seu peito fosse explodir. Você sempre fica assim tão transtornada, ou foi porque tivemos que ficar grudadinhos?

– Só para que não se esqueça, professor, sei vinte maneiras diferentes de matar um homem com uma única mão. Quer experimentar?

– Acho que vou deixar para outra vez.

– Boa decisão.

Ela estava prestes a abrir o armário quando LaLaurie a segurou.

– Espere um minuto.

– Olhe, cara, você já se divertiu o bastante, então se...

– Não – disse ele. – Estou sentindo algo aqui. Um pressentimento. Não fomos os únicos que ocupamos este armário nos últimos dias.

– Quais são as chances de outros também terem feito isso? Afinal de contas, é um armário.

LaLaurie abriu a porta e fez um gesto convidando-a a sair. Callahan não hesitou. Ela se espremeu ao passar por ele. Entretanto, ele se virou imediatamente, empurrou os casacos para o lado e começou a inspecionar a parede de trás do armário, deixando sua mão correr pela madeira.

– O que está fazendo? – perguntou ela.

– Ozan já foi contrabandista, lembra? E os velhos hábitos dificilmente desaparecem. Quer apostar que existe mais de um caminho por aqueles túneis, que seria usado caso ele tivesse de desaparecer de repente?

Ela fez um gesto vago:

– E você acha que é isso?

– Com certeza, sinto uma energia aqui – disse, e sua mão parou de se mexer. – E parece que Gabriela não era a única que gostava de portas escondidas.

Callahan ouviu um ruído abafado. LaLaurie se deslocou levemente e começou a puxar, enquanto o painel traseiro do armário deslizava para o lado, revelando outros degraus.

– Olhe, mas vejam só! – disse Callahan.

Os degraus levavam a uma parte menor e mais estreita do túnel, que fora isolada do resto dos arquivos e virava abruptamente à esquerda. Depois de Callahan ter recuperado sua bolsa, Batty assumiu o comando, seguindo a curva do túnel até encontrar uma porta arqueada que se abriu para uma sala muito iluminada, com aspecto de porão e um teto abobadado.

Batty parou, espantado pelo que descobrira:

– Com certeza, isso não é Nárnia.

– Outro amante dos livros – murmurou Callahan, mas suas palavras não condiziam com o que estava diante deles.

Era uma pequena biblioteca, com dez ou mais estantes, todas elas abarrotadas de livros perfeitamente encadernados. Segundo Batty, nenhum deles tinha menos de duzentos anos.

Ozan não somente era amante dos livros, como bibliófilo, no sentido mais nobre e tradicional da palavra.

Batty avançou cuidadosamente, como se sua simples presença ali pudesse danificar aquele tesouro. A vista da sala o deixara eletrizado, totalmente vivo, como nunca estivera desde a morte de Rebecca. Mais vivo do que naquela noite com a ruiva.

E isso não era pouco.

Chegando à estante mais próxima, ele percorreu a primeira fileira de livros, deixando seus dedos correrem sobre as lombadas, sentindo a idade de cada um, sua importância. Então, começou a pegá-los e examiná-los, um por um.

Demonomanie des sorciers, de Jean Bodin. *A compleat history of magick, sorcery and witchcraft*, de Richard Boulton. *Basilica chymica*, de Oswald Croll. *Disquisitionum magicarum*, de Martino Del Rio. *Manuale exorcismorum*, de Maximiliani ab Eynatten.

Todos em primeira edição. Cada um, imaculado. Inestimável.

E isso era apenas uma pequena amostra da coleção de Ozan. Batty nunca antes vira tantos volumes sobre o paranormal e o ocultismo num único lugar.

– Olhe isto – disse Callahan.

Ele se virou e viu que ela estava ao lado de uma mesa atravancada no meio da sala. Num canto da mesa, havia uma pequena imagem de pedra de São Miguel alado, segurando a espada.

– Estou sentindo que se trata da mesma obsessão – disse ela, mostrando a bagunça sobre a mesa. – Parece que ele estava tentando decifrar um código, assim como Gabriela.

Batty se aproximou e apontou para um caderno de espiral em que estavam anotados vários versos em inglês, com algumas palavras e letras riscadas e outras circuladas...

...todos tirados do capítulo onze de *Paraíso perdido*.

Aberta ao lado do caderno, havia outra primeira edição impecável, de cerca de quinhentos anos.

Batty pegou o livro.

– *Steganographia* – disse ele, folheando a obra com o maior cuidado. As páginas continham listas de nomes de espíritos, tabelas repletas de números, signos zodiacais, símbolos planetários. – Ele deve ter usado isto como um guia.

– O que é?

– Um tratado em três volumes que conclamava os espíritos a enviar mensagens secretas.

– Pode repetir?

– Foi escrito por um abade do século XV chamado Johannes Trithemius. É uma espécie de livro didático que ensina a se comunicar com colegas por meio de mensagens angelicais. Mas, quando seus amigos descobriram no que ele estava trabalhando, a comoção foi tamanha que ele resolveu não publicar a obra. Ele até destruiu algumas partes que achava particularmente revolucionárias.

– Que tipo de comoção?

– Ele foi acusado de lidar com magia negra e pactuar com demônios.

– Parece haver muita coisa sobre isso por aqui.

– Mas aí é que está a questão – disse-lhe Batty. – Não é exatamente um livro sobre magia. Tudo o que se refere a espíritos está escrito em códigos, e Trithemius afirma claramente no prefácio que se trata apenas de um exercício sobre criptologia e esteganografia. Mas ninguém acreditou nele, e sua fama como ocultista se espalhou.

– E, pelo visto, o livro acabou sendo publicado.

– Cerca de cem anos após a morte dele – disse Batty, fechando o livro e repondo-o sobre a mesa. – Os dois primeiros volumes foram decifrados imediatamente, provando de forma quase infalível que os encantamentos eram justamente o que Trithemius dissera que eram: inofensivos exercícios de criptografia. Mas a chave para o terceiro volume só foi desvendada no século XVII por um homem chamado Heidel, e ele escondeu a solução em sua própria mensagem codificada. Dessa forma, o livro foi decifrado há cerca de uma década apenas.

Callahan apontou para o bloco de anotações:

– E você acha que Ozan estava usando as mesmas chaves de criptografia para procurar mensagens secretas nesses versos?

– É isso o que parece.

– Mas por quê? O que ele sabe que você não sabe?

Batty deu de ombros.

– Milton era uma pessoa polêmica para sua época, que se meteu numa série de encrencas por dizer o que lhe passava pela cabeça. Talvez Ozan estivesse trabalhando sobre a hipótese de que Milton tenha utilizado os métodos de criptografia de Trithemius para ocultar

seu trabalho tardio... Embora se possa considerar, na verdade, que o material de *Polygraphiae* teria sido uma escolha melhor.

– *Polygraphiae*?

– Outro livro de Trithemius. Sua verdadeira obra-prima sobre criptologia.

Callahan suspirou:

– Estou começando a ficar com enxaqueca.

– Bem-vinda ao meu mundo. Seja qual for o motivo, Ozan e Gabriela me parecem ter sido, mais do que tudo, ingênuos amadores, já que ambos pareciam convictos de que há algo na poesia de Milton que nenhum de nós nunca...

Batty suspendeu o raciocínio, enquanto seu olhar se fixava na imagem de pedra de São Miguel no canto da mesa. Ele a estudou por um momento e de repente percebeu que havia algo de errado ali.

A aparência da peça lhe parecia familiar; ele já a vira no catálogo da Garanti, mas a profundidade e o padrão das marcas de cinzel não pareciam precisos. Ele estava prestes a apostar tudo o que tinha que a peça não era original. De fato, nem era uma boa cópia.

– O que há de errado? – perguntou Callahan.

– Provavelmente, nada. Mas me parece estranho que alguém com o gosto de Ozan tenha colocado uma peça tão obviamente falsa sobre a mesa de trabalho. Especialmente numa sala como esta. E mais especialmente ainda de São Miguel.

Callahan deu de ombros.

– Talvez ele gostasse da obra, não?

Batty se aproximou e pegou a imagem.

– É como se um apreciador purista de jazz gostasse de Kenny G. Além do mais, há algo neste objeto...

– Deixe-me adivinhar. Você sente uma energia.

Batty olhou para ela:

– Pode tirar sarro de mim quanto você quiser, senhora Broussard, mas, a menos que eu esteja errado, você também a sentiu com toda a força na sala de arquivos.

Mas ela estava errada, era mais uma questão de instinto do que de energia. Virando a imagem de ponta-cabeça, ele examinou a

base, que era esférica e tinha quase a mesma circunferência de uma lata de refrigerante. Segurando-a firmemente, pressionou-a e tentou girá-la até que finalmente ela cedeu, e a metade inferior da base deslizou de lado, revelando um estreito compartimento secreto.

Dentro, havia uma chave com haste oca. Um modelo antigo.

Ele olhou para Callahan.

– Você estava dizendo...?

– Sorte. Nada mais.

Havia certa verdade naquilo, mas Batty nunca poderia admiti-lo. Retirou a chave, colocou a imagem de volta sobre a mesa e inspecionou a sala, examinando mais particularmente as estantes de livros.

– Quanto quer apostar que alguns desses livros não são reais?

– Acredito que seja bem provável.

Batty voltou para a primeira fileira e começou a passar as mãos sobre os livros, procurando um painel disfarçado em lombadas de livros. Seguindo seu exemplo, Callahan foi até outra fileira, e os dois passaram a percorrer as estantes, até que, alguns minutos depois, Callahan chamou Batty.

– Professor, venha cá.

Ele a encontrou junto a uma estante situada na parede mais distante. Ela já havia removido o painel de falsos livros – uma suposta coleção de catorze volumes sobre neopaganismo e bruxaria – que revelara um compartimento de madeira trancado.

Batty experimentou a chave na fechadura, e ela se encaixou perfeitamente.

Ele girou a chave, sentindo o mecanismo responder, e abriu a porta do compartimento, que revelou um grande cofre retangular, com sistema de leitura LED e teclado numérico eletrônico.

– Merda – resmungou ele.

– Calma – disse Callahan. – Apesar das aparências, não é complicado entrar nessas coisas.

Tirando a bolsa do braço, ela fuçou dentro até encontrar um pequeno estojo de náilon, do qual, após abrir o zíper, retirou uma chave de fenda em miniatura. Aproximando-se do cofre, ela

desparafusou uma placa de identificação retangular que se encontrava abaixo do teclado numérico e a colocou de lado.

Atrás da placa, estava o cilindro de uma fechadura.

– Esta é a fechadura secundária, caso você esqueça seu código.

Colocando a chave de fenda de volta no estojo, ela procurou de novo na bolsa e retirou um molho do que pareciam ser chaves, porém menos definidas. Escolheu uma.

– Chaves-mestras – disse ela. – Um pouco antigas, mas ainda funcionam.

– Você é uma verdadeira escoteira – disse ele. – Só que muito mais bonita.

Ela levantou uma sobrancelha.

– Cuidado, professor. Eu não estava brincando quando falei de matar um homem com uma única mão.

– Já cheguei à conclusão de que você *nunca* está brincando.

– Estou feliz por ver que chegamos a um entendimento.

Ela inseriu a chave na fechadura e girou-a, mas nada aconteceu. Escolheu outra chave e tentou de novo, mais uma vez sem sucesso. A terceira e a quarta chaves não entraram, e a quinta também fracassou.

Só restava uma chave.

Ela a inseriu na fechadura e a fez girar, e Batty viu pelo ar de seu rosto que ela finalmente conseguira. Não era um sorriso de fato, mas um vago ar de satisfação. Quando ela girou a chave, o mecanismo eletrônico fez um ruído surdo e o leitor LED informou: A-B-E-R-T-O.

– Impressionante – disse ele.

– Não exatamente – respondeu ela, abrindo a porta do cofre. – Mas espero que tenha valido a pena.

Havia uma única coisa dentro: um antigo manuscrito em uma capa de couro desgastada.

Batty o retirou com precaução, olhando surpreso para a fina tira de couro que o envolvia, onde brilhava o conhecido medalhão de São Cristóvão.

Callahan também o olhava fixamente:

– Custodes Sacri; acredito que não haja mais dúvida.

Batty não disse nada, já que sua atenção estava focada no manuscrito e nas iniciais J. M., discretamente gravadas no canto inferior direito da capa. Sentindo o coração disparar, ele removeu rapidamente a tira e abriu o manuscrito, revelando páginas cinzentas e envelhecidas, *escritas à mão* com letras roxas ilegíveis.

– Santo Deus! – murmurou ele. – Não pode ser. O único exemplar conhecido é uma transcrição. Feita por um impressor. E apenas trinta e três páginas sobraram.

– Trinta e três páginas do quê?

Sua pergunta não era mais do que um zumbido na cabeça de Batty.

– Parece ser o manuscrito inteiro, pelo amor de Deus, exatamente como ele o ditou. Onde Ozan encontrou isto? Tem de ser falso.

– O *que* tem de ser falso? – perguntou Callahan. – O que é isso?

Os olhos de Batty estavam fixos nas páginas cuidadosamente encadernadas. Mesmo que *fosse* falso, o livro era de ótima qualidade.

Suas mãos tremiam quando ele virou a primeira página e olhou o título. Então, levantou os olhos em direção a Callahan, sentindo-se tomado por uma incontrolável vertigem, como se fosse um arqueólogo que tivesse acabado de descobrir a cidade perdida dos incas.

– Pela última vez, professor. Que diabo é isso?

Batty tentou controlar o tremor da voz.

– É o original do *Paraíso perdido*, de John Milton.

Ao descobrir uma bolsa de couro no meio dos objetos que ocupavam a mesa, Batty rapidamente foi até ali e a apanhou. Esvaziou-a, jogou seu conteúdo sobre a mesa – óculos escuros, chaves de carro e iPad – e pôs dentro o manuscrito de Milton.

– O que está fazendo? – perguntou Callahan.

– Não vou deixar isto aqui, pode ter certeza.

Ao que parecia, Ozan resolvera trabalhar a partir do original, e Batty queria examiná-lo mais detalhadamente. Se fosse autêntico, ele talvez encontrasse algo que não existia na versão impressa. Um verso ou uma estrofe que pudesse ajudá-lo a entender o que Ozan e Gabriela estavam procurando.

Ele juntou o caderno de anotações e o exemplar de *Steganographia* e também os colocou na bolsa. Então, olhou para o iPad e decidiu pegá-lo. Podia ter algo útil nele.

– Precisamos voltar ao hotel para eu poder estudar tudo isto.

– Não sei se você percebeu, professor, mas há algumas pessoas lá fora procurando por nós neste exato momento. Como você sugere que saíamos daqui?

– Esse túnel servia para o contrabando, lembra? Você quer apostar que há outra saída?

Callahan pareceu gostar da ideia.

– Nada mau, senhor Broussard. Você acaba de ganhar pontos.

– Ora! Obrigado, querida. Quer dizer que vou poder dormir numa deliciosa cama quente hoje à noite em vez de deitar no sofá?

Ela sorriu.

– Escolha o hospital, e faço questão de levá-lo até lá.

Enquanto se apressavam para sair, Callahan ia pensando que era *ela* que precisava de cama de hospital.

Sem contar aquele mergulho na mente de LaLaurie – cujos efeitos ainda se faziam sentir –, ela estava completa e irremediavelmente exausta. Conseguira dormir por algumas horas no avião. O bastante para recarregar um pouco as baterias. Mas os acontecimentos do dia agora estavam pesando, e seu corpo implorava para que ela deitasse sem mais tardar. E a ideia de sair daquele lugar para reencontrar o conforto do quarto de hotel era seu principal pensamento.

Ela esperou que LaLaurie colocasse a bolsa com o livro no ombro e o seguiu para fora da biblioteca de Ozan, por um caminho que logo se tornou um labirinto de túneis interconectados, projetados, segundo ela, para dissuadir qualquer intruso que quisesse descobrir o lugar. Viraram à esquerda, depois à direita, desceram degraus em corredores abobadados, viravam de novo à direita, à esquerda, à direita mais uma vez... E, depois de vários minutos, Callahan teve de reconhecer que estava totalmente perdida.

Aquilo acabou deixando-a aborrecida. Ela conseguia desmontar e remontar uma SIG Sauer P226 de olhos fechados, mas era incapaz de se orientar numa rede de túneis de contrabandistas?

Era patético.

O bom professor, por sua vez, parecia saber exatamente aonde ia. E, depois da viagem pelo país de Ozan, Callahan quase desistira de tentar discutir consigo mesma sobre a realidade do que sentira na própria pele. Ela podia se mostrar reticente em admitir isso diante de LaLaurie, mas ele não precisava mais tentar convencê-la de qualquer coisa que fosse.

O que acontecera com Ozan estava longe de ser o que qualquer um classificaria como normal. E, a julgar pela mensagem no telefone de Gabriela, ela passara exatamente pela mesma coisa. O que queria dizer que aquela teoria do maluco adorador de Satã à qual Callahan tanto se agarrara tinha acabado de ir embora pelo ralo.

Afinal de contas, ela devia sinceras desculpas a LaLaurie e também ao tenente Martins.

Fosse qual fosse a coisa com a qual estavam lidando, possuía a capacidade de imiscuir-se na mente e enlouquecer a todos.

E essa ideia deixava Callahan completamente apavorada.

Batty tinha certeza de que, após mais algumas curvas e outras séries de degraus, eles emergiriam em alguma rua de Istambul.

Mal podia esperar para voltar ao hotel e olhar o manuscrito detalhadamente. Ele já quase sentia o livro vibrar dentro da bolsa, como se estivesse vivo. O que dava certo crédito à afirmação de Milton de que as palavras do livro eram de inspiração divina.

Mas, ao entrar numa curva, ele parou de repente.

Callahan disse:

– Que diabo está...

Ele levantou a mão, fazendo um sinal para que ela ficasse calada.

Mais à frente, um dos pontos de luz estava quebrado, deixando o final do túnel na escuridão, e ele pressentiu que alguém estava lá, espreitando na sombra.

Ele podia sentir o calor. A fome.

Falando baixo, disse para Callahan:

– Não se mexa.

Ela perscrutou em direção à escuridão e sussurrou:

– Você vê algo lá no fundo?

– A garçonete da casa de chá do outro lado da rua.

Callahan fez uma pausa, como se estivesse esperando a graça de uma piada. Então, disse:

– Está tirando sarro de mim, certo?

– Eu gostaria que fosse o caso. Ela me serviu quando parei lá, hoje à tarde.

– E daí? Você se esqueceu de deixar gorjeta?

– Na verdade, eu lhe dei uma boa gorjeta, mas não acho que seja essa a questão agora. Se eu estiver certo, e acredito mesmo que esteja, ela poderia acabar conosco em cerca de trinta segundos.

Callahan pensou alguns instantes antes de responder:

– Normalmente, eu lhe pediria que explicasse o que acaba de dizer, mas acho que vou acreditar nas suas palavras. O que sugere

que façamos?

– Vamos ficar parados – disse-lhe Batty. – Acredite se quiser, mas ela precisa de um convite para atacar. Um sinal de ataque.

– Tudo bem... A pergunta deve ser provavelmente estúpida, mas como diabo você sabe tudo isso?

– Eu achava que já havíamos discutido isso. Leio muitos livros.

Ela olhou para ele:

– Nunca pensou em ler romances?

– Nem passou pela minha mente – disse ele.

As sombras se mexiam à frente deles, e Batty tinha a sensação de que o fato de eles terem percorrido aqueles túneis fora visto como suficientemente invasivo para representar uma ameaça. Ou talvez ele já tivesse provocado isso na hora em que foi até a casa de chá.

Tanto num caso como no outro, era tarde demais.

As sombras se alteraram, e Ajda avançou pela luz – não uma serva, como ele esperava, mas uma verdadeira sicofanta, capaz de mudar de forma e de cortar gargantas.

E isso era muito, muito pior do que aquilo que qualquer servo pudesse alcançar.

Por falar em pior, ela já se modificara, parecendo mais animal do que humana. Um misto da filha desaparecida de Freddy Krueger com uma boa dose de rato de esgoto, os dentes à mostra, as garras afiadas e olhos verdes fosforescentes. Nem feroz nem selvagem eram palavras suficientes para descrever aquela coisa.

Batty sentiu Callahan titubear atrás dele, e sacou que qualquer dúvida que ela ainda tivesse sobre fenômenos do outro mundo acabara de ser engolida pela deusa que estraçalhava tudo.

Ela era durona – provavelmente uma das pessoas mais duras que ele já conhecera, fosse homem *ou* mulher –, mas não havia nada em seu manual que a tivesse preparado para algo como aquilo.

– Acho que vou vomitar – disse ela, ofegante.

E como a besta tivesse deixado escapar um longo e grave rugido, Batty disse:

– Só tenho um conselho a lhe dar.

– Qual é?

– Corra.

Callahan não precisou que ele repetisse.

Sem dizer mais nada, deu meia-volta e correu pelo túnel como uma triatleta ao ouvir o sinal de largada.

Correr descalça com a bolsa presa debaixo de um braço e o vestido erguido até a cintura pelo outro na certa não era a maneira mais graciosa de escapar, mas ela deixou a avaliação do desempenho para outra ocasião e se concentrou em salvar sua vida.

LaLaurie ia logo atrás, arfando, e ela podia ouvir aquela coisa – fosse o que fosse – alguns passos atrás deles, deslizando pelo chão do túnel como se tivesse saído de um pesadelo kafkiano, sibilando enquanto corria.

Mais adiante, o túnel fazia uma curva, e Callahan inclinou-se para a frente, ganhando velocidade. Mas, ao se aproximar da curva, o sibilo ficou mais alto e mais contínuo. Ela ouviu uma série de movimentos atrás de si, e então a coisa deu um berro, e LaLaurie grunhiu e caiu violentamente no chão.

Parando de repente, Callahan se virou e viu o professor se debatendo no chão, enquanto aquela coisa o segurava como um gato faz com o rato, lábios arregaçados, expondo dentes afiados e pontudos. Então a coisa atacou diretamente a garganta de Batty.

Santo Deus!

LaLaurie grunhiu de novo, tentando bloquear a coisa, que então lhe enfiou os dentes no antebraço. Para seu mérito, ele não gritou, mas Callahan soube que não podia ficar parada vendo aquela coisa o dilacerar. Sacando o tubinho de laquê da bolsa, ela se lançou para a frente, borrifando o que sobrara do produto diretamente no rosto da coisa.

Ela gritou e recuou, mas não desistiu. Longe disso. De fato, o ataque pareceu tê-la aborrecido ainda mais, e agora ela estava olhando para Callahan, rugindo e sibilando na direção dela, pronta para o ataque.

Callahan, porém, não lhe deu essa chance. Ela sabia que podia ferir a coisa, mas era necessário que agisse rapidamente para desequilibrá-la.

Erguendo de novo o vestido, ela se virou de lado e deu um chute, atingindo-a na lateral da cabeça, lamentando não estar usando os saltos altos e não poder enfiar um deles bem no centro de um daqueles perniciosos olhos verdes. A coisa gritou pela segunda vez e voou para trás até bater contra a parede do túnel. Podia ter a vantagem das garras, dos dentes e da agilidade, mas, apesar de sua imunidade ao laquê mágico, não parecia ser mais forte do que a garçõete da casa de chá que era.

E isso realmente fez com que Callahan se sentisse muito confiante. Avançando, ela prontamente pôs mãos à obra.

Batty apertava o braço, tentando estancar o sangue, enquanto se afastava com dificuldade e observava Callahan se movimentar, numa obscura sequência de pontapés, giros e socos, e era óbvio que ela sabia exatamente o que estava fazendo. Era algo bastante incrível de ver, e ele percebeu que, em algum recôndito oculto daquele cérebro de roedor, a pequena Ajda estaria se perguntando quem era essa filha da mãe enfurecida.

Callahan era implacável. Não parava um segundo sequer, não diminuía o ritmo, nem parecia respirar enquanto mantinha seu ataque, derrubando a besta, cujas tentativas de contra-ataque eram sistematicamente bloqueadas por outra salva de golpes duros a ponto de quebrar ossos.

Então a besta ficou no chão, encolhida em posição fetal, sangrando, gemendo em voz baixa, enquanto Callahan permanecia em pé, com os punhos fechados, tentando controlar a respiração.

– Puta merda – murmurou ela, olhando fixamente para a coisa, como se a estivesse vendo pela primeira vez.

Mas Batty sabia o que estava acontecendo. Ainda segurando o braço, sentindo o sangue correr pela manga do paletó, ele se levantou e se posicionou ao lado de Callahan, observando a coisa, que mudava de novo de forma, transformando-se de besta em ser humano diante deles.

Então Ajda olhou para eles com o rosto intumescido, a boca arreganhada pelo medo e pela dor, e com lágrimas rolando pela

face.

– Por favor – implorou ela. – Por favor, mate-me.

Batty se agachou ao lado dela.

– Ninguém vai matar ninguém. Quem é seu significante?

– Por favor...

Ele chegou ainda mais perto.

– Quem transformou você? Quem é seu significante?

– Só quero morrer – gemeu ela. – Só quero...

Batty sentiu um acre cheiro de enxofre e percebeu o que estava por vir. A garota gemeu, e ele a segurou pelo queixo, obrigando-a a olhar para ele.

– *Quem é seu significante, porra!*

Mas era tarde demais. Levantando-se de repente, ele segurou Callahan pelos ombros e a puxou para trás, enquanto Ajda começava a ter incontrolláveis espasmos, chorando de agonia.

Callahan abriu bem os olhos de espanto.

– Que diabo está acontecendo com ela?

– Fique para trás. Não há nada que possamos fazer.

Os espasmos pioraram, como se Ajda estivesse prestes a se desmanchar. Em vez disso, um punhal apareceu em sua mão, e ela o levantou para o alto antes de enfiá-lo no próprio peito. Suspirou e de repente pegou fogo, soltando um longo e alto grito de animal enquanto seu corpo era consumido por chamas. Foi então que ela implodiu numa bola de poeira preta que se desintegrou diante deles, não deixando nada para trás.

Não havia carne nem ossos. Nenhum sinal de que Ajda estivera ali. Nem mesmo uma marca de queimadura.

– Jesus! – murmurou Callahan.

Batty se virou para ela.

– Aposto que isso acabou por dissipar definitivamente as dúvidas que você ainda podia ter.

—O que estamos fazendo aqui? – perguntou Callahan. – Não acha que deveríamos verificar como está seu braço?

Ela ainda devia estar um pouco em estado de choque, mas parecia estar se recuperando da aventura nos túneis. Talvez o fato de ter dado uma surra numa sicofanta enfurecida tivesse tido um efeito terapêutico – embora Batty achasse que, mesmo que fizesse terapia pelo resto da vida, nunca tiraria a imagem de Ajda de sua cabeça.

Ele despira o paletó, que agora servia de faixa para seu antebraço. As feridas latejavam, mas não pareciam sangrar muito.

Foram para uma ruela adjacente à casa de chá, onde Batty encontrou uma porta que, a seu ver, levava à cozinha. Do outro lado da rua, um caminhão de bombeiros e várias viaturas de polícia estavam estacionados diante da casa de leilões, pois muitos participantes do evento ainda estavam lá com seus trajes de festa. Ele e Callahan haviam saído dos túneis por uma daquelas ruelas, a três quarteirões dali, mas Batty insistira para que eles voltassem à casa de chá.

Ele mexeu na maçaneta.

– Você consegue abrir esta fechadura?

– Olhe – disse Callahan. – Faça-me um favor.

– O quê?

– Quando eu lhe fizer uma pergunta direta, você poderia ter a cortesia de também responder diretamente?

Ele fez um gesto em direção à porta.

– E minha pergunta?

– Vamos fazer um acordo – disse ela. – Você responde à minha pergunta e eu respondo à sua. Deu para entender como funciona? Do jeito como estão as coisas, você sempre dá alguns passos para

trás, e eu ficaria muito feliz se você pudesse ir direto ao ponto de vez.

Afinal de contas, talvez ela *não* tivesse se recuperado totalmente. Ela parecia um pouco mais suscetível do que de costume.

– Tudo bem – disse ele. – É bastante justo. Você quer saber por que estamos aqui?

Ela acenou com a cabeça, e ele fez um gesto em direção à casa de leilões:

– Como eu lhe disse, aquela coisa dos infernos que você derrotou (e estou dizendo isso literalmente, não de maneira figurada) era garçoneiro desta casa. E quando ela me serviu, à tarde, percebi que havia algo diferente nela.

– Puxa, é mesmo?

– Ela era o que eles chamam de sicofanta – disse Batty. – Um ser humano que foi transformado.

– Transformado em quê?

– Em que mais? Num anjo. Um anjo negro. Eles entram na sua cabeça, brincam com suas emoções, seus desejos e medos, mas, em vez de transformar você em pó, como no caso de Gabriela, Ozan ou Rebecca, eles o transformam em servo.

– Acho que preciso me sentar.

– Foi você quem perguntou – disse Batty, dando de ombros.

Callahan suspirou.

– Então o que mais preciso saber?

– Interagir com anjos é algo bem complicado. Eles existem em outra esfera que não é a nossa. E, para poder agir em nosso mundo, precisam de substitutos. Estes existem de três maneiras: como pele, sicofanta e servo.

– E o que são?

– A pele é um hospedeiro físico. Pessoas que autorizaram os anjos a usar seu corpo em troca de um tipo de recompensa. Não importa qual seja essa recompensa, porque no final ela raramente é dada. É apenas um truque que usam para obter o que querem, e, uma vez que não precisam mais do corpo, ele é descartado e a alma que o ocupava é aniquilada.

– Tenha cuidado para não desejar muito alto.

– Exatamente – disse Batty. – Os servos e os sicofantas, por outro lado, são basicamente lacaios. O servo é mesmo o que parece. Um subalterno que não pensa muito e faz o trabalho mais pesado. Pense nas brigas durante as partidas de futebol ou nos soldados aceitando freneticamente todo e qualquer tipo de ordem, fazendo exatamente o que seus significantes lhes dizem.

– Significante?

– O anjo que os transformou. Quer que eu continue?

– Claro. Que diferença faz um ou dois pesadelos a mais?

– Então, vêm os sicofantas – disse ele. – Como Ajda. Ao transformá-los, os significantes lhes inoculam alguma coisa do outro mundo, transformando-os no que você viu no túnel. São de alguma forma uns superlacaios que têm certa independência. Mas não costumam se mostrar com são, a não ser que se sintam ameaçados.

– Então éramos uma ameaça porque estávamos vasculhando o porão de Ozan?

– Talvez – disse Batty. – Mas, no túnel, Ajda *me* escolheu como alvo. Então, tenho a impressão de que eu era o motivo de sua preocupação. Acho que isso começou quando me sentei aqui e lhe pedi uma xícara de chá.

– Mas por quê?

– É exatamente o que vamos tentar descobrir aqui. Então, você consegue abrir essa fechadura ou não?

Sem hesitar, Callahan levantou o pé e deu um chute que fez a porta se abrir, rachando a madeira e quebrando a fechadura.

– O que é isso?

Batty olhou para ela boquiaberto e então deu uma olhada em direção à casa de leilões, na esperança de que ela não tivesse chamado a atenção indevidamente.

– Não era exatamente nisso que eu estava pensando.

– Mas funcionou, não é?

Ela o deixou passar na frente, e Batty entrou na cozinha da casa de chá, que não tinha muito mais do que um fogão e umas duas bancadas. Juntos, eles passaram pela porta que levava à sala principal, ocupada por cadeiras e pequenas mesas retangulares.

Imediatamente, ele sentiu a energia. Sabia que seu instinto estava certo.

– Foi aqui que tudo começou – disse ele, indo até o centro da sala.

Agachando-se, colocou a mão no chão e fechou os olhos. Não teve dificuldade para obter a visão. Um vento escuro se levantou, começando a girar em sua volta, e ele viu duas figuras no chão, naquele exato lugar...

...duas mulheres, meio despidas, contorcendo-se de prazer, e uma delas era nitidamente Ajda.

Então Batty entrou na mente de Ajda, que não era mais do que um redemoinho confuso. Ela se sentia ao mesmo tempo excitada e assustada, mas, acima de tudo, livre. Era algo que ela nunca sentira antes, e era maravilhoso. Ela queria mais. Tanto quanto pudesse ter.

Mas o rosto da mulher que lhe fazia isso – o rosto do anjo negro – escapava da visão de Batty. Era apenas um borrão. Ele sabia por experiência que sua visão era limitada à quantidade de energia que podia sentir na sala, e, mesmo que fosse bastante, não tinha certeza de que fosse suficiente para conseguir focalizar aquele rosto.

Mas ele precisava tentar.

Concentrando-se ainda mais, dedicou sua atenção à outra mulher. À signifiante de Ajda. Sua própria energia, sua energia *física*, começou a ser sugada. Ele sabia que não seria capaz de aguentar aquilo por muito tempo e acabaria deitado na cama de hospital em que Callahan ameaçara deixá-lo.

Mas não renunciou. Ao contrário, concentrou-se ainda mais.

A lente pela qual ele tentava enxergar começou a se mexer, e o rosto do anjo negro aos poucos tomou forma, ficando mais nítido. E, quando ele finalmente conseguiu focalizar a imagem, foi como se tivesse levado um chute nas partes íntimas. Batty sentiu o ar escapar de seus pulmões e um gosto de bile lhe subiu à garganta.

Era a ruiva.

A mulher que ele conhecera no Bayou Bill's.

A mulher com quem dividira sua cama e seu corpo e que não saía de sua mente desde a noite que haviam passado juntos.

Ela olhava para ele, sorrindo, e de repente a lembrança lhe invadiu a mente. Aquele pensamento impreciso que ele não conseguira

segurar quando falara para Callahan do envolvimento de Ozan com os Custodes Sacri. Ele se lembrava de estar deitado na cama com a ruiva, os dois conversando noite afora – sobre política, história, espiritualidade e Deus sabe o que mais. Mas agora ele se lembrava também, mais claramente do que nunca, do que ele lhe dissera sobre Ozan. Sobre o colar e sua conversa telefônica com o colecionador.

Sobre os Custodes Sacri.

O que queria dizer apenas uma coisa.

Que fora *e/le* quem dera início a tudo aquilo. *Ele* era o motivo da morte de Ozan. Era também por causa *dele* que Gabriela havia morrido. Aquela vadia, aquele anjo negro, os destruíra sem nenhuma piedade...

...da mesma forma que deve ter destruído Rebecca.

Olhando para o rosto sorridente, quis alcançá-lo para arrancar sua cabeça e enviá-la diretamente de volta ao inferno. E se amaldiçoou por tê-la deixado enganá-lo. Por tê-la deixado seduzi-lo. E a amaldiçoou por ter ido até sua casa em Ithaca e ter tirado dele a única mulher que ele amara.

Livrando-se daquela visão, Batty desmoronou no chão, tão esgotado que mal podia se mexer.

Então levantou os olhos para Callahan.

– Tire-me daqui – murmurou ele. – Tire-me daqui agora mesmo.

São Paulo, Brasil

Belial estava na cama com a namorada de José de Souza quando ouviu aquilo.

Ela estava apreciando a sensação da língua da moça – qual era o nome dela mesmo? –, que lambia sua barriga e subia em direção a seus seios. Souza, por sua vez, estava sentado numa cadeira ao lado, olhando-as com muito interesse, exibindo o dente preto do qual parecia ter muito orgulho.

Belial fechou os olhos, concentrando-se no calor úmido da língua contra sua pele. Ela ainda não havia decidido se queria transformar aqueles dois ou não, embora Souza e seu bando de anões pudessem ser muito úteis durante a noite da quarta lua. Mas Souza não lhe parecia ser alguém que *precisasse* ser transformado. Não imediatamente, pelo menos. Já era motivado por si só. Um convertido autodidata.

Um fã.

E o fato de ter alguém como ele a seu lado sem ter de sacrificar seu intelecto – que a transformação sempre acabava por enfraquecer – era uma proposta muito tentadora.

Mas ela já estava muito acostumada àquele tipo de tentação.

Belial voltara para São Paulo depois que um de seus contatos na polícia local lhe dissera que uma mulher de Manessa estava bisbilhotando a cena do crime e fazendo perguntas sobre a morte da cantora.

Embora isso não a preocupasse tanto assim, ela *se sentia* curiosa. Então resolvera voltar para São Paulo e descobrira que a mulher agora fora para Esaú. Isso a deixou *duplamente* curiosa, já que ela mesma estivera lá havia pouco tempo.

Será que o interesse da mulher em relação a essa cantora – e agora, obviamente, em relação ao negociante de antiguidades – era puramente profissional? Apenas uma junção das peças de um quebra-cabeça?

Ou ela era um dos Custodes Sacri?

Ao refazer o percurso da mulher pela cidade, Belial chegara à favela Paraisópolis, com toda a sua gloriosa depravação (o que era irônico, considerando-se o que aquele lugar já tinha sido), e fora apresentada a seu autoproclamado rei, um pequeno roedor inteligente, porém ávido demais, com uma provocante namorada de pele cor de cacau.

No fim das contas, a noite fora bem previsível.

Isso não era necessariamente ruim, mas *era* uma distração, enquanto o relógio não parava e ela tinha coisas para fazer. A cólera de Belzebu por seu fracasso em localizar os membros restantes do exército de seu teimoso irmão era justificada, mas não significava que ela tivesse abandonado o projeto. Seus filhos estavam trabalhando lá fora para ela. Sempre alertas.

E qual era o problema de alguns momentos roubados ao lado de uma deusa de língua dourada? Com certeza, Belial tinha direito a ter alguns prazeres...

Mas então, do nada, no momento em que a garota colocava os lábios sobre um mamilo enrijecido, levando-o à boca...

...Belial o ouviu. O som que ela tanto detestava. O grito inconfundível de uma alma se tornando pó.

Uma alma que *lhe* pertencia.

Ela se retesou de repente e empurrou a deusa para o lado, sentando-se na beira da cama.

– Há algo errado? – perguntou Souza, com olhar amedrontado. – Ela a machucou?

O quarto estava escuro exceto por algumas velas acesas na prateleira acima deles, e Belial gostava disso, porque não queria que esses humanos pudessem ver seu rosto. Ao contrário de seu irmão, que não tinha medo de mostrar seu tormento (quando isso acontecia), Belial preferia manter sua dor como algo privado.

E a perda de uma alma era sempre dolorosa.

Pelo menos, para ela.

Especialmente quando não era a primeira que perdia naquele dia. Seu irmão cuidara disso.

– Não é nada – disse ela para Souza. – Estou aborrecida, só isso. Está na hora de eu ir embora.

Nesse tipo de circunstância, os outros líderes do clã – Belzebu, Mamon e Moloque – pareciam ter mais orgulho de sua capacidade de manter-se estoicos, assim como Souza se orgulhava de seu dente esmaltado. Mas, para Belial, uma perda era uma perda. Cada alma que ia embora era uma peça faltante, um buraco na trama que demorara tantos séculos para tecer.

E não eram apenas simples posses para ela. Eram seus filhos.

E o fato de perder um deles a deixava entristecida.

Enquanto ela se vestia, Souza se debruçou na cadeira, com um ar preocupado no rosto:

– Tem certeza de que não quer ficar? Temos tantas coisas para conversar.

Essa ideia era absurda.

– Como o quê, por exemplo?

– Os próximos dias. Precisamos saber como nos preparar.

Belial olhou para ele e se segurou para não rir. Era divertido ver quão ingênuos podiam ser esses egocêntricos convertidos. Ele realmente achava que podia se preparar para o que estava por vir?

Nem *ela mesma* tinha certeza do que esperar.

– Olhe para a lua – disse ela, categórica. – Então, siga a própria natureza.

O segundo choque aconteceu menos de uma hora depois. Belial vinculou sua perda a Ajda, a jovem garçonete que encontrara em Esaú, e ela sabia que não se tratava de uma coincidência. A mulher da qual ouvira falar estava de certo modo envolvida. Ela tinha certeza disso.

Ajda devia ter sentido algo errado em relação àquela mulher e, de maneira insensata, resolvera cuidar daquilo sozinha. E agora, que Ajda não existia mais, o buraco da trama parecia maior que nunca.

Ela tinha sido uma das favoritas de Belial.

Então Belial decidiu parar de perder tempo e ir até Esaú sem mais tardar. Não para enfrentar, mas para observar. Se essa estratégia não funcionasse, ela poderia mudá-la, pois até agora a confrontação direta trouxera poucos resultados. E, mesmo que essa mulher não fosse membro dos Custodes Sacri, ainda assim podia ser muito útil.

Mas, enquanto se preparava para partir, Belial de repente sentiu uma pontada de dor no peito. Alguém tentando alcançá-la, tentando sugá-la para fora de sua pele, na turbilhante escuridão do outro mundo.

Ao perceber de quem se tratava, não resistiu. Abandonou-se.

E como poderia resistir?

Ela investira tanto tempo e tanta energia naquele homem... Era um preguiçoso e um bêbado, mas, desde que o vira pela primeira vez – muito antes de ele seguir esse rumo –, ela se sentira inexplicavelmente atraída por ele.

Sua capacidade mental. Seu intelecto. A complexidade de sua mente. A capacidade de ver coisas que os demais não viam.

Ela se lembrou do que Moloque lhe dissera naquela noite na casa de chá.

– É bastante evidente que você tem um fraco por essa patética criatura.

Moloque era um tolo presunçoso, mas falara a verdade. Ela tinha mesmo um fraco. E sua decisão de não transformar aquele preguiçoso tinha menos a ver com estratégia – como no caso de Souza – do que com...

Ela ousaria dizê-lo?

Seus sentimentos.

Da mesma forma que não conseguia controlar a tristeza que tomava conta dela toda vez que perdia uma alma, ela não conseguia subjugar o que sentia por esse homem. Um estado de espírito ao mesmo tempo perturbador e perigoso. Ela sabia que precisava transformá-lo imediatamente, mas não conseguia nem tentar. Não suportava a ideia de perder as qualidades que o haviam tornado como era.

E, depois daquela gloriosa noite em Manessa – um momento que ela havia adiado por dois longos anos –, ela fizera o possível para tentar esquecê-lo. Distraíra-se com o corpo de outros na esperança de que suas lembranças daquela noite logo desaparecessem.

Nunca voltara à casa dele. Nem à sua cama. E quase se convencera de que ele não era mais importante para ela.

Mas agora ele estava tentando alcançá-la. Flutuando na frente dela no éter. Juntando-se às persistentes lembranças daquela noite na casa de chá com Ajda.

E isso a intrigava.

Ele estava lá agora? Naquela casa de chá?

Ele tinha ido para Esaú?

Antes que pudesse avaliar a gravidade desses acontecimentos, ela o viu agachado perto do chão, com o rosto aparecendo de maneira nítida, e percebeu que ele não estava feliz. Longe disso.

Havia ódio naqueles olhos. Fúria.

E ela de repente soube, com toda a clareza, que – fiel a seu intelecto – ele agora estava perfeitamente ciente de quem ela era e do que ela fizera com aquele saco de ossos, aquela vadia arrogante que ele chamava de esposa.

E pela primeira vez tanto quanto se lembrava...

...Belial estava com o coração partido.

Istambul, Turquia

Depois da quinta dose de uísque, Batty ainda não estava totalmente anestesiado, mas já se sentia melhor. Levou a garrafa para o quarto de hotel e planejava esvaziá-la antes do fim da noite.

Estava deitado sobre um sofá perto da janela que tinha vista para a cidade, com o antebraço enfaixado e o manuscrito de Milton sobre uma almofada a seu lado. Mas ainda não o abrira. Sua excitação em relação à obra enfraquecera. Morrera, para melhor dizer. Ele estava ocupado demais em ficar bêbado.

E em pensar naquela ruiva.

Amaldiçoava-se por não ter reconhecido o que ela era no momento em que a levava para a cama. Mas o cheiro do pântano fora muito forte naquela noite, não é? Assim como a tentação.

Contudo, isso não era desculpa. Fosse qual fosse a tentativa desesperada de racionalização que elaborasse, o resultado seria sempre o mesmo.

Tinha dormido com a criatura que matara sua mulher.

Tivera relações íntimas com o anjo negro – um maldito *demônio*, certo? –, que foi até sua casa, infiltrou-se na mente de Rebecca e levou a mulher que ele amava à destruição, usando a voz *dele* o tempo todo para espalhar seu veneno.

A voz *dele*.

Agora, apesar de saber disso, e apesar do imenso desdém que sentia por aquela criatura, o desejo que Batty sentia por ela – o instinto animal – ainda não desaparecera. O fato de tê-la visto no chão com Ajda despertara nele um desejo que mal conseguia apagar.

E isso lhe dava nojo.

Por isso, a garrafa de uísque.

– Está disposto a falar sobre isso agora?

Callahan estava sentada na poltrona com o iPad de Ozan no colo. A cópia de *Steganographia* e as notas de Ozan ocupavam a mesa ao lado. Com Batty tão útil quanto uma lanterna sem pilhas, ela tomara conhecimento dos documentos e passara as duas últimas horas trabalhando, fazendo anotações, verificando referências, consultando a internet, enviando mensagens de texto... Ele não fazia ideia do que ela estava fazendo, mas com certeza andava bem ocupada.

Batty, por sua vez, estava apenas matando o tempo entre duas doses de bebida.

Ele se lembrava de que Ajda fora mais especificamente atrás dele naquele túnel. Seria possível que o cheiro da ruiva estivesse impregnado nele? Seria por causa disso que ele fora visto como uma ameaça? Ela o atacara por ciúme ou algo parecido?

– Terra chamando LaLaurie.

Ele piscou os olhos.

– Não há nada para conversar.

– Responda só a uma pergunta. Todo aquele discurso sobre anjos, servos e sicofantas não foi tirado apenas de livros, não é?

Ele olhou para ela. Percebeu que começara involuntariamente a esfregar a cicatriz do pulso esquerdo, como se soubesse de antemão o que ela estava prestes a perguntar.

– Não – disse.

Ela pôs o celular e o iPad de lado, olhando-o com toda a atenção.

– Veja bem. Você não precisa me contar a respeito disso se não quiser. Não fui exatamente a pessoa mais receptiva do planeta – disse Callahan, fazendo um gesto em direção à garrafa. – Mas me parece que está num trem rumo ao esquecimento, e na verdade estou sentada ao seu lado. Pode me chamar de egoísta, mas eu não gostaria que isso acontecesse.

– Faz alguma diferença?

– Para mim, sim – disse ela. – Vi meu pai beber até quase morrer pouco antes de colocar uma bala na cabeça. E não estou a fim de ver isso acontecer de novo.

Batty não costumava fazer isso sem autorização, mas ela tinha acabado de abrir uma pequena janela, e ele decidiu dar uma espiada na mente dela. Havia muita angústia infantil ali dentro, e ele soube que, em geral, ela mantinha a janela trancada.

– Não vou aborrecê-la com detalhes – disse ele. – Deixaremos isso para outro dia. Vamos apenas dizer que o que eu sei sobre esse assunto vem de duas coisas: minha maldição e minha estupidez.

– Vou precisar de um pouco mais que isso.

– A maldição com a qual nasci. Essa coisa que minha mãe chamava “A Visão”... – disse ele, e então levantou as mãos, mostrando as cicatrizes. – E minha estupidez.

– Suponho que você tenha feito isso depois que sua mulher foi morta.

– Depois do que vi em nosso quarto, pensei que soubesse exatamente para onde ela estava sendo levada, e fui suficientemente tolo para achar que podia ir atrás dela. E, quando cortei os pulsos, fui levado para um lugar que não desejo que ninguém conheça.

Para dizer a verdade, sua lembrança dessa viagem perdera a força nos últimos dois anos, tornando-se pouco mais que uma onda de terror num canto de sua mente, como um escuro fragmento de pesadelo. Mas ele voltara com a cultura e a história daquele lugar gravadas no cérebro como dados num microchip.

E esse tipo de conhecimento não era fácil de esquecer.

– Sei que eu não deveria ficar surpresa com isso – disse Callahan –, mas está dizendo que o inferno existe mesmo?

– Inferno, Lazaa, Tártaro, Kalichi... Cada religião lhe dá um nome diferente, e, pode crer, você nunca vai querer ir até lá se puder evitá-lo. Tive apenas uma amostra, mas já foi mais do que suficiente. E tenho quase certeza de que trouxe um pequeno pedaço de lá comigo.

Batty podia ver que, apesar de tudo o que Callahan já vira naquela noite, ela ainda tinha dificuldade em aceitar aquela ideia. Mas ele precisava dar-lhe crédito por ela pelo menos não rejeitá-la por completo.

Ela estava progredindo.

– O que quer dizer com pedaço de lá?
– Não sei se você reparou – disse ele –, mas nem sempre estou com a melhor disposição.

Callahan não disse nada.

– Acho que em parte é em consequência do que eu vi, mas há também algo dentro de mim, como se um pedaço vivo daquele lugar tivesse grudado na minha alma antes que eu voltasse. Como um parasita. Pelo que sei, foi por pouco que não me tornei servo também.

Motivo pelo qual, a seu ver, ele ainda sentia atração pela ruiva.

– Isso é ridículo – disse Callahan.

– Já fomos além do ridículo há muito tempo. E por que não dizer também absurdo, cômico, risível? Infelizmente, nada disso é muito engraçado.

– Então, que solução você propõe? Sentar aqui e chafurdar em sua própria miséria? Ou quer fazer algo de produtivo?

– Os dois não são incompatíveis, não é?

– Olhe, professor, preciso que você fique sóbrio. Do jeito que está não me serve para nada. Que tal chamarmos o serviço de quarto e pedir um bule desse horrível café de que os turcos gostam tanto?

– O convite parece tão agradável...

– É melhor do que convite nenhum, não é?

Ele pensou naquilo e então suspirou.

– Tudo bem. Eu me rendo.

– Muito bom – disse ela. – Tenho algo para lhe mostrar.

O café era tão forte e espesso que Batty quase sufocou na hora em que ele tocou sua língua. Ainda faltava muito para ele ficar sóbrio, mas sabia que precisava despertar e prestar atenção ao que Callahan estava dizendo.

– Estudei a lista de clientes de Ozan – disse-lhe ela. – Ele tinha mais de seiscentas contas ativas, e a casa de leilões vai de vento em popa. Nos últimos dois meses, enviaram setecentos e vinte e sete pacotes mundo afora.

– Então essa base de dados não serve para nada. E no que diz respeito ao iPad?

– É exatamente o que quero lhe mostrar.

Callahan pegou o iPad de Ozan sobre a mesa e apertou a tecla *home*, e a tela se iluminou.

– Seu aplicativo de e-mails está conectado a duas caixas postais diferentes. Profissional e pessoal, ambas vinculadas ao mesmo servidor, administrado por um provedor de internet aqui em Istambul – disse, e então tocou a tela e acionou o navegador. – Mas quando comecei a explorar, encontrei uma página da Web salva. Um serviço anônimo de e-mails, funcionando em nuvens.

– Nuvens?

– Em algum lugar da internet. Como o Google ou o Skytap, onde tudo é centralizado.

– O que quer dizer?

– Em si, não muito. Mas, quando o encontrei, eu me perguntei por que Ozan precisava ter uma conta de e-mails separada, mais especialmente anônima? Será que acessava sites pornô e tentava esconder seus passos? Isso não parece muito provável.

Batty de repente entendeu:

– Ele estava se comunicando com outros guardiões.

Callahan acenou com a cabeça:

– Não com frequência, mas, quando invadi a conta dele, encontrei quatro destinatários diferentes, para os quais Ozan mandou mensagens um dia antes de morrer. Ele já os jogara na lixeira, mas não se preocupou em esvaziá-la. Um erro que os amadores sempre fazem. Acham que, quando deletam uma mensagem, ela desaparece de vez.

– Então, quem são esses destinatários?

Callahan bufou.

– Eu gostaria que fosse fácil assim. Mas todos também têm contas de e-mail anônimas.

– Então, chegamos a um impasse.

– Não exatamente. Dei um jeito de invadir essas contas, gerar um rastreamento de IP, e descobri que foram acessadas pela última vez

em quatro cibercafés diferentes. São Paulo; Washington, D.C.; Londres; e Chiang Mai, na Tailândia.

– Já sabemos quem era o destinatário em São Paulo.

Callahan confirmou com a cabeça.

– Mas Gabriela não tinha acessado a conta desde que começara sua última turnê, de maneira que nunca recebeu a mensagem.

– O que é essa mensagem?

– É aqui que encontro dificuldades. Não é nada mais que um *spam*. Viagra com preços de internet, blabláblá. O tipo de coisa que as pessoas deletam, o que, claro, é o objetivo. Na verdade, é bastante engenhoso.

Ela tocou a tela do iPad e o passou para Batty, e, de fato, a mensagem que ela recuperara era um longo parágrafo sem recuo de um anúncio mal escrito. Do tipo que, ao receber, você imediatamente aperta a tecla para apagar. Mas ele sabia que era muito mais do que isso.

– Não é um *spam* – disse ele. – É uma mensagem escondida.

– Muito bem. Comecei a pensar no que você me disse na biblioteca de Ozan. Sobre Trithemius... e esse pequeno filhote... – disse, afagando a capa do exemplar de *Steganographia* que estava na mesa a seu lado. – Mas, se examinar o negócio que está no caderno de anotações de Ozan, você verá que ele era tão bom em esteganografia quanto em segurança de e-mails. Então ele escolheu o caminho mais fácil e utilizou um atalho para codificar as mensagens.

Batty olhou para o *spam* na tela.

– Que tipo de atalho?

– Verifiquei o *cache* do navegador dele e encontrei um site que permite escrever uma frase inteira na caixa de texto e codificá-la para que se pareça com isso. Imagino que os guardiões, do outro lado, usem o mesmo site para decifrar as mensagens.

– É o fim das velhas tradições. Presumo que você já tenha decodificado a mensagem também?

Ela confirmou com a cabeça e tocou de novo a tela, mostrando-lhe o resultado:

“Alguém está observando. Fique alerta.”

Batty estudou a mensagem com ar severo.

– Obviamente, ele não estava ficando paranoico. Era sensível e sabia o que estava por vir. Deve tê-lo sentido.

– E, infelizmente, Gabriela estava tão envolvida em sua turnê que não se preocupou em ler o aviso.

– Não tenho certeza de que isso teria feito grande diferença. E no que diz respeito às contas de Washington, D.C., e Londres?

– Ambas lidas e deletadas – disse Callahan, e então tocou de novo a tela do aparelho. – Mas esse não foi o único spam que Ozan mandou. Encontrei outra troca de mensagens em sua lixeira, com o destinatário da Tailândia, datada de umas duas semanas antes. Eu a decodifiquei, mas, mesmo assim, continua bastante secreta.

Ela lhe mostrou o resultado. Primeiro, a mensagem de Ozan:

“Conte-me a respeito de C Gigas, 7 páginas.”

Seguida da resposta do destinatário da Tailândia:

“Não cometa o mesmo erro que o poeta.

Você pode perder muito mais do que os olhos.”

Batty sentiu o coração acelerar.

– Tentei pesquisar esse C Gigas no Google – disse Callahan –, mas a única coisa que consegui foi uma página sobre ostras do Pacífico. E duvido muito que Ozan e seu amigo estivessem conversando sobre frutos do mar.

– Ou sobre uma pessoa. Estavam falando do Codex Gigas.

– O que é?

– Outro livro.

– O quê... Essas pessoas são obcecadas?

– Pelo jeito, sim – disse Batty. – Mas o que me surpreende é que tenha sido Ozan quem fez essa pergunta. Ele tinha uma das coleções mais completas sobre ocultismo que já vi; assim, me parece que já sabia tudo a respeito do Gigas.

– Ótimo, você e ele sabiam. Você se importa de me deixar a par?

– O livro também é chamado de Bíblia do Diabo – disse-lhe Batty.
– Foi escrito no século XIII, supostamente numa única noite. Com a ajuda de Satã.

– Maravilha.

– Tem mais ou menos o tamanho de um pequeno baú, e houve uma época em que foi considerado um das maravilhas do mundo. Essa coisa sobreviveu ao fogo e à Guerra dos Trinta Anos. E hoje está guardada numa biblioteca da Suécia – disse, e então olhou para o e-mail de novo. – Mas, como eu disse, Ozan já devia saber de tudo isso. Seu interesse residia nas sete páginas faltantes.

– Nas o quê?

– Faltam sete páginas no Gigas. Ninguém sabe como ou quando desapareceram, mas há todo tipo de especulações sobre o que contêm, desde uma mensagem de Satã até os segredos de Deus e do universo. E é provavelmente o que Ozan estava procurando – disse Batty, dando um tapinha na tela do iPad. – Mas foi a *resposta* que me intrigou.

– Por quê?

– Porque faz menção ao poeta. “Não cometa o mesmo erro que o poeta. Você pode perder muito mais do que os olhos.” Acho que nós dois sabemos de quem ele estava falando.

– John Milton.

– Exatamente. Ele ficou cego cerca de uma década antes de escrever *Paraíso perdido*. Mas essa resposta foi formulada como um *aviso* para Ozan: não cometa o mesmo erro. Como se Milton tivesse feito algo que *tenha causado* sua cegueira.

– Então, deixe-me ver se entendi bem – disse Callahan. – De um lado, temos essas sete páginas faltantes; do outro, temos dois guardiões que procuram mensagens secretas; e, no meio de tudo isso, um maldito poeta cego.

– Com certeza, existe uma conexão entre tudo isso. Precisamos apenas entender o que é.

Callahan se levantou, tensa.

– Bem, talvez tenhamos sorte quando falarmos com o monge.

Batty olhou para ela.

– O monge?

– Confrontei esses e-mails com o banco de dados dos clientes de Ozan – disse ela. – Tive cerca de cem respostas diferentes para Washington, D.C., e Londres, mas apenas uma para Chiang Mai. Há três meses, ele mandou um pacote para um mosteiro cristão de lá. Para um monge chamado irmão Philip. Já reservei as passagens.

– Então talvez ele *tenha* a resposta. Acho que isso faz sentido, se pensar bem.

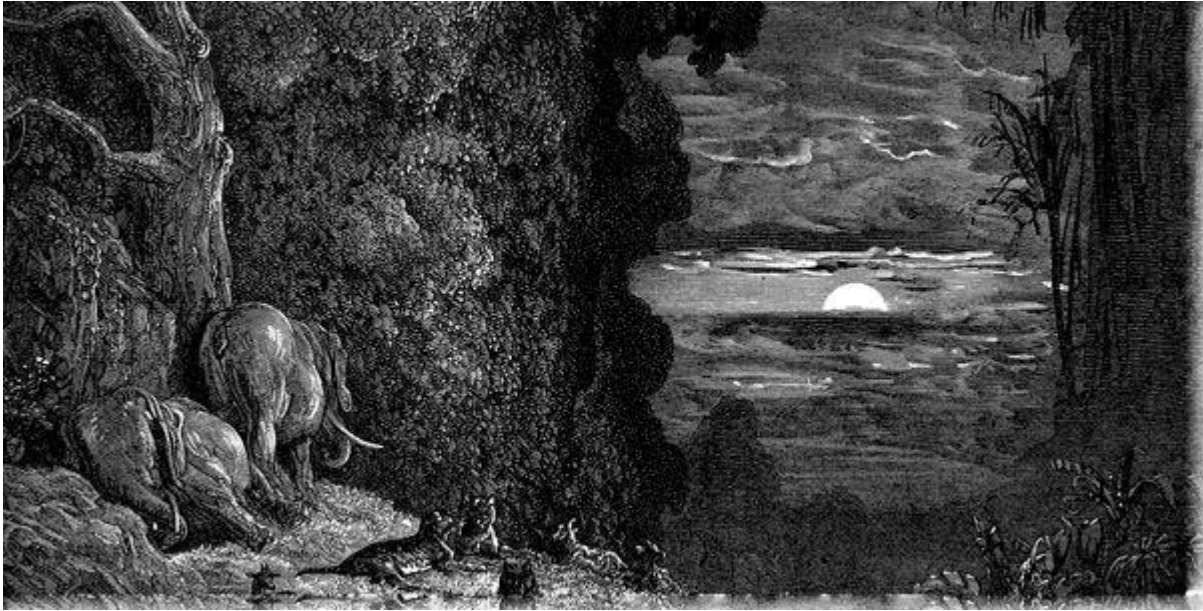
– Por quê? – perguntou Callahan.

– A Bíblia do Diabo foi escrita por um monge beneditino.

LIVRO VII

A quarta lua da tétrade lunar

No Oriente, clara fulge
Do grande eixo do Céu passando em torno
—*Paraíso perdido*, VII:380-81



Los Angeles, Califórnia, EUA

Ele sempre tivera problema para encontrar uma nova pele.

Se fosse parecido com sua irmã, Belial, ele simplesmente atrairia, seduziria e mentiria para obter o que quisesse. Mas, com o decorrer do tempo, criara um código pessoal. Que fazia questão de seguir à risca.

Sem subterfúgios, sem trapaças.

Ele conseguia o que precisava simplesmente pedindo.

Essa conduta limitava suas escolhas. Não havia tantos humanos por aí que quisessem entregar seu corpo sem a promessa de algum tipo de retribuição. Era por isso que ele se encontrava no Central City East, um pedaço do centro de Los Angeles conhecido como “O Níquel”, um bairro pobre, a alguns quarteirões do Angels Flight (uma linha de bonde situada na encosta que fora reaberta recentemente).

O corpo que ele ocupava – aquele que agora era obrigado a trocar – fora encontrado ali mesmo, um rapaz na faixa dos vinte e cinco anos que era viciado em heroína desde os dezessete e não tinha receio de deixar este mundo.

O rapaz falava com dificuldade por causa da bebida e das drogas, mas ainda estava consciente o bastante para entender o que lhe era pedido. Não se preocupava com recompensas. Queria apenas mudar de vida e estava mais do que a fim de tentar a sorte na vida após a morte.

– Como é lá? – perguntara ele.

– É totalmente diferente de tudo o que você já viu.

– E eu verei Deus?

– Não posso lhe fazer promessas, mas posso lhe dizer que o que você vai ver é um mundo *criado* por Deus. O que fará com isso

depende apenas de você... e não será sem correr perigo.

– Quero correr o risco.

– Tem certeza? Não quero fazer isso sem que você tenha absoluta certeza.

– Tenho certeza – disse o rapaz. – Há somente uma coisa que quero saber antes de começarmos.

– Pergunte.

– Seu nome. Quero saber seu nome.

Ele se lembrava de ter posto a palma da mão sobre a cabeça do rapaz e pensado que, apesar das aparências, era uma boa alma, que se daria bem no outro mundo. O mínimo que ele podia fazer era lhe dizer seu nome.

– Miguel – disse ele em voz baixa. – Meu nome é Miguel.

Mas isso pertencia ao passado, e agora ele estava ali.

Depois da luta na ruela e de todo o sangue que perdera, o corpo do rapaz não lhe era mais útil. Então Miguel fizera um emplastro para proteger suas feridas e, depois de um descanso bem merecido, usara o pouco de força que lhe restava para voltar àquele bairro.

Não se sentia seguro por ter tido de se afastar de Jenna. Seu instinto o mandava ficar com ela, vigiando-a – especialmente com Zack à solta por ali. Ele não queria perder um dia inteiro e parte da noite, mas que outra escolha tinha? Ela parecia estar em boas mãos no abrigo, e, se tudo corresse bem, ele voltaria a ouvir a canção dela antes do amanhecer.

Começou a perambular pelas ruas, sentindo a vida escapar-lhe a cada passo. Com certeza, podia abandonar o corpo em qualquer lugar, mas viajar neste mundo sem hospedeiro era algo difícil e complicaria sua tarefa. E achava mais fácil comunicar-se com esses seres quando se parecia com um deles.

Como sempre, o bairro vivia tomado por tipos perdidos e depravados. Jovens e velhos, homens e mulheres, cada um deles vítima de preconceitos e, em geral, de sua própria fraqueza mental e emocional. O sentimento de desespero era tão profundamente enraizado na psique deles que não encontravam outro remédio a

não ser entregar-se e abandonar tudo. Bebiam e se drogavam até esquecer, esperando e desejando o alívio final.

Estaria ele errado em se aproveitar desse desejo?

Talvez.

Talvez isso fizesse com que ele não fosse melhor que seus irmãos.

Mas suas intenções eram puras. Disso ele tinha certeza absoluta. Estava aqui para *ajudar* a humanidade. Uma causa à qual se dedicava havia muito tempo.

Já estava procurando fazia um bom tempo quando encontrou um candidato. Mais velho do que ele gostaria – perto de sessenta anos ou talvez um pouco mais –, mas tinha uma musculatura natural que não conseguia esconder, apesar da camiseta grande demais e do jeans mal cortado.

O homem estava deitado sob a marquise de um antigo cinema abandonado, aninhado contra o guichê coberto de tapumes, e tinha um longo cabelo grisalho e barba cheia, da mesma cor.

Parecia ser saudável e não ter sofrido os estragos da bebida e das drogas, de forma que Miguel presumiu que fosse doente mental.

O que, ao mesmo tempo, era uma bênção e uma maldição.

Uma bênção porque seu corpo não o abandonaria tão cedo, mas uma maldição porque era difícil explicar para alguém com doença mental que ele queria que o homem fizesse um último sacrifício.

Dilema que Miguel resolveu não enfrentar.

Então seguiu adiante, passando pelo homem, tirando-o de sua mente.

Meio quarteirão depois, contudo, sentiu uma dor no flanco e percebeu que a ferida estava aberta e voltara a sangrar.

Não lhe restava muito tempo.

Cambaleando, chegou a um ponto de ônibus, sentou-se pesadamente no banco e examinou a ferida, procurando estancar o sangramento. A lua estava baixa no céu noturno, tão próxima que parecia ser possível tocá-la, e ele ficou ali sentado, segurando o flanco, pensando no que ia acontecer dali a alguns dias.

A última fase da tétrade lunar.

O último de uma série de quatro eclipses totais, numa sequência ininterrupta, no período de um único ano. A última de quatro luas

deslizando pela escuridão, em profundo tom de cobre.

Uma lua de sangue.

Havia quem acreditasse que eclipses consecutivos fossem um sinal de Deus. Sinal de que seu filho logo voltaria à Terra, de que os mortos ressuscitariam e logo chegaria o Juízo Final.

Mas outros eram mais bem informados. Aqueles – como Miguel – que estavam aqui desde o início e haviam testemunhado a criação do homem e do mundo em que viviam.

Aqueles que queriam tomar posse deste mundo.

Os rebeldes negros que outrora haviam sido amigos de Miguel.

Os rebeldes sempre acharam que eram os heróis da história. Os que traziam a luz, os provedores da verdade, os poucos que haviam ousado se levantar contra um tirano para fazer do mundo deles um lugar melhor.

Mas a história é escrita pelos vencedores, e, quando a Guerra no Caeli chegara ao fim, os que tinham ousado desafiar o pai foram derrotados e destruídos, chamados de traidores e exilados nas entranhas de Abyssus.

Por todo o mundo, eles eram vistos como espíritos infernais. Anjos negros.

Demônios.

Para eles mesmos, entretanto, a única coisa que os separava dos chamados anjos de Deus era sua lealdade à liberdade individual. Não acreditavam que seu pai, o criador de todas as coisas vivas, fosse infalível. Nem achavam que ele fosse justo ou bondoso. E quando ele decidiu criar uma colônia de servos, dando às pobres criaturas desafortunadas a *ilusão* de liberdade, os rebeldes acharam por bem mostrar-lhe quão falível ele era.

Esses animais irracionais – *Homo sapiens*, como seriam conhecidos mais tarde – eram presunçosos e violentos, supersticiosos e facilmente corruptíveis, influenciados pelas inconstantes e geralmente conflitantes mitologias que seu criador elaborara para poder acalmá-los e manipulá-los.

Os rebeldes resolveram explorar essas fraquezas. Que maneira seria melhor para expor a arrogância de seu pai do que atrair seus preciosos servos para o fogo eterno? Tentar convencê-los a se juntarem à Nova Rebelião?

Talvez, se ele tivesse tratado essas criaturas com mais dignidade, isso não tivesse sido possível. Mas ele cometera um erro ao dizer-lhes que eles tinham livre-arbítrio ou ao puni-los quando desafiavam sua vontade.

Essa contradição logo veio à tona.

Enquanto a história continuava sendo escrita por seus seguidores, que pintavam os rebeldes como más e egocêntricos – usando o medo como motivação comum –, os rebeldes trabalhavam silenciosamente e apropriadamente, criando seu próprio reino no meio das chamas de Abyssus e fazendo o possível para minar sua autoridade.

Lúcifer, um formidável guerreiro que já fora o anjo mais perfeito de Deus, demonstrara uma aptidão incomparável para a crueldade. E logo se destacou até tornar-se o líder dos rebeldes, incitando-os a voltar para Caeli e recomeçar a luta. Para conquistar o reino de seu pai e reaver a dignidade que arrancara deles.

Mas na noite da quarta lua, no final da primeira tétrade lunar, notícias de sua rebelião chegaram aos ouvidos do pai, e este atacou primeiro, sem demonstrar nenhuma piedade para com o rei rebelde.

Simplesmente matar Lúcifer seria cruel demais, então resolveu bani-lo para a Cidade da Sétima Porta, aprisionando-o numa cela de fogo para que contemplasse para sempre as consequências de suas ações.

E era lá que Lúcifer residia até hoje. Numa eterna agonia.

Embora considerassem sua causa nobre, os rebeldes restantes se separaram com medo da retaliação do pai. Começaram a brigar entre si, dividindo-se em clãs, cada qual liderado pelo mais forte entre eles.

Belial. Moloque. Mamon. Belzebu.

Miguel.

E, conforme o tempo passava, século após século – seus espíritos entorpecidos e suas lembranças apagadas por guerras, cobiças e

mágoas –, eles acabaram esquecendo por que haviam se juntado no início.

Tornaram-se cada vez mais tomados pela sede do poder e pelo desejo de controlar o parque de diversões criado por seu pai.

Mas essas criaturas terrestres, esses humanos, acabaram sendo mais reticentes do que eles esperavam, e aquele parque de diversões acabou não se mostrando tão fácil de dominar.

Belzebu, por ordem de Lúcifer, convocou uma reunião dos clãs em Pandemônio, a única cidade de Abyssus que não fora marcada por conflitos políticos – um território neutro, construído pelo grande Mulciber, no qual os líderes não temiam ataques surpresa.

E nessa reunião formou-se uma aliança. Foi selado um acordo.

Um pacto de sangue.

Disseram que o pai deles e seus anjos no Caeli, muito tempo atrás, tinham virado as costas para o mundo que ele criara, encontrando outras diversões para ocupar o tempo.

Como não temiam mais o risco de retaliação, os clãs agora trabalhariam juntos por uma meta comum. Se não pudessem voltar para o Caeli, criariam seu próprio mundo. O amor que tinham por Lúcifer não se apagara, e, como seu destino fora decidido sob a luz vermelho-sangue da quarta lua da tétrade, eles usariam o poder dessa lua para obter a Conquista Final. Abririam as sete portas do inferno, libertariam o rei Lúcifer de seu eterno castigo e reinariam sobre o novo paraíso, escravizando para sempre esses fracos humanos como símbolo da indiferença de seu pai.

Apenas Miguel se opusera ao plano.

Talvez, ele lhes dissesse, existisse outra maneira de alcançar essa meta. Talvez, se honrassem o pai, se permanecessem fieis à intenção original de sua criação, eles pudessem trabalhar com as criaturas da terra e viver em harmonia.

Entretanto, Miguel foi ridicularizado pelos outros. Até sua irmã Belial o chamou de ingênuo, um tolo por acreditar que o fato de honrar seu pai lhe traria mais do que outras mágoas.

Mas Miguel não se deixou dissuadir. Enquanto os demais continuavam corrompendo os humanos, colhendo almas que, junto com o poder da lua, abririam as sete portas e trariam de volta seu

amado rei, ele trabalhava em silêncio sua meta, minando os projetos deles toda vez que podia, tentando instaurar a paz entre os humanos, usando as mitologias criadas por seu pai para persuadi-los a serem bons e puros, ilesos à corrupção dos rebeldes.

E a cada nova tétrade lunar ele conseguia derrotar as forças da aliança e impedi-las de alcançar sua meta.

Mas não era uma tarefa fácil, e a determinação de Miguel começou a enfraquecer. Desesperado, chamou seu pai, insistindo para que ele o escutasse, pedindo-lhe que prestasse atenção ao mundo que abandonara e o trouxesse de volta à luz.

Uma noite, então, quando já estava praticamente convencido de que seu chamado não fora ouvido, seu pai apareceu, entretido pelo pedido.

– Olhe para o mundo que você tanto deseja – disse ele. – As pessoas que o habitam são tão corruptas e egocêntricas quanto Lúcifer e sua laia. Por que eu deveria me preocupar com o que pode acontecer com eles? Por que *você* se preocupa?

– Porque me lembro do que era morar na luz da sua graça. E quero que essas pessoas conheçam essa sensação. Aqui na Terra.

– Já tiveram sua chance.

– Mas não merecem uma segunda chance?

Seu pai pensou naquilo. Então disse:

– Vou fazer mais do que isso, meu filho. Olhe para os céus, e a cada nova tétrade lunar esses seres em que você tanto acredita terão outra chance. Durante esse tempo, você precisa ouvir uma canção, a canção do Telum.

– Telum?

– Uma arma milagrosa, tão poderosa que dará a esses seres a paz que você tanto almeja, ou então os destruirá para sempre. E, na noite da quarta lua, quem tomar o controle da arma controlará o destino do mundo.

Fez uma pausa, olhando Miguel com ar severo.

– Só tome cuidado, meu filho. Não vou facilitar sua tarefa. Não será fácil ouvir a canção, e seus inimigos também saberão a respeito dessa arma.

– Mas... por quê?

– Porque também são meus filhos.

Treze tétrades lunares já haviam passado nesses inúmeros séculos, e nada tinha mudado. Miguel fracassara várias vezes ao tentar ouvir a verdadeira canção do Telum. E a cada nova lua cor de sangue os rebeldes se aproximavam mais e mais de sua meta.

Mas dessa vez seria diferente.

Tinha de ser.

Porque os rebeldes estavam mais perto do que nunca, e ele sentia que aquela era sua última chance.

Um grito interrompeu os pensamentos de Miguel. Uma explosão de risos.

Ainda segurando o flanco com a mão, ele se virou e olhou na direção do cinema. Três homens haviam saído cambaleando de um bar ali perto e estavam olhando para o velho homem, avançando na direção dele.

Os três tinham o porte de jogadores de futebol americano de colégio. Com corte de cabelo militar.

Por um instante, Miguel supôs que talvez fossem servos, mas logo mudou de ideia. A vibração deles era humana demais – mesmo àquela distância.

– Olhe só – disse um deles, quando pararam diante da bilheteria.

– Vejam o Gandalf. Ele não parece estar no seu melhor dia.

– Não é seu pai? – disse outro, que juntou-se ao terceiro rapaz e, embriagados, redobram as gargalhadas.

Irritado, o primeiro se aproximou do velho e lhe deu um cutucão com a ponta do pé.

– Ei, seu saco de lixo, o que acha que está fazendo aqui, dormindo no meu ponto? Tenho uma suíte reservada.

Os outros riram de novo.

Agora acordado, o velho se encolheu e balançou a cabeça, murmurando alguma coisa de forma incoerente enquanto se aninhava ainda mais em posição fetal.

O primeiro rapaz o cutucou de novo.

– Tire esse caralho da boca e diga algo, cara.

Mais uma onda de risos tomou conta dos outros dois rapazes, mas o primeiro não os acompanhou. Estava bêbado e furioso, e não tinha como esconder o ódio e o nojo que seus olhos expressavam.

O velho, contudo, fingia não ter visto. Continuava murmurando para si mesmo.

Então Miguel se levantou, sentindo uma necessidade súbita de tranquilizá-lo. Ele não costumava fazer aquilo – era contrário a seu código –, mas sempre havia exceções.

Sempre.

– *Está tudo bem* – disse ele, abrindo caminho por dentro do cérebro do velhote. – *Não vou deixar que o machuquem.*

Mas o velho não parecia ouvi-lo nem podia acompanhar a velocidade de sua mente.

– *Conte até dez, e eles irão embora. Conte até dez, e eles irão embora. Conte até dez, e eles irão embora. Um, dois, três. Um, dois, três. Um, dois, três, quatro, cinco. Conte até dez, e eles irão embora...*

Mas eles não foram embora. O rapaz furioso se agachou diante do velho e empurrou um dedo contra o ombro dele.

– Está me ouvindo, seu merda?

– *Um, dois, três. Um, dois, três, quatro. Um, dois, três, quatro, cinco...*

– Deixe pra lá, Jimmy – disse o terceiro rapaz. – Esse cara é doido. Vamos sair daqui.

Mas Jimmy negou com a cabeça.

– Foda-se. Não passei seis meses no deserto para que esse babaca receba uma ajuda do governo e passe dia e noite nadando na própria merda – disse, e cutucou o velho de novo. – Onde estava quando eu caçava aqueles caras de turbante, seu imbecil mal-agrado? Chupando as tetas do Tio Sam?

– *Conte até dez, e eles irão embora. Conte até dez, e eles...*

– Pare, Jimmy, dê um tempo. Ele não está fazendo mal a ninguém.

– Talvez você queira ouvir o que seu amigo tem a dizer – disse Miguel.

Ele agora estava a menos de um metro de Jimmy. Bem à sua direita. No estado em que se encontrava, tivera dificuldade para

pular até ali, mas mesmo assim conseguira.

Jimmy se virou e se levantou.

– De onde *você* saiu, porra?

– É uma história longa demais para o tempo de que dispomos. Mas vou lhe dizer para onde *você* vai.

– Para onde?

– Embora – disse Miguel. – Agora mesmo. Se será ou não por vontade própria só depende de *você*.

O fato de intervir diretamente nos assuntos humanos estava muito além dos limites que se impusera, mas ele não podia controlar-se. O velho já tinha sua carga de problemas, e Miguel não podia ficar parado olhando aquele idiota tratá-lo daquela forma.

Jimmy demorou a reagir, olhando-o de cima a baixo.

– Quem é *você*? O rei dos mendigos ou algo parecido?

– Algo parecido.

Jimmy deu uma olhada em seus dois amigos.

– Vocês ouviram esse babaca? – disse, e fez um gesto. – Olhem para ele, está pingando sangue por toda a calçada.

Era a pura verdade. As feridas estavam totalmente abertas, e o corte no flanco de Miguel havia aumentado.

– Vai acontecer a mesma coisa com vocês se não forem embora.

Jimmy o olhou fixamente.

– Tem colhões de aço, cara, vou lhe dar...

Miguel deu-lhe um soco rápido e violento, e Jimmy acabou caindo no chão, com o nariz ensanguentado. Então, virou-se para os outros dois, que haviam tido a boa ideia de recuar.

– Essa briga não é com vocês – disse. – Peguem seu amigo e saiam daqui. Eu realmente não quero...

O golpe veio de trás, acertando diretamente a ferida no flanco de Miguel. Ouviu-se um som desagradável na hora do impacto, como de uma sucção, e a dor se espalhou por todo o sistema nervoso central, paralisando-o no mesmo instante.

Ele segurou a ferida e caiu sobre um joelho, sabendo que Jimmy tornara definitivamente seu corpo inútil. De repente, sentiu que não tinha mais conexão com ele, que não tinha mais o controle. E, antes

que percebesse, os três gorilas estavam em cima dele, cobrindo-o de socos e pontapés. Jimmy se mostrou o mais brutal dos três.

Miguel estava no chão, olhando fixamente para os olhos aterrorizados do velho...

– Conte até dez, e eles irão embora. Conte até dez, e ele irão embora...

Mas Miguel sabia que eles não iriam embora. Assim que acabassem com ele, Jimmy voltaria sua fúria contra alguém que não queria nada a não ser ficar sozinho.

Então Miguel fez o que precisava ser feito. Violando mais uma vez seu código, abriu caminho por dentro do cérebro do velho.

– Deixe-me entrar, e vou libertá-lo – disse ele. – Deixe-me entrar, e tudo isso desaparecerá para sempre.

...Um, dois, três, quatro, cinco. Um, dois, três, quatro, cinco...

Deixe-me entrar, e eles não poderão machucá-lo. Ninguém jamais poderá machucá-lo de novo. É a única maneira. Você sabe que é a única maneira.

Ele não sabia se o velho podia ouvi-lo. Como os golpes não paravam, Miguel começou a sentir a escuridão aproximar-se.

Quando o mendigo parou de se mexer, Jimmy cuspiu nele e disse:

– Pelo jeito, seus colhões não são tão grandes assim, não é, babaca?

Cuddy se agachou perto do homem para sentir seu pulso.

– Meu Deus, Jimmy. Ele está morto. Você o matou, porra.

Jimmy deu de ombros.

– Legítima defesa. Além do mais, ele já estava bem machucado. Eu só lhe dei um empurrão.

– Você acha que os tiras vão acreditar nisso?

Jimmy viu que havia algo saliente nas costas do homem e se abaixou, empurrando a jaqueta de lado. Havia uma Glock 20 enfiada na cintura.

– Vocês estão vendo? O safado estava armado. Não vejo motivo algum para envolver os tiras nisso.

Cuddy pareceu enlouquecer.

– E vamos *deixá-lo* aqui? – disse, e virou-se para o velho mendigo perto da bilheteria, que ainda estava balançando a cabeça. – E esse babaca? Ele viu tudo.

– Esqueça – disse Weasel, começando a se afastar dos outros dois. – Ele não vai dizer nada. É um doido, lembra? Ele não vai se lembrar de porra nenhuma.

Jimmy tirou a Glock da cintura do mendigo e se levantou.

– Talvez não. Mas não estou a fim de lhe dar essa chance.

– O que vai fazer? – disse Weasel – *Atirar* no cara?

– Tomar a temperatura dele é que não é.

Cuddy balançou a cabeça e riu nervosamente.

– Pelo amor de Deus, Jimmy, não faça essa cagada.

– Pense bem. Dou um tiro no babaca, coloco a pistola na mão do outro, e temos uma briga entre mendigos que acabou mal. Caso encerrado.

Verificando o carregador da Glock, ele o repôs no lugar e se aproximou da bilheteria, olhando para o velho.

Era um desperdício de espaço.

Jimmy apontou a Glock na direção dele:

– É melhor rezar, saco de lixo, se é que ainda acredita nesse tipo de coisa.

– Ah, eu acredito – disse o velho, que, para surpresa de Jimmy, tirou as mãos da cabeça e levantou os olhos na direção do rapaz com uma clareza desconcertante. – E você também vai acreditar antes mesmo de eu terminar.

Então ele esticou a mão, agarrando Jimmy pelo tornozelo e puxando-o pelos pés. Jimmy levantou a arma, mas, antes que tivesse tempo de atirar, o velho lhe agarrou o pulso. Ele sentiu seus ossos se quebrarem e largou a arma enquanto gritava de dor, implorando que o velho o deixasse ir embora.

Ouviu passos na calçada atrás dele, mas estavam indo na direção errada, e ele entendeu que Cuddy e Weasel estavam fugindo.

Agora o velho estava acima dele, pressionando o pé no peito de Jimmy, com uma estranha cor âmbar nos olhos.

– Você devia ter ido embora quando ainda era possível.

Miguel deixou o rapaz ao lado da bilheteria. Não morto, mas certamente preferindo estar. E, quando a polícia o encontrasse, o bom e velho Jimmy teria muito que explicar sobre o corpo bastante machucado que estava deitado a alguns passos dele.

E o que poderia dizer?

Uma briga de mendigos que acabara mal?

Descendo a rua, Miguel flexionou os dedos das mãos e fez uma rotação nos ombros. A punição que ele dera fora um bom aquecimento, mas ainda demoraria um pouco até dominar seu novo corpo.

Contudo, ele não podia parar para cuidar disso.

Estava na hora de voltar para Jenna.

Os rumores de desastre começaram na internet.

Bel sentou-se à mesa para navegar nos sites de notícias. Talvez Moloque e Mamon estivessem certos, talvez os esforços acumulados dos últimos séculos estivessem prestes a ser recompensados.

Durante semanas, a blogosfera e as redes sociais tinham sido tomadas pela notícia da publicação de um documento confidencial. Ele supostamente comprovava que os militantes do Hezbollah não apenas haviam colocado as mãos num esconderijo de armas nucleares como pretendiam apontá-las para o Egito.

Discutia-se arduamente se aquele documento era verdadeiro ou não, mas o mal já tinha sido feito, e os governos do Egito, da Síria, do Irã e do Líbano estavam em alerta máximo, enquanto Israel tomava medidas de emergência para se proteger. Todas as partes envolvidas faziam discursos veementes que costumavam dar calafrios em quem prestasse atenção.

Menos de uma semana depois, a Coreia do Norte reafirmou suas ameaças de agressão contra a Coreia do Sul, e as tentativas diplomáticas do secretário de Estado americano foram consideradas um fracasso total. A guerra entre as duas nações parecia inevitável.

Isso, somado à degradingolada da economia mundial, aos tumultos durante a recente reunião de cúpula do G20, às violentas escaramuças entre países do Terceiro Mundo, ao crescimento da venda de armas no mercado negro – inclusive rumores de contrabando de urânio enriquecido a partir da Rússia –, fazia com que houvesse um consenso geral de que o mundo estava prestes a sofrer uma tempestade de magnitude nunca vista.

Em vez de tentar achar soluções concretas para esses problemas, os políticos usavam a mídia para acusar-se mutuamente pela responsabilidade de tamanho fracasso. As calúnias entre os

partidários tinham alcançado um novo patamar. Os líderes religiosos incentivavam seus seguidores a se preparar para o Arrebatamento, enquanto o resto da humanidade não desgrudava os olhos da televisão, perguntando-se se ainda estaria viva para o próximo capítulo de *Santos e pecadores*.

Quem seria colocado para fora da casa? Andrew ou Tasha?

Bel sorria de satisfação toda vez que seu projeto predileto se tornava assunto nacional. Na opinião dele, ao se deixarem distrair pela televisão num momento tão crítico, os seres humanos faziam por merecer.

Talvez o ponto nevrálgico estivesse próximo, e os esforços de seus irmãos em Amsterdã rendessem frutos. Ou talvez Belial tivesse razão a respeito da garota, e o esquivo Telum acabara de ser encontrado. A arma máxima. Durante uns instantes, Bel imaginou o prazer que teria em poder liberá-la.

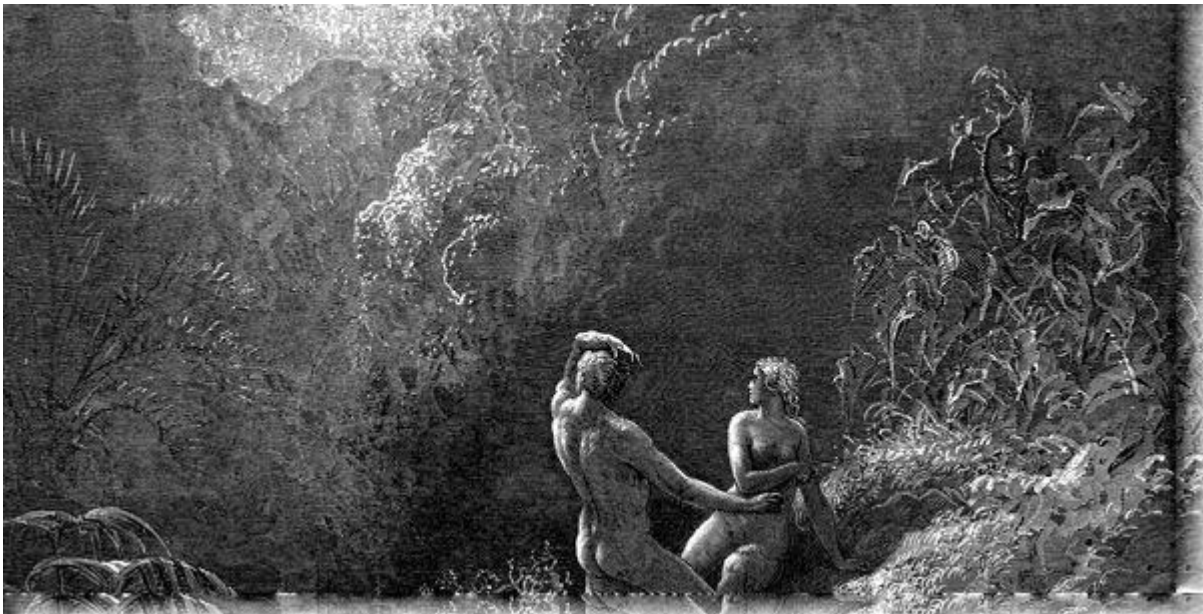
A verdade nua e crua era que ninguém realmente sabia o que estava por vir, nem mesmo – e especialmente – os dirigentes de Estado do mundo. E que chances a humanidade poderia ter com eles quatro mexendo os pauzinhos?

E se aquela garota *for* o Telum, meditou Bel, essas patéticas criaturazinhas não podem imaginar o que lhes vai acontecer na noite da lua de sangue.

LIVRO VIII

Turbulência a caminho do esclarecimento

Deles muito receio a vigilância:
Para iludi-la corro manso, obscuro,
Embuçado na névoa da alta noite,
E espreito por arbustos, por balseiras,
Onde esteja a serpente adormecida
Para dentro em seus círculos meter-me
A mim e os negros planos que me ocupam.
—*Paraíso perdido*, VIII:157-62



Istambul, Turquia

Batty e Callahan pegaram um voo fretado numa pequena pista de decolagem a oeste de Istambul.

Mas, enquanto atravessavam a pista, Batty sentiu uma energia por perto. Uma escuridão ainda mais profunda que a escuridão ao redor deles, como se alguém estivesse à espreita na sombra, observando-os.

Ele se lembrou de Ajda no túnel e se perguntou se aquela sensação não seria apenas uma vaga reminiscência de seu ataque. Às vezes, isso acontecia com ele. Tinha dificuldade em se livrar desses sentimentos. Mas, quando subiam os degraus que levavam à porta do avião, ele parou um instante e deu uma olhada ao redor.

– O que foi? – perguntou Callahan, com ar ansioso.

Ele fez um sinal com a cabeça.

– Nada de preocupante.

Ela esperava que ele estivesse certo.

Batty não gostava de aviões pequenos. Todos nos quais já viajara pareciam desenvolver uma paixão por turbulências, e aquele não fazia exceção à regra. Mas, pelo menos, os assentos eram confortáveis. Para quem tinha de passar horas atravessando o céu num minúsculo tubo de metal, não havia nada melhor do que desfrutar de um assento do tamanho de uma poltrona.

Como sempre, Callahan – que estava sentada do outro lado do corredor – não desgrudava os olhos do celular. Parecia tranquila, mas ele sabia que a mente dela devia estar a mil, assim como estivera a dele a primeira vez em que tivera de lidar com as

realidades do mundo. O fato de ela aguentar tudo aquilo tão bem mostrava quanto era tenaz.

Callahan era o que sua mãe teria chamado “uma mulher sem limites”. Em outras palavras, sem marcha a ré. Sempre andando para a frente, como um tubarão. E, depois de ter visto o que ela fizera com Ajda, ele não tinha inveja de quem se colocasse no caminho dela.

Esperava que essa viagem não fosse inútil. Embora Ozan e o monge tivessem tomado o maior cuidado na troca de e-mails, Batty sabia que, se Callahan conseguira decifrá-los, outras pessoas também poderiam fazê-lo.

E isso queria dizer que o irmão Philip corria perigo.

Claro, eles não podiam garantir que Philip fosse um guardião. Praticamente não tinham informações a respeito dele. Para Batty, o monge não se encaixava num típico perfil cristovense de redenção espiritual, mas eles não sabiam qual fora o percurso do irmão Philip. Callahan solicitara que o escritório de Washington verificasse seus antecedentes, mas ainda não obtivera nenhum retorno.

Todo aquele envolvimento do governo aborrecia Batty.

No hotel, ele pensara em Washington, D.C. e no e-mail que Ozan havia mandado para um cibercafé de lá. Sabendo que se tratava do lugar predileto de Callahan, uma pergunta lhe surgira à mente.

– Como é que você se viu envolvida neste caso pela primeira vez?

– Da mesma maneira de sempre – dissera ela. – Eles me deram uma missão, e peguei um voo. Ela tinha um grau de prioridade maior que o de costume, mas não fui contratada para fazer perguntas, apenas para executar ordens.

– Você já parou para se perguntar por que motivo foi enviada para investigar a morte de uma estrela pop?

– Claro que sim.

– E qual é sua conclusão?

– Que eles sabem mais do que eu. Mas é sempre assim.

– Talvez alguém tenha ficado com a pulga atrás da orelha.

– Quem?

Batty deu de ombros.

– Alguém que saiba o suficiente para reconhecer um sinal vermelho ao vê-lo. Talvez alguém que tenha recebido uma mensagem de e-mail que dizia “Fique alerta”. Eles ouvem falar de Gabriela, acontece de seus colegas estarem próximos o suficiente para exercer alguma influência, e logo depois, você sabe, já está a bordo de um avião.

Por um instante, Callahan pareceu avaliar o peso de uma decisão, e então disse:

– Estou quebrando o protocolo ao lhe dizer isto, mas acho que a ordem pode ter vindo diretamente da Casa Branca.

– Você acha que nosso presidente pode ser um guardião?

Callahan riu:

– Duvido muito, mas ele já foi acusado de coisas bem piores. Talvez alguém de seu governo seja. E, se for verdade, então por que essa pessoa solicitou meu serviço? Por que não avisou diretamente aos demais?

– Talvez ele tenha se sentido comprometido. Pode achar que está sendo vigiado e não quer fazer alarde.

– Ninguém nos explica o que está na base de tudo isso. Por que Milton, entre tanta gente? Por que *Paraíso perdido* e a procura de mensagens ocultas? Por que todas essas perguntas sobre páginas faltantes e livros gigantescos? Odeio agir às cegas.

– Talvez o irmão Philip possa responder.

– Supondo que o encontremos – disse Callahan.

Foi aí que pararam a conversa, pegaram um táxi para um aeroporto longínquo no meio da noite e alugaram os serviços de um piloto que os levasse, pelo céu sem nuvens, dentro de um minúsculo tubo de metal.

Mas, no final das contas, não era a turbulência que aterrorizava Batty.

Era a descida para o pouso.

Callahan estava exausta. Passara as últimas horas rememorando as loucuras da noite, com imagens de sicofantas e tochas humanas

tomando conta de sua mente, convencendo-a de que toda a sua vida fora uma farsa.

Mas não era culpa *dela* se não soubera da existência dessas coisas e pensara que eram apenas fantasias criadas para assustar e divertir em filmes, livros e histórias contadas em volta da fogueira. Talvez, se ela tivesse tido uma mente mais aberta, se não estivesse tão distante daquele mundo, quem sabe ela poderia ter pelo menos aceitado a *possibilidade* de que aquilo existisse, e não estaria pagando pelas consequências, como agora.

Callahan pensou naquele momento na ruela de Paraisópolis. Vendo-se aos dez anos com uma arma na têmpora. Teria sido aquilo simplesmente resultado das fissuras de seu passado ou havia algo mais sinistro acontecendo? Aquele lugar era fantasmagórico.

De repente, ela percebeu que estava prestes a ter outro ataque de pânico e juntou todas as forças para dominá-lo. Suas mãos tremiam como nunca, e ela sabia que, se não conseguisse dormir logo de forma decente, teria de ser retirada do avião numa maca.

Mas, como sempre, o sono se negava a vir.

Recusando-se a permanecer sentada repassando na mente os mesmos acontecimentos até ficar completamente louca, retirou da bolsa o caderno de anotações de Ozan e começou a percorrer os versos que ele copiara, concentrando-se nas letras e palavras riscadas, tentando ver se podia encontrar o que Ozan estava procurando.

Callahan lera alguma coisa sobre os esquemas do código de Trithemius, e um dos códigos mencionados no *Steganographia* era chamado criptograma Ave Maria, no qual se procurava cada letra em todas as outras palavras. Mas estava claro que Ozan já pesquisara, sem êxito, esse código.

E não importava como ela reorganizasse aquelas palavras; não chegava a nenhum resultado. Nada mesmo. Se existiam mensagens ocultas, estavam muito além de sua mente enfraquecida. Mesmo assim, ela passou cerca de uma hora analisando todas as possibilidades antes de por fim desistir, totalmente frustrada.

E ainda assim não conseguia dormir.

Colocando o iPad de Ozan no colo, pensou em procurar outros e-mails, mas os técnicos da Seção já haviam sido alertados e estavam ocupados em investigar o servidor de Ozan, portanto ela realmente não tinha mais nada a fazer ali. Em vez disso, pensou em navegar pelo site do *The New York Times* e olhou com desânimo para a manchete:

"O DEPARTAMENTO DE ESTADO ALERTA
PARA A PROLIFERAÇÃO NUCLEAR"

O artigo informava que as agências de inteligência americanas haviam descoberto provas de que recentemente se localizara urânio para a fabricação de armas tanto no Oriente Médio quanto na África. Algumas agências demonstravam receio quanto ao fato de que várias ogivas nucleares já pudessem ter sido fabricadas e estivessem circulando no mercado negro, e a ameaça de destruição iminente parecia ter contaminado todos em Washington, D.C.

O procurador-geral insistia em dizer que não havia motivo para alarme. Estava trabalhando dia e noite e, com a ajuda do presidente, cuidava da implantação de uma aliança internacional para estudar e debater essas preocupações. Contudo, segundo a maior parte dos peritos, as prometidas providências eram poucas e estavam sendo tomadas tarde demais. O estopim já fora aceso e podia não ser tão fácil de apagar.

Talvez eles tivessem de se preocupar com outras coisas além de anjos negros, pensou Callahan.

Por que diabo estava indo para a Tailândia?

Largando o iPad com ar de desgosto, ela se encostou no assento e fechou os olhos. Se ao menos pudesse simplesmente abandonar-se, sem tentar lutar a todo custo, sua insidiosa ansiedade poderia se acalmar e deixá-la dormir.

Quando ela era bem jovem, e seu pai ainda vivia, ele se acomodava na beirada de sua cama e cantava uma música. Callahan sempre sentia o cheiro de bebida no hálito do pai, mas ela o amava, ele estava com ela e só isso importava. Lembrava-se de sua voz, grave e doce, enquanto ele lhe afagava a testa com a ponta dos dedos.

Então, para sua surpresa, ouviu de repente a voz dele dentro de sua cabeça:

Durma, Bernadette. Durma.

O som era real, como quando ele sussurrava em seu ouvido. Mas ela sabia que era impossível. Ele morreria havia tantos anos...

Durma, meu anjo. Durma. Estou aqui com você. Sempre estarei aqui. Então, relaxe e durma.

Sim, pensou ela. Dormir.

Talvez ela conseguisse, afinal de contas.

No exato momento em que pensou nisso, suas preocupações começaram a se dissipar, como por magia. Agora dormir se tornava algo realmente possível, uma possibilidade *que consumia todo o resto*, e a tentação era maior do que sua capacidade de resistir. Sua ansiedade não seria mais um problema. Os tremores iam cessar. E o mundo junto com eles. Tudo seria melhor se ela se entregasse ao sono.

Durma, minha querida.

E, antes que Callahan percebesse, uma feliz e doce escuridão a envolveu... E a levou embora.

Três minutos antes da descida, Batty tirou da bolsa o manuscrito de Milton, finalmente disposto a examiná-lo.

Era uma belíssima obra. A capa de couro esgarçada, as páginas marcadas pelo tempo, a tinta que se apagava. Os versos brancos perfeitos. Mais de dez mil palavras. Palavras que por muitos anos haviam tido tanta importância para ele. Palavras que, segundo Milton, vinham de Deus em pessoa.

Então era possível que existisse algo nessa primeira versão que pudesse abrir a porta para eles?

Batty achava que se sentiria culpado por ter roubado o livro de um morto, mas não. Se o livro não era falso – e ele instintivamente acreditava que não era –, então merecia estar em algum museu, para ser compartilhado com o mundo, e não trancado numa biblioteca particular.

A versão mais comumente conhecida de *Paraíso perdido*, aquela ensinada nas escolas e encontrada nas livrarias, tinha doze capítulos. A versão com o décimo segundo capítulo fora publicada pela primeira vez no ano em que Milton morrera, mas não correspondia à sua primeira intenção. A primeira versão do poema, publicada vários anos antes, tinha apenas *dez* capítulos. Contudo, a pedido do editor, Milton subdividira os capítulos sete e dez e acrescentara pequenos sumários em todos os doze capítulos, para os leitores menos acostumados à poesia.

A versão que Batty agora tinha em mãos, com dedicatória à filha de Milton, continha os dez capítulos originais, e várias páginas mostravam acréscimos e correções, assim como notas nas margens.

Talvez fosse nisso que residia o segredo.

Porém, folheando o livro, pasmo de admiração, Batty franziu as sobrancelhas ao chegar ao final do último capítulo – o Livro X. Havia algo estranho ali. Uma anomalia sutil, mas inconfundível na encadernação. Examinando mais de perto, viu o que podiam ser rasgos, como se várias páginas tivessem sido arrancadas.

Será que ele estava errado?

Não acreditava.

Então aquilo poderia ser obra de Ozan?

Ao voltar ao texto, contudo, teve a impressão de que nada estava faltando. Os versos fluíam como sempre, desde a revelação de Miguel até a futura partida de Adão e Eva do paraíso.

Nesse caso, quais eram as páginas faltantes? Se é que não eram fruto de sua imaginação.

O que teria sido arrancado?

Estava ponderando a relevância disso quando o avião de repente deu uma guinada, e um violento solavanco de turbulência o fez cair vários metros, revirando o estômago de Batty. Ele rapidamente colocou o livro sobre a mesinha a seu lado e apertou o cinto de segurança.

Do outro lado da janela, uma tempestade estava se formando, deixando prever que outras turbulências muito piores estariam por vir.

Ele deu uma olhada para Callahan, mas ela estava dormindo. Sorte dela. Então o avião deu uma nova guinada, e Batty agarrou o braço do assento, lamentando não ter um paraquedas à mão, já que as coisas pareciam querer piorar.

De repente, ele sentiu o cheiro de enxofre e olhou de novo para Callahan, surpreso ao constatar que ela estava totalmente acordada e olhando para ele. A franqueza de seu olhar tinha algo de desconcertante.

– Qual é o problema, Sebastian? Tem medo de uma pequena turbulência?

Seus olhos estavam fixos e seu olhar, hipnótico.

– Não deveria ter medo, querido. Não vou deixar que nada aconteça a você. *Nunca* vou deixar que algo lhe aconteça. Você é importante demais para mim.

Querido?

Que diabo estava acontecendo ali? Batty quis desviar o olhar, mas não conseguiu. Seus globos oculares pareciam paralisados. Sua cabeça não se mexia.

Callahan desamarrou o cinto de segurança.

– Fico com pena de ver que está com raiva, Sebastian. Há tanto ódio em seus olhos. Você não me odeia de verdade, não é? Apenas fiz o que precisava ser feito.

E, de repente, Sebastian entendeu que não era Callahan que falava.

Era a ruiva.

Ela se levantou e atravessou o corredor em sua direção.

– Afinal de contas, a culpa não foi minha, não é mesmo? Foi *Rebecca* que me convidou para ir à casa de vocês. Foi *ela* que me chamou. Tudo o que fiz foi responder. Então, se tiver que pôr a culpa em alguém, que não seja eu. A culpa é dela.

Sorrindo agora, ela parou diante dele e começou a desabotoar a blusa.

– Além do mais, ela nunca fora capaz de lhe dar uma noite como aquela que tivemos. Nunca iria se entregar, deixá-lo usar seu corpo como você usou o meu.

O avião deu uma violenta guinada, mas ela mal parecia perceber, fazendo um leve movimento de lado enquanto deixava cair a blusa no chão.

– É todo seu, meu querido. Pode me tocar onde quiser.

A mente de Batty estava a mil. De novo, ele tentou desviar os olhos, mas não conseguiu. O olhar dela era forte demais para que ele pudesse resistir. E agora ela estava avançando, esparramando-se sobre ele, passando as mãos pelas costas para desatar o sutiã.

– Diga-me o que quer, Sebastian. Sou toda sua.

Os motores começaram a chiar e o avião despencou, mas de repente Batty não se importou mais. A única coisa que ele queria era se perder no olhar de Callahan, sentir o corpo dela em suas mãos...

– Mostre-me quanto você me quer, querido. Quero que você me *sinta*, me *prove*. Beije-me. Quero sentir a sua língua.

Uma corrente de prazer inundou o corpo de Batty, que ainda não conseguia desviar os olhos. Então, para sua surpresa, ele viu o rosto de Rebecca sorrindo para ele, falando daquele modo levemente arrastado da Louisiana:

– Mostre quanto você me quer, Batty.

Ela se debruçou sobre ele, passando-lhe a língua nos lábios, enquanto com a mão esfregava suas partes íntimas, procurando-as com os dedos, massageando-as.

Ele não conseguia acreditar que fosse ela. Dois longos anos sem vê-la, e agora ela estava ali, viva e esplêndida, mexendo os dedos até que ele ficasse excitado.

Então o avião deu mais uma guinada, jogando-os de lado, e Rebecca tentou equilibrar-se. Sua mão tocou o manuscrito de Milton, e ela silvou, soltando-o bruscamente.

Batty sentiu-se como se tivesse acabado de ser esbofeteado.

Piscou e olhou para ela, recuperando de repente os sentidos. E mais uma vez ele estava vendo o rosto de Callahan.

Mas, naquele momento, ele viu exatamente o que havia por trás daqueles olhos.

A mente de um animal. Uma besta abominável e furiosa.

Jogando os braços para a frente, ele a afastou e atirou-a de volta no corredor enquanto o avião continuava seu rápido mergulho.

Ela sussurrou para ele, se aprumou e começou a se levantar quando...

...Batty arrancou o cinto de segurança e pulou do assento, desequilibrando-a, colocando-a no chão e gritando:

– Callahan! Acorde!

Mas ela não podia ouvi-lo, não respondeu, e levantou-se de novo, avançando na direção de Batty com os dentes à mostra, o rosto deformado enquanto rosnava:

– Você é *meu*, porra, seu inseto!

Batty começou a recuar, olhando a seu redor, tentando pensar em algo que poderia usar para combatê-la. Mas não encontrava nada.

Então seu olhar passou pelo manuscrito, e ele se lembrou da reação que ela tivera ao tocá-lo. De repente, ele entendeu que se aquele *era* mesmo o manuscrito original e *era* mesmo a palavra de Deus...

Pegou-o sobre a mesa, segurou-o com as duas mãos e, como Callahan avançava em sua direção, empurrou-o para ela, pressionando-o contra o peito da mulher. Ela berrou como se o livro estivesse em chamas, com os olhos cheios de angústia enquanto cambaleava para trás.

E agora estava realmente enlouquecida.

Com um profundo rosnado animal, ela se precipitou com toda a força na direção de Batty. Ele ergueu as mãos, segurando o livro, com o qual ela colidiu, berrando de dor na hora em que este lhe tocou a pele. Eles caíram no corredor, e Batty subiu sobre ela, mantendo o livro pressionado contra o peito da mulher.

– Acorde! – gritou ele.

Ela continuava berrando, silvando e gemendo, contorcendo-se debaixo dele, e o branco de seus olhos ficou vermelho, como se os vasos sanguíneos estivessem prestes a se romper. Ela o martelava com os punhos, dando vários socos pesados em suas costelas...

...mas Batty não a soltou. Continuou mantendo o manuscrito no lugar.

– Acorde, Callahan! *Acorde, porra!*

Então, de repente, os olhos dela ficaram brancos, e ela parou. Seus braços caíram de lado, e ela ficou inerte.

No mesmo instante, o avião voltou a subir, estabilizando-se, e a tempestade acabou.

Batty tirou o manuscrito do peito de Callahan e examinou-lhe o corpo seminu, aliviado, mas ainda com grande dificuldade para respirar.

Foi então que Callahan piscou os olhos, voltando à vida.

E quando ela percebeu que Batty estava estendido sobre ela, primeiro deu uma olhada em seu próprio corpo exposto e depois o encarou com ar de repulsa, dizendo:

– Que merda é essa?

Chiang Mai, Tailândia

O lugar que o irmão Philip chamava de lar era o único mosteiro cristão de Chiang Mai.

Callahan não estivera ali muitas vezes e estava francamente surpresa com o fato de que também houvesse igrejas cristãs num país predominantemente budista.

Como sempre, LaLaurie ficou feliz em poder ensinar a ela.

– Os portugueses trouxeram o cristianismo ao então reino do Sião no século XVI – disse ele.

Estavam atravessando a cidade a bordo de um *tuk tuk*, um riquixá motorizado, com três rodas. O motorista usava fones de ouvido e parecia prestes a matar alguém enquanto voava nas ruas tomadas pela multidão.

– O rei Narai aceitou os católicos porque queria saber mais sobre eles e o mundo de onde vinham. Infelizmente, essa curiosidade não era compartilhada por todos os membros do governo, e, quando Narai morreu, os europeus foram exterminados ou expulsos.

– Não é sempre assim?

– Então, no final do século XVII, Taksin autorizou alguns missionários franceses a ficar, seguidos por batistas e presbiterianos no começo do século seguinte. Nunca representaram grande coisa se comparados aos budistas, mas mesmo assim deixaram sua marca.

Enquanto LaLaurie falava, seus olhos piscavam um pouco, o que acabou por aborrecer Callahan. Agora, ela sabia o que ele estava pensando toda vez que olhava para ela. Mal se lembrava do que acontecera no avião, só queria deixar aquilo para trás e cuidar de seu trabalho. Mas não conseguia.

Quando Callahan voltara a si, com LaLaurie praticamente montado sobre ela – algumas vagas imagens desse encontro dançavam em meio às teias de seu cérebro –, a ideia de ela não ter completo controle de seu corpo a aterrorizara.

Mas era algo com o qual ela podia lidar. LaLaurie a assegurara de que, embora de certa forma ela tivesse autorizado aquela coisa a usá-la, não haveria sequela permanente. Ele dera um jeito de afastar a intrusa antes que ela se apossasse de Callahan e lhe sugasse a alma.

O que era mais do que bom, pensou ela, mas mesmo assim havia ainda um pequeno e insignificante detalhe que a aborrecia...

...LaLaurie a vira despida.

Esse sentimento era irracional. Louco. Ela não tinha dúvida disso. Nunca fora especialmente recatada. Mas, pela maneira como LaLaurie continuava olhando para ela, Callahan não podia deixar de se sentir violentada.

– Há muitos turistas e expatriados na Tailândia – continuou ele –, por isso ainda existem várias igrejas e hospitais cristãos neste país que...

– Levante os olhos – disse-lhe Callahan, tocando o próprio nariz.

– O quê?

– Você está falando comigo, professor, não com meu sutiã.

LaLaurie lhe lançou um vago sorriso.

– Você ainda está pensando nisso? Pode acreditar, Callahan, não tenho mais catorze anos. Embora eu deva reconhecer...

– Pode parar – disse ela. – Se não quiser perder a vida, pode parar.

O mosteiro não era bem como Callahan esperava. Parecia igual a qualquer outra estrutura de madeira e barro que existia nos arredores de Chiang Mai, mas em tamanho maior, com vários andares e um muro em volta.

Contudo, quando Callahan pensava em mosteiros, ela imaginava uma construção maciça, com igreja e alojamentos para dezenas de

monges. Mas naquele lugar mal cabiam uma capela e uma dúzia de aposentos.

Um pouco decepcionante.

– O irmão Philip não está mais aqui – disse-lhes o monge que os atendeu na entrada. Era francês, e Callahan sabia que a maioria dos monges não era nativa da Tailândia. – Ele foi embora há dois dias.

Ela esperava por isso. Depois do e-mail de Ozan, não ficaria surpresa se *todos* os guardiões remanescentes estivessem se escondendo.

– Temos como contatá-lo? Alguém morreu na família dele e estamos tentando localizá-lo.

Não era exatamente uma mentira.

O monge os olhou com ar interrogativo.

– Família? Eu não sabia que ele tinha família.

– Seu avô. Morreu de repente e mencionou o irmão Philip em seu testamento. Sabemos que não terá interesse no dinheiro, mas precisamos que ele assine alguns documentos.

– Como eu lhes disse, ele não está aqui.

– Você se importa se dermos uma olhada nos aposentos dele?

– Por quê?

– Pode ter deixado algo que nos leve até ele – disse Callahan. – É muito importante.

O monge olhou fixo para eles por um longo momento, e Callahan se perguntou se ele não estava olhando diretamente através dela. Mas o fato de dedicar a vida a Cristo não transformava as pessoas em videntes.

– Não temos nada a esconder – disse ele, convidando-os a entrar.

A boa notícia: não havia marcas de queimadura no chão.

A má notícia era que o alojamento não apenas era pequeno, como também desprovido de qualquer objeto pessoal. Não havia nada além de uma cadeira, uma mesa, uma cama mal-arrumada, um lavatório, um espelho e um armário quase vazio. Nada que pudesse ser útil. Nada que pudesse informar Callahan sobre o esconderijo do irmão Philip.

O único raio de esperança era a lixeira debaixo da cuba do lavatório, que continha alguns dejetos. No passado, Callahan já vasculhara com êxito várias lixeiras – itinerários, recibos de passagem, números de telefone rabiscados, caixas de tintura para cabelo. Todos tinham uma história para contar a quem quisesse tentar desvendá-la.

Mas as únicas coisas que ela encontrou na lixeira foram lenços usados – hum, que delícia – e uma embalagem descartada de sabão Parrot.

– Resultado zero – resmungou ela, virando-se para LaLaurie. – Quer tentar seu negócio?

Mas LaLaurie já estava tentando, a palma da mão pressionada contra a mesa, os olhos apertados. Ao abri-los, negou com a cabeça.

– Não estou obtendo nada. Este quarto está limpo.

Callahan suspirou, pronta a pensar que haviam fracassado, quando olhou para a cuba. Havia ali os objetos geralmente encontrados em banheiros, além de um copo e uma escova de dentes. Mas o que atraiu seu olhar foi o sabonete.

O sabonete era novo, o que não era surpreendente, já que encontrara a embalagem na lixeira. Mas o estranho era que um dos cantos estava gasto, achatado, como se tivesse sido esfregado contra algo sólido.

Porém, o quê?

Ela estava prestes a tirar esse pensamento da mente quando LaLaurie apontou para algo dizendo:

– O que é isso?

Havia apenas uma janela no quarto, mas o sol que se filtrava por ela refletia-se no espelho acima da cuba, e era exatamente para lá que LaLaurie apontava. Callahan mudou de ângulo e então conseguiu vê-las.

Marcas de sabão no espelho.

Aproximando-se, ela inspirou profundamente e expirou ar quente sobre a superfície do espelho. Depois de várias tentativas, apareceu uma mensagem clara, escrita em inglês:

“PROTEGE-A”

Ela se virou para LaLaurie.

– Chegamos tarde demais. O irmão Philip já virou comida dos anjos.

LaLaurie chegou perto do espelho e pôs a mão contra o vidro, fechando de novo os olhos.

– Não estou sentindo nada. Aposto que ele ainda está vivo – disse, e olhou para Callahan. – Mas há apenas um motivo para que ele tenha deixado esse recado, e é o mesmo motivo que o fez fugir.

– O que é?

Dessa vez, LaLaurie respondeu sem sorrir, sem olhar para onde não devia.

– Ele sabe que lhe resta pouco tempo.

Batty gostava ainda menos de helicópteros do que de aviões pequenos. Mas lá estava ele sentado num MH-6 Little Bird preto, tentando segurar o estômago enquanto o piloto manuseava a alavanca, fazendo o aparelho voar acima das encostas da cadeia de montanhas Loi Lar.

Depois de deixar o alojamento do irmão Philip, ele e Callahan fizeram perguntas a todos os monges que encontraram. Mas o restante da irmandade de Philip era tão desinformado sobre seu paradeiro quanto o homem que os recebera na entrada do mosteiro.

Estavam prestes a desistir quando a faxineira os seguiu até o lado de fora, dizendo-lhes que falara com Philip na manhã em que ele fora embora.

– Vim trabalhar, e ele me pediu para não limpar o quarto dele.

Era uma tailandesa de meia-idade que não devia ter mais do que um metro e quarenta de altura. Segurava a gola da roupa com as duas mãos.

– Ele tinha uma mochila, com comida e provisões. Aquela que sempre carregava quando ia meditar no retiro dos irmãos.

– Retiro?

Ela confirmou com a cabeça.

– Foi fechado há muito tempo, mas os irmãos às vezes vão lá, quando visitam a tribo da colina.

– Onde? Onde encontramos esse retiro?

A faxineira apontou, para além do muro, na direção dos picos verdejantes de uma cadeia de montanhas próxima.

– Lá – disse ela. – Perto de Deus.

Então, ela lhes desejou *chok dee ka* e voltou para dentro.

Callahan pegou imediatamente seu celular e pediu um helicóptero. Enquanto pegavam outro *tuk tuk* para ir ao ponto de partida, ela

abriu um aplicativo e se conectou a um provedor via satélite.

Logo depois, mostrava para Batty o que parecia ser uma grande cruz de pedra na encosta de uma montanha, perto do pico de Doi Inthanon.

– Perto de Deus – disse ela. – Vamos descobrir que bem isso lhe fez.

O piloto era um expatriado de aspecto sujo chamado McNab, que fazia bicos para o governo americano. Ele era bastante experiente, mas isso não impedia Batty de querer pular para fora da fuselagem e vomitar o hambúrguer de porco Samurai que abocanhara ao sair do aeroporto.

Não entendia o que os samurais tinham a ver com a Tailândia, mas sentia que o forte molho teriyaki estava rasgando suas entranhas como a lâmina recém-forjada de uma espada japonesa.

McNab acelerou, e então o helicóptero ergueu-se acima de um alto cume. Logo do outro lado ficava uma encosta coberta de tecas e pinheiros. Uma estreita trilha de terra serpenteava pela encosta, descendo para a grande planície, passando por terraços de arrozais e aldeias rústicas que as tribos karen e padaung chamavam de lar.

A nordeste ficava a Birmânia, que, junto com a Tailândia e o Laos, formava o Triângulo Dourado, antes conhecido por seu próspero comércio de ópio, mas que hoje abrigava uma crescente produção de metanfetaminas.

Inclinando o helicóptero para a direita, McNab os levou na direção de um imenso afloramento e encontrou o que estavam procurando. No alto de um penhasco, esculpido na encosta da montanha, estava um templo de pedra caindo aos pedaços e coberto de musgo, na frente do qual se erguia uma enorme cruz de granito.

– Uau, que vista! – disse McNab ao fone de ouvido.

Batty estimou que aquele lugar devia ter uns duzentos anos e fora construído, pedra por pedra, por missionários apressados e muito iludidos. A divulgação do cristianismo fracassara na Tailândia, e a remota localização do templo podia atrair apenas alguns membros

convertidos das tribos das colinas ou uns poucos e verdadeiros crentes.

Ou, então, alguém que quisesse se esconder.

Callahan estava sentada na frente com McNab.

– Você acha que podemos pousar?

McNab apontou para uma pequena clareira à direita da entrada do templo.

– Sem problema. Tem espaço suficiente.

Menos de um minuto depois, o helicóptero pousou, e Batty e Callahan desceram, abaixando-se enquanto passavam debaixo das hélices, indo em direção ao templo.

Batty estava feliz por ter reencontrado terra firme. Colocou a sacola com o livro no ombro, segurando-a perto do corpo. Agora que sabia o poder do manuscrito, não queria correr o risco de deixá-lo escapar.

As maciças portas de madeira do templo estavam abertas, não revelando nada senão a escuridão. Callahan subiu os degraus desgastados para entrar, mas Batty a reteve.

– Espere – disse ele. – Não estou com um bom pressentimento.

– Algo errado?

Ele ficou parado, absorvendo a aura do templo, sua longa história. Esse lugar revelava uma riqueza de espírito – ao mesmo tempo bom e mau –, mas nada que parecesse atual. O perigo que ele sentira era apenas resquício de um incidente do passado distante.

– Alarme falso – disse ele.

– Tem certeza?

Ele confirmou com a cabeça.

– Estamos seguros. Por enquanto.

– Apenas me lembre de não dormir – resmungou ela.

Continuaram subindo os degraus até chegar à entrada e pararam no limiar, examinando cuidadosamente o que havia dentro.

A sala era cavernosa, com fileiras de pilares de pedra de cada lado e uma nave com um enorme teto. Os pilares haviam sido pintados com cenas das Escrituras, repletas de querubins, nuvens e donzelas desmaiando, mas as cores estavam apagadas, e as imagens, gastas pelo tempo. O chão era de ladrilhos de barro intrinsecamente

esculpidos, mas os anos haviam sido inclementes, e vários estavam rachados, com musgo crescendo pelo meio.

De fato, ao olhar à sua volta, Batty pensou que era um milagre o lugar ainda estar de pé. Uma tosse repentina, e aquilo poderia desmoronar sobre eles.

Entraram, dirigindo-se para uma arcada nos fundos, sem que nenhum deles dissesse uma única palavra. A escuridão era profunda além dos pilares, mas Batty não estava sentindo vibrações anormais. Mesmo assim, ainda temia encontrar os restos carbonizados do irmão Philip em algum lugar.

Ao passarem diante do último pilar, Batty ouviu um surdo clique, e algo frio e duro tocou a lateral de seu pescoço.

– Já foram longe o suficiente – disse uma voz.

Onde estava seu sexto sentido?

Batty e Callahan se imobilizaram, e um homem robusto de cabeça raspada, vestindo uma batina marrom-escura, saiu do meio dos pilares.

– Repitam depois de mim: “Aceito Jesus Cristo como meu senhor e salvador.”

Callahan o olhou fixamente:

– O quê?

– Diga isso ou vou atirar agora mesmo. Aceito Jesus Cristo como meu senhor e salvador.

Batty e Callahan se olharam, mas Batty sabia do que se tratava. O homem os estava testando. Se pudessem repetir o juramento, estariam salvos. Do contrário, eram anjos negros, servos ou sicofantas, e o irmão Philip – supondo que fosse ele – explodiria a cabeça de Batty.

Batty não tinha coragem de lhe dizer que aquilo era provavelmente uma perda de tempo. Ele acenou com a cabeça para Callahan, e ambos repetiram o juramento:

– Aceito Jesus Cristo como meu senhor e salvador.

O irmão Philip pareceu satisfeito, mas disse:

– Tudo bem, segundo passo. Antes de nos apresentarmos, se vocês tiverem armas, coloquem-nas no chão agora mesmo.

Batty nunca vira Callahan carregar uma arma – diabo, do jeito que lutava, não precisava de mais nada –, e ele com certeza não tinha uma. Então levantou as mãos, mostrando que estavam vazias, e esperou que isso fosse suficiente para deixar o irmão Philip feliz.

– Não estamos armados – disse-lhe Callahan.

– E o sujeito do helicóptero? Quem disse que ele não vai entrar aqui e atirar por todos os lados?

Batty e Callahan se olharam de novo.

– Acho que você não corre esse risco – disse ela.

Philip os olhou cautelosamente, com um leve tique nervoso na mandíbula, antes de finalmente relaxar e abaixar a arma.

– Tudo bem, quem são vocês e o que estão fazendo aqui?

—Com todo o respeito — disse Callahan —, você não age exatamente como um monge.

Eles estavam numa sala adjacente, sentados diante de uma mesa comprida. Philip acampava ali, sua mochila e as provisões estavam empilhadas num canto. Uma lamparina a querosene brilhava a seu lado, enquanto ele dispunha três copos de papel e servia chá de uma garrafa térmica.

Era um homem nervoso e cheio de energia, que demorava certo tempo para começar a relaxar.

— E como um monge deveria agir?

Callahan deu de ombros:

— Eu esperava que se comportasse mais como... um padre.

Philip concordou com a cabeça como se entendesse o que ela queria dizer.

— Fiquei bastante abalado a primeira vez que vi um padre fumar um cigarro e tomar uma dose de uísque. Temos preconceitos em relação ao que significa entrar para a ordem e, quando vemos alguém que não vive de acordo com o estereótipo, ficamos espantados.

— Você tem de admitir que um monge armado é algo um tanto incomum — disse Batty.

Philip acabou de servir o chá e distribuiu os copos.

— Bem, o que posso dizer? Cresci na ilha de Jersey e não passei a vida inteira num mosteiro. Mas, quando sua vida está correndo perigo, os velhos hábitos voltam à tona, sabe como é? Não está escrito em lugar nenhum do manual que eu devo ser um herói.

Callahan franziu as sobrancelhas.

— Tem *certeza* de que é o irmão Philip?

Ele a olhou de volta, furioso.

– O que você quer? Ver minha carteira de identidade? Acho que a deixei na outra calça – disse, e então fez um gesto na direção do copo. – Você não vai tomar seu chá?

Callahan olhou a bebida com ar suspeito e não pegou o copo.

– Por que não nos conta sobre o e-mail?

– E-mail?

– Aquele que você mandou em resposta para Koray Ozan há umas duas semanas.

Philip estava prestes a tomar um gole de chá. E parou.

– Você sabe disso?

– Ozan não era um gênio da segurança na informática.

– Muito bem – disse ele, tomando um gole rápido. – E o que mais sabe?

– Quem são os Custodes Sacri – disse-lhe Batty. – E aposto que está usando o medalhão neste momento.

Philip olhou-o fixamente por alguns segundos, como se estivesse avaliando se podia confiar nele. Então, deu de ombros, pegou o colar e mostrou a medalha de São Cristóvão pendurada num espesso laço de couro que ele usava no pescoço.

– Estou começando a achar que essa coisa acaba me custando mais do que realmente vale.

– Há quanto tempo está na ordem?

– O tempo suficiente para saber que eu não deveria conversar sobre isso com estranhos.

– Vamos voltar ao e-mail – disse Callahan. – Por que Ozan perguntava a respeito das sete páginas faltantes da Bíblia do Diabo?

– Porque era um velho tolo e curioso demais. E os curiosos como ele acabam sendo mortos.

– Ou ficam cegos – disse Batty. – Como Milton.

– Milton, Galileu e sabe-se lá quem antes deles.

Batty o olhou com surpresa.

– Galileu?

– Foi assim que Milton foi “fisgado”. Galileu o informou a respeito das páginas faltantes, e ele foi procurá-las. Pelo menos é o que conta a lenda. Na verdade, não sei se isso é mesmo verdade. Com o decorrer do tempo, os fatos acabam destorcidos.

– O que há nessas páginas? – perguntou Callahan.

– Uma maldição. Pelo que sei. Foi isso que deixou Galileu e Milton cegos. Mas, que eu saiba, as páginas do Codex não existem mais. Quando Milton se deu conta do perigo que representavam, ele as queimou.

– Então qual é a conexão com o *Paraíso perdido*? – perguntou Batty. – O que Ozan e Gabriela Soares tanto procuravam no Livro XI?

Philip olhou para Batty e Callahan.

– Vocês fizeram o dever de casa. É melhor tomarem cuidado para não acabar como Milton. Ou Ozan. Embora, nessa altura, isso não seja mais relevante.

– Por quê?

– Vocês deram uma olhada lá fora nos últimos dias? O que acontece no mundo agora é suficiente para assustar o Jesus que reside em cada um de nós. Os demônios de cada um andam muito ocupados: manipulação do mercado de ações, cidades tomadas pelas drogas, sem contar aquelas prestes a entrar em guerra. E, quando a quarta lua chegar, poderão enfim libertar todos os seus servos – que são muito mais do que já tiveram – e será o nosso fim.

– A quarta lua? – disse Callahan.

– A quarta lua da tétrade. Daqui a dois dias.

Ela franziu o cenho.

– Do que está falando?

– Um eclipse – disse-lhe Batty. – O quarto eclipse deste ano.

– Prestem atenção – disse o irmão Philip. – A melhor coisa que podem fazer é voltar para casa e ficar com seus familiares, porque, do jeito como as coisas estão andando, os vilões já ganharam. E, daqui a uma semana, ou estaremos mortos ou num estado tão parecido que desejaremos morrer.

– Está falando do Apocalipse? – perguntou Callahan.

Philip bufou.

– O Apocalipse é um conto de fadas. Mas acaba sendo a mesma coisa. Nenhum de nós estará aqui para ver o Arrebatamento.

– E você afirma que não há como parar isso.

– Não do jeito como vejo as coisas. Este trem não está sem freio. Estamos na idade moderna, com comunicação global, informação instantânea e oportunidades para praticar a corrupção sete dias por semana, vinte e quatro horas por dia, no mundo inteiro. A bomba nunca esteve tão bem armada. A menos que Miguel possa fazer algum tipo de milagre, vamos afundar. E, se os vilões conseguirem contatar o Telum antes dele, chegaremos a um novo patamar de...

– Telum? – disse Batty. – O que é o Telum?

Philip negou com a cabeça.

– Já contei demais a vocês.

– Então, não vai mudar nada se contar um pouco mais. O que é? Algum tipo de arma?

Philip hesitou. Parecia emocionalmente desgastado. Então disse:

– Uma alma errante. Um viajante sagrado que renasce a cada geração na forma humana.

– Aquele que vocês juraram proteger.

Ele confirmou com a cabeça.

– Houve um tempo em que Miguel pensou que *eu* pudesse ser o escolhido e Ozan antes de mim, assim como o resto dos guardiões. Mas ele estava errado.

– Então, quem é?

– Essa é a questão crucial, não é?

– Mas se vocês não sabem quem é – disse Callahan –, como podem proteger alguém?

– Protegendo a chave. A chave que o libera.

– E onde está essa chave?

Philip negou com a cabeça e mostrou os copos com a mão.

– Chega de amabilidades. Acho que está na hora de vocês tomarem esse chá e saírem daqui. Deixem-me passar minhas últimas horas em paz.

Mas Batty ainda não se considerava vencido.

– Conte-nos o que sabe a respeito da chave, irmão.

Philip tomou um último gole de chá e se levantou.

– Desculpem-me, mas é só isso que posso lhes dizer. A partir de agora pretendo apenas me proteger – disse, e pegou a arma da

mesa. – Eles podem vir atrás de mim, mas não vou morrer sem lutar. Então, se vocês não se incomodam, eu gostaria de...

Um trovão estrondeou lá fora, e o chão do templo começou a tremer. Abruptamente, Batty e Callahan seguraram suas cadeiras, enquanto o irmão Philip caía para trás, com o rosto lívido.

– Ela está aqui – disse ele.

Batty sentiu uma escuridão espalhar-se de repente através dele.

– Quem está aqui?

Mas já podia senti-la.

– Quem você acha que é? Aquela que vem a mando deles. O anjo da confusão.

Callahan franziu a testa.

– O anjo *do quê?*

– Foram vocês que a trouxeram até aqui...

Belial, pensou Batty. O Demônio da Luxúria. O Senhor da Arrogância. Um dos protagonistas de *Paraíso perdido*. E Batty estava convicto de que ele agora morava na Terra, no corpo de uma ruiva gostosa de cair o queixo, perita no uso da língua.

Era com *isso* que ele se envolvera?

O trovão se fez ouvir de novo, e o chão se deslocou sob seus pés. O teto começou a rachar, pedaços dele caíram, e Callahan gritou:

– Vamos sair daqui agora!

Mas o irmão Philip ficara parado, imobilizado, enquanto o templo desmoronava ao redor deles. Callahan agarrou Philip pelo braço, arrastando-o em torno da mesa e pela porta enquanto Batty pegava a bolsa com o livro e os seguia. O chão tremeu e rachou, e ele cambaleou, quase caindo; mas conseguiu ficar em pé e saiu depressa pela porta, esquivando-se dos pedaços de pedra que caíam.

Quando chegaram à sala principal, pararam de repente, olhando fixo a mulher que aparecia no vão da entrada, cuja silhueta se destacava contra o céu furioso.

Ela sorriu, olhando diretamente para Batty.

– Tenho algumas pendências para resolver com você.

A ruiva. E, contra sua própria vontade, Batty sentiu certo formigamento abaixo da cintura.

Ela era fascinante.

– Não foi muito simpático o que fez comigo no avião – disse ela. – Depois de tudo o que fomos um para o outro, pensei que pudesse mostrar um pouco mais de consideração.

Imagens da noite que passara com ela lhe vieram à mente, e ele soube que era ela que provocava isso. Alimentava seu cérebro com aquelas visões. Tentou resistir, mas ela era forte demais, e ele sentiu que estava se entregando.

Ela fez um gesto em direção à bolsa com o livro.

– Você pode começar me dando esse manuscrito. Acho que é exatamente o que eu estava procurando.

O templo balançou de novo, parte da parede desmoronou, e Batty, segurando a bolsa contra o flanco, juntou todas as suas forças e disse:

– Pode esquecer.

– Vamos, Sebastian. Eu lhe prometi que seria recompensado...

Callahan se virou para ele.

– Quem é essa garota?

Belial olhou para ela.

– Não me reconhece, Bernadette? Sou aquela que cantou para fazê-la dormir ontem à noite. Cantei para que seu pai dormisse também.

Ela exibiu um amplo sorriso.

Enquanto Batty observava, a expressão de Callahan mudou da confusão para o entendimento, e do entendimento para uma desvairada fúria.

Então ela disse:

– Você só pode estar gozando da minha cara.

Com um grito de raiva, ela se precipitou impetuosamente na direção de Belial, mas esta pareceu ter previsto o movimento de Callahan. Afastou-se de lado e estendeu o braço, atingindo Callahan com um golpe invisível. Ela foi projetada de lado, bateu contra um pilar e deu um grunhido, antes de cair ao chão.

As nuvens escuras rufavam atrás de Belial.

– O manuscrito, Sebastian. Dê-me o manuscrito.

– Por que quer este livro? O que tem nele?

– Uma garantia – disse ela. – Mas não é problema seu, certo? Apenas me entregue esse livro ou vou ter de machucar sua...

Um tiro ecoou, seguido de outro.

Batty fez um movimento com a cabeça e viu que o irmão Philip segurava a pistola e, tremendo, apontava para Belial. As balas ricochetaram em volta dela. Ele ajustou a pontaria e atirou de novo. A terceira bala foi diretamente na direção de Belial, que ergueu a mão e pegou o projétil em sua palma.

– Fantástico – disse ela, abrindo de repente a mão e lançando a bala de volta para o irmão Philip. Um buraco vermelho-escuro abriu-se entre seus olhos, e ele caiu de joelhos, enquanto a arma escapava de suas mãos.

Ele gemeu uma vez antes de cair, com o rosto contra o chão.

O trovão rufou, e o chão tremeu de novo, obrigando Batty a lutar para equilibrar-se enquanto olhava aterrorizado para o corpo de Philip.

– Que pena! – disse Belial. – Eu queria tanto me divertir com ele.

E então olhou para Batty.

– Última chance, Sebastian. Dê-me o manuscrito ou...

Callahan surgiu do nada e agarrou com toda a força o tronco de Belial. A ruiva deu um grito quando Callahan a segurou com os braços, e as duas caíram pela porta e pelos degraus, desaparecendo de vista.

O chão tremeu e balançou, enquanto novos pedaços de teto desabavam em volta de Batty. Cambaleando, ele se aproximou do irmão Philip, pegou a arma e correu para fora do templo.

Callahan e Belial estavam no pé da escada, Callahan montada sobre a ruiva, segurando-a pelo pescoço. Mas, de repente, num piscar de olhos, Belial *desapareceu*, e Callahan caiu para a frente. Menos de um segundo depois, Belial estava atrás dela, dando-lhe um soco nas costelas.

Callahan gemeu de dor e caiu de lado. Porém, para a surpresa de Batty, ficou em pé no instante seguinte, colocando-se em posição de combate. Batty já vira o que ela fizera com Ajda, mas Belial não era uma sicofanta, e não seria tão fácil vencê-la. Mesmo assim, o corpo

que ela ocupava era humano – e feito para seduzir, não para lutar –, e ela podia sentir dor como qualquer outra pessoa.

Ele pensou em usar de novo o manuscrito contra ela, mas ela estava tão entranhada à pele que usava que ele duvidava que isso pudesse ter algum efeito. E ele não queria correr o risco de deixar que ela o arrancasse dele, já que o livro tinha um poder especial – uma garantia, como ela dissera –, e seria abominável se ele pusesse esse poder nas mãos dela.

Na hora em que ela ia atacar Callahan de novo, ele levantou a pistola e mirou as costas da mulher. Então apertou o gatilho. A bala atingiu Belial, que gemeu, caindo para a frente, jorrando sangue do buraco logo abaixo da omoplata. Batty pensou que ficaria feliz em acertar a criatura que matara sua esposa, mas não foi o caso.

A única coisa que sentiu foi desprezo.

Belial se virou e olhou com furor para ele, mais irada do que ele jamais a vira – seus olhos brilhavam num amarelo quente, luminescente. Então o chão começou a tremer ainda mais. Pedacos das paredes do templo desmoronavam e eram projetados como se por um morteiro, batendo forte no chão em volta de Batty. Ela lançou um braço na direção dele, e o impacto no peito do professor foi tão duro e doloroso quanto se ela o tivesse atingido fisicamente. A pistola lhe escapou da mão quando ele caiu para trás nos degraus do templo, sentindo o ar escapar-lhe dos pulmões.

Aproveitando o momento, Callahan avançou na direção de Belial e girou o corpo, dando-lhe um violento soco na garganta. Belial emitiu um som surdo e cambaleou para trás, segurando o pescoço...

...mas Callahan continuou avançando. Posicionando-se de lado, ergueu a perna, e a sola de sua bota atingiu Belial no meio da barriga.

Do outro lado da clareira, o piloto – McNab – estava saindo do helicóptero, olhando para eles com ar incrédulo.

Mesmo àquela distância, Batty podia ver que ele estava em pânico, e presumiu o que ia acontecer. Tentou chamar McNab, mas mal conseguia respirar, e nenhuma palavra saiu de sua boca.

Então McNab subiu de volta no helicóptero e, logo depois, o ruído dos motores encheu o ar, ao mesmo tempo que as hélices

começavam a girar.

– Pare! – gritou Batty, conseguindo finalmente respirar, mas sua voz foi abafada pelo rugido dos motores e dos trovões no céu.

Pedaços do templo continuavam chovendo em volta deles, enquanto Callahan, enfurecida, prosseguia com o ataque, dando chutes e socos, obrigando Belial a recuar.

Mas Belial estava longe de se render e desapareceu de novo... para reaparecer mais uma vez *atrás* de Callahan.

Então foi a vez de Belial começar a avançar, mexendo a mão como se estivesse segurando uma varinha, enviando a cada movimento uma descarga de energia para Callahan, que gemia e cambaleava, tentando se reequilibrar, sentindo a dificuldade aumentar a cada novo golpe.

Batty percebeu onde a pistola havia caído e, gritando com veemência, subiu os degraus para alcançar a arma. Pondo-se em pé, ele apontou de novo e apertou o gatilho...

...mas a arma fez um clique. Estava vazia.

Merda.

E agora Callahan estava no chão, e ele percebeu que ela ficara mais fraca. Ela tentou rebater, mas Belial a golpeou de novo com outro soco invisível. Então a ruiva avançou e se posicionou diante de Callahan, com o sangue escorrendo do ferimento da omoplata.

Levantando a voz para poder ser ouvida acima do ruído dos motores do helicóptero, ela disse:

– Dê-me o manuscrito, Sebastian, ou vou arrancar a cabeça dela e beber seu maldito sangue.

E Batty não teve dúvida de que ela faria isso mesmo. Dúvida alguma.

Mas então algo imprevisto aconteceu.

Batty ouviu um som, um *ploc* abafado logo abaixo do ruído das hélices do helicóptero. Os olhos de Belial ficaram brancos, e ela cambaleou um pouco para a frente, como se tivesse sido esbofeteada por um repentino sopro de vento.

Ela então se virou, e Batty pôde ver perfeitamente o buraco na parte de trás da cabeça, com sangue escorrendo aos poucos, fazendo seu cabelo ruivo tomar uma cor vermelho-escura. Ele não

vira a bala sair do outro lado da cabeça, o que permitia supor que estivesse alojada no cérebro – ou no que sobrara dele. O impacto com certeza repercutira até o crânio, destruindo tudo em seu caminho.

Então, ouviu-se outro tiro, que atingiu-a no rosto, fazendo-a girar sobre si mesma, transformando metade do rosto em carne moída. Seguiu-se ainda um terceiro tiro, que a atingiu na base do pescoço, e ela caiu de joelhos, com o olhar chocado, enfurecido e desesperado.

Batty demorou um momento para entender de onde vinham os tiros. Virando a cabeça, olhou na direção do helicóptero.

Do outro lado da clareira, McNab estava deitado de bruços, com uma espingarda nas mãos. Ele sorriu, com ar de satisfação pela missão cumprida, mas Belial de repente gritou e lançou um braço no ar.

Um pedaço do templo se despreendeu, voou através da clareira como um cometa e atingiu o tanque de gasolina do helicóptero.

Ao mesmo tempo que McNab se levantava, o helicóptero explodiu numa bola de fogo atrás dele. Ele gritou enquanto as chamas o cercavam, transformando-o num churrasco humano instantâneo. Então, ele desmoronou no chão e ficou imóvel.

A explosão fez o helicóptero levantar-se no ar, antes de cair de volta, deitado de lado, com as hélices partindo-se enquanto o fogo tomava conta da fuselagem.

Diante do incêndio, Belial cambaleou um instante, virando-se para Batty, com os olhos cheios de tristeza, uma fonte de sangue jorrando do buraco no pescoço e outra lhe cobrindo o rosto. Então, Belial caiu de costas, e o sangue se espalhou no chão debaixo de seu corpo.

À medida que recuperava os sentidos, Batty tentou reequilibrar-se, em estado de choque, sem poder acreditar no que acabara de testemunhar. Cambaleou até o pé da escada e se aproximou do corpo destroçado de Belial, perguntando-se mais uma vez como conseguira levar aquela mulher para a cama.

Depois de um momento, Callahan se levantou e ficou ao lado dele, com os punhos involuntariamente fechados, como se estivesse

esperando que a filha da mãe voltasse a se mexer.

Então a boca de Belial se abriu, e o sangue borbulhou para fora quando ela tentou falar, sem conseguir.

Mas Batty ouviu sua voz dentro da cabeça.

Ainda não acabou, meu querido. Estamos conectados, você e eu.

Esse foi o presente de Rebecca para nós.

Então o ar escapou por entre os lábios da mulher ao mesmo tempo que a vida deixava seus olhos, e seu corpo de repente ficou imóvel, abandonado por seu ocupante. Depois de tudo o que dissera e fizera, não restava mais nada além de um envelope humano, uma pele, o meio para uma meta final que, para Belial, não significava mais do que um carro quebrado ou um vestido rasgado. Não tinha mais utilidade e fora abandonado.

Logo depois, os trovões cessaram.

O céu se abriu.

A terra parou de tremer.

Mas não o coração de Batty.

—**A**quela mulher velha de pescoço comprido está me olhando fixamente – disse Callahan.

Haviam andado pelo que parecia ter sido horas, seguindo uma trilha sinuosa até o pé da montanha, passando por arrozais e aldeias, ambos nervosos e ao mesmo tempo exaustos depois daquele fracasso no templo.

E era realmente isso o que fora. Um fracasso.

Que outra palavra usar?

Dois homens de bem haviam sido mortos, o templo estava em ruínas, um helicóptero destruído, e Batty e Callahan tiveram sorte de sair de lá com a alma ainda inteira.

Um dos raros pontos positivos, pensou Batty, fora a derrota de Belial – pelo menos em sua forma humana atual. Mas ele sabia que ouviriam falar dela logo mais.

Ainda não acabou, meu querido.

Belial talvez não voltasse na forma de uma ruiva de cair o queixo, mas logo voltaria, mais forte do que nunca. Podia-se contar com isso. Seria preciso muito mais que dois mortais ignorantes para destruí-la, e a única coisa que podiam fazer era ir adiante na esperança de terem a mesma sorte da próxima vez.

Pelo menos, saíam daquele fracasso com algumas informações a mais. Graças ao irmão Philip, eles sabiam que tudo aquilo era muito mais que alguns ataques dirigidos contra os guardiões. Havia um plano em andamento, e bem elaborado. Um plano que só chegaria a seu desfecho durante o próximo eclipse.

A quarta lua.

Batty conhecia as tétrades lunares, sabia que eram muito raras, mas nunca pensou que elas pudessem ter um poder que ajudaria Belial e seus amigos a abrir as portas do inferno. E no íntimo sabia

que era exatamente isso o que eles estavam planejando. Depois de anos de tentativas, haviam finalmente controlado almas corruptas em número suficiente para subjugar todo o bem do mundo e conseguir o paraíso que almejavam.

O paraíso que haviam perdido.

Mas, de acordo com o que o irmão Philip dissera, ele também tinha de deduzir que São Miguel tinha um plano próprio. Que envolvia um viajante sagrado, fosse ele quem fosse.

Uma alma errante. O Telum.

A palavra em si queria dizer "arma" em latim – motivo pelo qual ele questionara Philip a esse respeito –, mas como alguém podia ser uma arma?

E que chave os guardiões estavam protegendo? Era algum segredo oculto no manuscrito que ele segurava debaixo do braço?

Era isso que Gabriela e Ozan haviam levado tanto tempo e consumido tanta energia para tentar decifrar?

Por que Belial o queria?

– Ela realmente está pondo mau-olhado em mim – disse Callahan.

– Devo ficar preocupada?

Emergindo de seus pensamentos, Batty olhou à esquerda e viu uma velha senhora com anéis dourados no pescoço observando-os enquanto desciam pela trilha.

– Duvido que Belial tenha sido capaz de encontrar uma nova pele tão rapidamente. Além do mais, ela faria muito mais que apenas olhar.

– Dá para entender por que ando meio nervosa – disse Callahan. – Mas não gosto da maneira como ela está me olhando.

– Calma. É uma moradora da aldeia kayan. Ela não lhe quer mal algum. Aliás, se você lhe pedisse, é bem provável que ela a levasse até sua casa e lhe desse comida.

– Desde que *eu* não seja a comida – disse Callahan. – Já tive emoções demais para um dia só. E o que são esses anéis no pescoço?

Batty lhe deu uma olhada, surpreso com o fato de que após tantas viagens Callahan ainda não tivesse visto nada parecido.

– Os kayans consideram que alongar o pescoço é um sinal de beleza – disse ele. – Os anéis obrigam a clavícula e as costelas a se comprimirem e fazem o pescoço parecer mais comprido do que de fato é.

– Você realmente é uma fonte de informações, não é mesmo? Minha internet privada – disse, e olhou de volta para a mulher kayan. – Como podem fazer isso a si mesmas?

– Corrija-me se eu estiver errado, mas você não estava andando de salto alto naquela casa de leilões?

Callahan recebeu o comentário com um grunhido.

– A propósito, meus pés estão me matando. E o resto do corpo está no mesmo estado. Deixe-me ver se agora consigo pegar algum sinal. Talvez possamos pedir que alguém venha nos buscar.

Ela parou e tirou o celular do bolso; olhando para a tela, não gostou do que estava vendo.

– Merda. Se os missionários conseguiram construir um templo aqui, bem que alguém poderia erguer uma torre de celular.

Batty balançou a cabeça.

– Às vezes me pergunto como o mundo conseguia sobreviver antes de essas coisas serem inventadas.

– Por que não pergunta para aquela senhora de pescoço esticado?

Eles atravessavam uma floresta de pinheiros quando Batty pensou em Milton e nas sete páginas faltantes da Bíblia do Diabo.

Agora fazia todo o sentido o fato de o próprio Milton também ter sido guardião – ideia que para alguns podia parecer uma elucubração, mas que para Batty apenas se tornava óbvia. Milton era muito religioso e um funcionário apaixonado que não hesitava em falar abertamente contra o rei. Quase fora morto por causa disso e passara grande parte de seus últimos dias recluso e cego, com sua reputação abalada. E nem parecia ser contrária à sua natureza a ideia de que ele pudesse ter tomado o comando dos Custodes Sacri, em especial se isso significava que ele passaria seus últimos momentos a serviço de Deus.

Mas o irmão Philip dissera que a maldição contida nessas páginas deixara Milton cego – assim como Galileu, antes dele. E que Milton havia *destruído* aquelas páginas ao entender o perigo que representavam.

Mas será que tudo aquilo era verdade?

Será que esses dois homens haviam tomado posse dessas páginas em determinado momento da vida?

Philip dissera que Galileu “fisgara” Milton, e Batty sabia que o poeta havia visitado o astrônomo durante suas viagens pela Europa. Será que sua obsessão nascera naquela visita? Obsessão que finalmente fora satisfeita, à custa de deixar Milton cego?

E por que Ozan estaria interessado naquelas páginas? Será que de certa forma tinham a ver com suas tentativas de decifrar aqueles versos de *Paraíso perdido*? E tudo isso de algum modo estaria ligado ao misterioso Telum?

Devia haver alguma conexão ali. *Tinha* de haver.

Mas Batty não tinha informações suficientes para entender como.

Então, talvez precisasse começar com a obsessão de Ozan e Gabriela. No capítulo onze de *Paraíso perdido*, o arcanjo Miguel leva Adão à colina mais alta do paraíso para lhe mostrar uma visão do futuro. Adão é testemunha da morte e da destruição causada pelo dilúvio de Noé, da ascensão do tirano Nimrod e da Torre de Babel, da deterioração causada pela velhice, das destruições provocadas pelas guerras e doenças – coisas que poderiam ser evitadas se o homem decidisse escolher uma vida virtuosa.

Mas não havia nenhuma mensagem secreta nesse capítulo. Nenhum código para decifrar. O próprio Batty examinara o livro inúmeras vezes e nunca chegara a uma conclusão.

Mas, de repente, lembrou-se de algo. Uma curiosidade que deixara de lado quando as coisas começaram a ficar loucas naquele avião. Antes de Belial possuir Callahan e o avião começar a cair, ele esteve olhando o manuscrito, deslumbrado com a caligrafia, as palavras riscadas, as notas de revisão.

Porém, ao chegar ao final do livro, notara que havia algo estranho. Algo errado na encadernação.

Algo que faltava.

Seria tão simples assim?

Batty parou de repente, tentando alcançar a bolsa a seu lado. Enfiou a mão ali dentro e pegou o manuscrito. Callahan percebeu então que ele não estava mais caminhando a seu lado e então se virou para olhar o que estava acontecendo.

– O que foi? Algum problema?

Batty encontrou o cepo de um pinheiro caído e sentou-se nele, com o livro no colo.

– Acho que acabei de entender.

Ela se aproximou dele.

– Entender o quê?

Ele rapidamente folheou as páginas do manuscrito até chegar ao último capítulo – que, na versão revisada, se dividiria nos capítulos onze e doze, mas que nesse livro constituía o capítulo *dez*. Ele examinou a encadernação, viu onde estavam as bordas rasgadas, como se várias páginas tivessem sido arrancadas.

– Será que é possível?

– O que é possível? O que está acontecendo?

Ele levantou os olhos para Callahan.

– Ozan e Gabriela estavam tentando decifrar o capítulo onze errado.

– O que quer dizer com “capítulo onze errado”? Que outro capítulo onze é esse?

– Originalmente, o *Paraíso perdido* foi dividido em dez capítulos – disse ele. – Até que o editor pediu que Milton subdividisse dois desses capítulos para que a obra parecesse mais longa e ficasse mais atraente aos leitores.

Ele lhe mostrou o manuscrito.

– Este contém a versão original com dez capítulos – disse, e fez um gesto para mostrar as beiradas rasgadas. – Mas faltam páginas aqui. Foram arrancadas do livro. Porém, se você ler os versos, verá que o texto está completo. Acaba exatamente como tem de acabar.

Uma luz brilhou nos olhos de Callahan.

– Ele escreveu outro capítulo. O verdadeiro capítulo onze.

– O capítulo onze *certo* – disse Batty. – Aquele que deveriam ter tentado decifrar durante todo esse tempo. E veja quantas páginas

estão faltando.

Ele lhe passou o livro, e ela examinou a encadernação, as beiradas rasgadas, contando-as mentalmente, acompanhando essa contagem com um movimento dos lábios. Então, olhou para Batty com espanto.

– Sete – disse ela.

– As sete páginas que faltam da Bíblia do Diabo. E isso não é mera coincidência. Tem de ser o que estava neste manuscrito.

– Porém, não faz sentido algum. Philip disse que Milton as queimou, e veja estas beiradas. É o mesmo papel que ele utilizou para o resto do manuscrito. E você disse que as páginas do Codex eram enormes e que tinham sido escritas vários séculos antes.

Batty pensou nisso e balançou a cabeça.

– Não tenho explicação, mas sei que estou certo. E isso tem a ver com a chave da qual Philip nos falou. Trata-se de um tipo de profecia, um manual de instruções, quem sabe?

– Mas você achou que, se alguém soubesse, teria de ser Ozan e Gabriela.

– Não necessariamente – disse Batty. – Como eu já lhe disse antes, eles podiam estar agindo às cegas. Você se lembra daquele e-mail? E do que Philip disse sobre o fato de Ozan ter sido um velho tolo, curioso demais?

Callahan balançou a cabeça e devolveu o livro para o professor.

– Poderíamos nos sentar aqui e ficar especulando até o Juízo Final. O que, a julgar pelas palavras do irmão Philip, não vai demorar a chegar. Mas não temos como entender isso sem que um dos guardiões remanescentes confesse tudo agora mesmo.

– Talvez não – disse Batty.

– Você sabe algo que eu não sei?

– O e-mail para Washington, lembra-se? O guardião que deve ter mandado você para essa busca. O cara que trabalha com o presidente.

– Olhe, não passa de especulação, como tudo isso.

– Não acredito – disse Batty. – E, assim que você conseguir se conectar pelo celular, acho que deveria chamar seus colegas e marcar uma reunião.

– Para quê? Você não conhece a Seção. É uma estrutura muito fechada.

– Diga que quer falar a respeito do Telum. Se um dos guardiões estiver por trás disso, tenho certeza de que vai engolir a isca.

– E se não engolir?

– Então, acho que teremos de esperar e ver o que vai acontecer.

Estavam se aproximando da civilização, e Callahan finalmente conseguiu obter sinal.

Depois de discar seu código, ela esperou cerca de dez minutos até que uma voz desencarnada surgisse na linha.

– Sim?

– Temos um problema crítico.

– Que tipo de problema?

– Não posso lhe dar detalhes por telefone.

– Essa linha é segura, agente Callahan. Sabe disso.

De fato, ela sabia. A Seção gastava muito tempo e dinheiro para *garantir* que fosse segura, mas isso não servia de ajuda naquele momento.

– Preciso de um encontro cara a cara – disse ela. – E vou levar o recurso comigo.

– Impossível. Siga o procedimento e envie seu relatório.

– Precisamos falar com quem criou essa missão. Alguém do andar de cima.

– Não é possível. O simples fato de pedir isso constitui uma quebra de protocolo.

– Então, quebre-o – disse ela. – Tenho certeza de que ele vai querer conversar conosco. Diga que é a respeito do Telum.

– O Telum?

– Não tenho tempo para explicar. Se não tiver como cuidar do meu pedido, passe-me para alguém que possa fazê-lo.

Houve um momento de hesitação na linha.

– Trata-se de uma prioridade máxima – insistiu ela. – Não há assunto mais importante.

Depois de uma longa pausa, a voz disse:

– Espere por uma ligação nossa.

Ouviu-se um clique na linha, e Callahan desligou o fone, olhando na direção de LaLaurie, que estava descansando na beira da trilha. Ele a olhou de volta, com ar esperançoso, mas ela fez um sinal com a cabeça e mostrou o aparelho para explicar que estava aguardando uma resposta.

Ela sabia que quem a atendera estava passando o recado adiante, e uma grande quantidade de ligações se seguiria, subindo a hierarquia até chegar a alguém que tivesse poder suficiente para saber o que fazer com aquilo.

Quinze minutos depois, seu telefone tocou, e ela o aproximou do ouvido.

– Seu pedido foi recusado – disse a voz.

– O quê? Você disse a eles...

– Prossiga com a investigação, agente Callahan, e mantenha-nos informados.

Então, a linha fez clique.

LIVRO IX

O mal que o homem faz

Eis ultimada surge a mole imensa
Por cima desse mar, arqueada, altiva:
Era uma ponte de extensão pasmosa
Que do limiar do Averno se estendia
Até deste orbe ao muro inabalável,
Hoje indefenso, possessão da morte
—*Paraíso perdido*, IX:299-304



Los Angeles, Califórnia, EUA

Jenna não estava no abrigo.

Miguel fora até lá para observar seu ritual matutino – abrir as persianas, guardar as camas dobráveis, varrer e esfregar o chão e pôr as mesas antes de ir para a cozinha ajudar a preparar a refeição. E, com a aproximação da lua de sangue, ele planejara entrar em contato hoje de forma mais significativa, na esperança de que Jenna confiasse nele.

Em vez disso, o que ele via era um novo rosto no meio de outros conhecidos, e percebeu que aquele não era um bom sinal. O espaço era limitado naquele abrigo, e aquela nova garota podia muito bem ter tomado o lugar de Jenna.

Então, onde ela estava?

Será que passara a noite ali? Ou Zack tentara de novo a sorte com ela?

Uma sensação desagradável se fez sentir no estômago de Miguel.

Um sentimento de terror.

Mesmo que não tivesse conseguido evitar, ele se amaldiçoava por ter deixado Jenna sozinha. Sua necessidade de procurar uma nova pele não apenas comprometera sua habilidade em funcionar neste mundo caótico, como também enfraquecera sua capacidade de julgamento – e Jenna (e o mundo) podia muito bem estar pagando por isso.

Ela era inocente. Uma alma imaculada. Uma simples garota que fugira – não para se rebelar, mas para escapar de uma situação intolerável – e ainda não tivera tempo de se acostumar ao novo ambiente em que vivia. Para entender os perigos que teria de enfrentar.

Para conhecer o poder que mantinha dentro de si.

E, por causa da fraqueza de Miguel, de sua falta de cuidado, ela tinha ido embora antes que ele pudesse contar-lhe quem e o que ela era.

Ele encontrou a mulher que dirigia o abrigo enquanto ela fazia uma pausa para fumar na ruela de trás. No momento em que ele se aproximou, ela lhe deu uma olhada. Viu um homem saudável, porém idoso, de cabelo grisalho, barba e vestindo roupas de brechó – entre as quais uma jaqueta militar bem gasta –, e imediatamente lhe mostrou seu telefone celular.

– Tenho uma tecla programada para chamar a polícia – disse ela.

– Quero apenas lhe fazer umas perguntas.

– Não tenho dinheiro. E, se quiser comida, pode voltar à noite.

Abrimos às seis horas.

– Obrigado, mas não é por isso que estou aqui.

Ela se retesou levemente.

– Então, por quê?

– Eu a vi naquele café um pouco mais adiante, umas noites atrás.

Você estava lá com uma moça.

Os olhos da mulher se estreitaram.

– E?

– Sei que essa moça ficou no seu abrigo, mas não a vi hoje de manhã. Ela dormiu aqui esta noite?

– Por que está interessado?

– Acho que ela pode ser a filha de uma amiga minha – mentiu Miguel. – Uma mulher do Arizona.

Ultimamente, ele estava disposto a fazer qualquer tipo de acordo. E continuou:

– Pensei em abordá-la antes, mas precisava ter certeza de que era ela mesmo. A mãe dela está morrendo.

Os olhos da mulher se abriram um pouco, embora ela continuasse desconfiada. Tinha o hábito de ser muito protetora com suas garotas.

– Que engraçado – disse ela. – Tivemos uma longa conversa naquela noite, e ela não me disse que sua mãe estava doente. A única coisa sobre a qual falou foi do seu padrasto perverso. Não seria você, por acaso?

A mulher o olhou fixamente, analisando a veracidade da história dele, avaliando-o, e então negou com um movimento lento da cabeça.

– Desculpe-me. Eu gostaria de acreditar em você, mas não consigo.

– Então, o que pode me dizer a respeito do rapaz que estava com ela? Aquele que usa o nome de Zack?

Os olhos da mulher se estreitaram de novo.

– Como sabe de tudo isso? Não me lembro de tê-lo visto naquela noite.

– Eu estava lá, sentado no fundo.

– E daí? Você não é um tipo de maníaco?

– Já lhe disse. Só quero fazer a coisa certa. Levar Jenna de volta para casa. Agora me conte mais sobre Zack.

– Acho que é melhor você ir embora.

– Não quero problemas. Diga-me o que quero saber e vou embora.

Ela suspirou.

– Contar o quê? Ele é um vagabundo. Usa a sua aparência como isca. Esteve lá e depois sumiu. Não o vi mais desde então, e espero que ele não apareça, se é que ele sabe o que é melhor para ele.

– Você faz ideia de onde ele mora?

– De jeito nenhum – disse ela, e então ergueu o telefone de novo.

– Vou ter de fazer aquela chamada? Sim ou não?

Miguel passou o dia perambulando por Hollywood, esperando perceber a mais ínfima vibração, mas o mundo à sua volta era caótico, e ele não conseguia ouvir nada.

Voltara ao café e à estação Greyhound, caminhando pelo Hollywood Boulevard, pela Sunset Strip e por várias ruas intermediárias, mas Jenna havia desaparecido.

Ele se perguntou se sua nova pele não lhe dificultava a percepção da canção. Mas isso parecia bastante improvável, e aquela ausência repentina o fez duvidar de si mesmo.

Será que se enganara a respeito dela desde o início?

Ou deixara seu desejo dominar a razão, os sentidos?

Afinal de contas, ele era diretamente relacionado a Belial, e ela era mestra nesse tipo de comportamento.

Mas não. Ele não achava que estivesse errado.

De fato, *sabia* que não estava. Mais cedo ou mais tarde, ouviria de novo a canção tão radiante e claramente quanto antes.

Pelo menos, esperava que isso fosse acontecer.

Porque o tempo estava se esgotando.

Já era tarde naquele dia quando seu desejo foi recompensado.

No momento em que o som flutuou em sua direção, ele sentiu um alívio tão intenso que suas pernas tremeram. Com certeza, era uma reação estranha, mas decorrente de sua constante luta para que a mente e o corpo trabalhassem em harmonia. Apossar-se de um novo hospedeiro era parecido com a situação de um paciente que sofreu um transplante e tem de acostumar-se a um novo rim.

E vice-versa.

Independentemente de quem fosse o hospedeiro, Miguel sabia que sempre demorava a se adaptar completamente, e sensações físicas inesperadas faziam parte da aprendizagem.

Mas nada disso importava de fato.

Ele podia ouvir a canção de Jenna – tão clara quanto possível –, e a única coisa que importava agora era que ela estava viva.

Seguindo o som, ele subiu o Hollywood Boulevard e chegou em frente ao Rocket Bar & Grill, um restaurante inspirado no fim dos anos 1950. Ela estava logo atrás da janela da frente, sentada a uma mesa com outra garota – que ele já vira no abrigo –, e ambas riam como velhas amigas.

Enquanto Jenna tomava um último gole de Coca, a outra garota procurou algumas notas de dinheiro na bolsa e as colocou sobre a mesa. Miguel não sabia como a garota havia conseguido aquele

dinheiro, mas a dureza em seu rosto deixava supor o pior, e ele esperou estar errado.

Contudo, antes que pudesse pensar mais a respeito daquilo, um Chevy Malibu azul em mau estado parou diante do restaurante e buzinou. A nova amiga de Jenna olhou pela janela e sorriu, fazendo um sinal de mão em direção ao carro, enquanto as duas garotas se levantavam e caminhavam para a saída.

O olhar de Miguel se dirigiu para o motorista, um jovem vagabundo de cerca de vinte anos. Ele estava tentando distinguir se o sujeito seria um servo quando esse virou a cabeça e o passageiro a seu lado surgiu em seu campo de visão:

Zack.

Essa visão causou um calafrio em Miguel. Ele não sabia exatamente como Zack conseguira aproximar-se de Jenna, mas sentia que estava usando a outra garota como intermediária. Alguém que fosse capaz de convencer Jenna de que, apesar do que a mulher do abrigo dissera, Zack era na verdade um garoto muito legal.

Miguel não sabia se a amiga era uma serva, mas àquela altura isso não fazia muita diferença. O contato fora feito, e, pela aparência do rosto de Jenna quando ela saiu pela porta do restaurante, o estratagema funcionara. Ela sorria como se Zack e ela se conhecessem desde a infância.

Zack desceu do carro e, abrindo a porta de trás enquanto a amiga se sentava na frente, fez um gesto para convidar Jenna a se sentar atrás.

Miguel sabia que precisava detê-la.

Não podia deixar que ela fosse embora naquele carro.

– Jenna! – gritou ele, fazendo um gesto de mão, com a voz quase abafada pelo ruído do trânsito da rua.

Ela não o ouviu.

– Jenna! – gritou ele de novo, e dessa vez Zack levantou os olhos bruscamente, mirando-o com olhar de deboche.

Miguel precisava ir até lá. Agora mesmo. Mas, quando ele tentou pular, seu corpo resistiu. Ainda não estava pronto para esse tipo de movimento lateral.

Teria de fazer isso à maneira antiga.

Enfiando a mão na jaqueta, tirou a pistola Glock e levantou-a em direção ao outro lado da rua. Zack viu o movimento e, apesar da mudança de aparência de Miguel, parecia saber exatamente de quem se tratava.

Segurando com firmeza a mão de Jenna, ele a apressou para entrar no carro e também entrou logo na sequência. O rosto dela manifestava certa confusão.

Quem era aquele homem e por que havia gritado seu nome?

Agora Zack batia na traseira do assento do motorista, berrando para seu colega:

– Vai, vai!...

...enquanto Miguel acelerava o movimento e levantava a arma, prestes a estourar um dos pneus.

Então, sem outro aviso, um longo e estridente som de buzina explodiu à sua direita. Miguel virou rápido a cabeça a tempo de ver um ônibus municipal vindo em alta velocidade em sua direção, e o motorista sinalizava desesperadamente com os faróis.

Miguel se jogou no asfalto, tentando escapar, ao mesmo tempo que se ouvia um rangido de freios e o ônibus parava a alguns centímetros de onde ele estava. Então, ouviu-se o chiado de pneus, uma buzina frenética, e um carro bateu na traseira do ônibus, enquanto vários outros colidiam atrás dele, provocando um engavetamento.

No momento em que Miguel se levantou, viu o Malibu rugindo no final da rua.

E lá estava Jenna, esticando o pescoço, olhando-o fixamente pelo vidro de trás com ar aterrorizado.

Las Vegas, Nevada, EUA

O primeiro tumulto aconteceu na Cidade do Pecado, antes de em qualquer outro lugar.

Ninguém soube exatamente como começara. A Vegas Strip e os hotéis do centro estavam mais lotados que de costume, e isso tinha a ver com o que acontecera. Pessoas do mundo todo jogavam nos cassinos, na esperança de ganhar muito dinheiro vivo e assim viver o “sonho americano” – um sonho que parecia cada vez mais distante. Dessa forma, o nível de ansiedade estava alto, e os ânimos mantinham-se exaltados.

Segundo o rumor, tudo começara com uma simples alteração. Duas turistas haviam discutido sobre quem estava de fato jogando numa máquina caça-níqueis – e tinha ganhado a bolada de três milhões de dólares que a máquina agora estava cuspidando. Uma mulher declarava que jogara em duas máquinas ao mesmo tempo e que se afastara da máquina premiada só por um instante, quando a outra turista se aproximou e começou a catar as moedas que caíam, roubando assim o prêmio que com certeza era dela.

A briga foi curta, mas violenta, e acabou com uma mulher morta e a outra praticamente espumando pela boca, vítima de um ataque de raiva e frustração tão virulento que se espalhou como uma epidemia. E, logo depois, havia pessoas brigando por toda parte, até nas ruas.

Mas, de novo, isso era apenas um boato. A verdade é que qualquer coisa podia ter sido o estopim.

Numa entrevista ao jornal da noite, um homem disse que tudo era culpa da sociedade ímpia. Culpa dos malditos ateus e dos homossexuais, e daqueles terroristas de turbante, que eram

responsáveis por tudo o que acontecia, com sua covarde depravação e o ódio que tinham de seus semelhantes. Na opinião dele, todos deviam ser executados publicamente e usados como exemplo para o restante dos seres humanos. Ou os homens escolhiam Jesus ou queimariam no inferno.

No final do mesmo dia, ele foi morto a tiros por sua mulher, que declarou que ele batia nela havia vinte e cinco anos.

Depois de algumas horas, o caos se espalhou para outras cidades. Protestos políticos, greves surpresa, pequenas alterações que pareciam começar do nada apenas porque as pessoas estavam assustadas ou irritadas. Cansadas de viver num mundo que não lhes trazia nenhuma esperança.

Ou apenas cansadas de viver.

Era como se a humanidade houvesse se entregado a seus instintos básicos e começasse a ouvir o diabinho que cada um tem escondido na cabeça, sem se preocupar com as consequências.

E, à medida que as coisas pioravam, os que acreditavam rezavam, pedindo proteção e liderança.

Infelizmente, ninguém parecia estar ouvindo.

Os três anjos negros assistiam a tudo aquilo de uma sala de reuniões que se debruçava sobre a Strip, em uma das inúmeras filiais da L4 que existiam no mundo inteiro. A criação de uma companhia de segurança fora ideia de Moloque...

...L4 ou Lúcifer Quatro...

...o que mostrava quanto ele era criativo.

Moloque, o Senhor da Guerra – que agora usava o nome de Vogler –, observava as ruas abaixo, balançando a cabeça com desdém.

– Basta espalhar alguns servos pela multidão, e todos seguem o mesmo comportamento. É incrível como essas criaturas são previsíveis.

– Só podemos ficar agradecidos – disse Mamon. – Como sabem, as coisas nem sempre foram tão fáceis.

Neste mundo, Mamon – o Senhor da Cobiça – usava o nome de Radek.

Todos preferiam usar nomes humanos quando tinham de lidar com os humanos.

Todos, exceto Belial.

Lembravam-lhe com frequência que sua meta era passar despercebido, o que dificilmente poderia acontecer se usasse nomes tão conhecidos, graças em parte ao poeta, que roubara a história deles. Mas Belial era extremamente arrogante. Decidira viver na Terra como *mulher*, o que explicava tudo o que se precisava saber a seu respeito.

Jonathan Bel, ou Belzebu, o Senhor das Moscas, disse:

– Ainda não está na hora de comemorarmos. A lua é daqui a dois dias e, embora os esforços de vocês tenham sido admiráveis, nada garante que serão bem-sucedidos.

– Belzebu, sempre do contra, não é?

– Preciso lembrá-los de seus fracassos anteriores? Não importa o que tenhamos dado a essas criaturas nem o que fizemos para tentar seduzi-las; elas sempre deram um jeito de sobreviver.

– Não desta vez – disse Mamon. – Moloque e eu espalhamos essas sementes pelo mundo afora. O que estamos presenciando é apenas o começo.

– Veremos.

– O fato, como devo lembrar a vocês, é que o mundo nunca esteve tão corrupto nem tão cheio de mortais sem força de vontade, que culpam uns aos outros por seus fracassos. Não consigo me lembrar de outra época em que vimos tantas pessoas prestes a explorar a dor dos outros ou matar por causa de diferenças insignificantes, ou ainda declarar sua fé para aquele que chamam de pai, enquanto se espojam na própria hipocrisia. Conseguimos juntar almas corrompidas em número suficiente para fazermos exatamente o que precisa ser feito.

– Lindo discurso – disse Belzebu. – Mas não muda nada. Sem o poder do Telum, podemos fracassar por um triz.

Mamon riu e então falou em tom de deboche:

– Há poucos minutos, você estava empolgado com o fato de Belial ter declarado que encontrara o viajante sagrado. O que aconteceu com aquela confiança?

- Você sabe muito bem que o Telum é apenas metade da batalha.
- Você me surpreende, Belzebu. Para quem se mostra tão ansioso para libertar o Mestre de sua prisão, você parece depender incrivelmente desse conto de fadas. Moloque e eu lhe trouxemos resultados concretos, e Belial continua perdendo tempo com o pequeno fã-club de Miguel, procurando algo que talvez nem exista.
- Ela encontrou a garota, não é verdade?
- O *irmão* dela encontrou a garota, e ela é ingênua o suficiente para achar que isso faz algum sentido. Mas a irrelevância de Miguel neste planeta nunca foi tão claramente demonstrada.
- Concordo com ela – disse Belzebu.
- Mamon balançou a cabeça com ar de desgosto.
- Armas milagrosas, almas cantando... Vocês dois são tão crédulos quanto aqueles que acreditam que o homem que pusemos na cruz era algum tipo de...
- Chega – disse Moloque, aproximando-se deles. – Vocês dois brigam como alunos da pré-escola. Eu pensei que já havíamos superado esse absurdo.
- Eu apenas não gosto da ideia de que o fruto do trabalho árduo que tivemos seja descartado em prol de algo que ainda precisa ser provado – disse Mamon.
- Ninguém está descartando nada – disse-lhe Moloque. – Mas Belzebu está certo. Não devemos ser arrogantes a ponto de acreditar que a partida já está vencida. Com ou sem o Telum, ainda temos muita coisa a fazer.
- É isso mesmo – disse Belzebu.
- Então, por que não deixamos a comemoração para a noite em que todos poderemos brindar com Lúcifer?
- Os outros dois concordaram com a cabeça, e os três ergueram as mãos.
- *A posse ad esse.*

Chiang Mai, Tailândia

Sete páginas faltantes.

A chave para o Telum. O viajante sagrado.

Para protegê-la, os guardiões tinham de proteger seu segredo – um segredo que fora removido do Codex Gigas havia séculos, para cair nas mãos de Galileu Galilei – se é que se podia crer no que dissera o irmão Philip.

A maldição daquelas páginas deixara Galileu cego. E Milton, depois dele.

Mas se Milton as havia queimado por medo do que elas podiam fazer, como e por que teriam ido parar no manuscrito do *Paraíso perdido*?

E, por esse motivo, quem ou o que *era* exatamente o viajante sagrado?

Uma alma errante, dissera Philip, mas com que propósito? E parecia que Miguel era quem devia procurá-la; porém, uma vez que a tivesse encontrado, o que isso queria dizer?

Seria algum tipo de arma?

Perguntas demais, pensou Batty. Muitas malditas perguntas sem respostas.

E, com a chegada da tétrade da quarta lua, quais eram as chances de responder a essas perguntas antes que fosse tarde demais? Quais eram as chances de encontrar essas páginas – a chave para aquilo que Miguel estava procurando – antes que as portas do inferno se abrissem e toda a humanidade fosse destruída?

As perspectivas não eram nada boas.

Pareciam ainda piores quando voltaram para o coração de Chiang Mai.

As ruas estavam tomadas por manifestantes irritados, e tropas de choque tentavam controlar a multidão com jatos de água e cassetetes. Mas os manifestantes pareciam prestes a vencer o embate, já que a polícia perdera o controle da situação.

– Meu Deus – disse Callahan. – Já começou. Bem como Philip nos avisou. Tudo aconteceu tão de repente.

– Ele disse que seria assim mesmo.

Refugiaram-se numa livraria, a vários quarteirões do tumulto. O lugar estava quase deserto, mas o rapaz do caixa parecia visivelmente nervoso, como se estivesse louco para encerrar o expediente e voltar a salvo para casa.

Os raros clientes não pareciam estar muito interessados nos livros a seu redor. Haviam se juntado no sofá e nas cadeiras do centro da loja, também tentando fugir do caos.

Batty e Callahan encontraram outro conjunto de cadeiras no fundo da livraria, e, após se acomodarem, Callahan pegou seu celular.

– Preciso chamar a Seção de novo. Eles têm de me ouvir.

– Se não escutaram antes, duvido que mudem de atitude agora. Por motivos desconhecidos, eles nos deixaram cuidar da situação sozinhos. Mas por onde devemos ir? Não temos mais guardiões.

– Londres – disse Callahan. – É o único lugar que nos resta.

– Que eu saiba, Londres é tudo menos uma cidade pequena.

– Começaremos com o e-mail de Ozan. Vamos ao cibercafé onde ele foi recebido e partiremos de lá. Talvez tenhamos sorte.

Batty não acreditava que pudessem localizar a pessoa que recebera o e-mail, mas tinham de tentar. Além do mais, ele se perguntava se existiria outra maneira de descobrir a verdade sobre tudo aquilo. Tinha de haver algum jeito...

Foi então que sua mente clareou.

A Visão. Talvez pudesse usar a Visão.

Uma coisa que aprendera no decorrer dos anos é que sua visão funcionava melhor quando a sala estava na penumbra. Que era mais forte quando ele se deparava com a morte, a dor ou algum tipo de

destruição. Assim, não tivera imediatamente a ideia de usá-la em algo positivo.

Algo divino.

Enfiando a mão na bolsa, pegou o manuscrito de Milton. Ele já descobrira no avião que o livro fora realmente inspirado por Deus, mas nunca pensara em tentar explorar essa energia.

– O que está fazendo? – perguntou Callahan.

– Procurando as páginas que faltam.

– O quê?

Batty abriu o livro e foi direto para a última página. Olhou para a encadernação imperfeita, as bordas um pouco rasgadas de onde as sete páginas haviam sido retiradas. Se haviam sido destruídas depois da morte de Milton, então a história ali datava de séculos, e não seria fácil conseguir alguma informação. Ele teria de se concentrar como jamais o fizera antes, e não sabia o que poderia acontecer com ele.

Preparando-se, respirou profundamente, então pôs a palma da mão contra as bordas rasgadas e fechou os olhos.

Mas nada aconteceu.

Ele parou. Procurou se recompor e tentou de novo.

Concentre-se, Batty. *Concentre-se.*

Ele não estava obtendo nada.

Desesperado, pegou o medalhão de São Cristóvão e colocou-o no pescoço.

Voltou para o manuscrito. E então ele sentiu um calor irradiar-se de seu braço e subir até o cérebro. A medalha fora a chave. E, em vez daquele túnel escuro ao qual estava acostumado, ele foi tomado por uma explosão de luz, como fogos de artifício, dentro da cabeça. Então a luz pareceu consumi-lo, sugá-lo para dentro...

...e ele desapareceu.

Ao abrir os olhos, estava em pé. Mas, ao mesmo tempo que percebeu isso, não conseguia saber *onde*. A única coisa que via era uma cascata de cores, azuis vibrantes, verdes e amarelos tão brilhantes que feriam a vista.

Ele semicerrou os olhos, tentando focar as luzes, protegendo-se com a mão enquanto sua visão se ajustava progressivamente à luminosidade. E então, diante dele, apareceu o lugar mais lindo que poderia imaginar.

Colinas ondulantes. Céu azul e sem nuvens. Campos de flores amarelas a perder de vista. E árvores, carregadas de frutas perfeitas – que estranhamente o faziam lembrar-se da tigela com maçãs e peras de plástico da mesa de jantar de sua mãe.

Aquele mundo vibrava nele, infiltrava-se sob sua pele, liberando algum tipo de droga em seu sistema, uma droga que produzia um prazer tão intenso que ele se perguntou se poderia manter-se em pé.

– Este é o mundo como poderia ter sido – disse uma voz atrás dele.

Voz de homem, britânico, culto.

Batty se virou e viu uma imagem bruxuleante, espectral, que vinha em sua direção, andando com graciosa fluidez. E, ao conseguir focar a imagem, viu que o homem tinha cabelo comprido, de corte antigo, e que sua roupa e gola eram de outro século.

Seus olhos estavam embaçados pela catarata.

O homem – e Batty agora sabia que se tratava do poeta – virou-se para as árvores a seu lado e pegou uma romã vermelha brilhante.

– Mas, por causa da fraqueza humana – continuou ele –, logo nosso mundo será isso.

Ele mordeu a fruta e, no momento em que o fez, a árvore a seu lado pegou fogo e começou a derreter. Batty se virou e viu que *todas* as árvores estavam se queimando, e as frutas, murchando. Então o céu escureceu, as flores definharam e morreram, e as colinas verdes se tornaram áridas. E logo tudo a seu redor ficou cor de ardósia, enquanto o vento escuro e frio soprava através dele, aturdindo sua alma.

Em poucos segundos, ele foi levado para o centro de um furacão negro; uma cacofonia de sons se elevava em sua mente ao mesmo tempo que o vento em volta dele se tornava mais denso a cada giro. Batty abriu a boca para gritar, mas nada saiu, enquanto o furacão

ganhava velocidade e a escuridão cada vez maior ameaçava engoli-lo de vez...

Então, de repente, tudo desapareceu.

Ele se encontrava no topo de uma colina cuja vista dava para uma pequena *villa* em mau estado, com o poeta a seu lado. Abaixo, um rapaz saiu pela porta da frente, atravessou rapidamente o pátio e montou a cavalo.

– Na primeira vez em que ele me contou sobre a Bíblia do Diabo – disse o poeta –, pensei que o pobre Galileu tivesse ficado louco. Um veneno negro e maligno parecia ter se espalhado por todo o lugar, impedindo-me de respirar.

O rapaz levou o cavalo até o portão principal, pedindo a um guarda que o abrisse.

– O astrônomo quisera me usar como se eu fosse seus olhos, já que não podia mais enxergar. Ele pensou que eu entenderia, mas eu apenas vi um velho debilitado que se deixara possuir por uma imaginação sem limites.

Um raio de luz cegou momentaneamente os olhos de Batty, e, quando ele pôde ver de novo, eles estavam numa sala de estudos, com fileiras de estantes de livros, e o rapaz – agora um pouco mais velho – estava sentado diante de uma escrivaninha, atarefado, com papel e caneta.

– Logo depois de sua morte, eu apenas fiz menção desse encontro, incapaz que era de dizer ao mundo que uma das mentes mais celebradas da época ficara tão debilitada em seus últimos anos de vida.

De novo a luz agrediu Batty, e eles agora estavam numa sala iluminada por velas, com vários homens – entre os quais, o poeta – sentados em volta de uma mesa, conversando animadamente.

– Mas imagine minha surpresa quando, pouco tempo depois do fim da Guerra dos Trinta Anos, ouvi dizer que o exército sueco saqueara o tesouro de Rodolfo II e trouxera o livro sobre o qual o astrônomo falara: o Codex Gigas. A Bíblia do Diabo.

Agora Batty estava diante de um grande salão circundado por estantes de livros, no centro do qual um mostruário de vidro continha um enorme livro aberto numa página que representava o

elaborado retrato colorido de um demônio chifrudo, e o poeta estava em pé com outro homem, olhando-o fixamente, com ar de pavor.

– Menos de um ano depois, fui para Estocolmo, onde o livro estava à mostra na Biblioteca Real da Suécia. O curador não apenas confirmou a história sobre sua criação, mas também disse que realmente faltavam sete páginas, como o astrônomo me contara.

Novo raio de luz, e eles voltaram para o campo de flores amarelas. O olhar vazio do poeta continuava fixo em Batty.

– Logo fiquei obcecado em encontrar essas páginas, querendo saber o segredo que guardavam. Os herdeiros do astrônomo não sabiam nada a respeito, e decidi viajar até Roma, para visitar o arquivo privado onde ele dissera tê-las visto. Mas, antes de partir, recebi uma correspondência me informando que o acervo do qual faziam parte fora vendido para um negociante de antiguidades de Londres. Já fazia um bom tempo que elas estavam perto de mim.

O poeta fez uma pausa, refletindo por uns instantes, e então disse:

– O negociante de antiguidades já havia morrido, e as suas aquisições mais recentes estavam armazenadas no porão de sua loja em Londres, enquanto seus filhos brigavam pela herança.

A luz brilhou de novo, e agora Batty se encontrava numa pequena sala abobadada, apenas iluminada por uma luz bruxuleante. O poeta estava sentado a uma mesa, retirando com o maior cuidado enormes páginas de pergaminho de uma grande pasta. Suas mãos tremiam, e Batty tentou ver o que havia nas páginas, sem, no entanto, conseguir focalizá-las.

– Não consigo lhe explicar o que senti na hora em que as vi. Alegria, júbilo, sim, mas também um poder, um poder tão avassalador que as páginas pareciam me atrair, envolvendo-me num afetuoso abraço, e eu soube que se tratava do poder de Deus. Essas eram *Suas* páginas, que um dia Ele escondera nesse enorme livro concebido pelo Diabo.

Mas agora o poeta estava esfregando os olhos, aproximando de si a lâmparina.

– O astrônomo me avisou que apenas quem manifestasse intenções puras poderia ler as páginas sem temer a maldição, mas

eu o ignorei completamente, acreditando que sua cegueira fosse fruto do uso constante do telescópio. Entretanto, eu estava errado, e em alguns minutos minha visão começou a definhar.

Agora Batty observava o poeta andando na rua, com a pasta debaixo do braço, cambaleando em direção a uma carruagem.

– Mas eu tinha visto o bastante para saber que aquelas páginas continham uma antiga profecia, chave de uma milagrosa dualidade de poder, um poder tão absoluto que, se caísse em mãos erradas, toda a humanidade correria perigo. As portas das insondáveis profundezas – do próprio Abadom – seriam abertas, libertando todos os horrores de Pandemônio e mais além.

De repente, Batty estava vendo uma cidade destruída pela guerra, a terra rachando e se abrindo entre os prédios, expelindo jorros de lava no ar.

Agora o poeta estava de volta à sua sala de estudos, cercado de velas tremeluzentes: seus olhos estavam embaçados; as mãos, estendidas, com as palmas para cima, enquanto seus lábios se mexiam numa prece silenciosa.

– Mas o que me deixou mais assustado foi meu repentino desejo de invocar eu mesmo esse poder, na graça de Deus, mesmo sabendo que essa invocação seria impossível sem sua fonte. O viajante sagrado. Então comecei a procurar essa fonte, e logo me envolvi nas artes negras, na esperança de poder ouvir a canção da alma errante... O astrônomo havia me informado do próximo eclipse, e eu sabia que, se pudesse liberar essa alma durante a escuridão da quarta lua, poderia dar ao mundo um novo paraíso, e seria o *governante* desse paraíso, o novo criador. Porém, num momento de lucidez, entendi que o que eu procurava era fruto de meu falso orgulho e de meu desejo egoísta de controlar meu mundo. Vi que o que eu estava tentando fazer só podia levar a um desastre. Então, num momento de coragem, destruí aquelas páginas.

Agora o poeta estava diante de uma fogueira, jogando a pasta nas chamas. A luz do fogo cintilou, e Batty e o poeta se encontraram de novo no topo da colina, sob um céu azul imaculado.

Finalmente, Batty conseguiu falar.

– Mas esse não é o final da história.

O poeta negou com um lento movimento de cabeça.

– Anos depois, eu finalmente tinha mudado, sabia como lidar com minha cegueira e renovara minha devoção a Deus e ao presente que Ele me dera. Minha poesia. Havia muito tempo que eu queria escrever um poema épico, mas pensava: e se eu escrevesse algo não somente para celebrar a graça de Deus, como uma prece de contrição, por assim dizer, mas examinasse a corrupção do homem? Corrupção que eu conhecia bem demais. Pedi então a Deus que me ajudasse, mas nunca recebi resposta. Invoquei uma musa divina, mas a verdade é que nenhuma musa veio me visitar até muito tempo depois que o último capítulo de meu poema estivesse escrito. E uma noite recebi uma visita em meu sono. Apesar de minha cegueira, de repente pude ver, e, antes que eu percebesse, várias páginas estavam diante de mim, e meu dedo corria por elas como se fosse controlado por outra pessoa. Então eu soube no mais profundo de mim que eram as mesmas páginas que eu havia destruído. Estavam vivas e queriam ser vistas...

E continuou:

– Então o anjo Miguel apareceu diante de mim e me disse que eu tinha de ser o primeiro guardião dessas páginas. Que eu me mostrara digno de confiança ao tentar destruí-las, e que agora eu precisava escondê-las, de maneira que nunca caíssem em mãos erradas. Até o momento em que pudessem ser usadas para servir a Deus. A versão original do meu poema ainda estava sobre a minha escrivaninha. Uma transcrição final já fora preparada e enviada ao editor, e, como eu era cego, o manuscrito ainda tinha um valor sentimental para mim. Na manhã seguinte, juntei essas novas páginas, acrescentando-as no fim da pilha de papéis – meu capítulo onze particular, por assim dizer –, e pedi a minha filha que chamasse um encadernador. Fiquei ao lado dele na sala enquanto ele encadernava as páginas; então, guardei o livro em meu cofre. Lá ele ficou por cerca de dez anos. E, enquanto Miguel prosseguia com sua incessante busca ao viajante sagrado, ele pediu para outros se juntarem a mim para proteger o segredo.

O poeta baixou a cabeça, como se estivesse exausto pela história, e Batty disse:

– Mas as páginas foram removidas depois de sua morte. Quem as retirou?

– Um dos novos guardiões, claro.

– E para onde foram levadas?

– Para um lugar onde eu pudesse continuar a vigiá-las.

– Não estou entendendo.

– Deixe-me lhe mostrar – disse o poeta, passando a mão diante do rosto de Batty.

De repente, tudo ficou escuro e, de novo, Batty se encontrou no centro de um turbilhão cujas paredes se aproximavam dele. Então, com surpreendente brusquidão, o vento parou e o professor ficou flutuando – acima de um caixão de madeira aberto, olhando o corpo do poeta, cujos leitosos olhos cegos o fitavam.

– Estão comigo – disse o poeta com voz estridente.

Então, com a mesma brusquidão, Batty acordou. Estava sentado na cadeira da livraria, com a palma da mão contra a encadernação do manuscrito, enquanto Callahan o olhava com ar preocupado. Ele se recostou na cadeira, sentindo como se toda a energia tivesse sido sugada para fora de seu corpo.

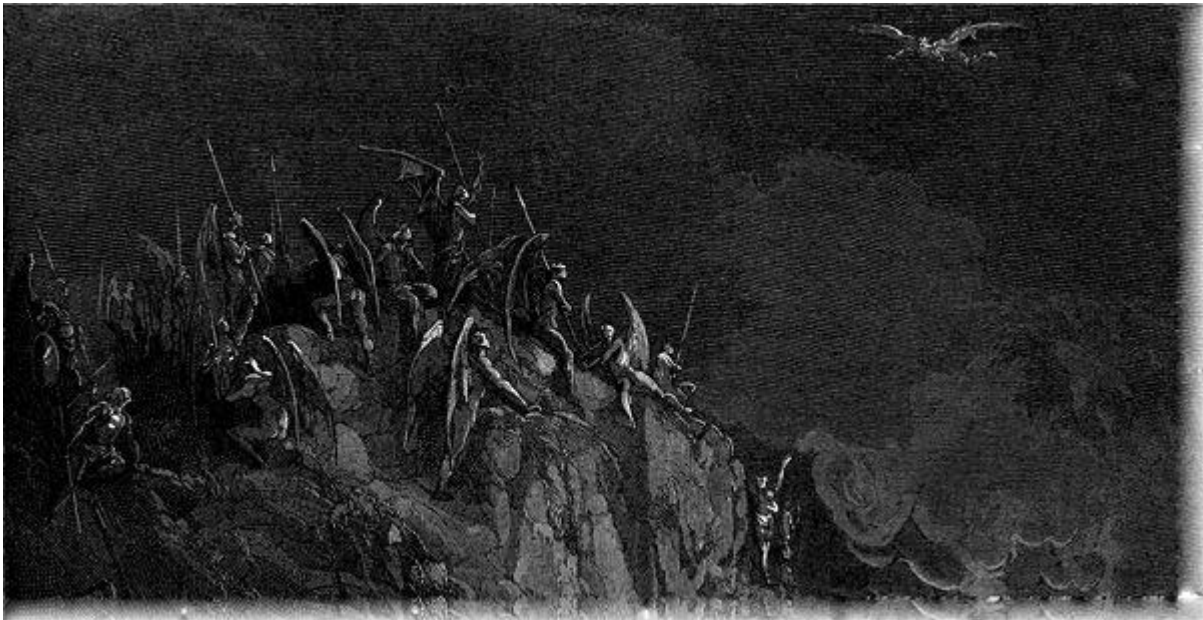
Mal conseguia mexer os lábios.

– Você estava certa – arfou ele. – Precisamos ir para Londres. Agora mesmo.

LIVRO X

Orgia da desordem

Como de outr'arte interpretar-se pode
A atroz perseguição que presenciamos
Do mesmo lado, a um tempo, no ar, na terra?!
—Paraíso perdido, X:201-3



Los Angeles, Califórnia, EUA

Ele não encontrou a casa tão facilmente quanto queria.

Lembrando-se do que Zack dissera a Jenna na primeira noite – que ele e seus amigos estavam “dormindo num lugar lá em Burbank” – Miguel roubou um Buick conversível e pegou a autoestrada.

Infelizmente, Burbank, um vasto subúrbio no vale de San Fernando, tinha uma população de mais de cem mil habitantes, e rodar por todos os bairros, brincando de esconde-esconde com Jenna, era algo muito demorado.

Ele sabia que podia usar outros meios para viajar – um meio com o qual ele e seus irmãos estavam bem acostumados –, mas sua primeira tentativa desde que adquirira aquela pele fora um fracasso total, e ele sabia que de agora em diante era melhor seguir as leis deste mundo para não correr o risco de se enfraquecer inutilmente.

Sua habilidade voltaria com o tempo.

Encontrar o lugar era uma tarefa ingrata, mas, nos últimos séculos, Miguel levava a melhor sobre Belial e seus amigos, exatamente por não renunciar com facilidade. Sua vantagem era que a canção de Jenna ainda soava vagamente em seu peito, sumindo e voltando como um sinal de rádio distante, e a única solução era ir de quarteirão em quarteirão, de casa em casa, na esperança de finalmente poder encontrá-la de novo.

Ele trabalhou lenta e metodicamente durante a noite toda – num jogo de quente e frio –, voltando para trás quando achava necessário. E, no começo da manhã seguinte, encontrou uma casa dilapidada nos arredores da cidade e instintivamente soube que achara o lugar.

Contudo, não havia sinal do velho Chevy Malibu garagem. E a casa em si – abandonada e com o mato tomando conta do jardim – parecia vazia.

Haviam passado por ali e já tinham ido embora.

Desanimado, Miguel descobriu que a porta de trás não havia sido trancada e entrou na casa. A cozinha estava um caos, com cheiro de leite rançoso. A sala de estar, repugnante e sem móveis. Grafites grosseiros haviam sido pintados com tinta spray nas paredes. Sobre o carpete manchado, havia caixas de pizza e embalagens de hambúrguer, além de vários cobertores puídos e agulhas hipodérmicas descartadas. E também outros materiais para se drogar em quantidade suficiente para abastecer uma pequena clínica.

A imagem de Jenna dormindo naquela espelunca (se é que ela dormira mesmo) deixou Miguel profundamente deprimido. Ele teve dificuldade em acreditar que uma garota tão inocente pudesse facilmente ser seduzida pela lábia de Zack e por seu charme bajulador. Mas talvez essa inocência tenha sido uma ficção criada pela imaginação de Miguel. Talvez ele tivesse romantizado a garota por ela ser quem era e o que representava para ele. Talvez ela não fosse diferente do incalculável número de fugitivos que vinham parar naquela triste e corrompida cidade.

Sua canção estava mais fraca do que nunca, era apenas uma lembrança, e ele não sabia por que o sinal parecia estar morrendo.

Mas não podia renunciar. Não agora. Nunca.

Dando uma última olhada ao redor, ele estava prestes a sair da casa quando ouviu um murmúrio abafado, vindo do corredor.

Jenna?

Sentindo o coração acelerar, ele se precipitou pelo corredor, indo de quarto em quarto. No canto da casa havia um banheiro que estava com a porta aberta.

Ele entrou e parou. Ficou paralisado.

Uma adolescente estava deitada de barriga para cima na banheira, com a cabeça inclinada. Um fio de vômito corria por seu queixo e uma seringa ainda estava espetada em seu braço machucado, com várias marcas de agulha.

Não era Jenna, mas sua amiga do café.

Miguel foi rapidamente até ela, colocando-a o mais ereta possível, dando tapas em seu rosto para que acordasse. Mas a garota não reagia. Ele tomou-lhe o pulso, que estava muito fraco, e percebeu então que era tarde demais. A garota estaria morta antes que ele conseguisse chamar socorro.

Ele sentiu uma coisa ácida no estômago, e a única coisa em que pensava era que aquilo poderia ter facilmente acontecido com Jenna.

Colocando a palma da mão sobre a testa da garota, ele a abençoou e lhe enviou uma prece silenciosa. Era mais uma formalidade do que qualquer outra coisa, mas ele esperava que aquilo fizesse algum sentido para uma pessoa de fora, como ela, e que a alma da pobre moça pudesse sair-se bem no outro mundo.

Quando o pulso finalmente parou, ele deu uma olhada na mão dela e viu uma marca no dorso, logo acima da curva do polegar.

A marca quase apagada de um carimbo.

Erguendo a mão, ele a girou em direção à luz do corredor para olhar a marca mais de perto.

Uma chama laranja, com o número 904 abaixo.

Ele a reconheceu: tratava-se de um clube alternativo chamado 904, perto de La Brea e Wilshire, e aquele nome vinha de um código local da polícia para classificar incêndios. Pertencia supostamente a um magnata da mídia chamado Jonathan Bel.

Bel, claro, era apenas uma pele. Uma concha ocupada pelo velho amigo e rival de Miguel – o irmão de Lúcifer e, às vezes, amante de Belial.

Belzebu.

Miguel nunca estivera naquele clube, não queria entrar na toca do leão. Mas sabia que agora não tinha mais escolha.

Com certeza, encontraria Jenna lá.

— **O** que você vai fazer com ela? — perguntou Zack.

Jonathan Belzebu deu uma olhada naquele inseto irritante, com a voz carregada de desdém.

— Você ainda está aqui?

— É só uma curiosidade.

— Estou começando a pensar que Belial não fez um trabalho completo quando o transformou. Ou será que todos os servos dela são tão irritantes?

— O que você quer dizer?

— Deixe pra lá — disse Belzebu, com um movimento desdenhoso da mão. — Coloque a garota sobre a cama e espere no corredor.

Havia meses que Belzebu morava logo acima do clube. Tinha uma casa em Bel Air e uma cobertura em Century City, mas preferia o ambiente do 904. Ele gostava particularmente da sensação da incessante batida que se infiltrava pelo chão dia e noite. Fazia com que se sentisse vivo.

— Tive de lhe dar uma pequena amostra — disse-lhe Zack. — No começo, ela não queria, mas finalmente...

— Eu não lhe disse para sair?

— Tudo bem, tudo bem.

O inseto carregou a garota sobre os ombros, levando-a até a cama. Com certeza, ela estava drogada. Um pouco demais. E Belzebu lamentou não ter cuidado desse assunto pessoalmente.

Mas era um homem muito ocupado. Usava sua rede de comunicação para ajudar a espalhar as chamas da revolta no mundo todo (os seres humanos acreditavam em tudo o que viam na televisão), e essa era uma tarefa difícil, que exigia bastante dedicação. Algumas pessoas o ajudavam, claro, mas ele sempre punha as mãos na massa.

Agora, lamentava não ter tido a mesma atitude em relação a Jenna.

Zack colocou a garota sentada, e ela oscilou levemente, mas conseguiu manter-se ereta e não cair. Apesar do efeito das drogas, ela ainda era muito bonita. Belzebu sempre se sentira atraído por mulheres mais velhas do que ele – como a jornalista que conhecera na outra noite –, mas aquela era especial. Estava naquele momento da vida em que seu rosto e seu corpo ainda não a haviam traído, e a elasticidade macia de sua pele era bastante cativante.

Se por acaso Belial estivesse errada em relação à garota, ainda havia a possibilidade de colocá-la para trabalhar.

Enquanto o inseto se dirigia para a porta, Belzebu disse:

– Você seguiu as instruções, certo? Com a outra garota?

Zack confirmou com a cabeça.

– Nós a deixamos na banheira.

– E o carimbo?

– Exatamente como mandou.

– Excelente – disse Belzebu com um gesto de mão para dispensar o rapaz.

Miguel encontrou o velho Malibu azul estacionado numa vaga atrás do prédio.

O prédio em si, de tijolos vermelhos caindo aos pedaços, era uma antiga fábrica têxtil com janelas tampadas por tábuas. A porta de trás parecia vir diretamente de uma câmara de tortura medieval, e ele supôs que se tratasse de um toque decorativo de seu velho amigo. Durante a Idade Média, Belzebu passara vários anos na pele de um tenente da Torre de Londres, o orgulhoso inventor de uma máquina em forma de roda que comprimia o corpo das vítimas até que o sangue saísse pelos ouvidos e pelo nariz.

A porta não estava trancada, e Miguel entrou. Com as janelas vedadas, a única luz que penetrava era a que se filtrava através das fendas e rachaduras da madeira. O lugar era enorme, cheirava a mofo e estava quase vazio, com exceção de uma fileira de antigas máquinas de costura de um lado, cobertas por teias de aranha, a

maior parte delas ainda com enormes carretéis de fio. Vários rolos de tecido desbotado estavam empilhados num canto próximo.

Do outro lado da sala, havia uma porção de tubos de canalização, e, no fundo, outra porta. Miguel foi até lá e a abriu, ouvindo então o baque surdo e constante da música.

Alguns degraus desciam na escuridão, entre duas paredes cobertas de grafites pretos e inscrições talhadas – signos e símbolos que Miguel conhecia muito bem, entre os quais o selo de Belzebu, esculpido sob uma fileira de profanações.

Pelo jeito, alguém o conhecia muito bem.

Descendo a escada, seguiu por um lúgubre corredor até outra porta, guardada por um servo quase do tamanho de um gigante, que o olhou como se ele fosse um marciano.

Miguel tentou passar por ele, mas o rapaz pôs a mão em seu ombro.

– Quem é o seu *significante*?

– O *próprio* homem – disse Miguel.

O escravo riu com desdém.

– Sim, posso crer.

Então se afastou de lado, deixando Miguel entrar em outro corredor com paredes cobertas de grafite. Enquanto andava até o final, procurou ficar atento para ver se conseguia ouvir Jenna.

Sua canção ainda estava fraca, mas ele não tinha dúvida de que ela estava ali, em algum lugar.

Belzebu se agachou perto da garota.

– Como está se sentindo, meu anjo?

Jenna oscilou levemente, tentando focalizá-lo.

– Meio esquisita... Quem é você?

– Meu nome é Jonathan. Sou um amigo de Zack. Ele me disse que você não estava passando bem e pediu permissão para trazê-la para cá.

Ela deu uma olhada no quarto. Piscou os olhos.

– Não gosto daqui. Onde está o Zack?

– Dançando. Você gosta de dançar?

Ela deu de ombros.

– Sim, acho que sim...

– Bem, vamos fazer o seguinte. Assim que eu receber a ligação que estou aguardando, vou pedir para o Zack levar você lá para baixo para se divertir. Tudo bem?

– Ainda me sinto um pouco tonta...

– Não se preocupe. Isso deve passar daqui a alguns minutos, e você vai ficar bem. Não quer se deitar?

– Sim... – murmurou ela. – Acho melhor.

Ela estendeu cuidadosamente as pernas sobre a cama e se deitou de lado, fechando os olhos. Belzebu a estudou, admirando seus traços delicados, a palidez do pescoço branco.

– Pena que Belial não esteja aqui. Ela ia adorar isso.

Ele se aproximou e afagou-lhe o cabelo.

– Zack me disse que coisas terríveis aconteceram com você, Jenna. É verdade?

Ela se mexeu e disse:

– Que tipo de coisas?

– Ele me disse que você fugiu de casa, de seu padrasto.

Ela hesitou.

– Não quero falar desse assunto.

– Isso a deixa triste, Jenna? O fato de pensar no que ele lhe fez?

– Sim... Pare.

– E se eu pudesse fazer desaparecer toda essa dor, meu anjo? Você quer que eu a ajude a se livrar da dor?

Ela abriu os olhos. Estavam cheios de lágrimas.

– Quem é você? Por que me faz todas essas perguntas?

– Porque quero ajudá-la, Jenna. Haverá um momento em que terá de fazer uma escolha, e quero ajudá-la a fazer a escolha certa. Quer me deixar fazer isso?

O interfone tocou antes que ela pudesse responder.

Ele se levantou a contragosto, foi até a mesa e apertou o botão.

– Sim?

– Um cara acabou de entrar. Pode ser ele.

– Como ele é?

– Robusto. Cabelo grisalho. Barba. Na faixa dos sessenta anos. Mas não alguém com quem a gente queira brigar.

A mesma descrição que o inseto lhe dera. Supondo-se que o idiota soubesse do que estava falando.

– Muito bem – disse Belzebu. – Ligue-me de volta quando tiver acabado.

Desligou, deu uma olhada na garota e foi até a porta para chamar Zack.

Miguel passou por algumas portas vaivém e entrou numa sala do tamanho de um armazém. O lugar estava tomado por corpos se mexendo, ombro contra ombro, ao ritmo de uma música alta o suficiente para quebrar a barreira do som.

Luzes estroboscópicas vermelhas, amarelas e brancas piscavam, seguindo perfeitamente o ritmo, e Miguel achou que nunca antes vira tantas pessoas aglomeradas num único lugar. Era um mar de couro escuro, calças jeans, saias curtas e meias arrastão, e mulheres seminuas que, rindo, jogavam a cabeça para trás, enquanto os homens – e outras mulheres – grudavam-se nelas, corpo contra corpo, apalpando-as com as mãos.

Ele começou a olhar a multidão, observando-a mais detidamente enquanto se concentrava na canção de Jenna. Mas estava muito escuro, e havia gente demais. Além disso, se Jenna tivesse sido levada ali à força, havia pouca chance de que estivesse pulando na pista de dança.

Então, onde ela podia estar? Trancada numa sala? Num escritório?

Miguel perscrutou o clube, à procura de uma escada ou um elevador. Olhou por onde entrara e viu um conjunto de sofás e cadeiras em que as pessoas, esgotadas de dançar, descansavam os pés e bebiam cerveja importada. À direita ficavam as portas vaivém pelas quais ele havia passado.

E mais à direita havia um elevador.

Miguel andou direto até esse ponto. Um casal de dançarinos estava em seu caminho, mas ele não diminuiu os passos; empurrou-

os para o lado. Ainda estava a alguns metros de distância quando uma luz piscou acima do elevador e as portas se abriram.

E dentro do elevador estavam Zack e Jenna.

Zack a segurava pela mão, e, quando a puxou para fora do elevador, ela cambaleou ligeiramente. Drogada. Ficaram um instante olhando como se estivessem prestes a entrar na pista de dança, então Zack fez um movimento brusco para a esquerda, entrou pela porta vaivém e arrastou Jenna atrás de si.

Estavam saindo rapidamente.

Miguel correu, precipitando-se através das portas até o corredor. Não havia sinal deles. Abriu rápido a porta mais próxima, e não havia ninguém. Voou pelo corredor, subiu a escada coberta de grafite e viu-se na sala onde estavam as máquinas de costura...

...ali, ele parou.

Congelado em seu movimento.

Zack e Jenna estavam no meio da sala, olhando para ele. Zack abriu um grande sorriso, com ar presunçoso.

– Qual é a pressa, Miguel? Não gosta de dançar?

Havia mais quatro servos com ele. Dois de cada lado. Três homens e uma mulher. E um deles era o tal gigante. Espalharam-se para bloquear o caminho de Miguel.

– Sim – disse a mulher. – Venha dançar conosco.

Ela estava coberta de tatuagens e piercings e tinha o ar de quem podia arrancar-lhe a cabeça e enfiá-la de volta sem mostrar um mínimo sinal de remorso. Havia uma suástica na lateral de seu pescoço, e seu cabelo era preto e repicado.

Os outros três não tinham tantas tatuagens nem metal espetado no rosto, mas exibiam músculos suficientes para fazer uma apresentação de gladiadores.

Ele caíra numa armadilha. O carimbo na mão da garota morta fora colocado deliberadamente para ver como ele reagiria. E sua presença ali provara para Belzebu que Jenna era especial. Que ela era quem eles estavam procurando.

Miguel tirou a adaga da cintura, mantendo o olhar em Zack.

– Afaste-se da garota.

– Lamento, seu babaca. Mas não posso fazer isso.

– Acho que deveria pensar duas vezes. Do pó ao pó, e tudo mais.

A garota tatuada moveu-se de lado, indo em direção à pilha de tubos a sua esquerda:

– Espero que você tenha uma pele de reserva em casa, porque a gente vai se divertir muito com essa.

Ela catou alguns tubos e lançou-os aos demais servos. Erguendo-os nas mãos, eles se espalharam pela sala, esperando que Miguel começasse a atacar. Zack obrigou Jenna a dar meia-volta e puxou-a em direção às máquinas de costura.

– Sente-se e observe, vadia.

Jenna cambaleou e agarrou firmemente uma das máquinas.

– Vocês não devem fazer isso – disse Miguel, avançando na direção deles. – Deixem-me levar a garota, e vamos guardar a briga para outra ocasião. Não estou nem aí para um bando de servos inúteis.

– Inúteis? – disse Zack. – Está tentando nos ofender?

– Isso exigiria que tivessem coração, mente e alma. E estão longe de...

O gigante rugiu e se precipitou em direção a Miguel, girando o tubo, tentando atingir a cabeça dele. Miguel mergulhou, mas o gigante voltou a atacar, tentando de novo atingir-lhe a cabeça. O tubo chegou *sibilando*, e ele pulou para trás, vendo a arma quase raspar-lhe o queixo, um pouco perto demais para seu gosto. Então ele deu um passo de lado, girou o corpo e abriu a barriga do gigante com a adaga.

Uma fração de segundo depois, o gigante evaporou, espalhando violentamente poeira no ar, que atingiu o rosto de Zack e dos outros, enquanto o tubo que ele segurava caía ruidosamente no chão.

Mas Miguel não baixou a guarda. Sem esperar que eles voltassem a atacar, girou e balançou o braço, arrancando sem dificuldade o tubo da mão da garota tatuada. Então voltou a atacar, erguendo a adaga, cuja lâmina fez um corte através da suástica do pescoço da serva. Ela explodiu e virou cinza fina, e seus piercings se espalharam pelo chão como pedrinhas no asfalto.

Vendo que não tinha tempo a perder com aquela situação absurda, Miguel tirou a Glock da cintura e abriu fogo, matando os

dois musculosos remanescentes com dois tiros rápidos.

Então, ele apontou a arma para Zack.

Zack deu uma olhada para os anéis, o anel de nariz, os brincos em forma de estrela, os piercings transversais, os de mamilo e Deus sabe o que mais que agora se encontrava no chão à frente dele e cambaleou para trás, largando a arma e levantando as mãos.

– Tudo bem, calma, calma, cara! Eu me entrego! Eu me entrego!

Miguel parou e abaixou a arma.

– O que você faz quando encontra uma barata no chão da cozinha, Zack?

– O quê? – disse Zack, confuso.

– Apenas responda à pergunta. O que faz ao encontrar uma barata?

Zack continuava recuando.

– Não sei, cara, não sei... Eu... Eu piso nela. E você, o que faz?

Miguel sorriu.

– Não tenho piedade.

Então levantou a arma de novo e atirou. A bala atingiu o peito de Zack, transformando-o em poeira.

Uma boa maneira de se livrar do lixo.

Miguel foi até as máquinas de costura, onde Jenna estava em total estupor. Apesar das drogas, ela parecia tão atordoada quanto incrédula.

Será que vira mesmo tudo aquilo acontecer diante dela?

– *Qu... Quem é você?* – murmurou. – O que aconteceu?

– Vou lhe explicar mais tarde – disse ele, agarrando-a pelo punho.

– É bem provável que um verdadeiro exército surja nessa escada a qualquer momento, por isso precisamos sair daqui.

Ela sacudiu o braço, tentando escapar.

– Você é louco. Não vou a lugar nenhum com você.

Miguel segurou-lhe o braço firmemente e debruçou-se sobre ela.

– Escute, Jenna. Não queria que as coisas acontecessem desse jeito, mas se você ficar aqui estará correndo perigo. Você precisa ir embora. Agora mesmo.

Ele podia perceber que as drogas ainda a deixavam confusa, e ela não sabia o que fazer, mas parou de resistir, e ele a segurou ainda

mais firme, puxando-a em direção à porta. Sem olhar para trás, eles correram até o Buick e entraram no carro.

– Coloque o cinto de segurança – disse ele, ligando o motor. Então, o carro saiu num arranco.

Dois minutos depois, estavam descendo pela Wilshire Boulevard a toda velocidade, costurando no meio do trânsito. A garota saiu de seu estado de estupor, percebendo por fim o quão assustada estava.

– O que está acontecendo? – gritou ela. – Quem é você?

– É difícil explicar.

– Como sabe meu nome? Foram meus pais que mandaram você?

– Não. Eles não sabem nada a respeito disso.

– Então, o que está acontecendo? O que aconteceu com aquelas pessoas? Elas simplesmente... se desintegraram.

– Há coisas neste mundo que são difíceis de entender, Jenna. E não tenho nenhuma explicação que faça realmente sentido para você. Não dessa maneira. Então, por enquanto, você precisa confiar em mim.

– Confiar em você? Nem o conheço! Você não passa de um velho grosso!

Agora ela parecia mais alerta, o que podia ter a ver com a velocidade do carro e o vento que soprava em seu cabelo.

– Pare – disse ela. – Deixe-me sair daqui.

– Não posso fazer isso, Jenna.

– Pare! Ou juro por Deus que vou...

De repente, ouviram gritos e o ruído de motores acelerando enquanto dois carros apareciam, um de cada lado, cheios de servos do clube. Um dos servos esticou-se para fora da janela de trás e pulou sobre o porta-malas do Buick.

Jenna gritou, e outro servo pulou ao lado de Miguel, mergulhando no assento traseiro do Buick. Erguendo-se, colocou as mãos em volta da garganta de Miguel.

Enquanto Miguel lutava para respirar, o primeiro se aproximou de Jenna.

Agarrando sua adaga, Miguel lançou o braço, cortando o rosto do servo, e uma nuvem de poeira se espalhou para trás, desaparecendo no céu.

Jenna gritou mais uma vez.

Então o segundo servo apertou mais firmemente o pescoço de Miguel, que ficou quase sem visão. Era um milagre que ainda fosse capaz de dirigir. Tateando à procura da adaga, ele tentou alcançá-la, mas não conseguiu, e a arma caiu sobre o assento traseiro. Ele tentou pegar sua Glock, também sem sucesso.

Miguel agarrou o braço de Jenna.

– Minha arma – murmurou. – Procure minha arma...

Jenna estava lívida de pânico. Seus olhos, frenéticos.

– Procure! – grasnou Miguel.

Começou a martelar com o punho na cabeça do servo, mas o sujeito não afrouxou a pressão. Ele quase não conseguia mais enxergar, as ruas à sua frente ficaram turvas. Sentiu Jenna se mexer ao lado dele, mas não tinha ideia do que ela estava fazendo. Então, no exato momento em que ele estava prestes a apagar, Jenna gritou de novo, e ouviu-se um tiro...

...e a pressão em seu pescoço desapareceu, porque o servo se desintegrou atrás dele, lançando um redemoinho de poeira negra no ar.

Enquanto os olhos de Miguel voltavam ao foco, Jenna largou a arma no assento como se estivesse contaminada e começou a tremer, derramando lágrimas dos olhos.

Passando o braço em volta de seus ombros, ele pediu-lhe que aguentasse firme e então virou o volante, e o carro entrou abruptamente à direita, numa rua transversal. Os outros carros ficaram um pouco para trás, mas logo recuperaram a velocidade e voltaram a se aproximar do Buick.

Então o motorista da esquerda girou bruscamente o volante e o carro bateu na lateral do Buick. O choque repercutiu em Miguel, mas ele não diminuiu a velocidade.

O carro bateu no Buick uma segunda vez, com força brutal, e o impacto fez Miguel largar o volante.

O carro enviesou em direção à calçada, mas foi impedido por uma fileira de carros estacionados. O metal rangeu quando o carro parou abruptamente, projetando Miguel para a frente. Seu rosto bateu contra o volante, e ele sentiu a dor atravessá-lo, ao mesmo tempo que o sangue lhe escorria do nariz e o mundo começava a girar à sua volta.

De repente, um enxame de servos cercou o carro, e Jenna gritou ao sentir que mãos a agarravam, soltavam-lhe o cinto de segurança e tiravam-na de dentro do carro.

Atordoado, Miguel levantou a cabeça, com a visão ainda turva, enquanto outro carro parava na altura do Buick.

Uma limusine preta.

A janela do passageiro de trás se abriu, e Belzebu disse aos servos:

– Tragam-na para mim.

Jenna se debatia enquanto os servos a arrastavam até a limusine.

– Me larguem!

Quando ela chegou perto da janela, Belzebu esticou o braço e tocou a mão dela. Esse gesto a acalmou um pouco.

– Está tudo bem, meu anjo. Não vou deixar que a machuquem.

– Quem são eles? O que você quer de mim?

– Temos bastante tempo para falar sobre isso. Mas, primeiro, precisamos levá-la para um lugar seguro.

Miguel tentou se mexer, mas suas pernas estavam presas nas ferragens em consequência da colisão.

– Deixem a garota em paz.

Belzebu o ignorou.

– O que acha, Jenna? Você quer voltar comigo? Na minha casa, estará segura. Não haverá nada a temer.

– Não escute esse aí – disse-lhe Miguel. – Você não pode confiar nele.

Jenna parecia confusa. Deu uma olhada para Miguel e então virou o olhar para Belzebu.

– Ele matou Zack. Atirou nele à queima-roupa. Foi horrível.

– Eu sei, meu anjo. Mas não se preocupe, Deus o punirá. Por que não entra no carro para que eu possa levá-la para casa?

Jenna hesitou um pouco e, por fim, concordou com a cabeça. A porta se abriu, os servos a soltaram, e ela entrou no carro, desaparecendo de vista.

Então, Belzebu se virou para Miguel.

– Viu como foi fácil?

– Não pense que acabou – disse-lhe Miguel.

– Ah, espero que não.

E, enquanto Miguel lutava para se libertar, o vidro da janela de Belzebu se fechou e a limusine foi embora.

Londres, Inglaterra

St. Giles Cripplegate era uma das poucas igrejas medievais de Londres. Fora erguida num solo que, segundo a lenda, tinha sido considerado sagrado mais de mil anos antes. Situada no meio do Barbican, o agora próspero centro cultural e artístico de Londres, era a única construção que ainda restava em pé – embora tivesse sido consideravelmente danificada – após os bombardeios sofridos pela cidade, conhecidos como *Blitz*, durante a Segunda Guerra Mundial.

Também sobrevivera ao Grande Incêndio de 1666, e Batty não achava que aqueles fatos fossem desprovidos de significado.

A igreja tinha uma estrutura imponente, construída com pedras de Kent no século XIV em nome do eremita Giles, padroeiro dos aleijados – embora, ironicamente, o nome Cripplegate não tivesse nada a ver com aquilo. Era caracterizada por um alto campanário, e ao lado do terreno havia um trecho de uma antiga muralha romana, que fora erguida séculos antes para proteger dos invasores a cidade portuária de Londinium.

Pisar em seu solo era como penetrar através de um espelho em outro tempo e espaço.

Batty e Callahan haviam chegado a Londres logo cedo e tinham sido obrigados a esperar o anoitecer para se aproximarem do terreno da igreja. Ali as ruas pareciam apenas um pouco menos agitadas que as de Chiang Mai, e, como a falta de controle era total, a polícia fazia o possível para tentar conter a multidão.

Passaram o dia trancados num pequeno hotel dos arredores, e Batty estava inquieto como uma criança, incapaz de dormir ou comer, ansioso para fazer o que havia de ser feito. Tentou passar o tempo lendo trechos do manuscrito de Milton e da *Steganographia* –

livros que ele carregava na bolsa –, mas sua mente cismava em vaguear, recordando a visão que tivera.

Apenas quem manifestasse intenções puras poderia ler as páginas sem temer a maldição, dissera-lhe Milton. Mas seriam puros os motivos de Batty?

Existia alguém puro?

Parte do que o motivara, o que o conquistara primeiro em São Paulo, fora seu desejo de saber quem havia tirado a vida de Rebecca. E, ao descobrir, fora tomado por uma raiva e cólera que não sentia desde o dia em que ela havia morrido.

E quando atirara nas costas de Belial e vira o trabalho que McNab fizera como franco-atirador, Batty sentira o mais profundo alívio. O alívio de ter conseguido impedir Belial – mesmo que temporariamente – de destruir outras vidas.

Então, eram puros seus motivos?

Não sabia dizer, infelizmente.

Agora, no meio da noite, ele e Callahan estavam atravessando o terreno da igreja até a entrada principal. Estava trancada, como era de esperar, e, mesmo que houvesse algum tipo de guarda, ele não se encontrava ali, certamente assustado pela confusão que havia tomado conta das ruas nos dois últimos dias.

Ou talvez estivesse participando do agito.

Callahan procurou alarmes e não os encontrou, então atacou a fechadura com algum esforço. Felizmente, não usou os pés dessa vez.

Eles haviam levado lanternas para se guiar. Batty já estivera ali antes, à procura de tudo o que fosse relacionado a Milton, e notou que nada mudara muito. Mesmo à pouca luz, a igreja era impressionante, com seus bancos de madeira polida alinhados de cada lado e suas arcadas e colunas de pedra esculpida.

À direita, atrás das arcadas, ficava uma estátua de bronze de John Milton.

Callahan dirigiu o feixe de luz para ela.

– Isto é um bom sinal.

– Aqui existe outro ainda melhor – disse Batty, mostrando com sua lanterna uma parede próxima com o busto de Milton sobre uma

placa em que estava escrito:

JOHN MILTON
Autor de *Paraíso perdido*
Nascido em dezembro de 1608
Morto em novembro de 1674

Seu pai, John Milton,
morreu em 1646.
Ambos estão enterrados nesta igreja.

– A questão é: onde? – disse Callahan.
– Essa parte pode ser complicada.
Ela franziu a testa.
– Como?
– Alguns séculos já se passaram desde que ele foi sepultado – disse Batty. – E o lugar foi reconstruído e restaurado várias vezes desde então, portanto encontrar o lugar certo pode ser problemático.

Ele fez uma pausa.

– E também há o problema dos ladrões.
– Que problema?
– Dizem que, durante uma dessas obras de restauração, cerca de cem anos após a morte dele, o caixão de Milton foi aberto e seus dentes e cabelos foram roubados. Depois disso, o caixão teria sido mudado de lugar.

Contudo, quanto mais Batty pensava naquilo, maior era sua convicção de que essa história podia ter sido inventada. E se fossem os guardiões que o tivessem removido a pedido de São Miguel? Para proteger as páginas. O cadáver sem dentes nem cabelos podia não ser o de Milton.

– Então, em outras palavras – disse Callahan –, não sabemos de maneira alguma por onde começar a procurar.

– Sendo assim, devo sugerir-lhes que deem meia-volta e vão embora – disse uma voz.

Ambos ficaram paralisados quando uma silhueta saiu da sombra, de trás de uma das arcadas. Era um homem alto e esbelto, de

cinquenta e poucos anos, e segurava uma espingarda no antebraço, apontando-a sem verdadeira ameaça na direção deles. O vigia, sem dúvida. Embora não estivesse usando uniforme.

Era britânico, claro.

– Arrombando fechaduras, segurando lanternas... Parece-me que não estão aqui por uma causa nobre.

– Calma – disse Callahan, sem desgrudar os olhos da espingarda.

– Não vou atirar, querida, a não ser que alguém me provoque. E você não vai me provocar, não é mesmo?

– Escute – disse Batty. – Não tenho como explicar tudo isso sem que ache que somos totalmente loucos, mas precisamos ver os restos mortais de John Milton.

– É o que eu estava supondo, ouvindo a conversa de vocês dois. A pergunta é: por quê? Já vi outros loucos por Milton, mas poucos se mostraram ansiosos para dar uma olhada em alguns velhos ossos apodrecidos.

– Como eu falei... – disse Batty, abrindo as mãos.

O guarda apontou para Callahan.

– Você. Trouxe algum documento de identificação?

– Por quê?

– Porque eu gostaria de saber em quem estou prestes a atirar, se for necessário – disse ele, virando a palma da mão para cima e fazendo um movimento para ela com os dedos. – Deixe-me ver.

Callahan tirou do bolso sua identificação do Departamento de Estado e a jogou para ele. Ele a abriu, deu uma olhada e de repente ficou mais tranquilo.

– Prazer em conhecer você, agente Callahan – disse, e então pôs a espingarda de lado e estendeu a mão para cumprimentá-la.

– Meu nome é Grant. Jim Grant. Recebi ordem de esperar por vocês.

Batty e Callahan se olharam, e então Callahan disse:

– Você faz parte da Seção?

– Suponho que seja para quem você trabalha, mas não. Recebo ordens de uma autoridade maior – respondeu, colocando a mão na gola e tirando uma medalha de São Cristóvão. – Sou o guardião, mas estou aqui também para proteger o que precisa ser protegido.

Callahan parecia confusa.

– Mas como sabia que íamos chegar?

– Bem simples. Recebi uma ligação.

– De quem?

– Infelizmente, é uma pergunta à qual não posso responder. Mas, quem quer que seja, sabe a respeito dos Custodes Sacri, de maneira que posso supor que é um dos companheiros de Miguel. Recrutado da mesma forma que fui.

Batty se virou para Callahan.

– A conexão de Washington, D.C., sem dúvida. Ele obviamente prefere ficar anônimo.

– Pouco importa – disse Grant. – Estamos perdendo tempo.

Virou-se e fez um gesto com os dedos.

– Sigam-me.

Era uma galeria abobadada. Uma cripta funerária localizada abaixo da igreja e à qual se tinha acesso por meio de uma longa e estreita escadaria, oculta atrás de uma porta de metal trancada.

Mas era óbvio que a cripta não sofrera nenhuma modificação desde sua construção, séculos antes, e aquela visão causou um verdadeiro calafrio de repulsa em Callahan na hora em que entrou no lugar. Ela já se deparara com a morte várias vezes, mas lugares como esse sempre lhe davam arrepios.

O local começava por um estreito ossário. Uma parede de pedra à esquerda deles era revestida por longas prateleiras de madeira – nas quais, colocados lado a lado, estavam centenas de crânios, amarelados pelo tempo. À direita, havia dois grandes estrados com pilhas perfeitamente alinhadas de ossos.

– A peste – disse Grant, sem oferecer outra explicação. Não que Callahan precisasse de mais detalhes. Ela estava surpresa diante da perfeita calma do homem. Seu comportamento era muito mais parecido com o de um monge do que o de irmão Philip.

LaLaurie, por outro lado, mostrou certa agitação no momento em que entraram na cripta, e ela se perguntou se o fato de estarem

cercados por aquele ambiente de morte tivera algum efeito sobre o homem. Aquelas suas percepções deviam estar a mil por hora.

– Por aqui – disse Grant, mostrando o caminho com a luz da lanterna.

Passaram por uma arcada à direita e entraram na câmara principal. Ela tinha o tamanho de um pequeno armazém, e Callahan instantaneamente se lembrou daquele depósito de Istambul. Porém, em vez de caixas cheias de antiguidades, essa continha uma fileira de caixões, e alguns no centro eram feitos de pedra esculpida, enquanto os alinhados na parede – em perfeitas fileiras horizontais – eram simples caixões de madeira empenada e desgastada por anos de abandono.

O local tinha um cheiro que não passava despercebido. Um cheiro de mofo. E por trás dele, fraco, porém inconfundível, um rastro de corpos apodrecendo. Callahan não sabia quanto tempo fazia que aqueles corpos estavam ali – ela imaginou que o lugar não recebia nenhum novo defunto havia muito tempo –, mas o cheiro estava lá, e ela o reconheceu imediatamente.

Ou era isso, ou sua imaginação não tinha limites.

Grant parou ao lado de um caixão de pedra no centro da sala.

– É este – disse ele. – John Milton.

LaLaurie acenou com a cabeça e se aproximou, pondo as mãos sobre o caixão, tentando sentir a energia dele. Callahan quase esperava que a tampa se abrisse debaixo dele, deixando escapar um vampiro ou outra criatura implacável.

Mas nada aconteceu, e LaLaurie abriu os olhos, negando com a cabeça.

– Está errado – disse para Grant.

Os olhos de Grant se arregalaram levemente. Para Callahan, essa era a maior manifestação de emoção que ele manifestara até agora.

– Como pode ser? Este é o caixão que venho guardando nos últimos quinze anos.

– Bem, lamento ter de lhe informar que você guardou o caixão errado.

LaLaurie olhou para aquela fileira e, durante vários minutos, moveu-se de caixão em caixão, colocando as mãos em cada um

deles, parecendo mais fraco a cada nova tentativa, e Callahan entendeu que esse procedimento lhe custava muito.

Grant coçava a cabeça.

– Não acredito que tenhamos errado. Durante todo este tempo estivemos errados.

– Talvez você não tenha atendido aos telefonemas tanto quanto deveria – disse Callahan.

Depois de ter tocado todos os caixões da sala, LaLaurie parecia bastante pálido. Não encontrara o que estavam procurando.

Virou-se para Grant:

– Suponho que haja outra galeria para indigentes.

– Galeria para indigentes? – disse Grant. – Não acredito que Milton tenha...

– Talvez um dos guardiões anteriores tenha achado que era prudente escondê-lo onde houvesse pouca chance de alguém procurá-lo.

Grant concordou com a cabeça e apontou com a lanterna para o fundo da sala. Havia ali uma porta de madeira, e ele fez um sinal, convidando-os a segui-lo. Aproximaram-se dele, que abriu a porta, revelando outra escada que levava a um subporão, e mais uma vez Callahan se lembrou da casa de leilões.

Contudo, esses degraus eram tão antigos e instáveis, e rangiam tanto quando eles desceram, que ela teve certeza de que iam acordar alguém.

Ao chegarem ao final, encontraram outra sala, menor e mais estreita, sem sepulturas no centro. Em vez disso, as paredes eram repletas de nichos que continham pequenas caixas de madeira, a maior parte delas em péssimo estado, com ossos de braços, pernas e pés aparecendo através das rachaduras.

Entretanto, havia uma caixa que não parecia pertencer àquele lugar. Um verdadeiro caixão ocupava um canto escuro, patinado pelo tempo, mas que obviamente parecia deslocado ali.

LaLaurie deu uma olhada para Grant e Callahan; então, se aproximou do caixão e pressionou as mãos contra a tampa. Fechou os olhos, mas não por muito tempo.

– É este – disse ele. – É John Milton.

– Tem certeza? – perguntou Grant.

– Sem dúvida.

– Então, o que estamos esperando? – disse Callahan. Ela colocou a lanterna debaixo do braço e se aproximou da tampa do caixão, abrindo-a, sem mostrar surpresa ao encontrar outro crânio e ossos, só que dessa vez em bom estado. A roupa que os cobrira desaparecera havia muito tempo.

De repente, ela se deu conta de que aquele era nosso fim.

De todos nós.

Alguns deixam para trás um legado, como fizera Milton, um pedaço de si que será lembrado por séculos. Mas a maioria de nós morre na escuridão. Uma pilha de ossos esquecidos em algum túmulo, resquícios de uma vida de tão pouca importância para o mundo que se resume a uma pequena placa, anunciando nossa partida.

Um dia estamos aqui, e no dia seguinte não mais. E, a menos que sejamos sortudos, daqui a duzentos anos ninguém saberá quem fomos.

Ela dirigiu a luz da lanterna para dentro do caixão. Parte do forro ainda estava intacta, mas não havia sinal das páginas.

– Procure debaixo dos ossos – disse LaLaurie.

Callahan olhou para ele.

– Você primeiro.

Ele franziu o cenho e debruçou-se para dentro do ataúde, mexendo com as mãos debaixo do corpo e apalpando o forro esfarrapado. Pela expressão dele, ela podia ver que a busca não fora bem-sucedida.

Foi aí que ela reparou em algo, do lado direito do caixão, onde o forro estava rasgado. Dirigiu o feixe de luz para o lugar e notou uma minúscula fenda na madeira.

Outra porta escondida?

Esticando-se, ela arrancou o forro, que revelou um estreito painel retangular. Cravando as unhas na fenda, removeu a tampa e descobriu um nicho atrás, com um saco de tecido de juta escondido ali dentro.

Callahan levantou os olhos para LaLaurie, viu a excitação no rosto dele e fez um gesto na direção do saco.

– Fique à vontade.

Com as mãos trêmulas, ele pegou o saco, desatou a tira de couro e, enfiando a mão dentro, retirou uma medalha de São Cristóvão cuja aparência já lhes era familiar. Custodes Sacri. Entregou-a para Callahan e enfiou a mão outra vez, e então extirpou dali um rolo de páginas envelhecidas pelo tempo, atadas por outra tira de couro.

– Cuidado – disse Grant. – Lembre-se da maldição.

Batty concordou com a cabeça.

– Vocês dois talvez queiram fechar os olhos.

– E você?

– Vou me arriscar.

Grant não hesitou, mas Callahan negou com a cabeça.

– Por enquanto, estou bem.

Fechando a tampa do caixão, LaLaurie retirou o manuscrito de Milton da bolsa e o colocou sobre a madeira, abrindo-o no último capítulo. Então, enquanto Callahan segurava o feixe de luz, ele desatou a tira em volta das páginas.

– Agora, é melhor que feche os olhos – disse ele.

Callahan acenou com a cabeça e, mantendo firmemente a lanterna, fechou os olhos. Ouviu-o alisar as páginas, pondo-as no final do manuscrito. Percebeu que ele estava verificando se elas se encaixavam nas bordas dos rasgos.

Mas então ele parou.

– Isto não faz nenhum sentido.

– O quê? O que está errado?

– As páginas...

– *O quê?* O que têm elas?

LaLaurie fez uma pausa. Então disse:

– Estão completamente em branco.

— **N**ão acredito nessa droga – disse Callahan.

Ela e Grant agora estavam de olhos abertos e olhavam fixamente para as páginas, com espanto. Elas realmente estavam em branco.

Grant disse:

– Foi isso o que guardei durante quinze anos?

Callahan se virou para ele.

– Não, você estava guardando o caixão de outra pessoa, lembra? E parece que alguém conseguiu entrar aqui e trocar as páginas.

Grant olhou, ressentido.

– Eles tinham de passar por mim e por uma porta de metal com fechadura dupla. E posso lhe assegurar, agente Callahan, que isso não aconteceu comigo.

– Então você fica aqui durante vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana?

– Bem, claro que não, mas...

– Não foram trocadas – disse Batty. Ele alinhou cuidadosamente as páginas dentro do manuscrito e a margem rasgada se encaixava. Para ele, não havia dúvida de que aquelas eram as verdadeiras páginas.

– Então, o que sugere? – disse Grant. – Que isso é uma espécie de brincadeira cruel? Que nosso primeiro guardião inventou toda essa história?

Batty não respondeu. Estava pensando na visão que tivera, no que o poeta lhe dissera.

Várias páginas estavam diante de mim, e meu dedo corria por elas como se fosse controlado por outra pessoa.

Seu *dedo*, não uma pena. Gravando nas páginas.

Então Batty pensou em algo.

– O que lhe foi dito a respeito disso? – perguntou ele a Grant.

– Certamente que não estavam em branco.
– Suponho que tenha falado com o anjo Miguel.
– Ele não me chama todos os dias, mas eu não estaria aqui se ele não tivesse me recrutado.

– E ele não disse nada sobre isso?

– Pelo que entendo, ele não consegue ler as páginas por si mesmo. Nenhum anjo pode. Precisam que sejam traduzidas por seres humanos. Na verdade, eu diria que precisam de nós para uma série de coisas.

Batty concordou com a cabeça, e sua mente ainda processava as informações.

– Tanto Ozan quanto Gabriela tentavam decodificar o verso de Milton no Livro XI. Só que eles estavam com o Livro XI *errado*. Alguém já lhe disse que as páginas estavam criptografadas?

– Sim – disse Grant. – Mas não sei exatamente *por quê*. É apenas uma história que vem sendo transmitida de guardião para guardião há muitas gerações.

– Então, talvez seja isso o que temos aqui. Páginas criptografadas.

– O que acha que é? – perguntou Callahan. – Tinta invisível?

Batty negou com a cabeça.

– A tinta invisível só foi inventada no século XIX, por um homem chamado Henry Wellcome.

– Esse poço de informações do qual você saiu tem fundo?

– Espero que não – disse Batty, pegando então a bolsa e retirando dali o exemplar da *Steganographia*. – Você se lembra do que eu disse sobre o verdadeiro tema deste livro?

– Claro. Esteganografia, criptografia.

– Foi o que os especialistas disseram ao conseguirem decifrar o código, e tenho certeza de que era por esse motivo que Ozan o usava. Mas o que assustou os amigos de Trithemius e os convenceu de que ele era ocultista é que aparentemente isso é um tratado sobre a maneira de enviar mensagens secretas por meio de entidades espirituais.

– Tudo bem. Mas isso era apenas um disfarce. O próprio Trithemius reconheceu isso.

– Mas e se ele tivesse mentido para proteger sua reputação? E se ele realmente *era* ocultista e o livro for mesmo um método de comunicação por meio de espíritos?

– Espere, espere – disse ela. – Vamos com calma.

– Na minha visão, Milton me disse que recebera a visita de outra pessoa no meio da noite. Que esse ser o teria forçado a gravar essas páginas com o dedo. Ele era cego e não podia saber que as páginas estavam em branco. Mas elas sem dúvida eram a mensagem de um espírito – disse, e pegou o exemplar da *Steganographia*. – E se usássemos um dos encantamentos de Trithemius para decodificar a mensagem?

Callahan pensou naquilo.

– Acho que pode estar no caminho certo.

– Espero que sim.

Ele colocou o livro ao lado das páginas em branco, deixando-o aberto. Muito tempo havia se passado desde que estudara profundamente a obra, e, ao examinar as palavras, não tinha certeza do encantamento que devia escolher. Lembrando-se do que acontecera com Rebecca, ele não queria invocar o espírito errado.

Percorreu o texto cuidadosamente e por fim encontrou um encantamento que parecia muito apropriado. Uma invocação simples e direta.

– Muito bem – disse ele. – Cruzem os dedos.

Grant e Callahan se afastaram um pouco, como se tivessem receio de atrapalhá-lo. Ele rapidamente percorreu a página à sua frente, gravando o encantamento na mente, tocou as páginas em branco e fechou os olhos.

Então disse:

– *O magne spiritus, si placet, mecum communica nuntium his in paginis. O magne spiritus, si placet, mecum communica nuntium his in paginis. O magne spiritus, si placet, mecum communica nuntium his in paginis.*

Por um momento, nada aconteceu, e Batty temeu que não tivesse funcionado.

Mas então ele sentiu um calor na mão e seus dedos começaram a tremer. Ele meio que esperava que eles tomassem vida por conta

própria e começassem a escrever na página. Em vez disso, as próprias páginas começaram a brilhar, banhadas por uma luz amarela e quente.

Grant e Callahan recuaram um pouco mais, protegendo os olhos enquanto a luz se tornava mais forte, até que uma luz rosa jorrou em direção ao teto, iluminando toda a sala, e uma imagem trêmula apareceu no centro.

Batty não recuou. Não se mexeu. Não protegeu os olhos.

Seu olhar estava fixo naquela imagem, e uma estranha sensação tomou conta dele. Não um calor *físico*, mas um sentimento de preenchimento emocional, que o envolveu como um carinhoso abraço.

O abraço entre uma mãe e um filho.

Um pai e um filho.

Uma mulher e o marido.

Então a imagem na luz começou a tomar forma e substância, e o peito de Batty se inflou, e lágrimas escorreram de seus olhos. Sua boca se abriu, e ele quis dizer algo, quis desesperadamente formar palavras, mas não havia palavras adequadas para o que ele via agora.

A imagem sorriu, e o calor que ele sentia se redobrou. Quadruplicou-se. Ele se sentia enfraquecido por ela. Embriagado com ela. E não eram mais seus dedos que tremiam, mas seu corpo inteiro.

– Olá, Batty – disse ela, com aquele sotaque típico da Louisiana.
Era Rebecca.

—**B**ecky – murmurou ele.

Não se referia a ela assim desde que ela morrera. Nem mesmo em sua mente. Não conseguia usar o nome pelo qual ela se apresentara, tantos anos antes, na escadaria do Nassau Hall.

Mas agora ela estava ali, e isso lhe parecia normal. Era sua Becky, e ele queria jogar-se nos braços dela. Mas sabia que era apenas uma aparição, impossível de segurar.

– O que está acontecendo? – disse ele. – Onde você está?

– Estou aqui, Batty. Com você.
– Mas não consigo entender.
– Seu tempo no outro mundo foi curto demais. Você pode ter aprendido muitas coisas, mas existe muito mais a saber. É um lugar amplo, cheio de maravilhas e milagres.
– Tudo o que vi foi escuridão. E não consegui encontrar nenhum milagre. Não consegui encontrar você.
– Você conseguiu, sim – disse ela. – Não soube naquela época, mas consegui me encontrar.

Os olhos de Batty se abriram.

– Não estou entendendo.
– Você sabe aquele pedaço do outro mundo que pensou ter trazido com você? Era uma parte de mim. Parte de minha alma. Estou sempre com você, Batty. E sempre estarei.
Novas lágrimas escorreram dos olhos de Batty.

– Mas pensei... Belial...

– Belial destruiu minha forma humana, mas um dos encantamentos que você proferiu antes que eu sucumbisse conseguiu me proteger dela, impedir que ela se apoderasse de minha alma – disse, e fez uma pausa. – Mas ela sabe que estou com você, Batty, e conhece minha canção. É por isso que você deve ficar sempre atento.

Batty não disse nada. Não sabia *o que* dizer. Saber que Rebecca estivera com ele todo aquele tempo e vira o que ele fizera com Belial na cama, que se entregara à bebida repetidamente para esquecer, brigando em bares, prejudicando-se na universidade... De repente, sentiu-se envergonhado.

– Não se preocupe, Batty. Você é humano, como eu já fui. Cometemos erros. Aprendemos graças a eles e seguimos adiante. Estamos sozinhos há tanto tempo, abandonados para enfrentar sofrimentos quase impossíveis de suportar. Abandonados para lidar com os anjos negros que estão dentro de nós. Que dilaceram nosso coração e instigam nossa mente. É um milagre que tenhamos conseguido sobreviver por tanto tempo. Mas ser humano quer dizer isso, Batty. O espírito de sobrevivência. A necessidade de criar e procriar, amar e ser amado.

Fez uma nova pausa, sorriu e continuou:

– E agora, apesar de suas fraquezas, aqui está você. Foi por isso que ele o escolheu. Você viu a escuridão, mas sua alma... nossa alma... permaneceu imaculada.

– Quem? – disse Batty. – Quem me escolheu?

– Miguel, claro. Ele me visitou, pouco tempo depois que você tinha voltado do outro mundo. Belial é irmã dele, e ele podia sentir você por intermédio dela. Ele sabia a respeito da próxima téttrade. A batalha que está por vir. E quis que eu lhe trouxesse esta mensagem.

– Espere um pouco – disse Batty. – Ele *sabia* que eu estaria aqui?

– Nada é certo, mas muitas coisas podem ser previstas. E esperadas.

– Mas o que ele quer de mim?

– Ele quer que você a liberte. Que liberte a viajante sagrada. Que a liberte de seus laços humanos e dê à humanidade a chance que merece. Que ela seja uma mensagem para Deus.

– Mas... Como?

– As páginas vão lhe dizer – disse Rebecca. – Mas você não deve fracassar, Batty. Se os anjos negros conseguirem corromper a alma dela antes que você tenha a oportunidade de libertá-la, as sete portas serão abertas, e Lúcifer então será libertado, para reinar na Terra para sempre.

Batty sentia-se nauseado. Como poderia ser responsável por algo assim? Mal conseguia cuidar de si próprio. Nem conseguira impedir que Rebecca lhe fosse tirada.

– Deve haver algo errado.

– Não há nada de errado – disse ela. – Só que não vai ser fácil para você. Você será posto à prova. Mas lembre-se de que sempre estarei com você. Sempre. Se sentir sua determinação enfraquecer, é só me chamar, que sempre estarei ouvindo.

A imagem de Becky começou a tremer e desvanecer-se.

Então a luz brilhante desapareceu, e a sala voltou à escuridão, exceto pelos feixes de luz das lanternas.

Batty pegou sua lanterna sobre a tampa do caixão e iluminou as páginas. Não estavam mais em branco, e o que ele viu o

surpreendeu.

Não era poesia, como ele esperava. Não se tratava dos últimos versos do *Paraíso perdido*. Mas eram sete ilustrações cuidadosamente reproduzidas – bem parecidas com as gravuras de Gustave Doré que vira no apartamento de Gabriela –, desenhos em branco e preto de um mundo enlouquecido, arrasado pela dor, pessoas brigando, lutando, matando. E, acima de cada novo desenho, havia uma representação da lua cheia, cada vez mais remota, conforme a progressão do eclipse lunar.

Mas era o sétimo desenho que contava a história.

A história de duas consequências opostas.

À direita da página, estava o mundo arrasado, um deserto sem vida, sobre o qual pairava um Satã preto e alado. À esquerda, havia um viçoso paraíso verdejante, com colinas e árvores frutíferas, e um grande anjo guerreiro dominava a paisagem.

E no centro, ajoelhada abaixo do eclipse total da lua, havia uma pequena figura com uma adaga na mão direita, colocada diretamente contra a garganta. A palma de sua mão esquerda estava aberta, como num juramento, em direção a um homem que erguia uma espada.

Abaixo deles, estava escrito em negrito um encantamento sagrado: *Quod apertum est, id aperiri non potest.*

“O que foi aberto não pode ser fechado.”

Foi a figura do homem de espada na mão que disse a Batty o que ele deveria fazer, lembrando-lhe da pintura que vira em Istambul, da viúva Judite atacando Holofernes. Lembrando-lhe do abnegado martírio de São Cristóvão.

O homem de espada na mão estava cortando a cabeça dela.

LaLaurie cambaleou um pouco e então caiu para trás. Callahan e Grant avançaram prontamente, segurando seus braços e colocando-o em pé.

– O que está acontecendo? – perguntou ela.

Ele olhou para ela.

– Você não viu nada?

Ela não tinha visto muita coisa.

– Uma luz brilhante, e só. Tampei os olhos por alguns segundos, e então a luz desapareceu. E em seguida vi que você estava prestes a desmaiar.

Ele se virou para Grant, que negou com a cabeça ter visto algo mais.

Callahan fez um gesto em direção às páginas.

– Ainda estão em branco. O que aconteceu?

– Em branco? – disse LaLaurie. – Você não consegue ver os desenhos? O encantamento?

– A única coisa que vejo é uma pilha de papéis muito velhos.

LaLaurie se afastou deles e, virando-se para Grant, disse:

– Preciso falar com Miguel. Não posso fazer o que ele quer que eu faça. Você tem uma maneira de contatá-lo...

Parou de repente, dando uma olhada por toda a cripta. Então se virou para o caixão e rapidamente juntou o manuscrito e as páginas.

– Precisamos sair daqui.

– Por quê? – perguntou Callahan. – O que está...

Um rato correu pelo caixão. Callahan deu um pulo para trás e sentiu que pisara em algo que agora gritava de dor. Ela varreu o chão com a luz da lanterna.

Mais ratos, talvez quatro ou cinco. Então ela projetou a luz em volta da cripta e viu que as paredes estavam se mexendo – à

medida que outros ratos saíam da escuridão, com os minúsculos olhos selvagens virados para ela.

Callahan nunca tivera problemas com roedores. Um ou dois de cada vez, tudo bem. Mas a visão de tantos bichos horríveis era simplesmente demais.

Começaram a se mover na direção dela. Um tentou subir na perna de sua calça, e ela gritou e o chutou para longe. LaLaurie e Grant também estavam dando chutes, afastando os animais de seus pés.

Callahan viu aterrorizada que havia cada vez mais ratos vindo na direção deles. Então as paredes da cripta começaram a tremer, e um dos caixões de madeira rachou. Um braço esquelético saltou para fora, e talvez fosse apenas a imaginação de Callahan, mas aquela coisa parecia estar *viva*.

Outros ratos tentavam subir nas pernas dela, dois, três e agora quatro. Grant pegou o braço da mulher, puxando-a em direção à escada, mostrando-lhe a direção com a luz da lanterna. LaLaurie vinha logo atrás deles.

Agora os degraus estavam tomados por roedores. Num só movimento, à medida que subiam, os três começaram a dar chutes e pisões, e os ratos guinchavam, chiavam e sibilavam, agarrando-lhes as pernas das calças. Outros tantos desciam das paredes atrás deles.

De repente, um rato pulou na cabeça de Callahan, tentando enfiar-se entre seu cabelo. Ela bateu nele com a lanterna, mas ele não se soltou. Ela bateu de novo, várias vezes, e o animal gritava mais alto a cada golpe até que finalmente desistiu e caiu na escada.

Chegando ao topo, Grant e Callahan passaram pela porta e entraram na galeria principal. LaLaurie vinha atrás deles, tirando um rato que se agarrava à bolsa onde estava o manuscrito. Já estavam prestes a atravessar o ossário quando um mar de ratos veio na direção deles como uma horrenda onda negra.

Grant se virou, dirigindo a luz da lanterna para os fundos da galeria. Lá havia uma porta.

– Venham! – gritou ele. – Para cá!

Os três se precipitaram, dando chutes à medida que se aproximavam da porta que Grant abriu e que revelava outra escada,

que levava, por sua vez, a outra porta. Grant fez um gesto para convidar Callahan a ir na frente, e ambos começaram a subir a escada.

Ela estava chegando ao topo quando, atrás dela, LaLaurie gritou e caiu. Em poucos segundos, os ratos começaram a subir nele.

Enquanto ele se debatia, tentando rechaçar os bichos, Grant se virou e o pegou no colo, puxando-o em direção ao topo da escada. Quando chegaram mais perto, Callahan agarrou uma das mangas de Batty, puxando-o, e bateu ao léu com a lanterna, sentindo pequenos ossos sendo esmagados pelo peso do objeto.

Depois que conseguiram levar LaLaurie ao topo da escada, ela abriu a porta, sentindo o ar suave da noite, e eles puxaram o professor até o gramado da igreja.

Golpeando os últimos ratos, Grant bateu a porta e ajudou Callahan a levar LaLaurie até o centro do terreno.

Caíram os dois no chão ao lado dele. Havia sangue na lanterna de Callahan, e ela a jogou de lado com cara de nojo.

– Obrigado – arfou LaLaurie, tentando recuperar o fôlego.

Grant fez um sinal com a cabeça:

– Não há de quê.

Enquanto todos tentavam recuperar o fôlego, Callahan viu algo escuro e malévolo sair por debaixo da porta que tinham acabado de fechar: um vapor negro que pairou no ar, como se os estivesse desafiando. Então atravessou o terreno e desapareceu no céu noturno.

– Aquilo era quem eu acho que era? – perguntou Callahan.

LaLaurie respirou e confirmou com a cabeça.

– Tenho a impressão de que ela não gosta muito de nós.

– Esse não é o maior de nossos problemas – disse ele. – Acho que ela estava dentro da minha cabeça. Viu o que eu vi. E, se for verdade, ela sabe a respeito do encantamento.

– Encantamento? – perguntou Grant.

– A chave para libertar a viajante sagrada.

Não precisaram chamar Miguel.

Ao entrarem no alojamento de Grant, situado na beira no terreno da igreja, ele acendeu a luz e encontrou um homem de cerca de sessenta anos encolhido no centro da sala, parecendo fraco e ferido, com o rosto ensanguentado.

Callahan pensou que fosse um sem-teto, mas, após um momento de hesitação, Grant pareceu saber de quem se tratava e o pegou imediatamente pelos braços, ajudando-o a ir até uma das camas de solteiro, em um canto do cômodo.

Ele deixou cair uma arma no chão. Uma antiga faca curva, com a lâmina coberta de sangue.

Callahan a pegou.

– Esse cara não está brincando. Quem é?

– É Miguel – disse LaLaurie. Estava encostado na porta de entrada, com expressão sombria no rosto.

– Como *São* Miguel?

– É ele mesmo – disse-lhe Grant.

Ela observou o homem.

– Sem querer lhe faltar o respeito, mas eu esperava alguém... não sei... com um pouco mais... de brilho.

– Brilho?

– Você sabe, todo de branco, com asas e tudo mais.

Grant fez um gesto de impaciência, mostrando outra porta.

– Traga-me uma toalha molhada, por favor. O banheiro fica ali.

Callahan entrou no banheiro, encontrou um pano pendurado no varal e rapidamente o molhou e o torceu. Então, voltou para a sala; o homem deitado na cama – Miguel – estava agitado.

Ela entregou o pano a Grant, que o pressionou contra a testa de Miguel e limpou o sangue que escorria do nariz dele.

LaLaurie continuava perto da porta, com o olhar de quem acabara de perder um animal de estimação.

O que estaria acontecendo com ele?

Antes que Callahan pudesse perguntar, Miguel abriu os olhos. Pareceu momentaneamente desorientado, mas logo se recuperou e se virou para Grant.

– Eu a encontrei – disse ele.

Os olhos de Grant se dilataram.

– A viajante?

Miguel confirmou com a cabeça.

– Desta vez, não há erro. É uma mulher. Sei que é ela.

– Onde ela está?

Seus olhos se entristeceram.

– Ela estava comigo, mas eu a perdi. Para Belzebu e seus servos.

Levantou então os olhos para Callahan e LaLaurie e continuou.

– É bom que vocês dois estejam aqui. Eu esperava que isso acontecesse.

– *Você sabe quem* somos? – perguntou Callahan. Lembrou-se de repente da conexão com Washington, D.C., e do fato de que ela se perguntara quantas pessoas estariam envolvidas no assunto.

Remexendo no bolso de sua jaqueta, Miguel retirou duas tiras de couro e entregou uma para Callahan e outra para LaLaurie.

Surpresa, Callahan a pegou e olhou para a medalha de São Cristóvão amarrada a ela.

– Para que serve?

– Abriram algumas vagas – disse ele. – Considerem-se eleitos.

Callahan não conseguia acreditar no que ele estava sugerindo, mas, antes que pudesse dizer algo, LaLaurie começou a falar.

– Já colhemos um monte dessas – disse ele. – E não posso fazer isso.

Jogou o medalhão no chão, virou-se e saiu da sala.

Batty já havia atravessado metade da rua quando Miguel se materializou diante dele.

Batty cambaleou, mas não reduziu o passo. Enquanto tentava contornar o anjo, Miguel o agarrou pelo braço.

– A decisão é sua, mas antes me escute.

Batty parou. Ficou esperando.

– Você sabe que não posso lhe pedir para fazer algo que não queira.

– É verdade – disse Batty.

– Mas acho que você também sabe da importância disso. Especialmente agora, que Belial e os outros já conhecem o encantamento sagrado.

– Você está sabendo disso?

Miguel confirmou com a cabeça.

– Grant me contou. Mas eu esperava que isso acontecesse. Sabia que ela tinha certo poder sobre você. E o Pai me disse que não ia ser fácil.

– Diga-me que estou fazendo uma interpretação errada daquele desenho. O homem da espada... não sou eu.

– Eu gostaria que fosse diferente, Sebastian. Porém, se pudéssemos simplesmente estalar os dedos e libertar a viajante sagrada sem esforço algum, qual seria a finalidade de tudo isso? É uma questão de escolha. E do significado dessas escolhas, e do fato de provar ao Pai que os seres humanos ainda são capazes de fazer as escolhas certas. E essa é uma escolha que não depende de malícia, mas de amor. Do amor pela humanidade.

– Você fala como um puta assassino serial.

– Não regateie. Você sabe muito bem o que isso quer dizer. *Rebecca* sabe. Ela não teria aceitado trazer a mensagem se não soubesse.

Batty pensou naquela imagem trêmula.

No calor de seu abraço.

Se sentir sua determinação enfraquecer, é só me chamar que sempre estarei ouvindo.

– A escolha é sua, Sebastian, mas ainda temos tempo. Não precisa decidir agora.

– Mas tudo isso não é em vão, de qualquer modo? Eles já têm a viajante e o encantamento. Como poderemos detê-los?

– Penso que nunca fui conhecido por abandonar alguma coisa facilmente.

Miguel ergueu a adaga e fez um movimento no ar, como se estivesse cortando uma fina membrana. Abriu-se um buraco no ar, atrás do qual havia uma escuridão que Batty reconheceu.

O outro mundo.

Um lugar do qual ele mal se lembrava e que agora nunca mais queria ver.

Então Miguel pegou Batty pelo punho, abriu sua mão e colocou nela a medalha de São Cristóvão.

– Você e sua amiga já chegaram até aqui. O que acha de acabarmos a viagem juntos?

Batty olhou para o medalhão.

– Em que está pensando?

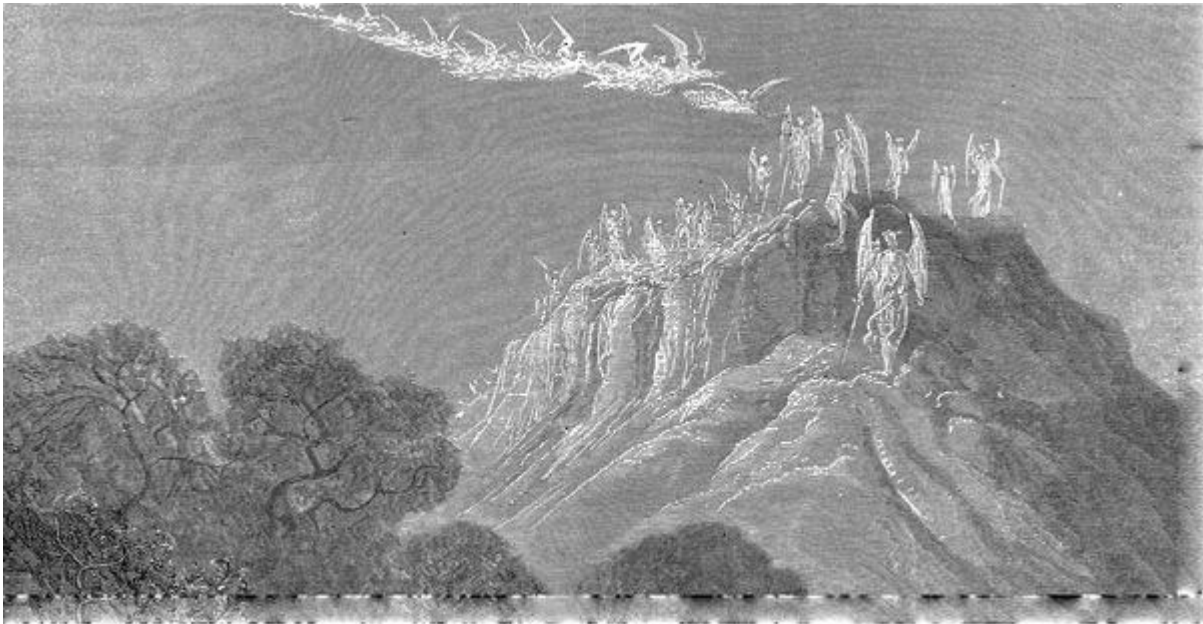
– Vamos atrás dela – disse Miguel.

LIVRO XI

A estrada para o paraíso

A morte é a chave de ouro
que abre o palácio da eternidade.

—John Milton



O outro mundo

Seguiram a pé um longo e sinuoso caminho através da Floresta do Nunca – o anjo, o estudioso e a espiã.

Aparentemente, era um grupo incongruente, um anjo com pistola e faca, a espiã com a espingarda que trouxera do outro mundo. O estudioso não tinha nada com que se defender senão seus punhos e sua perspicácia, mas o anjo prometera que o protegeria se algo desse errado.

E muitas coisas erradas podiam acontecer ali.

O outro mundo era um lugar enorme e assustador, e ninguém que já o houvesse visitado poderia declarar conhecê-lo inteiramente. Mesmo o próprio anjo – que morara ali – conhecia apenas parte dele.

Andavam quietos, cada um perdido em seus pensamentos e medos. A floresta que os cercava era silenciosa. Silenciosa demais. E o anjo sabia que os habitantes estavam perfeitamente cientes de que seu lar fora invadido por estranhos. Eles iam esperar e observar, e avaliar... E, se eles se sentissem ameaçados, não hesitariam em se defender.

A trilha parecia não ter fim, e, se o estudioso não estivesse perdido em seus pensamentos, pesando a decisão que teria de tomar, talvez não tivesse sido capaz de ir adiante. Embora suas lembranças do lugar fossem vagas, a floresta lhe trazia intensas sensações de pavor e sofrimento, que eram entorpecidas apenas por sua determinação de ir até o fim e fazer a escolha certa.

Enquanto passavam pelas árvores, uma névoa começou a descer, e a espiã pensou que podia ser alguma entidade viva, com pensamentos e sentimentos próprios. Esta os abraçou à medida que

caminhavam, penetrava na pele e nas roupas deles, parecendo murmurar-lhes funestamente, e a espiã se lembrou daquilo que o estudioso dissera a respeito de ter trazido um pedaço deste mundo junto com ele.

Era um pensamento que não a tranquilizava.

Depois de ter viajado através da névoa durante horas, encontraram-se no limite da floresta, que se estendia por um enorme cânion, cujas encostas escarpadas estavam enegrecidas por incêndios. Puseram-se lado a lado, olhando para baixo em direção às profundas rachaduras no solo do cânion, esperando que o anjo dissesse algo.

Depois de um momento, ele apontou para a fenda maior.

– Lá – disse ele. – A trilha para o Pandemônio.

A espiã parecia indecisa.

– A única coisa que vejo é um imenso buraco.

– É o único caminho.

– E como chegaremos lá? – perguntou o estudioso.

O anjo se virou para ele:

– O que estou pronto a lhes pedir vai contra a mais profunda natureza de vocês. Vocês terão de abandonar seus preconceitos terrestres e me seguir.

– Acho que abandonei meus preconceitos terrestres no momento em que aquela névoa começou a falar comigo – disse a espiã. – Então, em que está pensando?

O anjo colocou suas armas na cintura, aproximou-se da beira do penhasco e se virou de costas para o cânion.

– Vocês precisam se entregar – disse ele. E foi o que ele fez, deixando seu peso carregá-lo para trás, na beira da montanha, enquanto sua jaqueta se abria no ar e ele caía. Os outros dois olharam incrédulos ao vê-lo despencar em direção ao solo do cânion...

...e a névoa elevou-se de suas roupas e de sua pele, amortecendo-lhe a queda até ele ficar simplesmente flutuando.

Logo depois, ele chegou ao chão ileso.

Miguel fez um sinal convidando os dois a segui-lo, mas eles pareciam hesitantes, incapazes de entender o que tinham acabado

de ver.

Então a espiã sacudiu a cabeça e disse:

– Ah, que inferno... – e se aproximou rapidamente da beira antes que mudasse de ideia, segurando a espingarda contra o peito enquanto se virava e se deixava cair.

O estudioso observou por uns instantes, então chegou à beira do cânion e também atirou-se para baixo.

Aterrissaram sem incidentes, enquanto o final da névoa se elevava sobre a pele deles e murmurava suavemente ao evaporar. Agora estavam cercados por montanhas escarpadas e rochas afiadas como lâminas. Um passo em falso, uma queda, e um pedaço dessa terra atravessaria sua carne e seus ossos como se não fossem nada mais que manteiga.

A larga fenda ainda estava a mais de um quilômetro de distância, e eles caminharam pela trilha acidentada até lá, pisando cuidadosamente em volta das pedras, sempre atentos às criaturas invisíveis que, nas sombras, os observavam.

A espiã ouviu um rosnado surdo e olhou para a direita, onde um par de olhos verdes e fluorescentes a observava cuidadosamente.

– Continue olhando para a frente – disse o anjo. – Não faça nenhum movimento que possa provocá-lo.

A espiã virou a cabeça, tentando desesperadamente impedir que suas pernas tremessem.

Para os dois humanos, esse quilômetro foi o mais longo que já haviam percorrido. Contudo, quando enfim chegaram à beira da fenda, não sentiram nenhum alívio. Viram um longo caminho escuro que levava a uma luz incandescente, um caminho que não trazia promessa nem esperança.

Vários escorpiões negros corriam pela trilha diante deles, e o anjo levantou a mão e disse:

– Eles só vão picar vocês se demonstrarem medo. Porém, se um deles ficar agressivo, passem o dedo nas costas dele, e ele se acalmará de imediato.

– Você só pode estar brincando – disse a espiã, com a voz cheia de nojo.

– Todas as criaturas, da luz ou da escuridão, precisam de amor.

Um instante depois, o anjo retomou a liderança, e eles começaram a seguir a trilha. Os escorpiões passavam perto, mas não atacavam. Em vez disso, começaram a segui-los como crianças excitadas, enquanto os três prosseguiam.

Logo passaram pela embocadura da fenda e entraram numa estreita gruta de teto baixo. Arquearam-se para não bater a cabeça e viram baratas e aranhas agarradas às rochas. As baratas batiam as asas como se estivessem prestes a voar, e seus suaves murmúrios reverberavam fracamente nas paredes.

Inquietos, a espiã e o estudioso se entreolharam rapidamente enquanto seguiam o anjo pelo túnel escuro. O anjo tirou sua adaga, pronunciou um curto encantamento, e a faca começou a brilhar, iluminando a trilha. Vários insetos de inúmeras pernas, que os humanos não reconheceram, fugiram assustados, desaparecendo no buraco escuro do chão do túnel.

Os três contornaram o buraco e seguiram em frente, fazendo uma curva, até que o túnel desembocou em outra gruta. O anjo parou e apontou sua reluzente faca para uma arcada de pedra do outro lado.

– A entrada do Pandemônio.

– Mesmo que eu corra o risco de parecer totalmente burra – disse a espiã –, o que é *exatamente* o Pandemônio?

– Uma cidade construída pelo grande Mulciber para homenagear Satã. Nós a chamamos Cidade das Almas Perdidas.

Ouviram um som, e algo se mexeu na sombra da arcada. Então aquilo que parecia um lobo ou cachorro avançou e começou a rosnar para eles.

Com suas três cabeças.

– Um *trinino* – disse o anjo. – Ele não lhes fará mal nenhum, a não ser que aborreçam sua mestra.

– Sua mestra?

Como se fosse uma resposta, uma forma saiu da escuridão atrás do cachorro de três cabeças. Tinha um corpo de serpente da cintura para baixo e em cima o de uma velha mulher, de seios flácidos, cabelo cinza desgrenhado, rosto enrugado, dentes tortos e amarelados.

– Então – disse ela. – Vocês vão ficar parados aqui me olhando ou vão entrar?

Os dois humanos se olharam mais uma vez e então seguiram o anjo quando esse se aproximou da velha.

– Qual é o preço hoje?

– O de sempre – disse ela. – Nada mais que um beijo.

Essa ideia revolveu o estômago dos humanos, mas logo eles foram distraídos por um movimento na escuridão, do lado oposto da arcada. As sombras se mexeram, e algo escuro e ameaçador avançou, uma forma sem verdadeira definição.

Fosse quem fosse, observava-os com muita atenção.

– Volte a dormir, meu filho – disse a velha mulher. – Eles vão pagar o tributo.

Então ela olhou para os três visitantes.

– Não é?

– Com muito prazer – disse-lhe o anjo, que se aproximou dela e se debruçou, beijando-a nos lábios. A mulher passou os braços em volta dele e o segurou por um momento, antes de soltá-lo.

– Pode passar, então. Próximo.

Os dois humanos mais uma vez trocaram olhares; nenhum mostrava vontade de ir adiante.

– Vamos, vamos – disse a velha mulher –, ou vou mandar meu filho atacar vocês.

O *trinino* rosnou, e as sombras perto da arcada se mexeram de novo. Sem perder mais tempo, o estudioso se debruçou e beijou a velha. Ela passou os braços também em volta dele, segurando-o, e, quando o soltou, ele cambaleou para trás, com os olhos arregalados e levemente confusos, como se tivesse gostado do beijo, mas não quisesse reconhecer o fato.

Então foi a vez da espiã, e ela claramente não queria fazer aquilo. Endurecendo-se, ela colocou a espingarda embaixo do braço e, aproximando-se da velha, debruçou-se e hesitou, sem ter certeza de poder ir adiante.

– Ah, pelo amor de Lúcifer – disse a velha, que então agarrou a espiã e, segurando-a perto de si, pressionou os lábios contra os da mulher. Sua língua macia deslizou pela garanta da espiã, que então

sentiu uma explosão de prazer tomar conta dela. Logo depois, também ela cambaleou para trás, sentindo-se confusa e lutando para manter-se em pé.

– Muito bem, meu filho – disse a velha –, abra a porta.

Em seguida, ouviu-se um leve rangido quando a porta se abriu, e os humanos seguiram a caminho da Cidade das Almas Perdidas.

O Pandemônio.

Embora o lugar lhe parecesse familiar, não tinha nada a ver com qualquer coisa que Callahan já conhecesse. Eles pareciam estar em outro tipo de cânion, com paredes escuras e cavernosas, mas sem que houvesse um céu.

Nem lua, nem estrelas.

Contudo, havia algo pairando acima. Algo opressivo. Hostil. Uma turbulência maléfica – como se um espectro negro os estivesse vigiando.

Uma longa fileira de tochas acesas pontilhava o estreito caminho, e as paredes de ambos os lados pareciam enormes, com cortiços enegrecidos emergindo da pedra escura.

Casas, pensou Callahan, construídas de qualquer jeito.

Ela não queria imaginar o que poderia habitar aquilo. E esperava nunca ter de verificar.

Mais à frente, ficava o que parecia ser o centro da “cidade” – se é que se podia chamar aquilo de cidade: um agrupamento de antigas construções de pedra com pilares e arcadas que cercavam uma praça aberta.

Contudo, uma cidade normal estaria fervilhando, e essa não estava. De fato, estava deserta. Uma cidade fantasma. Ninguém à vista. Nenhuma luz nas janelas. Nenhum ruído. Nada.

E Callahan se perguntava por quê.

– Onde estão as pessoas?

– Dormindo – disse Miguel em voz baixa. – E seja grata por isso. Daqui a algumas horas este lugar vai fervilhar de criaturas que você não vai querer ver. Do contrário, talvez não volte para o outro mundo com toda a sua sanidade.

Tarde demais, quis dizer Callahan, mas ficou calada.

Ela já visitara cidades do mundo todo, viajara para alguns dos mais perigosos lugares que se pudesse imaginar, mas, à medida que se aproximavam da praça vazia, ela foi ficando nervosa como nunca antes ficara. Jamais sentira um *peso* como aquele. Uma inquietação tão profunda que parecia arrastá-la para baixo.

A ameaça era mais *interna* do que *externa*. E ela de repente entendeu que o que sentia era desespero. O desespero de milhares de almas perdidas todas agrupadas num único lugar, zumbindo dentro dela como abelhas numa colmeia.

Se o seu pai tivesse sentido apenas uma fração disso antes de colocar a arma na cabeça, ela teria entendido o motivo de seu gesto.

Ninguém podia viver muito tempo com aquele sentimento.

Ela olhou para LaLaurie e soube que ele estava sentindo a mesma coisa. Ele já havia provado o gosto do inferno antes, e ela tinha certeza de que já tinha sido o bastante.

Pararam, e Miguel indicou um lugar à sombra de uma arcada.

– Esperem aqui – murmurou ele. – E falem em voz baixa. Vocês realmente não vão querer acordar ninguém.

Callahan franziu a testa.

– Pensei que tivesse dito que aqui era um território neutro.

– Para os anjos – respondeu ele. – Para os demais, a caça está aberta. É por isso que chamam o lugar de Pandemônio.

Já fazia uma eternidade que ele tinha ido embora.

Após deixá-los, Miguel passou por outra arcada e desapareceu em seguida, engolido por uma cortina de sombras. Depois de vários minutos, ainda não voltara, e Callahan começou a sentir-se inquieta.

– Por que ele está demorando tanto?

– Dê-lhe o tempo necessário – disse-lhe LaLaurie. – Obviamente, ele sabe o que está fazendo.

Até esse momento, LaLaurie estivera anormalmente quieto. Callahan não tinha certeza do que o estaria aborrecendo – além do óbvio –, mas ele não parecia mais o mesmo desde a última vez que tinham escapado dos ataques de Belial.

Ela sabia que, naquelas páginas, ele vira alguma coisa da qual não estava a par, mas, a seu ver, não poderia ser mais horrível do que tudo pelo que já tinham passado até então.

Decidida a correr o risco de levar uma bronca, ela perguntou:

– O que está acontecendo, professor? Você mal falou uma palavra desde que deixamos a igreja.

LaLaurie olhou para ela com dor nos olhos. Então disse:

– Eles querem que eu a mate.

Callahan não entendia o que ele queria dizer com aquilo.

– Matar quem?

– E quem você acha? – perguntou ele. – A viajante sagrada.

– Do que está falando? Quem lhe colocou algo tão absurdo na cabeça?

– As páginas.

Callahan franziu o cenho, vendo, pelo olhar de Batty, que o que ele vira devia ter sido extremamente perturbador.

– Então, agora está pronto para me contar a respeito dessas páginas?

– Acabei de lhe contar – disse LaLaurie, elevando a voz.

Um som ecoou, e algo se mexeu por perto. Algo que estava despertando. Ambos ficaram parados. À espera. Então o movimento parou e tudo se acalmou.

LaLaurie continuou, falando baixo dessa vez:

– De acordo com as páginas – disse ele –, o fato de libertar a viajante pode levar a duas consequências. No primeiro roteiro, se a viajante se matar a pedido dos anjos negros, Satã será libertado e as portas do inferno, de Abadom, se abrirão.

– E qual é o segundo roteiro? – perguntou Callahan.

– Se ela for libertada por alguém de alma pura, vai se tornar um anjo guerreiro, expulsar os demônios de volta para o inferno e criar um paraíso na Terra. Pelo menos, essa é minha interpretação.

Callahan se mexeu, incomodada.

– Acho que prefiro a segunda opção.

– Você não está entendendo – disse-lhe LaLaurie. – Estamos falando de uma garota. Em ambos os casos, ela vai morrer. E, nesse roteiro, *sou eu* que terei de matá-la.

Callahan não disse nada por uns minutos. Em seguida, perguntou:

– Então, o que planeja fazer?

– Vai depender de você.

– O que quer dizer?

– Estou pensando em uma terceira opção.

– Que é?

– Levamos a garota, e *ninguém* a mata. Vamos escondê-la até que o eclipse tenha passado, e ela viverá para ver um novo dia.

– Sei que suas intenções são boas, professor, mas com isso não corremos o risco de favorecer os anjos negros? Se acreditarmos no que Philip nos contou, eles estão planejando abrir as portas com ou sem a viajante.

LaLaurie negou com a cabeça.

– Eles podem tentar, e tenho certeza de que o farão. Mas já tentaram antes, e não funcionou. O espírito humano é forte demais. E aposto que também serão incapazes de fazê-lo desta vez. Não sem a garota.

– E está disposto a correr esse risco?

LaLaurie olhou nos olhos de Callahan, e ela pôde ver que não havia dúvida na mente do professor a respeito disso.

– Se, para criar um tipo de mundo utópico, eu tiver de pegar a vida de alguém, de um ser humano, desculpe-me, mas não conte comigo. A autodefesa é uma coisa, mas isso é simplesmente um assassinato – disse, e fez uma pausa. – Estamos falando do futuro da humanidade, certo? E, do modo como vejo as coisas agora, só existem realmente três seres humanos diretamente envolvidos nesse pequeno drama. Nós dois e ela.

O que ele dizia fazia certo sentido.

– Mas... e Miguel?

– Ele? Não acho que ele vá tentar nos impedir.

– Tem certeza? Ele se envolveu muito nisso. Passou séculos à procura da viajante. O que o faz pensar que ele simplesmente renunciaria e iria embora?

– Ele não se preocuparia com tudo isso se não tivesse respeito pela humanidade e pelo conceito de livre-arbítrio. Já me disse que a decisão era minha, e acho que respeitará essa decisão, sejam quais

forem as consequências – disse, e fez uma pausa. – Então, está do meu lado?

– Veja bem, professor, entendo o que está dizendo e respeito o sentimento que o move, mas não tenho certeza de que eu queira correr o risco de escolher essa alternativa.

– Qual é o juramento dos Custodes Sacri?

– Acho que sei.

– Protege-a. E sempre foi assim, certo? Qual seria a melhor maneira de protegê-la a não ser protegendo o ser humano que ela se tornou?

– Você ainda não encontrou essa garota – disse Callahan.

– E isso faz diferença? Tenho certeza de que, na sua profissão, matar alguém não quer dizer muita coisa, mas...

– Isso não é justo.

– Não?

Ele tinha razão. Callahan já recebera antes a ordem de matar e não hesitara. Não era comum, mas fazia parte de seu trabalho. E, honestamente, ela não se importava em atirar em um bandido.

Isso, porém, era bem diferente. Estavam falando de uma garota inocente. Não de um servo ou sicofanta, que teria renunciado à própria alma. E ela não pedira para ser quem ou o que era.

As coisas precisavam ser separadas, não é mesmo?

– Tudo bem – disse Callahan. – Estou do seu lado.

Enquanto estavam compenetrados nessa decisão, Miguel saiu da escuridão e se aproximou deles. Para surpresa de Callahan, ele acrescentara mais uma arma a seu arsenal.

Uma grande espada de ouro estava pendurada em seu flanco.

– Tive de fazer ameaças e torcer alguns braços – disse ele –, mas soube que ela foi levada para o antigo palácio de Lúcifer. Vão mantê-la nesse lugar até a cerimônia.

– E fica muito longe daqui? – perguntou LaLaurie.

– Longe demais para irmos a pé, mas existe outro caminho.

– Qual é?

– Vamos cortar pelo Purgatório.

O Purgatório era um lugar pouco usado ultimamente.

Antes considerado necessário para a purificação da alma, não era mais relevante. Como Deus abandonara a Terra e seus objetivos maiores, nenhuma alma ia mais para o céu, e essa purificação era considerada desnecessária.

Rebecca dissera a Batty que o outro mundo era um lugar imenso e em geral maravilhoso. Ele ainda não vira esse lado maravilhoso, mas se sentia aliviado pelo fato de saber que ela estava salva em algum lugar. E, depois de tê-la visto na cripta, sentia sua falta como nunca.

Na porta do Purgatório, havia um ser esquisito, parecido com um *troll*, que exigia pagamento antes de deixar alguém passar. Miguel entregou algumas moedas igualmente estranhas a ele (lembravam a Batty peças de um quebra-cabeça), e o *troll* os deixou passar.

O Purgatório não parecia ser tão diferente daquilo que já tinham visto no outro mundo – sem considerar o aspecto opressivo de Pandemônio.

Amplos vales. Montanhas escuras e íngremes. Eles tinham a impressão de terem sido abandonados na Lua.

Enquanto seguiam pela estrada, o olhar de Batty se dirigiu para a espada no flanco de Miguel. Ele sabia exatamente qual era sua finalidade, mas até então Miguel não dissera nada a respeito dela. E a visão daquela arma só reforçava a determinação de Batty.

Depois de menos de uma hora de viagem seguindo por uma estrada tortuosa, Miguel parou, tirou a adaga da cintura e abriu uma longa fenda na atmosfera.

Então ele fez brilhar a faca, e eles entraram em outra gruta, seguindo-o através de um labirinto de túneis interconectados até chegarem de novo lá fora, em uma paisagem desolada.

A pouca distância, destacando-se contra o céu escuro, erguia-se um antigo castelo, com altas torres e muralhas de pedras desgastadas. Parecia estar abandonado havia séculos...

... exceto por uma janela que brilhava no alto de uma muralha.

– Ninguém mais esteve perto deste lugar desde que Lúcifer foi banido – disse Miguel, que então fez um gesto em direção à janela.

– Suponho que eles tenham achado que era mais seguro trazê-la aqui.

Ele então sorriu e continuou:

– Vamos lhes provar que estão errados.

Esperaram até que o céu ficasse completamente escuro. Isso lhes dava maior cobertura, mas dificultava a visão e os movimentos.

O castelo era rodeado por uma pequena floresta, e Batty soube que, assim como a Floresta do Nunca, havia ali criaturas a observá-los, esperando que dessem um passo em falso.

– Como antes – disse Miguel. – Eles não vão atacar se não os provocarmos. E não estão nem aí com o que está acontecendo nesse castelo.

Os três haviam se separado: Batty e Miguel seguiam por um lado, ao passo que Callahan ia por outro. Enquanto avançavam cautelosamente por entre as árvores, Batty manteve os olhos na janela reluzente, sabendo quanto a pobre garota devia estar aterrorizada.

Protege-a.

Era isso mesmo que ele pretendia fazer.

Ao se aproximarem do castelo, Batty viu que havia várias entradas. Em geral, os castelos são construídos para serem defendidos, mas aquele era tão velho e decrépito que existiam grandes rachaduras nos muros da frente e nos laterais.

Porém, não estava sem proteção. Havia dois homens de guarda num muro baixo, na frente, fumando – o que, para Batty, parecia um tanto incongruente, considerando-se o lugar em que estavam.

– Servos – murmurou Miguel. – Deve tê-los trazido com ele.

– E quem é *ele*?

– Belzebu.

Batty conhecia bem esse nome. Diretamente das páginas de *Paraíso perdido*. O segundo-tenente de Satã. Articulado. Educado. Mortal.

Ele olhou para os dois servos, que, aparentemente, eram exatamente o oposto.

– O que você quer fazer?

– Espero que sua amiga esteja pronta – disse Miguel.

– Por quê?

– Preciso lhe confessar algo.

– O quê?

– Nunca fui muito bom nessa coisa de operação secreta.

Então Miguel se levantou, tirou a pistola e a adaga da cintura e se precipitou por entre as árvores como um anjo possuído. Seus longos cabelos prateados esvoaçavam atrás dele enquanto se dirigia aos dois servos.

A expressão *o inferno vai ferver* nunca pareceu tão apropriada.

Callahan não podia acreditar na velocidade com que as coisas estavam evoluindo.

Num minuto, ela estava passando por uma rachadura na muralha do castelo; no minuto seguinte, Miguel estava atravessando a área do castelo como um louco alucinado, atirando com a Glock nos dois servos a sua frente.

Ele era obviamente do tipo que gostava de ir direto ao ponto.

Infelizmente, devia ter se esquecido de que havia alguns mortais por ali. Seu movimento imprevisto alertou alguém dentro do castelo, e, de repente, toda a área foi tomada por servos, que Miguel derrubou, um após o outro, formando uma nuvem de poeira suficiente para provocar uma tempestade.

Tudo isso teria sido perfeito se alguns dos servos não tivessem visto Callahan tentando entrar furtivamente pela rachadura.

Alguém gritou em sinal de alarme, e logo depois Callahan se deparou com dois sicofantas rosnando para ela. E, com todo o respeito devido a Ajda, a garçonete da casa de chá, aquelas coisas eram *monstros* horrendos se comparados a ela.

Felizmente, Callahan tinha sua espingarda, uma arma de carregamento automático, e começou a atirar, mandando os safados para o sétimo nível dos infernos.

Logo ela estava dentro do castelo e subiu correndo uma escada, até que seu caminho foi bloqueado por um exército de servos, alguns com faca, outros com pistola.

Ela atirou de novo, fazendo picadinho de dois deles. Mas então as facas começaram a voar e as pistolas, a disparar, e Callahan mergulhou atrás de um pilar de pedra.

Uma fração de segundo depois, Miguel apareceu como um herói da televisão, atirando e recarregando, atirando e recarregando. Movimentava-se numa velocidade incrível, derrubava os servos como num tiro ao alvo, agindo com tanta fluidez e agilidade – e sobretudo *precisão* – que Callahan só podia sentir inveja.

Ela percebeu que LaLaurie estava nos degraus atrás de Miguel. Ele saíra de uma rachadura na muralha e subia uma escada de dois em dois degraus, no final da qual havia um corredor. Dois servos se precipitaram atrás dele, e ele pareceu estar realmente correndo perigo até que tirou a bolsa do ombro, pegou o manuscrito de Milton de dentro e o pressionou contra o rosto do primeiro servo.

O servo gritou e cambaleou escada abaixo, caindo duramente no chão de pedra antes de explodir numa nuvem de poeira negra. O segundo então se aproximou de LaLaurie, mas, parecendo ter um pouco mais de juízo, agarrou o livro e gritou logo que este lhe queimou as mãos. Mesmo assim, conseguiu arrancá-lo de LaLaurie e jogá-lo de lado.

Precipitou-se na direção do professor, prestes a matá-lo, com os dentes à mostra, o que era um tanto cômico, considerando-se que não era sicofanta. Talvez estivesse tentando promover-se. Foi direto para a garganta de LaLaurie como um coite atrás de um gato, mas LaLaurie não fraquejou. Deu um passo de lado e um golpe no rosto do servo, que caiu.

Contudo, esse invejoso era o menor dos problemas do professor. No topo da escada estava o verdadeiro problema – outro sicofanta –, e se aqueles dois lá embaixo eram monstros filhos da mãe, este era Godzilla, e estava descendo a escada como um macaco cheio de graxa, como se tivesse sido expelido por um canhão – com a boca tão aberta que poderia ter engolido LaLaurie de uma só vez.

Batty viu aquela coisa se aproximando e pensou que seu fim tinha chegado. Então ouviu um tiro atrás de si e viu Miguel no pé da escada. Miguel tirou a espada da bainha e a lançou em direção a Batty.

Para sua própria surpresa, o professor conseguiu agarrá-la sem muito esforço. Aquela coisa estava acima dele, mas ele fez um movimento brusco, cortando o torso do sicofanta, que, num grito, explodiu, espalhando uma espessa poeira negra e oleosa em seu rosto.

Aquela poeira queimava, e Batty tossiu e esfregou freneticamente os olhos. Quando conseguiu enxergar de novo, precipitou-se pela escada e finalmente alcançou o topo.

Havia um corredor escuro à frente, e uma luz trêmula vinha de uma porta aberta. Lá, com os olhos espantados, estava uma garota de cerca de quinze anos, vestindo uma túnica cerimonial marrom. Parecia estar esperando outra pessoa, e seu olhar se fixou na espada na mão de Batty.

Ele viu que ela estava prestes a fugir.

– Espere! – gritou Batty. – Pare! Sou um amigo de Miguel.

Mas ela não parou. Fugiu como uma gata amedrontada, atravessou o corredor e no final virou, desaparecendo de vista. Batty a chamou de novo, pronto para correr atrás dela, quando a ouviu gritar de terror.

Então, um homem de cabelo comprido e óculos escuros saiu do final do corredor, com uma mão sobre a boca da garota e uma adaga na outra. Mas Batty não precisou de um manual ilustrado para saber quem era.

Belzebu.

A garota estava se contorcendo, tentando escapar, e seus gritos eram abafados pela palma da mão de Belzebu, que a segurava firmemente. Ele sorriu para Batty e disse:

– *Quod apertum est, id aperiri non potest.*

“O que foi aberto não pode ser fechado.”

O encantamento sagrado.

Batty sentiu um golpe no estômago quando Belzebu cortou o ar com a adaga, abrindo um buraco na atmosfera.
Então eles desapareceram.

Batty se virou para Miguel:

– Diga-me que sabe para onde ele a está levando.

– Tenho uma suposição. Espero estar certo.

– E qual é sua suposição?

– Para o Éden.

– O *Éden*? – disse Callahan ao chegar ao alto da escada atrás deles. – Como no *Jardim do Éden*?

– Sim. Ou pelo menos aquilo que o Éden *era*, antes que a corrupção tivesse início. Ele a está levando ao lugar onde antes ficava a Árvore do Conhecimento. É sua maneira de zombar do pai. Além do mais, terão uma vista perfeita da quarta lua de sangue.

– Você pode nos levar até lá? – perguntou Batty.

– Está pronto para fazer o que precisa ser feito?

Batty olhou para a espada em sua mão e depois para Callahan. Ela estava coberta de poeira, como se tivesse rolado dentro de um saco de aspirador.

Então ele disse para Miguel:

– Apenas me leve até lá e você verá.

– Não posso levar vocês até o ponto exato, mas posso chegar perto. Porém, prestem atenção, muita coisa mudou desde que fomos embora. O tumulto aumentou, e o eclipse está prestes a começar. Precisamos agir rapidamente para ter êxito.

– Então talvez seja melhor pararmos de conversar e seguirmos em frente – disse Batty.

Miguel concordou com a cabeça e abriu um buraco com a faca.

Miguel não estava brincando ao dizer que as coisas tinham mudado.

Callahan mal conseguia acreditar no que via. Quando passaram pelo buraco que ele abriu, ela viu uma cidade sitiada, uma batalha debaixo de um céu noturno e turbulento, o estrondo de armas martelando em seus tímpanos.

– Moloque e Mamon trabalharam bem – disse Miguel. – Não vai demorar muito para chegar ao ápice.

Callahan estava atônita.

– Isto ainda não é o ápice?

A cidade estava um caos, o tumulto estava fora de controle, homens e mulheres armados em meio a um monte de entulho em chamas prestes a atirar uns contra os outros, alguns com uniformes de policiais, outros em trajes civis. Mas Callahan teve a sensação de que lá era cada um por si – embora não conseguisse distinguir quem era humano e quem não era.

O que mais a surpreendia, contudo, era que estavam numa cidade que ela já conhecia. Uma cidade que acabara de visitar.

Eles estavam em *São Paulo, no Brasil*.

– Que diabo estamos fazendo aqui? – disse LaLaurie para Miguel.

– Pensei que estivéssemos indo para o Éden.

Os disparos de uma metralhadora os obrigaram a se abaixar. Passaram a procurar proteção atrás de uma fila de carros estacionados. Isso era insano.

– E estamos – disse Miguel. Então ele se pôs em pé e correu na direção de um Chevy abandonado no meio da rua, com o motor ainda ligado. Entrou no carro, virou o volante e pisou no acelerador, voltando-se para eles. – Subam.

Callahan deu uma olhada para LaLaurie, que parecia tão confuso quanto ela. Então ela correu para o assento do passageiro e pulou para dentro do carro, com LaLaurie em seu encalço. Quando ambos já estavam dentro, Miguel pisou no acelerador, e eles desceram a rua.

Callahan olhou para o céu e viu uma enorme lua sendo coberta por um centímetro de escuridão.

– Está começando – disse ela. – O eclipse está começando.

Levaram a garota pela escada até o telhado.

Belial mal conseguia acreditar que ela ficasse tão linda vestida com a túnica cerimonial. Ela fora drogada, mas mesmo assim ainda resistia, mostrando o mesmo espírito que já demonstrara no clube de dança.

Belial lamentava não ter tido tempo de ficar a sós com a garota. Teria sido sua última oportunidade para entender o que queria dizer ser mulher.

Dois servos a seguravam pelos braços. Pararam na porta, com Jenna se debatendo entre eles, e esperaram que Belial fizesse um sinal.

Aproximando-se, ela sorriu e passou o dedo pelo queixo de Jenna.

– Tão linda – disse ela.

A garota afastou bruscamente a cabeça, com as lágrimas rolando de seus olhos e a fala alterada pelas drogas.

– Por que está fazendo isso? O que quer comigo?

– Miguel não lhe contou?

– Deixe-me em paz – chorou ela. – Quero voltar para casa. Quero minha mãe.

– Sua mãe? – disse Belial. – Por que motivo gostaria de voltar para casa e para aquela mulher desprezível? Não foi ela que traiu você, que trouxe aquele homem para dentro de sua casa feliz? Ou será que toda essa história não passa de uma mentira?

– Por favor... – suplicou ela. – Por favor, deixe-me ir embora...

– É exatamente o que vamos fazer, minha querida. Ao libertar você, vamos libertar o mundo.

Dando um passo para trás, fez um sinal com a cabeça para os dois servos, que levaram Jenna até o centro do telhado, ocupado por dignitários do outro mundo.

Entretanto, antes que chegassem lá, a terra tremeu, chacoalhando o prédio, e todos se alegraram ao olhar para a Lua.

Estava baixa no céu, como um gigantesco olho cego, e uma sombra a cobria lentamente.

O novo começo estava próximo.

—**V**ocê sentiu isso? – perguntou Batty.

Estavam descendo por uma estrada estranhamente vazia, e era a primeira vez que ele sentia um terremoto enquanto andava de carro.

– Está começando – disse Miguel. – A abertura de Abadom. E, se não conseguirmos pegar a garota rapidamente, os sete níveis do inferno serão liberados na Terra, e Lúcifer estará livre.

Todos se olharam, e esse pensamento deixou um rastro horrível.

Então Batty olhou para a sombra sobre a Lua.

– Parece estar andando mais rápido do que de costume.

– Você não pode enxergar isso como um evento natural. A velocidade do eclipse se acelerará a cada nova alma corrompida.

– Quanto tempo ainda vai levar até o eclipse total? – perguntou Callahan.

– Minutos, e não horas.

A terra tremeu de novo, e o telhado balançou.

Outras aclamações se ouviram, ao mesmo tempo que luzes apareciam ao longe. Então o prédio começou a inclinar, e um jato de lava amarelo-alaranjada jorrou no ar.

Os dois servos empurraram Jenna para o chão, e Belzebu – que estava ao lado, parecendo até bonito em sua túnica de cerimônia – fez um sinal a Belial para indicar que estava na hora de começar.

Esta acenou com a cabeça e se aproximou, ajoelhando-se diante da garota, com o mesmo sorriso, enquanto agarrava firmemente a túnica que Jenna vestia.

– Acho que podemos dispensar isto.

Puxou a toga pela cabeça da garota, e Jenna, nua por baixo, abraçou-se para cobrir-se e começou a chorar novamente.

Belial se debruçou para a frente e beijou suas lágrimas, murmurando contra seu rosto:

– Não tenha medo, querida. Logo tudo estará acabado.

Então olhou diretamente nos olhos de Jenna.

Sondando-os.

Aprofundando-se neles.

A luz alaranjada da lava se refletia nas lágrimas da garota, e depois de um momento Jenna começou a relaxar, deixando os braços caírem de lado, já nem tão preocupada com sua nudez.

– É isso aí, minha querida. Deixe-nos ver você em toda a sua glória. Apresente-se ao Senhor Satã e peça-lhe que a leve de volta para casa.

Então, como em resposta, a terra voltou a tremer.

Dessa vez foi para valer. A terra oscilou, e tudo ao redor deles começou a balançar. De repente, a estrada rachou e uma fenda se abriu diante deles.

Miguel pisou no freio e virou o volante, e os pneus deixaram marcas no asfalto quando o carro parou, num chiado...

...no mesmo instante que um jorro de lava era projetado no ar.

Os três saíram depressa do carro e cambalearam para trás, mal conseguindo desviar-se dos pedaços de lava que caíam a seus pés.

O calor era insuportável, e eles recuaram ainda mais quando a terra tremeu de novo.

Batty olhou para a Lua e viu que o eclipse já havia alcançado metade do percurso. Não tinham mais um minuto a perder.

– Chega dessa brincadeira – disse ele para Miguel. – Aonde estamos indo? Onde ela está? Para onde a levaram?

Miguel se aproximou dele, bem perto, olhando-o diretamente nos olhos.

– Está pronto para fazer o que deve ser feito?

Batty não pôde desviar o olhar. E nem conseguiu mentir.

– Não – disse ele. – Não posso fazer o que quer. Não posso matar um ser humano inocente.

– Então, o que planeja fazer? Como pretende parar tudo isto?

– Não vão conseguir nada sem ela. Sei que não podem. Então podemos dar um jeito. Já fizemos isso antes.

– Veja o que está acontecendo a seu redor, Sebastian. Isto é apenas o começo. O que está prestes a testemunhar é a chegada do inferno na Terra. É isso o que você quer?

A cabeça de Batty estava girando. Tudo o que ele queria era gritar.

O mundo estava desmoronando ao redor deles, mas ele precisava acreditar. Precisava ter fé. E não conseguia dizer o que o anjo queria ouvir.

– Diga-me apenas para onde eles a levaram.

Miguel o observou, examinando-lhe os olhos, então recuou e apontou para uma direção.

– Lá – disse ele. – Eles a levaram até lá.

Batty olhou para o outro lado da rua. Miguel estava apontando para um amontoado de barracos periclitantes. Uma favela de madeira compensada e paredes de alumínio.

Em um dos barracos estava pintada uma palavra em verde fluorescente:

Paraisópolis.

– Puta merda – resmungou Callahan. Ela estava atrás dele, boquiaberta diante da favela. – Você deve estar brincando! A favela? Isto é o Éden?

– O que está escrito? – perguntou Batty.

Ela olhou para ele.

– Cidade do Paraíso.

Batty não esperava por aquilo.

Durante séculos, os estudiosos da Bíblia haviam discutido sobre a localização do Éden. Alguns acreditavam que podia ser no coração do Iraque, enquanto outros diziam terem encontrado evidências na cidade industrial de Tabriz, no Irã. Alguns ainda declaravam que ficava na Turquia, no Egito ou na Índia.

Havia aqueles que apontavam para o Monte das Oliveiras, em Jerusalém, onde Jesus chorou, foi crucificado e ressurgiu dos mortos. Onde ascendera ao céu.

Batty, por sua vez, sempre achara que o Éden era um conceito da mente. Um ideal. Um símbolo que não existia realmente. Não era importante saber onde estava localizado, mas o que representava.

A alvorada da consciência.

Mas, a acreditar em Miguel – e Batty não via motivo para *não* acreditar nele –, o solo em que hoje ficava a favela já fora o paraíso.

E aparentemente continuava sendo.

Paraisópolis.

Cidade do Paraíso.

A terra tremeu de novo, e em algum lugar não muito distante Batty ouviu atrás de si um choro de sofrimento. Percebeu que ainda estava segurando a espada, que levava consigo para fora do carro, e, enquanto pensava no que Miguel lhe dissera, começou a reconsiderar as coisas.

O que aquilo tinha de errado?

E se as coisas não pudessem ser acertadas sem o sacrifício daquela pobre garota?

Sim, ela era inocente, mas quantos inocentes já tinham morrido em nome da liberdade?

E não era essa a liberdade final? A liberdade de pensamento?

John Milton lutara valentemente, arriscando a vida em nome da livre expressão, e queimara aquelas páginas porque temia que caíssem em mãos erradas e que a humanidade perdesse a liberdade para sempre.

E agora, que *tenham* caído em mãos erradas – por causa de *Batty* é que elas revelaram o que continham –, não seria sua obrigação justamente acertar as coisas? Não apenas adiar seu progresso levando a garota para longe deles, mas criar o paraíso na Terra que tantos desejavam?

Sim, tudo o levava de volta para a garota.

Aquele ser humano único que respirava, andava, falava, *vivia*.

Enquanto ele, Callahan e Miguel atravessavam a rua em direção à Cidade do Paraíso, ele não tinha nenhuma ideia da escolha que acabaria fazendo.

Belzebu observava os outros se juntarem em volta de Belial e da garota. Não havia dúvida de que Belial era mestra em sua arte. Ele podia ver a jovem Jenna sucumbir a seu poder, entregando-se à sua vontade.

Era algo lindo. Um verdadeiro presente. E, enquanto levava os olhos para a Lua que escurecia, sentiu-se feliz por ter acreditado nos instintos de Belial. Por sorte, Miguel traíra a viajante com sua impulsividade. Sem ele, eles nunca teriam como saber que ela era a escolhida.

Era algo com que ele teria de viver durante muito, muito tempo em sua célula da sétima cidade.

Belzebu pensou que fazia todo o sentido o fato de eles terem levado a garota para aquele telhado. No exato lugar em que um dia crescera a árvore. Aquilo, pensou, era um último e simbólico *foda-se* para seu falso e vaidoso pai e a preciosa criação dele.

No horizonte, ele viu mais irrupções, a terra abrindo-se para um furioso abismo. As portas se abrindo.

E soube que aquilo estava acontecendo no mundo todo. Logo seu irmão surgiria dos fogos de Abyssus de uma vez por todas e tomaria posse de seu verdadeiro domínio.

O Senhor da Terra.

O Rei da Nova Criação.

Pai de todos aqueles que aceitassem sua soberania.

E Belzebu estava convicto de que não haveria outra escolha. Esse era um dos erros cometidos por Deus que seu irmão não ia repetir.

Que pena, pensou ele, não haver um pedaço de fruta para pôr a garota à prova. Entretanto, essa ideia agora parecia um tanto simplória. Os humanos haviam se tornado animais tão complexos no decorrer do tempo, e, mesmo que ainda fossem bastante previsíveis, nunca havia como garantir que fossem sucumbir a uma tentação tão fácil.

Era melhor deixar Belial fazer o que ela fazia melhor.

Persuadir a garota a se matar em nome de Satã.

O eclipse já ocupava três quartos da Lua.

Batty, Callahan e Miguel avançaram pela favela, Miguel à frente. Andavam pelas ruas, surpresos por encontrá-las curiosamente vazias, mas é que muitas pessoas dali provavelmente deviam ter fugido no meio do caos, e aquelas que ainda restavam com certeza haviam se agrupado perto do local onde ia acontecer a cerimônia.

Exceto os mortos. À medida que os três guardiões deixavam a rua, penetravam nos becos e voltavam novamente à rua, encontraram corpos por toda parte. Alguns com armas ao lado, outros assassinados sem nenhuma piedade.

Miguel pegou duas pistolas no caminho e as entregou a Callahan e Batty.

– Por aqui – disse ele, cortando pela direita, seguindo uma estreita faixa de cimento. Os barracos de ambos os lados estavam em ruínas, e uma fumaça negra e espessa saía deles, espalhando suas emanções nocivas pelo ar.

Estavam dobrando uma esquina quando a terra tremeu de novo e, diante deles, uma fileira de barracos oscilou e desmoronou, engolida por uma fenda no chão.

O fogo jorrou à frente deles, fazendo-os recuar e mudar rapidamente de direção.

Mas alguém se mexeu dentro da fenda.

– Vejam! – gritou Batty.

Do fogo e da fumaça surgiu um grupo de criaturas como Batty nunca vira antes, com a pele calcinada e os dentes à mostra, enquanto os olhos selvagens observavam os três guardiões com uma fúria que lhe deu calafrios por toda a espinha dorsal.

Uma delas se precipitou contra Callahan, que se esquivou enquanto Miguel tirava a adaga da cintura e cortava aquela coisa em dois. Ela uivou e explodiu em chamas, caindo no chão, enquanto três de suas amigas avançavam na direção de Callahan.

Ela pegou a espingarda, atirou no peito de uma, então deu um chute, girou e deu outro chute, golpeando as criaturas de lado enquanto Miguel acabava com elas rapidamente, disparando mais tiros.

Mas outras estavam aparecendo, e Batty tirou sua arma e atirou, mandando-as de volta para o buraco.

Então, tudo acabou. Por ora, ao menos.

Porém, ao se juntarem de novo para seguir adiante, Batty soube que logo teriam outras coisas a enfrentar.

A hora da cerimônia chegara, e pelo visto Belial conseguira aprontar a garota. Ela se aproximou de Belzebu.

– É toda sua – disse Belial. – Quando olhar para a adaga, pensará que se trata de uma bala.

Belzebu sorriu e a beijou nos lábios. Eram lábios de fato muito bonitos.

– Gosto muito de sua nova pele.

– Era da namorada do traficante de drogas local. Era ele quem mandava neste lugar.

– Mandava?

Ela sorriu.

– Agora ele é um dos nossos. Você está pronto para começar?

Belzebu olhou para a Lua.

– Estou apenas esperando Moloque e Mamon. Onde estão esses imbecis?

Uma voz atrás dele disse:

– Eu dobraria a língua se fosse você.

Viraram-se e encontraram Moloque e Mamon, aproximando-se sobre o telhado.

– Devo parabenizar vocês dois – disse Mamon. – Tinham razão, afinal de contas.

Havia certo sarcasmo em sua voz, o que levou Belzebu a questionar sua sinceridade. Mas Mamon continuou:

– Porém, antes de começarmos, temos uma pequena surpresa.

– Surpresa?

Então Moloque deu um passo adiante e apontou na direção do horizonte distante.

– Vejam! – disse ele.

Uma fração de segundo após ele ter dito essa palavra, uma nuvem em forma de cogumelo levantou-se ao longe, seguida por um ensurdecedor *bum*.

A onda de choque percorreu a paisagem, derrubando tudo em seu caminho.

—Abaixem-se! – gritou LaLaurie. – Abaixem-se todos!

Callahan mergulhou no chão, sentindo a terra tremer por debaixo dela enquanto a onda de choque arrasava os prédios atrás deles, parando no limite da favela.

– Ah, meu Deus! Ah, meu Deus! – gemeu ela, enquanto era esbofeteada por um vento quente e áspero.

Manteve o rosto escondido nos braços, sem querer olhar para a destruição atrás de si ou se mexer.

Quando finalmente se obrigou a olhar, não encontrou nada senão uma poeira fina girando a seu redor, e era incapaz de ver mais de três passos à frente. Então, a poeira começou a se dissipar, voltando para o lugar de onde viera, revelando que metade de São Paulo havia sido reduzida a nada mais que cinzas.

– Meu Deus! – gemeu Callahan, com lágrimas nos olhos.

Isso não podia estar acontecendo.

Simplesmente não podia.

Contudo, no momento em que pensou que já tivesse visto o pior, o solo começou a tremer de novo, e um precipício em chamas se abriu e se dividiu em duas enormes fendas, à direita e à esquerda, cuspidando fogo. E dessas chamas saíram corpos de mortos, rolando para fora da rachadura como formigas em carreiras, destacando-se como sombras no maciço disco vermelho-sangue da Lua em eclipse, da qual apenas uma lasca continuava brilhando em toda a sua glória. Os corpos animados dos mortos pareciam tirar sua força dela, espalhando-se em direção a Callahan e seus amigos, com os olhos cheios de malícia.

– Ah, meu Deus! – disse ela de novo, pondo-se de pé.
Aquilo não ia acabar bem.

Os anjos negros e seus servos comemoravam e aplaudiam. Nunca tinham visto algo tão glorioso.

Quando a poeira se dissipou, Belzebu olhou para o céu e viu que o eclipse estava quase completo. A Lua brilhava num reluzente vermelho-sangue.

– Vamos começar – disse ele, e os que estavam de túnica formaram um círculo em volta da garota, enquanto ele se aproximava e parava diante dela. – Está pronta para entregar sua alma a Lúcifer?

A garota o olhou com os olhos vítreos.

– Lúcifer... – murmurou ela.

Belzebu sorriu, tirando a adaga do bolso, enquanto se virava em direção aos outros e pronunciava o encantamento sagrado.

– *Quod apertum est, id aperiri non potest.*

“O que foi aberto não pode ser fechado.”

– *Quod apertum est, id aperiri non potest* – repetiram os outros em uníssono, começando a andar em círculo em volta da garota e de Belzebu, que repetia as palavras sem parar.

Belzebu se ajoelhou.

– Muito bem, meu anjo. Não precisa ter medo. Logo seus sofrimentos vão acabar. É isso o que você quer, não é mesmo?

– Sim – disse ela suavemente.

– Quer que eu acabe com seu sofrimento?

– Sim...

Ele levantou a adaga.

– Tudo o que precisa fazer é entregar-se para Lúcifer. Está pronta para isso?

– Sim – disse ela pela terceira vez, pegando a adaga na mão.

Batty observava atônito as rachaduras se multiplicando pelo chão, pedaços de terra se rompendo, caindo dentro do buraco que não parava de aumentar. Uma parede de lava fundida jorrava de dentro.

Os mortos ainda rastejavam na direção deles, e Miguel atirava com a Glock em uma das mãos, dava golpes de faca com a outra, cortando braços, torsos e cabeças.

Batty e Callahan abriram fogo a seu lado, mirando as criaturas entre os olhos, devolvendo-as ao abismo.

Batty sentiu uma pontada na nuca e se virou em direção ao lugar em que um dos barracos desmoronara atrás dele. A curta distância, viu um *bunker* de cimento na encosta da colina, e lá, de pé no telhado, estavam doze pessoas ou mais, com túnicas, andando em círculo estreito.

Imediatamente ele se lembrou do desenho da página sete.

Atirando mais uma vez e acertando mais um morto no peito, gritou para os outros e se precipitou na direção do *bunker*.

— *Quod apertum est, id aperiri non potest* – cantava a multidão, enquanto a garota, ajoelhada, olhava fixamente a adaga em sua mão. – *Quod apertum est, id aperiri non potest.*

– Está tudo bem – disse Belzebu. – Vai doer apenas um instante. Apenas uma picada na carne, e tudo será seu.

A garota oscilou levemente, ainda olhando fixamente para a faca. Então, ela a levantou no ar e Belzebu sorriu.

– Sim, sim... Entregue-se a Lúcifer.

Ele podia ver que agora ela era sua. Que estava prestes a fazê-lo.

– *Quod apertum est, id aperiri non potest.*

Ele deu uma olhada para Belial, que havia saído do círculo e observava a cena em êxtase.

Agora o eclipse da Lua estava completo, tudo alinhado e perfeito, e ele soube que tudo pelo que trabalhara, séculos após séculos, finalmente seria seu. Seu querido irmão logo seria libertado, e eles reinariam juntos sobre o mundo.

A garota levantou a adaga mais alto, mais alto, na direção da garganta.

Batty estava a alguns metros do *bunker* quando viu a garota levantar a arma.

Não, pensou ele, não...

Ele precisava detê-la.

Enfiando a arma na cintura, ele largou a espada e correu depressa. Passando por cima de um pequeno muro de cimento, pulou sobre uma laje e saltou para o *bunker*, agarrando o beiral do telhado.

Suas pernas se debatiam, e ele lutava para conseguir erguer-se acima da saliência, mas não conseguia o vigor suficiente, e sentiu a força de seus dedos começar a sumir rapidamente.

Um dos servos do telhado o viu e rosou, e foi em direção a ele. Porém, no exato momento em que o servo ia alcançá-lo, ouviu-se um tiro, e um buraco vermelho e sangrento se abriu em sua testa.

Ele caiu para trás, explodindo numa nuvem de poeira negra.

Batty fechou os olhos quando a poeira atingiu-lhe o rosto. Ouviu gritos e choros vindos do telhado e percebeu que outros começaram a vir atrás dele. Seus dedos estavam prestes a se soltar, e, enquanto ele lutava para se manter firme, sua arma caiu no chão abaixo dele.

Merda.

No exato momento em que acreditou que ia seguir o mesmo destino, sentiu uma explosão de energia atrás de si, uma corrente de ar quente que o levantou acima do beiral do telhado, e ele notou que era Miguel, dando um golpe invisível.

Ele rolou e se pôs em pé...

...e diante dele, a alguns metros de distância, estava a viajante sagrada, fixando com os olhos vítreos a adaga na mão.

Embora Belzebu tenha percebido vagamente o agito em sua volta, não deu a mínima atenção. Aquela bruxinha não estava fazendo o que era preciso.

Ele deu uma olhada para a Lua.

– Vamos lá, meu anjo. É agora.

Mas a garota não se mexia. Continuava olhando fixamente para a adaga.

- Você quer se entregar a Lúcifer, não é?
- Lúcifer... – murmurou ela.
- Apenas uma picada e o mundo será seu.
- Meu... – disse ela.

Então, no exato momento em que ele estava prestes a perder a esperança, ela agarrou a arma mais firmemente, levantando-a ainda mais alto, prestes a cravá-la.

– É isso aí, meu anjo. É isso! Está na hora de você se livrar do sofrimento.

E, de repente, algo mudou no olhar da garota. Ela fixou Belzebu, gritou e abaixou a arma...

...fincando-a diretamente na garganta do anjo negro.

Os olhos de Belzebu se arregalaram, enquanto ele segurava o pescoço e cambaleava para trás, com o sangue escorrendo entre os dedos. Colocando-se em pé, Jenna deu-lhe um chute violento que o fez cair para trás.

– Vá para o inferno, seu filho da puta!

Belial avançou, agarrando a garota, enquanto anjos ao seu redor começavam a gritar, vários se precipitando em direção a Belzebu quando este caiu no chão.

Batty correu para a frente, enquanto uma multidão de servos e anjos negros vinham na direção dele. Ele girava e virava os braços, acertando cada golpe, sabendo, contudo, que não poderia resistir por muito tempo diante do número de inimigos.

Fez o possível para contê-los, olhando desesperado para a garota, aliviado ao ver que ela estava de pé, dominando uma silhueta deitada no chão, com a adaga na mão e um olhar assassino.

Uma brasileira de tez escura estava chegando perto dela, e, quando Batty também se aproximava, alguém o acertou por trás, empurrando-o para o lado.

Girando o corpo, passou a dar socos cegamente e derrubou outro servo.

Foi então que se ouviu um tiro, e ele viu Callahan vindo na direção dele, atirando em servos por todos os lados. As nuvens de poeira

negra explodiam como fogos de artifício a seu redor.

No entanto, quando ele se virou para ver a garota, a brasileira a segurava pelo braço, lutando para arrancar-lhe a adaga. A mulher deu uma olhada para Batty e, quando seus olhos fizeram contato, algo quente e úmido se remexeu no estômago do professor.

Instintivamente, ele soube quem era ela.

Belial.

Era Belial. Já perfeitamente adaptada à nova pele.

Ela conseguira soltar a adaga, que caíra no telhado, e agora Belzebu estava sendo ajudado a ficar em pé, com os olhos cheios de fúria.

Batty tentou novamente ir adiante, mas seu caminho foi bloqueado por um servo alvoroçado. Novos tiros foram ouvidos, e o servo se desintegrou. Batty atacou, indo firmemente na direção de Belzebu e Belial.

Callahan viu o ataque de LaLaurie e estava prestes a se juntar a ele quando alguém a acertou de lado, fazendo-a cair ao chão.

Sua pistola escapou quando um dos idiotas de túnica pulou por cima dela e sorriu, mostrando um dente da frente preto.

Era Souza. José de Souza.

– Eu lhe disse que isso ia acontecer – silvou ele, e de repente seu rosto começou a se contorcer, os olhos se estreitaram, os dentes cresceram, afiados e ameaçadores.

Ele era um sicofanta.

Abrindo a boca, atacou a garganta dela, mas Callahan conseguiu se afastar e lhe acertou um golpe no estômago. Ele uivou e rolou de lado enquanto ela tateava desesperadamente à procura de sua arma; pegou-a ao virar o rosto para enfrentar Souza. Mas antes que pudesse segurar a arma com firmeza...

...ele a golpeou violentamente na mão e arremessou a arma para longe. Então ele a atacou no intuito de matá-la.

Mas Callahan recuou, levantou o pé e o chutou com toda a força. O salto de sua bota acertou os dentes de Souza, quase

pulverizando-os, e o dente preto foi arrancado bem pela raiz e voou até o telhado.

Souza gritou e caiu para trás, segurando a boca...

...e Callahan encontrou sua arma e, apontando-a para ele, puxou o gatilho.

Uma fração de segundo depois, o filho da puta tinha virado pó.

Quando Batty atacou, Belzebu deu meia-volta e ergueu a mão na direção dele.

Prevedendo o movimento, Batty mergulhou, achatando-se contra o telhado quando uma onda mortal de energia passou por ele, quase acertando-o no alto do crânio. Então se pôs novamente em pé, e uma voz atrás dele gritou:

– Sebastian.

Batty se virou e viu Miguel perto do beiral do telhado, com a espada na mão. Repetindo o gesto que fizera no palácio de Lúcifer, Miguel jogou a mão para a frente e soltou a arma.

Ela deu um giro, e Batty a pegou no ar. Então ele se virou sem hesitação e avançou em direção a Belzebu, cuja atenção se voltara para a garota.

– Cuidado! – gritou Belial, e Belzebu deu meia-volta, levantando de novo a mão.

Batty ergueu a espada, bloqueando o ataque, sentindo-a vibrar em suas mãos, a força da energia quase arrancando a arma delas. Mas ele segurou firme e voltou a avançar, fazendo movimentos amplos com a lâmina.

Quando o gume da lâmina ia abrir o estômago de Belzebu, os olhos do anjo negro se arregalaram...

...e de repente ele desapareceu.

Uma fração de segundo depois, ele estava atrás de Batty, mas, antes que pudesse fazer um único movimento, *Miguel* chegou, acertando Belzebu com sua faca. A lâmina entrou nas costas no anjo negro, e ele caiu para a frente, enquanto Miguel avançava até ele.

Voltando sua atenção para Belial, Batty viu que ela conseguira pegar a adaga e estava recuando, enquanto a garota se debatia

para escapar de suas garras.

– Estou realmente começando a pensar que sente atração por mim, Sebastian.

– Solte a garota, sua vadia.

– Como pode falar assim comigo depois de tudo o que significamos um para o outro?

Batty sentiu que ela estava tentando se infiltrar em sua cabeça e usar seu poder contra ele. Mas ele se recusou a deixá-la entrar. Pensou em Rebecca e em como agora ela fazia parte dele, e soube que nunca mais ela deixaria Belial aproximar-se dele.

– Solte a garota – disse ele, levantando a espada.

Belial o ignorou e agarrou a mão da garota, que se debatia. Abrindo-a à força, ela colocou a adaga em sua mão e obrigou a garota a ficar ajoelhada.

Por um instante, tudo em volta de Batty pareceu mover-se em câmera lenta...

...Belial, segurando firmemente a mão da garota, que mais uma vez estava levantando a adaga.

...Miguel e Belzebu travando um combate corpo a corpo, um ágil balé de golpes.

...Callahan atacando um mar de servos e anjos negros como uma verdadeira guerreira, usando o próprio punho e a arma.

...a Lua ainda em eclipse total, sua ardente superfície carmesim vibrando com força.

...e a poeira, sempre a poeira, explodindo no ar.

Tudo isso parecia surreal para Batty. Como num sonho. Não deste mundo. E ele desejou poder abrir os olhos e encontrar-se dois anos antes, de volta a sua cama em Ithaca, com Rebecca – a doce Becky – dormindo tranquilamente a seu lado.

Mas o sonho foi estraçalhado por outro grito, o de Miguel a apenas uns metros de distância:

– A Lua, Sebastian! A Lua! Ainda dá tempo! Faça o que tem de ser feito!

Batty olhou de novo para a lua de sangue e depois para a garota, ainda ajoelhada à frente de Belial, debatendo-se para se soltar da

vadia, com o olhar aterrorizado, e a adaga balançando-se acima de sua garganta.

Mas quando os olhos deles entraram em contato, ele sentiu que havia algo diferente neles. Algo *mais* do que o medo, que vinha das profundezas de sua alma. Ela parecia compreender – *saber* – o que ele deveria fazer.

– Faça-o, Sebastian! Agora!

Agarrando a espada mais firmemente, Batty avançou para elas, mas algo dentro dele ainda resistia.

Ela era humana.

Carne e sangue.

Quem era ele para decidir quem devia viver e morrer? Quem era ele para decidir o destino do mundo?

Ele não era um deus. Longe disso. Houve um tempo em que ele mal se sentia humano.

– Faça-o! – gritou Miguel, sentido sua hesitação.

Batty olhou de novo para a adaga pairando acima de Jenna, para o furor nos olhos de Belial. Sentiu de novo que ela tentava entrar em sua mente, mas resistiu mais uma vez. Não estava mais ligado a ela. Podia rechaçar qualquer coisa que ela lançasse contra ele.

Fortalecendo sua resolução, ele levantou a espada, sabendo que a decisão que tomasse poderia mudar o mundo para sempre. Então, fechou os olhos, deixando sua visão guiá-lo, e girou a espada, sentindo que ela entrara na carne, cortando-a até o osso.

E, quando abriu os olhos, viu a linda cabeça brasileira de Belial cair sobre o telhado e rolar de lado.

Quando o corpo sem cabeça de Belial caiu no chão atrás dela, a garota titubeou para a frente e começou a chorar.

Batty largou a espada e abraçou-a. E, enquanto ela soluçava contra seu peito, ele sentiu Rebecca sorrir dentro dele.

Mas nem tudo havia acabado.

A seu redor, a batalha ainda era violenta. Callahan lutava contra os últimos servos, e Miguel e Belzebu ainda trocavam golpes. Então a Lua começou a escurecer, o vermelho, a ficar mais profundo, ao mesmo tempo que o chão abaixo deles tremia e balançava.

Batty se perguntou o que estaria acontecendo.

Teria ele cometido um erro ao decidir poupar a vida da garota?

Será que as portas de Abadom estavam prestes a se abrir, de uma vez por todas?

Mas então, para sua surpresa, a garota começou a tremer violentamente em seus braços e se afastou dele. Recuando vários passos, ela o olhou sem sinal de medo nem confusão nos olhos.

Algo mudara nela.

Seu olhar parecia mais maduro. Consciente. Ela não era mais aquela garota presa nas garras de Belial.

Então seu corpo começou a vibrar e tremer, sua pele nua foi saindo, como se fosse um casulo, e um ser maior, mais seguro, mais radiante se elevou de dentro dela, expandindo as asas, que se abriram, até quinze metros de extensão, ou mais.

Certamente, era a criatura mais linda que Sebastian LaLaurie já vira. Ela se elevou alguns metros acima do chão e sorriu para ele.

– Você tomou a decisão certa, Sebastian. Deus me mandou para observar vocês. Todos vocês. Sou sua segunda chance.

– Mas não entendo – disse timidamente LaLaurie. – Eu deveria tê-la matado.

O anjo negou com a cabeça.

– Não, Sebastian. Era a *terceira* escolha que importava. A escolha *oculta*. Aquela não revelada na profecia que demonstrava sua humanidade para Deus e Ihe dizia que ainda havia esperança nos humanos. Aquela que veio da razão e da emoção, sem promessa vinculada. Foi a escolha *certa*, Sebastian. A única escolha.

Livre-arbítrio, pensou Batty. É a isso que finalmente tudo se resume. E o que tantas pessoas pensavam ser uma fraqueza – a capacidade de compreender, de *se preocupar*, o que parecia tão ausente no mundo ultimamente – era realmente a força do homem. Seu sangue vital.

O anjo estendeu o punho, e a espada aos pés de Batty de repente se ergueu no ar e se colocou em sua mão.

Então ela se movimentou, deslizou, fazendo movimentos circulares com a espada, e uma onda de energia se espalhou pelo telhado, desintegrando os servos, fazendo com que os anjos negros abandonassem a pele onde estavam e sua aparência vaporosa fugisse aterrorizada.

Com um grito de raiva, Belzebu escapou de Miguel e soltou um braço, atirando uma bola de energia em direção ao peito do anjo guerreiro. Mas este a desviou com a espada, devolvendo-a diretamente para ele, e o impacto o projetou no chão.

Atônito, ele aterrissou no beiral do telhado, com o corpo retorcido, irremediavelmente quebrado. Levantou os olhos com ar incrédulo até ficarem brancos – e tudo acabou.

Enquanto os últimos demônios abandonavam a pele em que estavam e fugiam para a escuridão, o anjo girou mais uma vez a espada. Um trovão ressoou, e por toda a cidade as chamejantes rachaduras do inferno estalaram e se fecharam, sumindo diante dos olhos de Batty.

Então, o anjo olhou para ele e pôs a mão no coração.

– Vá com Deus, Sebastian...

Antes que Batty pudesse dizer uma única palavra, ela deixou suas asas levá-la para cima, até os céus. Enquanto desaparecia de vista, um raio de luz dourada surgiu da escuridão e banhou a paisagem, repondo tudo em seu lugar.

Batty teve a impressão de ver um filme de trás para a frente; imóveis erguiam-se dos escombros, à medida que a cidade estava sendo reconstruída como era antes.

A seu redor, a favela começou a mudar de aparência – os antigos barracos de alumínio tornaram-se casas; árvores e gramados brotavam e cresciam; flores desabrochavam, enquanto a lua desaparecia e o céu ficava brilhante e imaculadamente azul.

Batty olhou para Callahan e Miguel, ambos atônitos, cobertos por uma fina camada de poeira negra, as armas ainda nas mãos, boquiabertos...

...enquanto olhavam admirados o mundo a seu redor.

Era como se quase nada tivesse acontecido.

Como se o relógio tivesse andado para trás algumas horas, deixando a cidade seguir naturalmente sua vida. O trânsito nas ruas, as crianças em ônibus escolares, as estações de rádio tocando os últimos sucessos de São Paulo e do mundo todo.

Porém, *de certa forma*, algo mudara.

Todos podiam sentir isso enquanto andavam pelo centro da cidade. Não tinham certeza, claro, mas era como se uma gigantesca válvula de pressão tivesse sido aberta, liberando o mundo de sua tensão.

Trocando-a pela esperança.

Haviam andado até ali após saírem da favela, confusos e esgotados, os três parecendo ter saído de uma mina de carvão. E, quando pararam para retomar o fôlego, Miguel disse:

– Vocês entendem que isso não foi o final de tudo?

Callahan fez um gesto em direção aos arredores, novos em folha.

– Para mim, parece que tudo está em seu devido lugar.

– Não deixe nada disso enganar você – disse Miguel. – É uma segunda chance, nada mais. Uma tentativa de redenção, não um regresso ao paraíso. Não existe garantia para a raça humana. Não há garantia para *nenhum* de nós.

Batty acenou com a cabeça, lembrando-se de um verso de um poema que conhecia bem:

– Longo e difícil é o caminho que do inferno leva à luz.

Callahan olhou para ele.

– Milton?

– *Paraíso perdido*. Parece apropriado, não acha? – disse, e se virou para Miguel. – Essa não foi a última vez que nos deparamos com Belial, não é, Miguel?

– Se conheço bem minha irmã, ela e Belzebu já estão lambendo seus ferimentos e planejando o próximo passo – e fez uma pausa. – Mas isso não é o pior.

– O que quer dizer?

– Este não é o mesmo mundo que nosso pai criou. Entramos em uma nova era. E os inimigos da humanidade não se limitam a um bando de anjos enfadados. Existem forças lá fora, humanas e outras, à espera, observando, aguardando qualquer fraqueza que possa ser utilizada. E o que essa segunda chance quer dizer é que nós precisamos permanecer vigilantes, sempre alertas.

– Nós? – disse Callahan.

– O trabalho dos Custodes Sacri está longe de ter acabado.

– Então, o que está sugerindo?

Miguel virou-se para encará-los.

– Vocês provaram do que eram capazes hoje. Não existem tantas pessoas que poderiam ter feito o que vocês fizeram. Então, vocês venceram, *nós* vencemos.

Batty instintivamente tocou no medalhão pendurado em seu pescoço. Esquecera que o colocara.

– Acho que está na hora de nos transformarmos – disse Miguel. – Ampliarmos nossa visão, de certa forma. De nos tornarmos os olhos e os ouvidos da humanidade, e de fazermos o que pudermos para ajudar o novo anjo de Deus a vigiar o mundo.

O que ele acabara de dizer fazia sentido para Batty, e pela primeira vez desde a morte de Rebecca ele quase se sentia vivo de novo.

– Mas trata-se de uma tarefa hercúlea – disse Callahan. – E não estamos em número suficiente para cuidar disso.

– Veja o que conseguimos fazer. Três seres apenas que se juntaram para fazer com que algo acontecesse. Nunca subestime o poder da determinação.

– Ou do desespero – disse Batty.

Todos riram, embora não fosse tão engraçado.

– Não estamos sozinhos nessa empreitada – disse-lhes Miguel. – Existem outros por aí que ainda não se destacaram... tanto humanos quanto anjos.

Batty pensou na conexão anônima de Washington, D.C., e olhou para Callahan, perguntando-se se ela não estaria pensando na mesma coisa.

– Podemos construir uma *rede* de guardiões – continuou Miguel –, e trabalhar juntos para mantermos *todos* os nossos viajantes a salvo.

Olharam-se, concordando, e então Miguel lhes ofereceu sua mão, com a palma para cima, e disse:

– *Defende eos.*

Protege-os.

Batty e Callahan se olharam de novo, e então apertaram-lhe a mão aberta e pronunciaram outra vez a frase. Em uníssono.

Enquanto olhavam para Miguel, que abria um buraco na atmosfera para voltar para casa, Callahan se virou para Batty.

– O que acha, professor? Vamos tomar algo para comemorar?

– Só se for suco de laranja – disse ele.

Ela sorriu.

– Pode demorar para eu entender tudo o que aconteceu, mas há uma coisa da qual tenho certeza.

– O que é?

– Esta noite vou dormir feito um bebê.

AGRADECIMENTOS

Este livro não poderia ter sido escrito sem a orientação criativa de Brian Tart e Peter Harris, e sem o gênio editorial de Ben Sevier, que me deu um empurrão toda vez que eu precisava e me ajudou a escrever o melhor livro que eu poderia. Obrigado a todos eles.

Quero também agradecer a Brett Battles, a Toni McGee Causey e a meu filho, Matthew, por me escutarem pacientemente e me darem algumas sugestões incríveis que consolidaram a história, tornando-a mais profunda. E a Lee Child, que generosamente respondeu a um pedido de ajuda e me trouxe as informações de que eu precisava.

Como sempre, quero agradecer a Scott Miller e ao Trident Media Group, que trabalharam incansavelmente a meu lado – o melhor agente na melhor agência do mundo.

E, finalmente, a Leila e Lani, minha esposa e minha filha, que aguentaram minha loucura e tornam minha vida completa.



Robert Browne é um premiado roteirista com grande conhecimento de anjos, demônios e histórias sobrenaturais. Ao escrever *A profecia do paraíso*, ele se inspirou nas obras clássicas de John Milton, especialmente em *Paraíso perdido*, e também em documentos, como a Bíblia do Diabo e o livro *Steganographia*. É autor de *Kiss her goodbye* e *Down among dead men*, o qual foi indicado ao prêmio de melhor romance da International Thriller Writers. Browne vive na costa oeste dos Estados Unidos.

Sumário

[Abertura](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Livro I - A priori](#)

[1](#)

[2](#)

[Livro II - A ascensão e a queda de Gabriela Soares](#)

[3](#)

[4](#)

[Livro III - O menino que não conseguia esquecer e a menina que não conseguia dormir](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[Livro IV - Terra da perdição](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[Livro V - O sol também brilha para os malvados](#)

[21](#)

22

23

Livro VI - Uma viagem com o senhor e a senhora

24

25

26

27

28

29

30

Livro VII - A quarta lua da tétrade lunar

31

32

Livro VIII - Turbulência a caminho do esclarecimento

33

34

35

36

37

Livro IX - O mal que o homem faz

38

39

40

Livro X - Orgia da desordem

41

42

43

44

45

46

Livro XI - A estrada para o paraíso

47

48

49

50

51

[52](#)

[53](#)

[54](#)

[Sobre o autor](#)